

FELIPE REINO

Eventyr





Eventyr

Eventyr

FELIPE REINO

Para as minhas irmãs de coração

Yasmin e Pryh

"Tudo o que sabemos do amor, é que o amor é tudo
que existe."

Emily Dickinson

PRÓLOGO

“Este mundo precisa de você!”

“Venha logo, por favor, o mais rápido possível.”

“Este mundo precisa de você!”

“Eu sei que você é a única que pode fazer alguma
coisa”

“Este mundo precisa de você”

“VENHA!”

CAPÍTULO 1 / ENTRE DOIS MUNDOS



lá vou eu outra vez. O que será que irão falar agora?

– Pobre garota magrela! – uma mulher gorda dizia.

– Para você ver, mesmo tendo aqueles cabelos negros longos e belíssimos ela não tem sorte na vida! – desta vez era uma senhora com um gato – um de muitos, acredito.

– Quer uma ajuda? – um homem com cara de executivo se ofereceu para me ajudar.

– O-o-obrigada! – respondi em meu estado normal: constrangida.

O homem com cara de executivo me estendeu a mão e ajudou a pegar as compras, mesmo muitas delas já estando perdidas. Por que isso sempre acontece comigo?

Cheguei em casa com um pouco mais da metade do que havia comprado ainda servindo para ser consumido – uma sorte até, vendo que já houve dias em que perdi quase tudo.

– Carros e poças d’água novamente? – minha mãe agora achava graça.

– Sim! – disse aborrecida.

– Cuidado para não tropeçar na escada! – minha mãe avisava quando já era tarde demais.

– Odeio dias de chuva! – gritei irritada quando cheguei ao segundo andar.

A chuva na realidade já havia parado há algumas horas, mas as poças d'água continuavam nas estradas fazendo bem o papel delas: molhar os azarados.

Minha vida sempre foi assim, uma coletânea repleta das melhores cenas de má sorte que alguém pode ter. Desde pequenos tropeços, até micos astronômicos do tipo que te deixa sem sair de casa por pelo menos um mês. Você já ouviu aquela frase, “parece que isso só acontece comigo”? É o meu lema!

Fui até o banheiro me lavar e depois troquei de roupa. Levei minha roupa suja de lama para lavanderia e depois voltei para meu quarto, o único lugar realmente seguro para mim.

Minha mãe sempre me conta que essa minha má sorte vem desde pequena. Tinham que tirar de perto de mim tudo o que era quente, pontudo, molhado ou que pudesse trazer algum dano para mim ou para eles. O pior é que isso dura até hoje.

Liguei meu computador e coloquei algumas músicas do Super Junior e do 2PM, minhas *boybands* de olhinhos puxadas mais amadas de todas.

Enquanto tentava – de forma infeliz – imitar as coreografias, fiquei observando o que acontecia do lado de fora pela janela do meu quarto. As pessoas pareciam tão sortudas, tão felizes, como se tudo sempre ocorresse da forma como elas queriam. Eu sei que eles deviam ter problemas, mas sem dúvida não

eram como os meus. A vida sempre pareceu mais fácil do outro lado da janela.

Depois que o Super Junior parou de tocar eu resolvi descer e conferir o almoço – de longe, claro.

– Ainda não! – minha mãe gritou antes mesmo de eu chegar na cozinha.

– Eu imaginei, queria só conferir mesmo. – sorri e segui para sala. – você está assistindo alguma coisa?

– Não! – minha mãe respondeu da cozinha.

– Então vou ficar assistindo televisão!

Desde que minha mãe cancelou a nossa TV por assinatura que fiquei meio perdida com a televisão. A programação da TV aberta parecia um tanto repetitiva e sem diversidade. Era como se eu já tivesse assistido a tudo aquilo antes – o que, algumas vezes, era realmente verdade.

O fato é que desde que meu pai morreu que as coisas mudaram aqui em casa. Eu era filha única e acabei recebendo uma atenção maior e exagerada depois da morte do meu pai. Foi uma época difícil, não só para minha mãe como para mim também.

Depois do almoço, voltei para meu quarto. Odiava dias de domingo, mas tinha que passar por eles – infelizmente. Eu quase nunca tinha nada para fazer, mas nos dias de domingo eu sempre não tinha absolutamente nada para fazer.

Estávamos no final de setembro, o ano já começava a chegar ao fim e as provas estavam

deixando todos loucos, menos eu. Minha única sorte foi não precisar estudar para tirar boas notas em provas, bastava eu prestar atenção que as coisas ficavam gravadas em minha mente. Eu realmente tinha uma boa memória.

Fiquei perambulando pela casa durante algumas horas, até que acabei me cansando e voltando para meu quarto. Realmente achava os dias de domingo um tédio total.

– Meu Quarto, meu reino! – era o que eu sempre dizia sobre ele.

Quando eu era criança brincava de que a porta do meu quarto era um portal mágico e que o meu quarto era outro reino, onde eu era a princesa e iria casar com o meu belo príncipe encantado. O meu príncipe me buscava, montado em um cavalo branco e nos andávamos pela floresta. Depois que descobri que príncipes encantados não existem, esse sonho se tornou apenas uma doce lembrança.

Eu sempre fui do tipo “estranha”, sem muitos amigos. Uma vida social, não muito sociável – se é que eu posso chamar alguma coisa em mim de sociável.

Hoje o meu maior problema, além da má sorte – que já considero uma característica minha –, é o fato de nunca ter me apaixonado na vida. Melhor dizendo, uma vez, me apaixonei apenas uma vez. E foi trágico, ponto.

Tentei varias vezes, mas eu nunca consigo. Realmente não consigo. Acredito que bloqueie esse sentimento em meu coração e minha cabeça. Foi nesta paixão que aprendi que príncipes só existem em contos de fadas.

O resto do domingo foi tão tedioso quanto o inicio. Eu não tinha duvidas, realmente domingo era o pior dia que existe. Já tive domingos melhores, mas os últimos da minha vida têm sido tão monótonos quanto um coral de igreja.

Acordei cedo na segunda – havia dormido cedo – e não demorei muito para me arrumar. Minha escola era muito rígida, daquelas que exige uniforme completo, sem muita produção, eu não tinha muita coisa para fazer. Passei um batom e coloquei um cordão com pingente de chave – isso ainda era permitido. Este cordão havia despencado de uma árvore faz uma semana. Assustei-me, mas como não encontrei o dono...

– Beatriz, anda logo! – ouvi Camila me chamando do lado de fora da casa.

– Já vou! – gritei da janela.

Camila é minha única amiga de verdade. A única que consegue aturar meus devaneios e esquisitices, além de ser a única que não liga para minha má sorte. Algumas pessoas acreditam que apenas o fato de estar perto de mim já atrai a má sorte.

– Já vou indo mãe! – dei um beijo na minha mãe e voei para porta, depois de tropeçar em meus próprios pés e quase cair de cara no chão. Não estava atrasada, mas tinha que gastar algumas energias acumuladas no dia anterior.

– Você não vai nem tomar café? – minha mãe perguntou quando eu já estava fechando a porta.

– Eu como alguma coisa na padaria! – respondi rapidamente e fechei a porta.

Camila esse ano resolveu que só tomaria café na padaria, ela já não estava mais aguentando seus pais, sempre discutindo. Eles se amam, mas se odeiam ao mesmo tempo. Famílias estranhas existem aos montes por aí.

– É então, como foi seu domingo? – ela sorriu enquanto pedia um belo sonho com suco de laranja.

– Pior que o seu, sem dúvida! – tentei encarar a situação com humor.

– Você podia ter me dito que não iria fazer nada, eu teria te chamado para ir ao boliche. – ela mastigava e falava ao mesmo tempo. Coisa que odiava, mas já havia acostumado.

– E posso saber com quem a senhorita foi ao boliche ontem? – já imaginava a resposta. O meu bolo com suco de morango e hortelã havia chegado.

– Com o Toni, claro! – ela sorriu.

– Não acredito! – botei as mãos na bochecha e abri um sorriso largo.

– Para de besteira, é claro que você acredita! –
ela me deu um tapa.

– Realmente, eu acredito!

Nós caímos na gargalhada e eu quase derrubei o suco em mim. Era cômico ver quando tinha pequenos momentos de sorte, numa lista incontável de momentos de azar.

– Conte-me tudo e não me esconda nada! –
acabei esquecendo o bolo e o suco – Foi desta vez que...?

– Não. Ainda não. Ele é muito tímido, agora que está começando a se soltar, mas ele vai me pedir em namoro! – ela sorria como se não tivesse problemas no mundo.

– Que fofo! – fiz uma voz bem melosa e apertei as bochechas dela.

– Pare com isso menina! – ela deu dois tapinhas na minha mão e depois sorriu.

– Será que agora não seria o caso de você ir falar com ele? – reforcei uma idéia que já estava sugerindo há muito tempo.

– Não! – ela ficou seria – Você sabe que eu não aprovo esse tipo de coisa! Se o garoto quiser ficar comigo, terá que ele mesmo vir atrás de mim. Eu não vou ficar correndo atrás de garotos!

Quando o assunto era paqueras, a Camila era bem taxativa. Ela preferia ficar sem o garoto da sua vida a ter que ir atrás dele. Dizia que isso era se

rebaixar ao nível deles, trocar a honra por prazer e muitas outras coisas sem sentido.

– Eu ainda acho bobeira sua, mas se você prefere assim... Eu não vou dizer mais nada!

– Então não diga! – ela não havia ficado chateada, apenas nervosa.

Comecei a comer o bolo. Eu tinha um sério problema com comida, sempre era a última a acabar de comer qualquer coisa. Eu não sei dizer o motivo, mas eu sempre demoro em comer.

– Minha nossa! – me assustei com o grito de Camila – Vamos ou chegaremos atrasada!

Corremos para o caixa e saímos em disparada, acabei nem comendo todo o bolo e levei o copo de suco comigo, inutilmente – acabei derrubando tudo no chão.

Não demorou muito para Camila desacelerar o passo e me fitar com aflição.

– Bia, você promete que não briga comigo? – ela fez uma cara de anjo.

– O que foi agora? – olhei desconfiada.

– Eu acho que peguei o relógio quebrado. – ela tapou o rosto.

– Como assim? – fiquei irritada.

– Ele ainda está marcando 6:50! – ela sorriu timidamente e tentou fazer uma cara de inocente.

Olhei no meu relógio, eram 6:40. Respirei fundo e diminui meu passo. Fiquei sem dizer nada. Absolutamente nada. Não queria me estressar.

– Você ficou com raiva? – Camila perguntou um pouco triste.

– Não. Vamos seguindo? – respondi tranquilamente.

Eu não estava chateada com ela. Não estava com raiva e nem nada disso, só não queria descontar o meu fim de semana horrível com ela, que não tem nada com meus problemas. Eu estava tentando controlar o meu estresse, sempre fui muito estourada e quando fico estressada demais acabo sempre não prestando atenção em nada.

Estávamos quase chegando à escola quando tropecei em algo – resultado do meu estresse. Desta vez cai de joelhos no chão e os machuquei, chegando a sangrar um pouco.

– Beatriz! – Camila gritou – Você está bem?

– Eu... Eu... Estou! – respondi levantando e tirando a terra que havia grudado em mim.

– Nossa, seus joelhos! – Camila quase dobrou o tom de seu grito.

– Estão sangrando, eu vi! – respondi olhando para eles.

– Espera um minuto que eu vou chamar alguém! – Camila sempre exagerada.

– Espera, não... – ela já estava na outra calçada quando tentei impedi-la.

Olhei para o chão, procurando pelo que havia me feito cair. Não havia nada.

Andei um pouco. Estava muito intrigada com essa queda, eu havia sentido alguma coisa, não tinha tropeçado em meus pés como de costume. Foi então que reparei em algo jogado no meio dos arbustos.

– Meu Deus! – sussurrei – Será que joguei o objeto tão longe assim?

– Bia, eu consegui! – ouvi uma voz vinda de longe, mas bem nítida. Era a Camila.

Ignorei e continuei em direção ao objeto jogado nos arbustos. Era uma caixa – pelo menos se parecia muito com uma. Não era muito grande, parecia um porta-jóias ou algo do gênero, bem delicado. A caixa era toda vermelha com detalhes dourados nas bordas onde provavelmente era a tampa. Os pés da caixa também eram dourados e pareciam ter um formato triangular. No centro da tampa havia algo desenhado, parecia um emblema, não consegui identificar ao certo o desenho, mas parecia uma águia de asas abertas, com duas espadas cruzadas a sua frente e algo atrás.

Por alguns instantes havia esquecido de que estava com os joelhos sangrando e fiquei admirando a caixa, que parecia vazia. Sacudi, balancei, tentei ouvir algum barulho, mas nada. Resolvi abri-la e ver se realmente estava vazia. Não havia nada. Estava fechando a caixa quando algo aconteceu. Algo que nunca havia visto antes.

A caixa começou a ficar pesada, muito pesada e acabei deixando-a cair. Algo sai da caixa, como se fosse pequenos grãos de areia e quando olhei para mim, meu corpo estava se desfazendo, se transformando em areia e sendo sugado para dentro da caixa.

– Camila, socorro! – comecei a gritar, mas parecia não ser ouvida.

Aos poucos meu corpo desaparecia e eu ficava cada vez mais desesperada. Gritei o mais alto que consegui, mas parecia ser inútil, como se estivesse sozinha no mundo. Não sabia o que estava acontecendo e estava desesperada demais para pensar em algo que não fosse pedir socorro. De repente minha visão desapareceu. Eu havia morrido?

Quando voltei a sentir meu corpo e minha visão começava a voltar, a sensação que tive era de ter dormido por muitos anos. Esfreguei os olhos e bocejei botando a mão na boca. Passei a mão em meu rosto, subindo dos olhos e descendo até o pescoço. Estiquei-me como faço toda vez que acordo e tentei ver o lugar onde estava.

Olhei para a esquerda e vi muitas árvores. Muitas e muitas árvores. Era uma floresta. Olhei para direita e reparei que estava sentada no chão, vi mais árvores e uma estrada de terra, bem longa. Mas minha maior surpresa foi quando olhei para cima.

Era um belo rapaz. Um belíssimo rapaz, montado em um belíssimo cavalo branco. Seus cabelos eram longos e castanhos. Cabelos castanhos bem claros, batiam na altura de seu queixo e tinha um corte triangular, que tapava suas orelhas. Seu rosto parecia ser suave, mas no momento me olhava com frieza e seriedade. Seus olhos esverdeados pareciam duas esmeraldas de tão brilhantes e sua boca tinha um formato encantador, um “M” perfeito.

– O que faz aqui? – o rapaz me perguntava autoritário.

Aquela situação surreal me impediu de dizer qualquer coisa. Não por não ter o que falar, mas por não conseguir sequer respirar direito. As coisas estavam muito confusas e pareciam ser apenas o começo.

– Eu te fiz uma pergunta! – ele voltou a falar – Exijo uma resposta imediatamente.

Eu continuei sem dizer uma palavra e isso só piorou minha situação.

– Como ousa calar-se de maneira tão indelicada e rude para mim, não sabe quem sou plebéia? – ele começava a ficar irritado e isso me irritava. – Levante-se e responda minha pergunta, eu estou ordenando!

Ordenando? Ele realmente estava ordenando. Ele realmente sabia como me deixar irritada de verdade. Levantei e segui em direção a estrada de terra, era o único caminho que parecia levar a algum lugar.

– Plebéia, pare! – ele começou a gritar – Eu ordeno que pare agora ou mandarei corta sua cabeça!

– Você mandará o que? – parei e virei levemente à cabeça em direção ao rapaz.

– Lhe mandarei corta a cabeça de qualquer forma plebéia atrevida! – ele desceu do cavalo – Como ousa falar comigo desta forma?

– Como você ousa falar comigo desta forma? – comecei a encará-lo.

– Realmente desejás a morte plebéia, não está notando o grande problema que criou? – ele voltou a falar baixo, mas ainda em tom autoritário.

– Eu simplesmente não aceito ordens de qualquer um! – fiz questão de ser rude.

– Agora já Foi longe demais plebéia. Virá comigo! Está presa por desacatar o príncipe e futuro rei de Ofir!

Ele me pegou pela cintura, me colocou em seu ombro e depois me deixou em cima do cavalo, virada de barriga para baixo. Ele sentou atrás de mim e seguiu pela estrada de terra.

– Você quer, por favor, me colocar no chão! – gritei, mas ele me ignorou. – Eu quero matar você, seu idiota! – me enfureci. Ele parou o cavalo.

– Ameaçou-me de morte plebéia? – fiquei quieta. – Será que não cometi um engano em pesar que fosse apenas um plebéia atrevida?

– O que você está dizendo? – fui ignorada novamente.

– Claro, uma espiã de Bianor! – não pude ver seu rosto, mas seu tom de voz era de quem havia feito a descoberta do milênio.

– Definitivamente você não bate bem da cabeça! – sussurrei.

– Cale-se traidora! – ele gritou e pude sentir-lo olhando para mim. Olhando demais. Virei o rosto para ver-lo.

– O que você está olhando? – perguntei.

– Cale-se, não faça perguntas a mim! – já esperava por essa resposta.

Paramos em uma pequena casa de pedras cinza. Ela me pegou e deixou-me de pé.

– Suas vestes são estranhas! – ele me olhava de cima a baixo – Mesmo para uma espiã de Bianor.

– Eu nem sei quem é esse Bia sei lá o que. – ele novamente me pegou pela cintura e me colocou em seu ombro. – Você é uma pessoas irritante.

Ele abriu a porta e entrou. A pequena casa havia apenas uma imensa sala e muitos homens vestidos de armaduras. Novamente fui posta de pé.

– Príncipe Alexis! – um dos homens disse surpreso e se curvou, os outros fizeram o mesmo. – A que devemos sua visita?

– Eu precisarei de algemas. – Ele respondeu um tanto simpático.

– Uma prisioneira príncipe Alexis? – um deles perguntou.

– Espiã de Bianor e muito atrevida! – ele sorriu.

– Então eles podem fazer perguntas, agora eu não! – me irritei.

– Acho que precisarei de mordanças também! – ele continuou sorrindo.

Depois de ser algemada e amordaçada voltei ao cavalo. Ele não disse uma palavra, e eu não conseguia dizer mais que murmúrios. Não sei por quanto tempo fiquei amordaçada, mas sei que foi um período estressante.

Quando paramos fui novamente pega pela cintura e posta de pé. Desta vez ele tirou de uma bolsa que carregava em suas costas uma corda e amarrou nas algemas. Ele me encarou e tirou a mordança.

– O que você pensou que estava fazendo seu cretino! – tinha que descontar minha raiva.

Como das outras vezes ele me ignorou e colocou novamente a mordança em minha boca. Respirei fundo e encarei o céu. Ele tentou novamente me deixar sem mordanças, para o meu bem não disse nada.

– Muito bem. Assim que deve se comportar! – ele sorria debochado.

– Então quer dizer que seu nome é Alexis? – perguntei inocentemente.

– Como ousa me chamar apenas pelo primeiro nome? – ele era uma pessoa odiosa – Por acaso isso é algum tipo de treinamento de espião? Fingir que não

conhece os membros da família real? Por qual razão acha que acreditaria em uma história dessas?

– Talvez pelo fato de realmente não fazer a mínima idéia de quem é você? – irritei-me.

– Quer ser amordaçada outra vez? – ele foi rude.

Deixei o meu acesso de fúria para manter minha boca livre daquela coisa nojenta. Era melhor engolir meu orgulho do que o gosto daquela mordança negra. Quando reparei melhor ao meu redor fiquei definitivamente espantada.

Era enorme, simplesmente enorme. Eu nunca havia visto um castelo de verdade, só em filmes e fotografias. Era um castelo bege, com três torres – pelo menos dentro do meu campo de visão – imensas janelas, grandes estatuas e bandeiras estendidas nas entradas. Era lindo!

– Eu nunca tinha visto uma castelo tão grande! – pela primeira vez dirigi a voz a ele sem arrogância.

– Não se faça de tola! – ele continuava insuportável – Você invadiu a floresta do castelo, deve conhecer muito bem tudo por aqui!

– Floresta?... Do castelo? – estava surpresa.

Ele bufou e me puxou com a corda que havia amarrado nas algemas. Entramos no castelo.

CAPÍTULO 2 / O CASTELO, O REI E O QUARTO

Dentro o castelo era ainda mais deslumbrante e enorme do que pelo lado de fora. O piso branco com detalhes pretos quase cegava de tanto que brilhava. Tapetes belíssimos espelhados em cantos estratégicos e mais bandeiras na entrada de outra porta imensa. Desta vez reparei melhor na bandeira, havia o mesmo desenho da caixa. Coloquei a mão, com certa dificuldade por causa das algemas, em minha mochila e senti algo além dos meus cadernos.

– O que está fazendo? – desta vez ele não gritou comigo.

– Espere um minuto! – esqueci da forma autoritária como ele me tratava.

– Nem mais um movimento! – ele levantou a voz – Pensa que sou tolo?

– O que? – achei graça – Na verdade penso que você é um idiota!

Ele bufou novamente e deu um puxão com a corda que estava amarrada as algemas. Quase vi meu rosto indo de encontro com o chão neste momento. Por incrível que pareça eu estava tendo sorte, ainda não havia me machucado. Eu realmente devia estar com sorte. Apesar de que ser presa, algemada, amordaçada e ainda ter a possibilidade de perder a cabeça não são bem a minha visão de “ter sorte”.

Antes mesmo de ele chegar até a porta, homens vestidos de armadura abriam-nas sem muita dificuldade – eu provavelmente não conseguiria nem mexer aquelas portas.

A outra sala era ainda mais incrível, provavelmente era a sala principal. Havia longas cortinas nas imensas janelas, o piso tão brilhante quanto o da entrada, algumas estantes cheias de livros e, no centro, uma escadaria que se ajeitava à esquerda, acima de uma grande porta – mas nem se comprara ao tamanho da primeira porta, que era realmente grande.

– Príncipe Alexis!

– Príncipe Alexis!

– Príncipe Alexis!

– Príncipe Alexis!

– Príncipe Alexis!

Não sei dizer exatamente quantas vezes ouvi essa exclamação seguida de uma reverência ao “príncipe”. Ela vinham de todos os lados, de vários tipos de pessoas. Homens, mulheres, camareiras e soldados todos pareciam ter apenas isso para dizer.

– Príncipe Alexis! – dois homens de armadura se aproximaram.

– Vigie esta “senhorita”! – novamente ele foi mais gentil com um homem de armadura do que comigo.

– Prisioneira? – um deles perguntou.

– E traidora! – ele sorriu.

– Entendido! – um dos homens de armadura respondeu e novamente fez uma reverencia ao “príncipe”.

Alexis, ou seja lá qual for a forma como devo chamá-lo, entrou na sala abaixo da escada e fechou as portas.

– Será que posso me sentar? – perguntei a um dos guardas, mas fui ignorada. – Eu vou me sentar! – novamente fui ignorada.

Sentei-me no chão, mas um dos homens de armadura puxou a corda e não me deixou ficar sentada.

– O que é isso? – gritei – Se não queria que sentasse, pelo menos dissesse!

Tentei tirar a minha mochila, mas fui impedida novamente. O algo extra que estava lá ainda me incomodava.

– Eu só queria ver o que estava na minha mochila! – acho que nem preciso dizer que fui ignorada.

Quis tentar novamente, mas para minha segurança preferi ficar quieta, não sabia até onde eles poderiam ir com uma “espiã de bia qual quer coisa”.

Fiquei observando melhor o castelo e seus pequenos detalhes. As cortinas vermelhas com cordas douradas me fez lembrar a caixinha. As bandeiras com o desenho da tampa também estavam ali, como na sala anterior. Havia na escada um longo tapete vermelho,

belíssimo tapete vermelho que acabei não reparando antes.

– Vocês são sempre assim... Caladões? – não sei o motivo de estar puxando conversa.

Não digo que o silêncio era total por que eu ainda ouvia alguns sons baixos. Ouvia alguns guardas do lado esquerdo da sala conversando bem baixinho, ouvia uns ruídos vindos da sala onde Alexis havia entrado, uns murmúrios vindo de uma porta a direita de onde estava – porta que também não havia reparado – e muitos sons que pareciam vir de dentro das paredes.

De repente, um susto. A porta da sala onde Alexis havia entrado se abre de forma barulhenta e Alexis sai um pouco nervoso.

– Dei-me! – desta vez ele tratou os homens de armadura da mesma forma como me tratava.

O homem que segurava a corda amarrada as algemas fez uma reverência e entregou a corda a ele. Alexis me puxou sem dizer nada, me senti uma escrava neste momento. Os guardas entraram junto com Alexis e pude ver que mais dois guardas ficavam em seus lugares.

– Veja, está é a traidora! – ele me empurrou com tanta força que fui ao chão.

Quando me recuperei do susto, vi que estava em uma sala imensa, com um longo tapete também vermelho. Segui com os olhos até o fim do tapete e me deparei com uma longa cadeira com o forro vermelho e

vários detalhes dourados e outra cadeira, um pouco menor, a esquerda.

– Não parece uma espiã de Bianor! – um senhor com uma barba não muito longa e marrom que parecia um rei, senta-se na cadeira da direita.

– Mas deves admitir que nunca vimos tal moça antes. – o insuportável começava a falar. – Ela apareceu dentro das propriedades do castelo, nunca antes alguém conseguiu invadir com tanta facilidade os territórios reais. Ela só pode...

– Espere um pouco! – arrisquei minha cabeça interrompendo.

– Isto que disse sobre atrevimento exagerado? – Outro homem, com uma aparência mais jovem que a do rei e uma voz um tanto afeminada falou.

– Sim, é exatamente isto! – ele sorria maliciosamente.

– Vamos deixar a mocinha falar! – o senhor com barba não muito longa ganhou minha simpatia.

– Obrigada! – fiz uma reverência automática – Eu estava indo para escola quando passei na padaria com a Camila...

– Quem é Camila? – Alexis parecia fazer de propósito.

– Camila é a minha amiga! – tentei não piorar minha situação e fui educada.

– É onde está essa Camila agora? – o homem de voz afeminada já estava na minha lista negra.

– Eu também gostaria de saber! – fui um pouco mais rude. Ele me olhou com nojo e torceu o nariz. – Eu estava na padaria com a Camila e ela me disse que estávamos atrasados para escola, mas não estávamos.

– Espere um pouco! – Alexis novamente – Vocês estavam ou não estavam atrasadas? Está história está muito estranha!

– Nós não estávamos atrasadas, mas ela pensou que estivéssemos. Parece que o relógio dela havia parado. – voltei com a minha história tentando não me estressar – Depois disso eu tropecei em algo e machuquei os joelhos.

– Isso explica o estado deplorável que suas pernas se encontram! – o homem de voz afeminada.

– Mas isso pode ter sido durante a invasão ao castelo! – Alexis realmente queria a minha cabeça.

– Sim, pode ter sido! – o homem de voz afeminada jogava a mão direita na frente do rosto como se não concordasse muito, mas estivesse deixando passar.

– Deixem a mocinha continuar, não a interrompam mais. Isso é uma ordem! – eu realmente havia gostado do homem de barba não muito longa.

– Onde eu havia parado?... Sim, na parte em que eu cai! – continuei mais aliviada. O homem com barba longa parecia ter a palavra final. – Camila viu os meus joelhos e, exagerada como sempre, foi chamar ajuda. Eu resolvi procurar o que havia me derrubado e acabei encontrando uma caixinha vermelha...

– Uma caixinha? – desta vez o homem de barba não muito longa que interrompeu.

– Se me permiti, eu gostaria de conferir uma coisa? – aproveitei para tirar uma suspeita.

– Papai, pode ser perigoso. Ser for uma armadilha? – Alexis respondeu minha pergunta. O homem de barba não muito longa era o rei.

– Permissão concedida! – era tão bom ter a confiança do rei.

Abri minha mochila e joguei tudo o que tinha dentro no chão. Caiu cadernos, livros, bolsas, minhas maquiagens, um espelho e – como desconfiava – a caixinha.

– Está é a caixa! – tentei entregar ao rei, mas fui impedida pelos guardas.

Dei um passo para trás e Alexis tomou a caixa de minha mão. Ele olhou superficialmente para caixa, passou para o homem de voz afeminada que passou novamente para Alexis.

– A última coisa que me lembro depois de ter aberto a caixa e ver o seu filho me encarando. – conclui a história.

– Dei-me a caixa! – o rei agora estava muito serio.

– Tens certeza papai? Pode ser uma armadilha! – Alexis, o falador.

– Dei-me a caixa! – neste momento pude ver de onde Alexis puxou o jeito autoritário.

Enquanto o rei olhava a caixa, fiquei reparando nas roupas de todos os que estavam na sala. Alexis vestia uma longa calça marrom e sapatos que pareciam típicos de montaria. Usava uma camisa bege longa, cujas mangas pareciam amarradas a outra camisa de cor marrom escuro. Usava também uma capa marrom claro e tinha uma bolsa branca amarrada às costas. Tinha um único cordão, com um pingente vermelho e usava dois brincos na orelha direita.

O homem de voz afeminada vestia um blazer vinho com detalhes lilás e roxo, usava luvas brancas e deixava amostra à gola da camisa que usava por baixo, totalmente branca.

O rei vestia uma longa capa vermelha, com uma camisa branca. Assim como o filho, havia uma longa manga amarrada a outra camisa, mas desta vez era preta. Suas calças eram grandes, feito balões, e mantinham uma cor meio bege, meio branca. Seus sapatos eram grandes, de cor marrom com detalhes em vermelho. Usava também longos cordões, todos com pedras vermelhas e douradas. Ele usava muitos anéis, dourados e vermelhos e usava cinco brincos, que faziam a volta completa em sua orelha direita.

Os guardas usavam armaduras pretas com detalhes vermelhos e tinham grandes espadas penduradas em um suporte nas costas. Não conseguia ver o rosto dos soldados, apenas os olhos, que não demonstravam nenhum tipo de emoção.

– Deixem-na em algum quarto por hora. – o meu rei favorito parecia ter salvado minha cabeça – Coloque guardas vigiando-a, quero conversar melhor com essa mocinha. Depois arrume os cavalos, consigam um colar de rubi para ela e a levem para Neandro, será mais seguro se ela ficar com ele.

– Mas papai...

– Quero que pare de tratar-la como se fosse uma traidora. Ela não é uma traidora, nem poderia ser. – o rei entrou em minha defesa.

– Mas papai...

– Quero também que deixem alguns guardas rondando a casa de Neandro, está mocinha vai precisar de toda proteção possível! – o rei parecia ignorar o filho. Ele estava tomando do próprio veneno.

– Mas papai...

– Você quer que eu ordene mais regalias para essa mocinha? – desta vez ele parecia ter falado diretamente para o filho.

– Entendi. Perdoe-me papai. – ele se curvava diante do pai, que parecia lhe dar a benção ou qualquer coisa do tipo.

– Podem sair! – e o rei finaliza. Beatriz: 1.
Alexis: 0.

Alexis saiu da sala bufando de raiva, enquanto o homem de voz e trejeitos afeminados seguia atrás de mim, observando-me de cima a baixo. Os guardas continuaram na sala do rei.

– Levem-na para algum quarto. – Alexis ordenava com fúria - Não precisa ser um excelente quarto, apenas digno de ser pisado pelo rei. Meu pai deseja conversar com... Essa moça. E vigiem-na, ela pode querer fugir!

Os guardas me acompanharam até a longa escadaria. Pude ver outros guardas tomando seus lugares. Um deles entrou em minha frente e o outro passou para trás de mim e subimos as escadas.

Foi uma longa subida e alguns corredores de viagem. Era engraçado ver como todo o castelo se parecia. Paredes bege com tochas espalhadas pelas portas, algumas espadas cruzadas no alto de algumas portas e armaduras do lado esquerdo, onde não havia porta nenhuma. As armaduras ficavam enfileiradas uma ao lado da outra, dando pequenos intervalos entre uma janela e outra.

As portas dos quartos também eram diferentes. As que tinha duas espadas cruzadas eram portas cheias de detalhes, toda em cor vinho, de maçaneta dourada e com o desenho da águia na parte superior delas. Já as outras tinham a cor marrom, a maçaneta de prata, os únicos detalhes eram dois retângulos que ficavam entre o desenho da águia, desta vez no meio da porta.

Quando finalmente chegamos ao quarto escolhido, fui jogada novamente dentro do quarto e

retiraram as algemas. Passei as mãos sobre os pulsos comemorando estar livre daquele troço.

Para um quarto bom – não excelente – até que ele estava bem confortável. Melhor dizendo, muito confortável. Realmente muito confortável. Se aquele era o quarto “regular” do castelo, realmente prefiro não conhecer o quarto excelente ou correrei o risco de ficar deslumbrada demais.

As paredes – como todas do castelo – era bege, mas neste quarto era em um tom mais claro, suave. Havia cortinas de seda lilás nas imensas janelas brancas. Um belo vaso de flores vermelhas da qual eu nunca tinha visto estava ao lado da janela. A cama era tão grande que caberiam três de mim nela. Estava com um belo lençol lilás, com uma colcha grossa roxa e dois travesseiros tão macios que poderia me perder dentro deles. O tapete continha um desenho belíssimo, me fazendo lembrar quadros de pinturas abstratas.

Havia também um guarda roupas, provavelmente inútil para mim, de cor marrom claro e totalmente entalhado. Minha curiosidade me fez abri-lo e – para minha surpresa – o guarda roupas estava cheio de vestidos e roupas parecidas com as do homem de voz afeminada. Ao lado do guarda roupa, uma cômoda de mesma cor que estava repleta de calças e roupas estranhas. Eram peças grandes e brancas, me faziam lembrar as roupas íntimas do século passado – só então me veio à mente que provavelmente eram o que aparentavam ser.

Ao lado da cama havia uma penteadeira, com um belíssimo espelho onde pude ver o quão estranho estava o meu rosto. Minha pele, que já era clara, estava completamente branca e quase sentia o preto dos meus cabelos pularem de mim tamanho era o contraste de cores ali presente. Meus olhos pareciam assustados e quase não se notava a coloração mel de sempre. Meus joelhos haviam parado de sangrar, mas minhas pernas estavam manchadas de vermelho e temia que aquilo pudesse se tornar algo mais grave.

De repente a porta se abriu. Olhei rapidamente para o lado, em direção a ela. Era Alexis e a minha mochila.

– Tome! – ele jogou a mochila em cima da cama. – Caso deseje lavar-se, fique a vontade para usar o banheiro do quarto.

– O que deu em você para ser tão gentil comigo agora? – perguntei debochada.

– Eu apenas estou seguindo os pedidos de meu pai. – ele parecia decepcionado.

– Então você ainda acredita que eu seja espiã do Bia qual quer coisa? – fui simpática.

– Talvez não. Mas ainda irei descobrir o que tanto me incomoda em você! – ele não demonstrou muitas emoções.

– Você é uma pessoa implicante. – provoquei.

– Não tanto como você plebéia! – ele sorriu.

– Quer parar de me chamar assim! – reclamei.

– Eu ainda irei mandar corta-lhe a cabeça por esses atrevimentos. – ele pareceu brincar desta vez.

– Você não está se achando de mais? – era inevitável não provocar.

– Tem sorte de ter o meu pai do seu lado, caso o contrario, estaria muito encrencada. – desta vez suas palavras pareciam mais como ameaça.

– Talvez precise aprender muitas coisas com seu pai! – estava mais confiante tendo o rei ao meu lado.

– Como tem coragem de dizer o que tenho e o que não tenho que aprender? – aos poucos ele voltava a ser arrogante.

– É exatamente o que estou falando, você não sabe como tratar as pessoas! – levantei-me.

– É realmente uma plebéia atrevida! – ele começava a gritar.

– Pare de me chamar de plebéia, meu nome é Beatriz! – gritei também.

Os guardas entraram e pareciam prontos para qualquer coisa. Isso era um pouco irritante, mas já estava me acostumando a ter tantas pessoas desconfiando de mim.

– Precisa de nós príncipe Alexis? – um dos guardas perguntou.

– Apenas como testemunhas da forma desrespeitosa como esta plebéia insiste em agir comigo, o príncipe de Ofir! – pude ver o ego dele atravessando o teto.

– Criatura irritante! – gritei e depois bufei virando-me de costas para ele.

– Vamos deixá-la sozinha. Já fui insultado mais que o suficiente por hoje! – os guardas o acompanharam até a porta.

Depois que ele saiu resolvi aceitar o conselho do banho, realmente estava precisando de um. E como já era de se esperar, o banheiro era simplesmente incrível.

A primeira coisa que vi quando entrei no banheiro foi a imensa banheira, ao fundo. Havia um espelho bem grande, do qual podia me ver de corpo inteiro. Novamente pude ver o impacto das pessoas quando vi como o meu corpo ficava com aqueles joelhos vermelhos. Talvez eu também pensasse que fosse uma espia.

Haviam toalhas de algodão com o desenho da água bordado em cada uma delas e uma pia de porcelana ao lado do espelho. Havia o, indispensável em um banheiro, vaso sanitário do qual não pude evitar reparar. O famoso “troninho”.

Tirei minha roupa e relaxei sem medo na água quente da banheira. Relaxei e tentei esquecer o que havia acontecido. Por alguns instantes tive momentos de paz.

CAPÍTULO 3 / COLAR DE RUBI

*A*ssim que sai do banho – e me levanto do tombo por causa do chão molhado – deitei-me imediatamente na cama. Usei a mesma roupa, pelo menos ela era minha e não teria nenhum problema se eu usasse-a.

Fiquei fitando o teto. Ele não era tão bonito quanto o resto do castelo. Era um teto um tanto quanto normal, não havia enfeites, nem detalhes especiais que o chamassem atenção, apenas o lustre – enorme – pendurado no centro do quarto.

Estava quase dormindo quando ouvi alguém bater na porta. Levantei-me rapidamente e fui abri-la, já sabia quem poderia estar atrás da porta naquele momento: O REI.

– Vejo que aproveitou para lavar-se! – o rei parecia rir de mim, mas sabia que era coisa da minha cabeça.

– É que o... – já estava me explicando quando o rei interrompeu.

Ele colocou o dedo na frente da boca e estendeu a mão, mostrando a caixa vermelha. Ele seguiu até a penteadeira e deixou a caixa ali, depois se sentou na cama e me induziu a sentar-se ao lado dele.

– Realmente não sabes de nada sobre essa caixa vermelha? – ele me encarava, bem serio.

– Não senhor! – balancei a cabeça negativamente – Para ser honesta, estou muito confusa com tudo isso.

– Entendo. – ele fitou a caixinha. – Então não sabes o motivo de estar aqui?

– Não senhor! – estava constrangida. Nunca pensei que um dia conheceria um rei.

– Acho que terei mais trabalho do que imaginei! – ele parecia preocupado – Você já olhou pela janela?

– Não exatamente. – respondi vermelha.

– Vá agora e olhe! – ele tentava parecer calmo.

Fui até a janela – a imensa janela – e tive uma surpresa tão grande quanto ela.

Do quarto, conseguia ver tudo o que estava em volta do castelo. Via a floresta à esquerda, pequenas casas em vários pontos, um grande jardim à direita, um muro muito grande e o maior portão que já havia visto na vida.

Além dos portões, conseguia ver vestígios do que parecia ser uma cidade. Mesmo não conseguindo identificar o que era o que, pude ver uma grande torre com relógio e mais além, montanhas.

– Tudo isso o que se pode ver através da janela e um pouco mais é a cidade de Ofir, a capital do reino lendário. – ele estava bem atrás de mim. – Mas as pessoas costumam chamar a cidade apenas de capital, ao invés de Cidade de Ofir.

– É lindo! – continuei admirando a vista. – Mas isso não existe na Terra! – me intriguei, mesmo já sabendo que estava muito longe de casa.

– Terra? – o rei ficou completamente confuso – Como assim não tem na terra? Como poderia ter algo além de flores, árvores, legumes e verduras na terra?

Tive que evitar o riso, não queria parecer debochada na frente da única pessoa que me deu um voto de confiança.

– Não é esse tipo de terra que estou falando! – comecei a explicar. – É o Planeta Terra, o mundo de onde vim!

– Planeta? – ele sorriu – Eu já ouvi falar alguma coisa de planetas, eles existem em algumas dimensões. Aqui nós só temos Ofir de “planeta”.

– Como assim? – sai de perto da janela – Realmente não estamos na Terra? – já havia descoberto que não, mas a ficha pareceu ter ficado presa e não queria cair de forma alguma.

– Nós estamos no mundo de Ofir, provavelmente de uma dimensão muito diferente da que você veio! – ele parecia calmo agora.

– E a culpa de eu estar aqui é realmente da caixa? – tentava raciocinar.

– Não exatamente. – ele me deixou confusa.

– Então o que? – me virei para ele.

– Ao que tudo indica, você foi chamada para esse mundo! – ele voltou a ficar sério – Não posso dizer

exatamente o que aconteceu, não tenho muita experiência em magia...

– Magia? – interrompi.

– Magia! – ele continuou serio. – Você está aqui devido à magia. Esta caixa foi apenas um “instrumento de apoio”, algo que fizesse a magia chegar até você.

– Desculpe, eu não estou compreendendo! – deixei bem claro a minha “ignorância” quanto ao assunto.

– Se lhe serve de consolo, como já disse, também não sei muito sobre magia. – o filho dele sem dúvida não parecia em nada com o pai. – Eu aconselho a descansar um pouco por hoje, prometo-lhe dar uma resposta a tudo isso o mais rápido que me for possível!

– Obrigada! – respondi com um sorriso forçado.

– Posso fazer duas perguntas?

– Sim! – ele respondeu com um simpático olhar e um sorriso amistoso.

– Por quê? – tentava formular a pergunta do modo menos ofensivo que encontrei – Você acreditou em mim. Por quê?

– Não sei. – ele pareceu bem sincero – Existe algo em tu que me faz querer acreditar que eis inocente.

– Obrigada! – sorri naturalmente

– Quanto à outra pergunta? – ele repetiu o olhar e o sorriso

– Claro, já ia me esquecendo! – cocei a cabeça e sorri constrangida – Como devo te chamar? Alteza?

– Você pode me chamar de Céleo, apenas quando estivermos sozinhos. – ele levantou o ombro e a cabeça – Quando estiveis perto de meu filho ou qualquer outra pessoa, evite me chamar enquanto essa situação não for resolvida. Ainda estás sob o benefício da dúvida e pessoas nesta situação não devem dirigir a voz ao rei.

– Mas... – não sabia o que questionar.

– Não é pessoal, apenas leis que devem ser seguidas para sua própria segurança.

– Entendido!

– Alguém te chamará em breve, terás que sair do castelo. – ele abriu a porta – Caso alguém mais descubra que não és uma Ofirniana terás grandes problemas. Será mais seguro ficar fora daqui.

– Muito obrigada, Céleo! – sorri e ele retribuiu. Tive a ligeira sensação de que estava resumindo minhas expressões faciais a um único sorriso.

Assim que ele saiu e minha cabeça voltou temporariamente para o lugar, deitei novamente na cama e tentei não dormir. Precisava esperar ser chamada.

A solidão do quarto e o silêncio absoluto criaram um clima assustador e à medida que o dia passava, ficava ainda pior. Era como estar prisioneira em uma cela de luxo.

Para passar o tempo fiquei andando pelo quarto e observando melhor o reino da janela. Tentei abrir a porta, mas fui impedida pelos guardas. Não sabia se eram os mesmos que haviam me levado até o quarto ou se já haviam mudado, estavam todos sempre com a mesma armadura.

Já era provavelmente o fim da tarde quando olhei novamente para a janela. O céu começava escurecer e pude ver luzes se acendendo, uma atrás da outra, até forma uma fila completa que se encerrava no portão. Em seguida duas grandes tochas foram acesas no canto de cada portão e pude ver varias luzes se acendendo onde era a cidade e o grande relógio brilhando finalizando o “show de luzes” que havia acabado de presenciar.

De repente o clima sombrio que havia sido reforçado com a chegada da noite é quebrado junto com o silêncio, finalmente alguém batia na porta.

– Você? – disse com nojo assim que vi quem entrava.

– Meu pai manda buscar-la, acompanhe-me por favor! – mesmo sendo educado, ele não perdia o tom autoritário em sua voz.

– Poderia me dizer o motivo de ter demorado tanto assim? – tentei não parecer arrogante, mas a simples presença dele já me deixava alterada. – Cheguei a pensar que fosse dormir aqui!

– Não é o único problema que meu pai está resolvendo. Caso não se lembre, ele tem um reino inteiro para governar! – sua arrogância estava de volta.

– Então vamos resolver isso logo? – alterei minha voz para mesma arrogância dele.

– Não posso corta-lhe a cabeça agora, terá que esperar! – ele sorriu maliciosamente.

– O que? – questionei com nojo a sua declaração.

– Não disse que quer resolver seu problema? – o sarcasmo quase ganhou vida neste momento – A única solução que vejo para seu problema é essa!

Segurei minha língua em respeito ao pai dele, o único que estava sendo bondoso comigo desde que toda essa loucura começou.

Seguimos novamente por todas aquelas escadas e corredores até voltarmos para a sala onde tudo começou.

O rei estava sentado no mesmo lugar da primeira vez e o homem com voz afeminada estava na porta, provavelmente a espera de Alexis.

– Príncipe Alexis! – até a forma dele se curvar era afeminada e comecei a desconfiar seriamente desse homem.

Assim que me aproximei de Céleo, fiz uma reverência e evitei pronunciar o seu nome como havia pedido.

– Estais mais calma? – Céleo estava com uma expressão seria.

Acenei a cabeça afirmativamente e ele fez um gesto com os olhos e as mãos que entendi como um sinal positivo, mas fiquei confusa e preferi me manter calada.

– Como já conversamos, ainda não temos a resposta para a sua questão. – Céleo mantinha as expressões do rosto intactas. – Mandarei a caixa e o seu relato para meus homens de confiança investigarem, assim que uma resposta for obtida nós lhe avisaremos.

– Papai... – Alexis entrou na minha frente – Será mesmo necessário? – Céleo o ignorou e voltou ao que estava dizendo.

– Como expliquei anteriormente, irás para casa de Neandro, meu filho mais velho. Ainda não sabemos quem e nem qual foi o propósito de terem lhe chamado para Ofir. – ele fez um sinal com a mão e o homem de voz afeminada retirou um pano de cima de uma caixa, desta vez totalmente transparente, e se aproximou de mim.

– Tens sorte! – o homem de voz afeminada abriu a caixa, cheia de colares de rubi.

– Eudoro, comece a prova de colares! – o rei acenou com a cabeça e o homem de voz afeminada, Eudoro, pegou um dos colares.

Não estava entendendo muita coisa. Confesso que fiquei muita constrangida em saber que ganharia

um colar de rubi sem nenhum motivo aparente, mas confesso também que estava adorando a idéia.

– Cada colar desse contém um tipo diferente de magia. – Desta vez ele se permitiu ficar mais descontraído. – Esses colares são dosados de acordo com o nível de magia do corpo de cada pessoa. Nós medimos o nível de magia seguindo diversos fatores como: etnia, família, idade e até a altura e a cor do cabelo algumas vezes contam.

– Mas nunca nos deparamos com uma pessoa que nunca usou magia! – Alexis com toda sua arrogância. – Por isso terá que testar cada colar!

– Isso não é perigoso? – foi mas forte do que eu, tive que perguntar.

– Não, não é! – novamente ele respondeu com arrogância – Mas bem que poderia ser, quem sabe um efeito colateral?

– Alexis! – Céleo repreendeu o filho com apenas uma palavra. – O colar será útil para que chegues até a casa de Neandro sem que levantes suspeitas.

– Sinta-se lisonjeada, apenas os que descendem de berços de ouro tem o direito de usar esses colares! – Eudoro deixava a voz em um híbrido de excitação e nojo.

– Eu ainda não entendi a utilidade destes colares! – tentei não alterar meu tom de voz.

– Apenas quem pertence à realeza pode usar magia. – Eudoro começou a explicar enquanto pegava

um colar – No seu caso, a única utilidade que ele terá é o guarda roupa!

– Guarda roupa? – essa era a história mais bizarra que já presenciei.

– Oh, tolinha! – Eudoro colocou a mão no peito e soltou uma gargalhada baixa – Com esses trajes se tornaria o centro das atenções. O colar tem, dentre muitas outras utilidades, o poder de criar temporariamente um “disfarce”. Ele cria uma roupa ilusória, que dura por tempo limitado.

– Mas será tempo suficiente para irmos e voltarmos da casa de Neandro. – Alexis estava mais simpático.

Ainda estava um pouco confusa sobre o colar, mas resolvi não fazer mais perguntas. Dei-me ao luxo de apenas manter minha postura e ficar parada enquanto eles colocavam e tiravam os colares.

Cada colar era de um tom de vermelho diferente, além dos formatos. Havia colares pequenos e com formatos indefinidos, outros grandes e redondos. Alguns eram pesados e outros quase nem pude sentir, mas ao que parecia nenhum deles estava servindo em mim.

– Será que essa garota não tem magia alguma no corpo? – Eudoro parecia cansado.

– Acredita mesmo que essa plebéia pode ter algo de mágico no corpo? – Alexis calou a boca logo após Céleo ter olhado feio para ele.

Faltavam apenas 8 dos 30 colares testados. Começava a acreditar que essas tentativas eram totalmente inúteis, uma verdadeira perda de tempo, até que algo aconteceu.

Era um colar comum, com um pingente em forma de chave com uma pedra vermelha em forma de coração. Assim que olhei melhor, percebi que o colar era idêntico ao meu – exceto pela pedra de rubi – e quando olhei para meu pescoço reparei que o meu colar havia sumido.

Testaram o colar em mim e esperaram pelo mesmo nada que havia acontecido em todas as outras tentativas. Mas o que esperavam acontecer, não aconteceu. A pedra de rubi ganhou um brilho e o pingente começou a flutuar. Segurei-o por impulso e algo mais estranho ainda começou a acontecer.

Meus cabelos estavam se arrepiando e pude sentir as minhas roupas subindo, como se um vento passasse por mim. Senti os meus pés leves, assim como meu corpo, era como se não existisse chão. Algo parecia estar saído de mim e pude sentir uma luz forte invadindo toda a sala.

Quando soltei o colar, tudo voltou ao normal. Não tinha entendido o que aconteceu, mas pelas caras de espanto de todos, acredito que finalmente a busca chegava ao fim.

– Papai, vistas o que vi? – Alexis parecia perplexo.

– Eu nunca havia visto uma manifestação de magia tão forte em toda minha vida! – Eudoro tinha a mesma expressão no rosto.

– Ao que parece, este é o seu colar! – Céleo manteve a expressão seria que o acompanhava desde o principio.

– Engraçado, esse colar se parece muito com o colar que eu tenho desde que encontrei há alguns dias. – comentei o fato – Mas é impossível ser o mesmo, ele não tinha essa pedra vermelha enorme!

–Alexis, ajude-a! – Céleo se levantou.

Alexis se aproximou e ficou na minha frente. Ele era tão lindo quando não estava sendo arrogante. De boca fechada ele era um verdadeiro príncipe.

– Dei-me sua mão direita! – foi a primeira ordem que ele executou com delicadeza. – Observe como posicionarei os seus dedos!

Ele colocou o meu dedo indicador e o dedão juntos, fazendo um circulo – tipo meditação. Logo depois ele colocou minha mão na altura do meu abdômen e soltou.

– Agora dei-me a mão esquerda! – novamente ele foi gentil.

Ele fez a mesma coisa com a mão esquerda, mas desta vez a colocou na altura do coração, pouco abaixo do pingente.

– A magia deve subir de dentro pra fora, ela deve vir do seu interior e tocar o coração! – ele estava

deixando a arrogância de lado, provavelmente por causa do pai. – Observe!

Ele se afastou um pouco e fez os mesmos sinais e os mesmos posicionamentos com as mãos. Ele começou a respirar fundo e pude ver o pingente dele começar a brilhar. A luz parecia seguir o ritmo da respiração de Alexis.

– Adrau apuor!

Assim que terminou de pronunciar essas palavras estranhas, Alexis abriu os braços e um linha dourada surgiu bem em frente a ele. Ele pareceu segurar a linha e deu duas voltas com as mãos, uma para direita e outra para esquerda e quando olhei de novo ele estava com uma roupa completamente diferente da roupa anterior, era uma roupa bem mais modesta.

Ele agora vestia uma camisa branca com detalhes azuis na gola, um casaco um pouco mais largo que o tamanho dele com detalhes em azul nos ombros, um cinto marrom simples e uma calça bege também um pouco mais larga que o tamanho dele.

– Tente agora! – um tom arrogante que já conhecia voltou a sua voz.

– Eu? – esperava que ele dissesse que não.

– É evidente que sim, quem mais poderia estar me referindo? – toda a delicadeza havia sumido.

– Mas eu nem sei as palavras! – fui sincera.

– Adrau apuor! – ele repetiu lentamente – É tão simples!

– Adau apuror? – tentei.

– Adrau Apuor! – ele corrigiu um pouco sem paciência.

– Alexis, ajude-a corretamente! – mais uma vez Céleo salvando a minha vida.

– Papai? – ele virou rapidamente para Céleo, mas logo voltou a me fitar.

Com uma expressão de derrota no rosto, Alexis seguiu para trás de mim e segurou em minhas mãos – só nesta hora eu percebi que ainda estava da mesma forma como ele havia me deixado.

Era muito estranho tudo o que estava acontecendo. Podia sentir a respiração de Alexis em meu pescoço e o seu peito subindo e descendo nas minhas costas. Era quase como se ele estivesse me abraçando.

– Acompanhe minha respiração! – ele disse em um tom de voz mais baixo.

Segui o ritmo de sua respiração. Agora as minhas costas acompanhavam o ritmo do seu peito e me deixava extremamente constrangida.

– Agora diga: Adrau apuor. – ele falou bem baixinho em meu ouvido.

– Adrau Apuor! – repeti.

Quando terminei de pronunciar as palavras, Alexis puxou meus braços e os deixou abertos, como ele havia feito antes e a linha apareceu para mim também. Ele repetiu os movimentos e quando olhei novamente também estava com outra roupa.

Era um vestido simples marrom claro, batia até as minhas canelas e por cima havia uma capa branca com uma listra azul que a contornava por completo. Em meu pescoço, como se estivesse prendendo a capa, um broche em forma de rosa vermelha.

– Mas o que é isso? – sussurrei sem saber o motivo.

– Precisa parecer uma plebéia de Ofir, com aqueles trajes todos saberiam que há algo de muito errado em sua pessoa! – Alexis é o seu famoso tom debochado.

– E a sua roupa? – perguntei impulsivamente.

– Isto é necessário! – ele ficou serio – Preciso parecer um plebeu ofiriano, caso não se lembre, sou o príncipe de Ofir e príncipes não costumam andar pela cidade da capital!

– Os cavalos já estão prontos alteza! – alguém entrava na sala.

– Ótimo! – Céleo seguia até a porta – Partam o mais rápido possível, não se esqueça que são roupas ilusórias e quanto menos tempo perder melhor.

– Terei que levar-la mesmo papai? – Alexis parecia uma criança quando falava com o pai. – Os guardas não já irão acompanhá-la?

– Sabes que esse assunto não é para ser conversado com guardas. Terás que ir com ela. – Céleo colocava a mão no ombro de Alexis e sorria.

Assim que chegamos aos portões, uma pequena surpresa.

– Eu irei sozinha neste monstro? – nunca havia visto cavalo tão grande.

– Não sabe andar a cavalo? – Alexis bufou e eu acenei com a cabeça que não.

Alexis olhou para o céu, balançou a cabeça de um lado para o outro e bufou novamente.

– Venha, suba aqui comigo! – Alexis estendeu a mão e me ajudou a subir. – Ainda vai pagar por tudo isso plebéia!

Tapei meus olhos e ignorei. Alexis acenou para o pai e os portões se abriram. Estávamos prontos para partir.

CAPÍTULO 4 / O ESTRANGEIRO, A MOÇA E O MONSTRO

 avalgar com Alexis – da forma correta – até que não era ruim. Ele sabia comandar muito bem seu cavalo e a viagem foi quase uma experiência relaxante.

A primeira coisa que notei quando os portões se abriram foi a belíssima paisagem.

A estrada que levava até a cidade era formada por pequenas pedras redondas que pareciam ter sido coladas ali. Havia arbustos e árvores, e algumas flores também, um banco feito de madeira e uma pequena placa com letras estranhas.

– O que está escrito ali? – perguntei impulsivamente.

– Não sabe ler? – ele fazia questão de ser arrogante.

– Estranho, eu entendo o que vocês dizem, mas não entendo o que vocês escrevem! – ignorei sem querer a pergunta de Alexis.

Ele olhou para cima, balançou a cabeça e depois olhou para mim. Seu olhar agora parecia intrigado, como se estivesse se questionando de algo.

Quando nos aproximamos da cidade, um sentimento de medo e excitação dominou completamente o meu corpo. Era quase como nos

filmes de dragões. Uma belíssima cidade medieval, mas com um toque diferente que não sabia identificar.

As casas eram quase todas parecidas: pelo menos dois andares, várias janelas brancas de telhados vinho, chaminés com duas saídas para fumaça e portas bem altas. Algumas havia janelas para o que provavelmente deveria ser o sótão, outras pareciam fazer um “L” caso fosse vista de cima, mas todas eram belíssimas e me fazia sentir em um sonho.

Mais ao fundo, pude ver o grande – que agora estava maior ainda – relógio. Notei também que havia uma grande porta na torre do relógio. Vi duas grandes torres que não tinha visto no quarto do castelo, todas seguindo as cores da cidade, e uma casa bem grande, com um sino em uma pequena torre que ficava no telhado. Provavelmente deveria ser a igreja.

As ruas eram largas, mas não muito. Suas estradas eram todas feitas de uma pedra com um tom bem claro de azul, diferente de todas as pedras que já havia visto. Eram grandes e foscas, mas também delicadas, parecia um mosaico.

Comecei a reparar melhor nas pessoas. Era totalmente surreal! Nem nos meus sonhos mais bizarros eu vi algo parecido.

Havia muitas pessoas, todas vestidas com roupas parecidas com as minhas e as de Alexis. Havia uma moça com uma capa azul, uma blusa rosa claro e uma calça vermelha. Reparei também em um rapaz de

cabelos loiros, que vestia um tipo de uniforme escolar. Era uma camisa grande e azul claro, com detalhes na borda da manga de azul escuro e a calça também azul clara. Havia uma moça loira, muito bonita, com uma tiara verde no cabelo e um vestido branco e verde, com detalhes em amarelo. Mas não foi isso que me assustou.

Além das pessoas, haviam também criaturas estranhas. Eram lobos andando sob duas pernas e vestidos com uma camisa preta, ombreiras, um cinto preto, uma calça de tecido grosso e marrom, com espadas guardas em um suporte nas costas. Tinha também um peixe gigante, com pernas e que falava e uns seres de pedra. Havia um gato que era do tamanho de um homem e andava com roupas pretas, com detalhes listrados de vermelho e luvas, com um brinco na orelha.

– São seres errantes! – Alexis falou em um tom tão baixo que quase não pude ouvir-lo. – Ninguém sabe quando, nem como eles apareceram no mundo de Ofir, a única coisa que se sabe é que não podemos confiar plenamente neles.

Continuamos andando pelas estradas lotadas e eu continuei achando seres curiosos no decorrei do “passeio”.

Vi uma pequena moça, de cabelos vermelhos e um vestido longo rosa, com algo pendurado nas pequenas tranças – três ou quatro tranças – e com orelhas de gato.

– São soterianos! – novamente Alexis falou baixo – Os habitantes dos reinos do continente sul são bem “diferentes” dos habitantes dos reinos do continente norte.

– Por quê? – mantive o mesmo tom de voz dele.

– Há muitos anos os habitantes do continente sul se envolveram com seres errantes. – ele respondia sem olhar para mim – Era de se esperar que o resultado fosse esse! Com o tempo cada reino do continente sul conseguiu adquirir características próprias. Vê o rabinho dela?

Reparei melhor e vi que ela realmente tinha um rabinho, igual a de um gato, porém vermelho. E vi também grandes unhas quando ela mexeu em uma de suas tranças. Ri baixo e Alexis me acompanhou. Era a primeira vez que o via com um sorriso leve, sem nenhuma maldade ou deboche.

O último ser que reparei foi o ser que fiquei mais intrigada. Apesar de estar um pouco escuro – e ele com uma capa que cobria todo o seu corpo e um lenço que tapava sua boca e nariz – pude notar algumas características curiosas. Seu cabelo, loiro claro e liso, estava caído sobre os olhos verdes, e estavam fitando algumas frutas enquanto passávamos ao seu lado. Sua pele parecia meio avermelhada e ele tinha a aparência de sujo, como se fosse feito de pedra.

– O que é aquilo? – falei baixo e apontei com os olhos.

– Não fiquei fitando-o! – ele foi mais grosso desta vez – Pela cor da pele, deve ser um leandinês!

– Leandinês? – perguntei para mim mesma.

– Do reino de Leander! – ele respondeu em um tom debochado – Eles não são pessoas muito sociáveis, a família real do reino de Leander já fez negócios com a minha família. Eles eram um pouco “estranhos”.

– Estranhos? – novamente perguntei para mim mesma.

– Eles costumavam falar pouco e pareciam estar sempre desconfiando de alguma coisa. Fora o jeito, sempre sérios. – ele voltava a me responder com mais delicadeza.

Apesar do aviso, continuei fitando aquele ser misterioso. Era como se tivesse ficado hipnotizada com a sua presença. Algo nele me deixava instigada em observar-lo.

Quando parei de olhar, tive a sensação de que agora eu estava sendo observada. Era uma sensação apavorante. Olhei para trás para conferir. Como suspeitava, ele agora era quem me fitava. Estava parado, no meio da estrada, olhando para mim. Algo parecia me dizer que eu o veria novamente.

– Estamos quase chegando! – ele sussurrou.

– Estamos? – estava meio zozza com o ser encapuzado.

– É surda? – estava bom demais para ser verdade.

Ignorei. Como estava fazendo quase sempre. Manter-me calada era a melhor estratégia que encontrei. Minha situação havia melhorado, não queria que pudesse voltar ao “vou lhe cortar a cabeça”.

Um barulho horroroso chamou a atenção de algumas pessoas para mim. Era a minha barriga. Infelizmente estava morta de fome, provavelmente devido ao fato de ter ficado o dia inteiro com um bolo e meio suco de morango com hortelã na barriga.

– O que está fazendo? – Alexis sussurrou entre os dentes.

– Estou com fome! – respondi sussurrando – Desculpe, mas eu não controlo isso!

– Vai deixar a mocinha com fome? – uma voz firme e misteriosa surgia por de trás de nós.

Virei para ver quem perguntava e levei um grande susto. O rapaz de capuz estava poucos centímetros do cavalo de Alexis. Ele havia retirado o lenço e pude notar melhor o seu rosto.

Apesar da aparência bruta, ele tinha um rosto muito bonito. Seu nariz era pequeno, ao contrario do que imaginei, e sua boca era levemente grande. O rosto dele era menos avermelhado do que aparentou da primeira vez que o vi e seu cabelo não era loiro claro, era branco. Apenas os olhos continuavam exatamente como havia visto: verdes!

– Vai deixar a mocinha com fome? – ele perguntou novamente e se aproximou um pouco mais.

– O que você tem com isso? – enfim Alexis dividiu a arrogância que guardava para mim com alguém.

– Nada. – ele continuou se aproximando – Só acho um tanto grosseiro deixar uma bela moça com fome!

Ele se aproximou um pouco mais e pude ver-lo tocando em minha mão. Era uma maçã. A aparência era um pouco estranha, parecia mais um coração sem o formato triangular do fim, mas era tão vermelha e apetitosa quanto uma maçã.

– Pode comer, não tenha medo! – o rapaz sorriu encantadoramente. Fiquei sem ação.

Alexis me fitou, olhou para o rapaz e em seguida acenou com a cabeça. Era um sim. Poderia comer a maçã – ou o que quer que fosse.

– Obrigada! – agradeci.

– Tente ser mais cavalheiro com essa bela moça! – o rapaz parecia calmo.

Alexis fez uma careta e seguiu em frente, ignorando completamente o rapaz.

Apesar da aparência, a fruta estava realmente apetitosa. O gosto lembrava um pouco maçã, mas parecia também com o gosto do morango e levemente o gosto de banana. Era quase como uma vitamina de

frutas, faltou apenas o mamão para ficar do jeito que eu gosto.

– Não gostei daquele rapaz! – não sabia se Alexis tinha dito isso para mim ou para ele mesmo.

– Eu achei um rapaz muito simpático e educado, diferente de certos rapazes que conheço! – fiz uma indireta. Ele entendeu na hora.

– É mesmo uma insolente! – Alexis fitou-me com raiva.

– E você é um grosseiro! – rebati.

– Plebéia atrevida! – ele devolveu.

– Príncipe metido e grosseiro! – acrescentei.

– Me deixa... – Alexis respirou fundo antes de continuar.

– Eu te deixo nervoso? – continuei provocando
– Neste caso, estamos quites!

– Diga-me o motivo de ser tão insuportável? – ele parou o cavalo.

– Eu sou insuportável? – me indignei – Olha aqui seu príncipezinho...

Soltei-me da cintura de Alexis. O ódio subiu a minha cabeça, enquanto eu acabei descendo ao chão.

O tombo era inevitável, eu sou mestre em me desequilibrar. Bati com a cabeça. Que dor!

Não tenho certeza se fiquei desacordada ou se apenas fechei e abri os olhos, mas eu sei que a última coisa que me lembro depois de ter ido ao chão, foi-me ver no colo de Alexis.

– Plebéia? Plebéia? Plebéia? – ouvi a voz de Alexis – Beatriz?

– Alexis? – fingi estar ainda desacordada – Eu morri ou você está realmente me chamando pelo nome?

Ouvi um suspiro que pareceu um alívio, depois vi uma cara feia se formando no rosto de Alexis e se dirigindo a mim.

– Sejas mais cuidadosa plebéia! – ele não foi tão duro desta vez – Poderia ter se machucado seriamente. E a responsabilidade cairia sobre meus ombros!

– Pare de reclamar! – disse com uma voz meio “grogue”.

– Nós já chegamos, ouviu? – ele falou baixo – Por isso, trate de levantar-se e recobrir todos os sentidos!

Balancei a cabeça e dei dois tapinhas no rosto. Notei que não estávamos no cavalo. Estranhei, mas não quis perguntar nada.

Nós estávamos parados em uma casa toda feita de madeira, de cores branca e marrom. Havia um cercado em volta de toda a casa, com uma escada também de madeira. A casa tinha uma entrada triangular, seguindo o formato do telhado e ao fundo havia uma imensa árvore.

Tinha também uma estrada de madeira, seguindo até a escada. O restante era um belo gramado, mas ao fundo arbustos e perto da casa um canteiro de flores.

– Está é a casa de Neandro, meu irmão mais velho. – notei certo desdém na voz de Alexis. – Vamos seguindo!

Olhei para trás e notei que estávamos bem longe da cidade. Vi as luzes, bem distantes, mas não reconheci o caminho que aparentou termos passado.

– Alexis? – perguntei. Alexis bateu na porta – Eu fiquei quanto tempo desacordada?

– Pelo menos 20 minutos! – me surpreendi com a resposta.

– Mas eu me sinto tão bem, não pareço ter feito uma viagem deitada em um cavalo! – comentei por comentar.

– Provavelmente seja pelo fato de não ter viajado deitada em um cavalo. – ele bateu a porta novamente. Vi que havia vários guardas, longe, cercando a casa. – Eu lhe carreguei no colo. – ele parecia constrangido.

– Durante 20 minutos? – estava espantada. A porta se abriu.

Quem atendeu a porta foi uma belíssima mulher. Uma das mais belas que já havia visto.

Sua aparência era doce e delicada, mas ao mesmo tempo forte e decidida. Sua pele branca

parecia porcelana, seus cabelos eram longos e loiros e seu corpo era incrivelmente lindo. Mas nada se comparava aos seus olhos. Eram os olhos mais marcantes e belos que já havia visto. Eram de um azul irreal, extremamente perfeitos, eles eram muito expressivos. Notava, apenas neles, uma grande garra e determinação, pareciam olhos de uma guerreira, mas eram também misteriosos e cheios de sedução. Emanavam um híbrido de inocência e sensualidade, mas tudo isso estava ofuscado por uma grande tristeza.

– Príncipe Alexis?! – a moça parecia estar muito surpresa com a visita.

– Vim falar com Neandro! – a voz de Alexis estava afogada em desprezo.

– Entre, por favor! – a voz da moça era tão incrivelmente bela quanto seus olhos. Era uma voz poderosa, mas estava intimidada e totalmente submissa a presença de Alexis.

– Sente-se! – seus belos olhos pareciam ter medo de encarar o rosto de Alexis.

– Obrigado, mas prefiro manter-me de pé! – Alexis parecia não gostar nenhum pouco da moça.

– Neandro foi a Calidora, já tem cerca de um mês! – ela parecia constrangida em estar sentada – Não tomou conhecimento desta viagem, presumo.

– Sabes que o que Neandro faz não é de meu interesse. – a indiferença de Alexis para com aquela moça estava me cortando o coração.

– Gostaria de deixar o recado comigo? – a moça fitou-me rapidamente.

– São assuntos estritamente pessoais! – Alexis continuava a tratar a moça com dureza. Não agüentei.

– Pare com isso! – gritei. A moça arregalou seus belíssimos olhos, que pareciam estar prontos para engolir alguém na sua imensidão azul. Ela estava muito espantada.

– Cale-se plebéia insolente! – Alexis foi mais rude do que de costume.

– Não me mande calar a boca! – a cada resposta que dava, as expressões de horror e espanto da pobre moça aumentavam.

Alexis bufou e quase pude sentir suas mãos em meu pescoço. Ele respirou fundo e fechou os olhos.

– Meu pai pediu para trazer esta moça até a casa de Neandro! – ele tentava manter a calma – O nome dela é Beatriz...

– Misse! – completei.

– O que? – ele olhou intrigado.

– Meu nome completo é Beatriz Misse! – sorri inocentemente. Ele me ignorou.

– Ela ficará aqui. – Alexis continuou – Não estranhe caso se depare com guardas escondidos em sua propriedade, eles estão protegendo-a.

– Mas... – ela tentou falar.

– Não faça-me perguntas. Não há necessidade de que dirijas a voz para mim. – Alexis estava me deixando nervosa.

– Pare de tratar a moça desta forma Alexis! – gritei.

– Não me de ordens! – Alexis gritou.

– Não grite comigo! – estava a um passo de chora, mas sabia que não podia.

– Insolente! – o silêncio tomou conta do local. Após esse grito, apenas um eco “insolente” pode ser ouvido.

Desta vez ele não havia apenas gritado. Ele não havia apenas sido grosseiro ou arrogante. Desta vez ele havia sido aterrorizante.

Encolhi-me e segurei o choro. Sem dúvida não era um príncipe que estava na minha frente, era um monstro. É o pior de tudo, não havia entendido o motivo dessa alteração tão brusca de humor.

– Cuide bem dela! – Alexis quebrou o silêncio – Quando Neandro voltar peça para um dos soldados para que avise a mim ou ao meu pai. Com licença!

Alexis saiu e deixou um clima sombrio pairando pela casa. Era um clima frio e mórbido junto com um silêncio que ninguém parecia ter coragem de quebra. Mas nada me intrigava mais do que o fato do meu coração estar totalmente despedaçado, completamente decepcionado. Por quê?

Poucos segundos após Alexis sair, deixei-me vencer pela dor que estava invadindo o meu peito. Chorei de uma forma como nunca havia chorado e

desejava – mais que nunca – estar em casa, no meu quarto. O único lugar realmente seguro para mim.

CAPÍTULO 5 / A HISTÓRIA DE LINFA

Senti alguém me abraçando quando voltei a lembrar que não estava sozinha. A moça estava ajoelhada, segurando meus ombros e encostando minha cabeça em seu colo. Só então percebi que estava no chão.

– De... De.. Desculpe. – disse me recuperando do choro.

– Não fique constrangida, eu já o conheço há muito tempo! – a moça parecia entender exatamente o que eu estava sentindo. – Acho que nem tivemos a oportunidade de nos apresentarmos? Meu nome é Linfa.

Balancei a cabeça como se tivesse acabado de acordar, me levantei e me rerepresentei.

– Eu sou Beatriz Misse! – provavelmente minha cara de chora ainda estava armada – Desculpe por todo esse transtorno!

– Já disse para não se constranger, não há necessidade para isso! – ela agora parecia mais segura, mas o olhar triste permaneceu junto à imensidão azul. – Não que comer alguma coisa, você parece estar com fome!

– Muito obrigada, eu irei aceitar sim! – no estado em que estava não podia negar uma oferta destas.

De repente, um susto. Meu vestido começou a ficar transparente, assim como a capa e a rosa vermelha. Entrei em desespero.

– O que está acontecendo? – comecei a pular. – Me ajude!

– Calma, calma! – ela correu para o meu lado – Você não estaria usando uma veste/disfarce?

– Veste o que? – perguntei esquecendo-me do vestido.

– Parece que nunca teve contato algum com magia. – ela sorriu – Mas não se preocupe, eu provavelmente saberia tanto quanto você se não fosse pelo Neandro.

– Sim... – disse ignorante, sem querer, o que ela estava dizendo – Mas como eu faço para isso parar?

– Você pode cancelar a magia ou simplesmente esperar o efeito dela acabar, o que parece já estar acontecendo.

Olhei novamente e o vestido, a capa e a rosa haviam desaparecido. Estava novamente vestindo meu uniforme.

– O que exatamente aconteceu? – perguntei imaginando que ela pudesse ter algo haver com o que acabava de acontecer.

– Você, como já se percebe, nunca teve uma aula de magia sequer! – ela sorria delicadamente.

– Para ser sincera... Eu nem sabia que a magia era algo real! – disse sentando-me em uma cadeira. Só então reparei que havia seguido da sala até a cozinha.

– As vestes/disfarces são a parte mais simples da magia, para iniciantes. – ela pegava um copo d’água e trazia algo que parecia um belo pedaço de pão – É uma das primeiras coisas que se aprende. Mas mesmo sendo uma magia simples, se você não estiver pelo menos no nível 8, não consegue segura-la por muito tempo. Por isso ela desaparece. Apenas o rei e a rainha de Ofir, Neide e Leander conseguiram chegar a ultrapassar o nível 5 de magia.

– Nossa! – estava achando aquela história muito surreal.

– Como a maioria das pessoas que estudam magia não chega nem perto do nível 8, a magia do guarda roupas e vista como uma magia de tempo limitado.

– Acho que ouvi alguém falar sobre isso no castelo! – lembrei de um comentário que Eudoro, o homem da voz afeminada, havia feito.

– Ele se deu ao trabalho disso? – ela parecia não acreditar – Aquele homem e o nojo em forma de gente.

– Também senti algo assim! – sorri.

Conversamos sobre mim e sobre como eu havia parado naquele mundo estranho. Ela pareceu acreditar em cada palavra que eu dizia, o que era ótimo – detestaria ter mais uma pessoa desconfiando de mim. Aos poucos ela foi me conhecendo melhor, mas parecia

não querer falar muito dela, e eu não quis perguntar por hora.

– Se quiser descansar, pode me dizer! – ela se levantou – Eu lhe mostro o quarto.

– Agradeceria, estou realmente cansada!

Andamos pela cozinha – pequena, apenas com uma pia, uma mesa, um armário e algo que parecia uma geladeira. Na volta reparei melhor na sala. Assim como a cozinha, a sala não era muito grande. Havia um sofá, ao lado da porta, uma mesinha de centro e uma estante repleta de livros.

Passamos pela sala e entramos em um corredor. Havia 4 portas, duas de cada lado, e ela me levou até a segunda a direita.

– Fique a vontade! – ela era muito simpática – Caso queira usar o banheiro, é a segunda porta a esquerda.

– Muito obrigada! – agradei.

– Qual quer coisa, eu estarei na sala! – ela sorriu – Amanhã conversamos melhor. Boa noite!

– Boa noite! – respondi enquanto ela fechava a porta.

Havia velas acesas em um candelabro, ao lado da minha cama. O quarto também não era muito grande, tinham – além da cama – um criado mudo, que estava embaixo das velas, uma cômoda de quatro gavetas, um tapete e uma janela que nem de longe lembrava o tamanho da janela do castelo. Isso me fez pensar o motivo de Neandro não morar com a família.

Abri a janela e me deparei com parte da grande árvore. Ela parecia bem maior agora. O silêncio quase completo era tranquilizador. Ouvi apenas alguns barulhos de folhas e um vento fresco e gostoso passando pela janela e trazendo um cheiro gostoso de frutas. Era a noite mais bela que já havia presenciado.

Olhei para o céu. Apesar da árvore, pude notar um fato curioso: havia três luas em Ofir! Cada lua com um tamanho diferente. Era estranhamente belo. Reparei melhor em outra coisa curiosa: a cama.

Ela era parecida com um tronco de árvore, mas tinha um certo charme. Absolutamente sem nenhuma semelhança com a cama do castelo, mas o colchão era tão confortável quanto.

Deixei a janela aberta e deitei na cama. Que dia estranho eu havia passado. O que estaria fazendo as pessoas na Terra? Estariam preocupados comigo? Minha mãe deveria estar enfartando com o meu sumiço.

Chorei novamente. Novamente chorei por medo. Chorei por medo do desconhecido, medo de estar metida em uma enrascada, medo de nunca mais voltar para Terra, eu estava com medo. Eu estava com muito medo. E o medo me deixava triste.

– Oi dorminhoca? – uma voz doce me chamava.

– Minha nossa, estou atrasada para escola! – levantei assustada com a doce ilusão de estar em casa.

– Não! – a voz de Linfa quebrava a ilusão –
Acho que você ainda não se acostumou com a idéia de
estar em um outro mundo!

– Então não foi um sonho? – sentei novamente
na cama.

– Infelizmente não! – ele sentou ao meu lado e
colocou a mão em meu ombro – Sinto por você.

– Não... Tudo bem. – tentei me conformar
novamente.

– Deixaram isso para você! – ela puxou do chão
algo que me era muito familiar.

– Minha mochila! – um pequeno momento de
alegria me acertou quando vi minha mochila. – Quem
trouxe? Foi o Alexis?

– Não! – ela parecia querer rir da minha cara –
Foi um dos guardas do castelo. Parece que você está
trazendo a tropa inteira para cá!

Rimos e ela me chamou para tomar o café da
manhã. Um belo café da manhã!

Ao contrario do que imaginava, os cafés da
manhã em Ofir eram muito parecidos com os cafés da
manhã na Terra. Tinha pão, suco, leite, frutas, porém,
tudo em formas um pouco diferentes das que conheço.

O pão era grande e redondo, tipo um bolo de
aniversário. As frutas tinham todas o mesmo formato
da maçã que havia comido no dia anterior, o que
diferenciava era o tamanho e a cor. O suco e o leite
estavam em jarras de porcelana branca e os copos

eram de metal, mas com detalhes ornamentais e com cores.

Estava morta de fome e comi tudo o que me foi oferecido. Acho que ainda estava sofrendo com o jejum do dia anterior.

Assim que terminei o café da manhã, fui até a sala e fiquei observando a estante de livros. Havia realmente muitos livros, mas não conseguia ler nenhum. Eram letras estranhas e com formas irregulares, mas alguns haviam figuras e essa era uma linguagem universal.

Um dos livros que peguei tinha uma coroa e uma espada desenhadas na capa dura e vermelha. Não havia preenchimento, apenas uma linha dourada fazendo as voltas dos objetos. Resolvi “ler” esse.

A primeira figura era de uma moça, cabelos longos com uma tiara. Suas roupas pareciam de uma princesa, deduzi que fosse um conto de fadas. Ela parecia estar vivendo em uma felicidade plena, mas seus olhos estavam longes, como se quisesse mais.

A outra imagem era de um jovem rapaz, cabelos escuros e de armadura, com uma longa espada na mão. Parecia muito preocupado e tinha medo em seu rosto.

Passaram algumas paginas sem nenhuma figura, até que apareceu novamente a princesa da primeira ilustração, mas desta vez com um manto que

cobria todo o corpo. Ela estava se jogando na frente de um cavalo. Era o guerreiro da segunda ilustração que estava cavalgando.

Os olhos dos dois pareciam não querer se separar nunca mais, estavam cheios de surpresa e admiração. Era como se eles se buscassem desde o dia em que nasceram e agora estavam ali, finalmente juntos.

Houveram mais páginas apenas com a escrita estranha de Ofir, o que acabou me deixando aflita. Estava desejando saber entender o que aquelas letras significavam.

A ilustração seguinte foi preocupante. Estavam os dois a cavalo, sendo barrados por guardas de armadura. Ela estava com um olhar triste e ele estava novamente com o olhar preocupado e com medo.

O livro seguiu neste ritmo, ilustração, páginas escritas, ilustração e mais páginas escritas e a cada nova ilustração, minha ansiedade em saber exatamente o que estava acontecendo aumentava.

As figuras seguiram nesta ordem: A princesa havia voltado para o castelo, o guerreiro foi preso. A princesa ajudava o guerreiro a fugir, os dois se escondiam na floresta. Uma guerra começava e eles pareciam preocupados.

– Beatriz! – Linfa interrompeu minha “leitura”.
– Venha aqui um momentinho! – Deixei o livro em cima da mesa e fui até o quarto dela.

Assim que entrei me deparei com um vestido em um tipo de manequim sem cabeça. Era um belíssimo vestido. A parte de cima era branca, com um decote não muito grande, suas alças eram amarradas ao pescoço e o restante de tecido que sobrava caía até a cintura, dando um toque há mais no vestido. A parte de baixo era preta e parecia ter vários panos enrolados, de tantas voltas que dava, mas no fim era esse o grande diferencial.

– Vamos, vista! – ela sorriu.

– O que? Esse vestido é para mim? – estava surpresa.

– Claro, bobinha! – ela continuava sorrindo – Você não quer ficar o tempo inteiro aqui nesta casa certo?

– Acho que não?

– E você não pode sair com essa roupa! – lembrei deste fato – Como é muito perigoso você ficar andando por aí com roupas ilusórias, separei esse modelo que estava costurando para que você possa usar!

– Serio? – ainda não acreditava.

– Tire logo essa roupa e vamos medir esse vestido! – ela já estava puxando minha blusa – Não creio que precisará de ajustes!

Apesar de nunca ter ficado de peças íntimas com ninguém, Linfa era tão simpática e descontraída que logo me senti a vontade.

– Hum, acho que vai precisar dar só uma apertadinha na cintura, mas o resto ficou ótimo! – ela dizia enquanto me virava para o espelho.

Não demorou muito e ela apertou o vestido. Em seguida ela me ajudou a arrumar o cabelo, coisa que eu não era muito experiente.

Aos poucos eu ia me afeiçoando a Linfa. Nós havíamos nos conhecido não tinham nem 24 horas direito e já estávamos nos dando tão bem quanto como se tivéssemos uma vida de amizade. Estava achando isso incrível.

Quando terminou de me arrumar, não só Linfa como eu também, tivemos uma grande surpresa. Eu estava linda. Apesar de ser um vestido simples, o corte dele era tão atraente que fazia o vestido parecer de grife e o meu cabelo havia ficado tão belíssimo quanto ele.

Linfa havia prendido em um coque a parte esquerda do meu cabelo inteira, deixando apenas uma pequena mecha ao lado do meu rosto. A parte direita ficou solta, caindo sobre meu rosto e preso a orelha.

– Você é algum tipo de mágica? – perguntei.

– Não, apenas fiz você parecer uma legítima ofirniana! – ela bateu palmas para o trabalho bem feito.

Ela me levou para conhecer a cidade. Caminhamos pelas não muito longas ruas, até

chegarmos a uma praça, onde ficava o relógio que havia visto no quarto do castelo.

A praça era muito bonita. Havia varias árvores e muitas flores. Havia pessoas andando em um tipo estranho de veiculo que me fez lembrar uma bicicleta, pessoas caminhando entre o campo verde que cercava quase toda a praça e algumas crianças nadando no rio. Além do relógio, pude ver as outras duas torres e a igreja.

– Essa é a Praça de Ofir! – ela parecia maravilhada, mas logo seu rosto se entristeceu – Mesmo com uma guerra já declarada, a praça continua linda!

– Guerra? – imaginei que estivesse falando do famoso Bia qual quer coisa. Estava certa.

– Não me surpreende que eles não tenham te dito nada. – a expressão dela mudou neste momento. Ficou com raiva – Eles lá só pensam neles!

– Mas então... Me conte! – fiquei curiosa.

– Há mais ou menos 1 mês o chefe das tropas de Ofir, braço direito do Rei Céleo, começou uma terrível rebelião contra os reinos de Ofir. Muitas pessoas se juntaram a ele e começaram atacando a capital.

– Essa cidade? – interrompi.

– Sim! A cidade de Ofir. – ela voltou a ficar triste – Muitos reinos se uniram à capital e mandaram pessoas de suas tropas para ajudarem a destruir a tropa que Bianor havia criado.

– Bianor! Alexis dizia que eu era espiã de Bianor! – lembrei do fato.

– Bianor e sua tropa foram vencidos, a capital venceu a 1ª batalha.

– E isso não é bom? – estranhei.

– Seria, se não tivesse acontecido aquilo... – ela fitou o chão. Pelo seu olhar, sabia que mesmo se pedisse muito ela não me diria o que era “aquilo”.

Chutei o chão e – para não perder o costume – quase cai de joelhos novamente, mas Linfa me segurou antes que isso acontecesse.

Continuamos andando pela cidade. Linfa me mostrou a igreja, que era um tanto parecida com as catedrais que temos na Terra. Mostrou as duas torres que foram construídas por monarcas da família real e hoje eram apenas “parte da história de Ofir” como ela mesma disse.

O passeio poderia ter sido extremamente divertido, se não fosse por um fato.

Praticamente todas as pessoas que vi olhavam para nós com cara feia. Era como se soubessem do “nosso segredo” e estivessem prontos para gritar para quem estivesse interessado em ouvir. Reparei também que Linfa parecia não estar gostando, mas ignorava completamente os olhares opressores que estavam em cima de nós duas.

Fomos em um loja que mais se parecia com uma lanchonete. Era algo muito bonito para ser um

botequim, mas descontraído demais para ser um restaurante. A única opção que me sobrava era lanchonete, apesar de achar que aqui em Ofir deveria ter um outro nome.

– Você está com fome? – ela respondeu minha dúvida.

– Sim! – respondi sem pensar duas vezes.

Ela pediu dois sucos e um prato com frutos do mar. Diferente do que eu pensava, as comidas em Ofir eram quase as mesmas da Terra, apenas o formato era diferente.

– Estava delicioso! – respondi não só para ser educada, mas por que realmente estava ótimo.

Voltamos para casa com os mesmos olhares repreensivos do início. Aquilo já estava ficando chato.

– Espero que tenha gostado do passeio. – ela entrava em casa.

– Foi maravilhoso! – respondi com um largo sorriso no rosto.

Aquele passeio me fez esquecer exatamente tudo o que eu queria esquecer. Foi revigorante conhecer a capital de Ofir, exceto pelo fato dos olhares estranhos, mas isso já estava esquecido.

Linfa sentou no sofá e relaxou o corpo, soltando os ombros e fechando os olhos. Fiz o mesmo. Quando abri novamente, Linfa estava com o livro que eu havia pego na mão.

– Você estava lendo esse livro? – ela perguntava como se isso fosse possível para mim.

– Sim... Digo, não... Bem... Eu tentei, mas eu não entendo o que está escrito!

Ela sorriu e abriu o livro na página em que os dois mocinhos se encontram pela primeira vez.

– Esse livro se chama “A História de Linfa”! – ela sorriu

– Olha, é o seu nome! – disse como se ela nunca tivesse percebido isso. – É sobre a sua história?

– Não! – ela fechou um pouco o sorriso – Mas existem muitas semelhanças. Conta a história de Linfa, uma princesa que se apaixona por um aventureiro. O amor dos dois é proibido por causa de leis estúpidas, mas eles lutam por esse amor até o fim.

– Que bela história! – já havia me apaixonado pelo livro antes, depois de saber a história havia virado fã.

– Realmente, é uma bela história! – ela fechou o livro – Mas não gosto muito do final.

– Sei... – sussurrei como se realmente soubesse.

– Se quiser posso te ensinar algumas coisas em Ofirniano, mas agora eu estou um pouco cansada. Vou me deitar, pode ficar a vontade e se precisar de algo pode me chamar!

Linfa foi para o quarto e me deixou na sala. Assim que ela fechou a porta do quarto, minha

curiosidade em saber o final do livro me tomou por completo. Peguei imediatamente o livro e fui direto para as páginas finais. A última figura era realmente decepcionante. Na verdade eram varias figuras, tipo uma história em quadrinhos.

O aventureiro estava cercado, vários soldados estavam espalhados entre as montanhas e em volta dele. A princesa estava sendo segurada por um guarda na segunda imagem e parecia desesperada. Na terceira imagem, uma mão de um dos soldados preparando uma flecha. A quarta e quinta imagem se completavam. Através de traços rápidos, a ilustração deixa a entender que a princesa conseguiu se soltar dos guardas e entrou na frente do aventureiro. Por fim, com um grande destaque, a cena final. A flecha atinge o peito da princesa, que cai morta nos braços do aventureiro. Realmente, era um final ruim.

CAPÍTULO 6 / O CRISTAL DE DÂMARIS

*M*eu despertar do dia seguinte não foi muito diferente do dia anterior. Acho que ainda demoraria um pouco para me acostumar de que não estou mais em casa.

O café da manhã foi tão saboroso quanto o da manhã anterior – talvez até mais – e eu começava a me apegar aquela casa como se fosse minha, mesmo estando há tão pouco tempo nela.

– Beatriz? – Linfa – Venha, preparei outro vestido para você!

Linfa e eu havíamos nos tornado mais amigas do que imaginávamos. Na noite anterior nós continuamos contando sobre a *minha vida* e ela parecia realmente interessada. Tentei fazer com que ela falasse um pouco dela também – era muito chato ser a única atenção da conversa – mas ela não entrou em muitos detalhes.

Linfa havia me contado que era costureira e já havia feito roupas para a família real – assim que ela conheceu Neandro –, mas nos últimos anos ela vem tendo poucas clientes, o que me fez ficar envergonhada de aceitar os vestidos que ela havia feito para vender.

Essa não era a segunda peça de roupa que ela me dava. Além do vestido do dia anterior, Linfa havia me dado também duas roupas para dormir. As duas eram muito bonitas e confortáveis. Uma era leve, bem

solta, larga de cor rosa claro para os dias quentes. Ela havia um belo corte e era muito fresca. Já a outra eram longas e macias, de um tecido quente para os dias frios. Ela era mais fechada e era da cor roxa.

O novo vestido era tão lindo quanto o outro. Assim como o anterior, esse tinha duas partes de cores diferentes. A parte de cima era preta e tinha pequenas voltas no pequeno decote. Tinha uma fita listrada colorida que amarava na cintura e a sua parte de baixo era toda vermelha com bolinhas pretas minúsculas, quase imperceptíveis.

Linfa havia dito que Neandro voltaria naquele dia ou no dia seguinte. Eu estava louca para conhecê-lo, e conheci. Infelizmente não foi do jeito como eu queria.

Estava me trocando para provar o vestido, novamente apenas de peças íntimas, quando a porta abriu. O susto foi imediato e recíproco.

– TARADO! – eu gritei impulsivamente enquanto pegava o vestido que estava usando para cobrir-me.

Com o susto acabei pulando para trás, perto de onde Linfa estava sentada e – para minha “sorte” – acabei espetando o bumbum com a agulha que estava na mão de Linfa – que havia deixado a mão estendida no ar com a surpresa.

Quando olhei de novo, Neandro havia tapado os olhos com uma das mãos e estava completamente vermelho, como eu provavelmente devia estar.

– Linfa, quem é essa moça? – ele perguntou visivelmente sem jeito.

– Neandro, desculpe... Essa é a... Beatriz! – Linfa sorriu tão sem jeito quanto ele.

Ela explicou toda a história até o ponto onde ela sabia. Expliquei um pouco mais e contei até onde eu sabia, isso tudo – claro – depois de sermos devidamente apresentados.

– Que história mais... Interessante. – Neandro parecia não saber exatamente o que pensar da história.

– Quer dizer que você vem de outra dimensão?

– Parece que sim! – respondi.

– Nunca conheci um ser de outra dimensão. – ele pareceu envergonhado – Eu imaginava vocês de uma forma... Como posso dizer... Ahn... Diferente.

– Diferente como? – sorri curiosa.

– Diferente tipo... Meio verde, gosmento, careca, de olho grande...

– E inteligência superior? – completei quando vi que era a exata descrição de como imaginávamos os extraterrestres.

– Não! – ele respondeu espantado, para minha surpresa – Como algo verde e gosmento pode ter inteligência superior? Isso é uma idéia estapafúrdia!

Fiquei constrangida e achei melhor não revelar que na Terra essa idéia era bem “aceitável”.

Com toda a confusão que aconteceu no nosso “primeiro encontro”, quase não pude reparar em Neandro.

Era um rapaz muito bonito, de não mais que 23 anos, alto, de cabelos curtos – exceto por uma pequena mecha na parte de trás da cabeça, amarrada com uma fita vermelha. Não tinha o físico atlético, mas não aparentava ser esquelético. Ele parecia estar na medida. Seus olhos eram cativantes, serenos e verdes, como os do irmão – mas eles se pareciam apenas nisso.

As roupas que ele usava lembravam as roupas de um toureador. Eram pretas, com ombreiras e botões douradas. Só faltava a capa vermelha e as castanholas – Olé! Era um pouco estranho, confesso, mas estava me acostumando.

– Você irá para o castelo? – Linfa perguntou um pouco triste.

– Não! – ele não precisou pensar – Mande um soldado avisar que cheguei, como foi pedido. Se quiserem falar comigo, que venham aqui! Irei apenas se for necessário.

Notei na voz de Neandro a mesma hispidez e rancor que havia visto na voz de Alexis na última vez que havia o visto. Estranhei esse desprezo todo que ambos tinham uns pelos outros. Eles haviam brigado serio, era a única explicação.

Neandro contou sobre a viagem a Linfa, que parecia uma criança ouvindo aquelas velhas histórias de avô aventureiro ou veterano de guerra. Ele contava sobre as dificuldades que enfrentaram na ida até Calidora, sobre a tripulação que temeu o pior quando um monstro marinho atacou a embarcação deles e de como os neidianos o ajudaram a vencer-lo. Contou sobre alguns negócios lucrativos e sobre acordos feitos com os calidorianos.

Era uma conversa muito estranha para mim, todos aqueles nomes... E que história era aquela de “monstro marinho”? Estava começando a me sentir deslocada e novamente temia pelo meu futuro neste mundo. Mais do que nunca eu precisava voltar para Terra.

Não demorou muito até um dos guardas voltarem do castelo. Linfa mandou o recado assim que Neandro foi se trocar. E trazia com ele uma “visitinha”.

– Alexis! – fiquei surpresa quando abri a porta

– Olá! – ele estava exatamente com as mesmas expressões monstruosas da ultima vez que o tinha visto.

Tentei esquecer a ultima imagem que havia guardado dele e torcer para que ele voltasse a ser o Alexis implicante e egocêntrico de sempre – essa imagem era milhões de vezes melhor do que a imagem de monstro aterrorizante.

– Onde está Neandro? – ele estava serio.

– Está com Ninfa, na cozinha. – disse sorridente, tentando mudar a expressão seria dele.

– Chame-o! – a sua expressão continuava seria.

– Quanto antes resolvermos esse assunto... – Ele deixou o restante no ar.

– Alexis... – tentei novamente.

– Chame-o agora!

Engoli a seco aquelas palavras. Por mais simples que fossem, o modo como elas foram ditas doíam demais. Estava confusa, não era a dor da humilhação e descaso, era algo mais forte e mais doloroso que qualquer coisa que já havia sentido. Era uma dor que nunca desejaria para ninguém.

Segui para cozinha, mas acabou não sendo necessário, os gritos de Alexis provavelmente alertaram os dois de que ele já estava esperando-os.

– Você não perdeu seu jeito arrogante! – Neandro parecia tão enojado quanto Alexis.

– És ainda mais ridículo com essas roupas de plebeu! – Alexis retrucou.

– Vejo que já me considera como um plebeu, acho que só estou vestindo-me a caráter!

Os dois continuaram durante um bom tempo trocando insultos antes de alguma coisa realmente importante começar a ser dita.

– Poderia pedir para... Sua... Arg... Poderia pedir para sua... Para sua esposa se retirar por um

momento? – Alexis parecia não gostar nada em pedir aquilo. Era como se a Linfa tivesse que se tocar sozinha.

– Não! – Neandro foi curto e grosso – Tudo o que você disser, eu irei contar a ela depois, melhor economizar tempo e palavras.

– Não, não! – Linfa se levantou – Eu saio!

– Você fica! – Neandro a segurou pelo braço.

– Não Neandro, deixe-me ir! – ela parecia muito constrangida.

– Não Linfa! – Neandro a fez sentar – Alexis tem que aprender que ele não é o dono do mundo. Enquanto ele for príncipe, eu como irmão, não tenho o dever de acatar nenhuma de suas ordens. Eu quero que você fique!

Os olhos de Alexis faiscaram de ódio e os de Neandro pareciam soltar raios e trovões. Arrisquei piorar ainda a situação, mas tive que defender a Linfa.

– Vocês irão falar sobre mim, certo? – Alexis consentiu – Eu também quero que ela fique!

Alexis lançou o seu olhar furioso para Neandro e depois para mim, o que me deixou um pouco sem jeito. Em seguida ele desamarrou a cara e ficou com as expressões serias novamente.

– Como já devem ter lhe explicado, Beatriz chegou a nosso mundo através de uma caixa enfeitada. – Alexis agora estava apenas concentrado – Meu pai mandou investigarem todo e qualquer vestígio para descobrir quem chamou Beatriz para Ofir

e o melhor jeito de mandar-la de volta para seu mundo.

Olhei esperançosa para Alexis. As poucas palavras já eram reconfortantes – principalmente a parte do “melhor jeito de mandar-la de volta para seu mundo”. Isso parecia me deixar mais perto da Terra.

– Infelizmente não conseguimos descobrir quem a trouxe para Ofir – Alexis continuou – Mas sabemos que foi uma pessoa com grandes conhecimentos de magia, pois o selo estava muito bem escondido.

– Selo? Tipo... Selo postal? – perguntei.

Alexis olhou feio para mim e bufou, como sempre fazia quando estava perguntando algo que, para ele, era obvio. Neandro se dignou a responder.

– O selo que Alexis está se referindo é um selo de magos. Todo mago tem um selo próprio, algo que diferencie a magia dele com o de outros magos, assim como as digitais. Uma magia sem selo e como um humano sem digitais.

– Então como essa magia foi feita? – perguntei assustada.

– Alguns magos aprenderam a “camuflar” seu selo, para que ninguém o reconheça. Mas apenas magos de nível 8 conseguem fazer esse tipo de magia.

– E vocês conhecem magos do nível 8? – perguntei.

– Os magos são sempre pessoas da família real, mais ninguém. – Neandro continuou – Então não

seria difícil encontrar magos que poderiam ter te trazido para Ofir, se não fosse pelo fato de apenas uma pessoa ter chegado ao nível 8.

– Quem? – estava curiosa.

– Alina, a rainha de Ofir! – Alexis respondeu desta vez. Suas expressões eram tristes.

– Rainha de Ofir? – raciocinei – Então é a mãe de vocês? Como?

– Exato! – Alexis continuou explicando – Como? Essa é a pergunta. O selo era da minha mãe, mas como seria possível?

– Não podemos perguntar a ela? – sugeri inocentemente, mas não fui muito bem interpretada.

– Minha mãe não está conosco! – Alexis quase berrou – Ela...

Só então me lembrei de não ter visto a rainha quando estive no castelo. Que mancada imperdoável a minha!

– De... De... Desculpe. – estava sem jeito.

– Já faz um mês, foi morta durante a 1ª batalha. – Neandro também estava triste.

– Ela não morreu! – Alexis parecia inconformado – Ela está viva, ela foi levada para longe de nós. Se não fosse por causa da sua... Esposa, ela não teria sido levada por Bianor! – Alexis quase cuspiu na cara de Linfa.

Linfa se levantou chorando e saiu da sala. Ela estava arrasada. Também não era para menos, depois de ouvir o que ela ouviu. Tentei imaginar o que deveria

ter acontecido de verdade durante essa 1ª batalha. Neandro suspirou e fitou o nada. Parecia não querer tomar partido sobre esse assunto.

Um longo minuto de silêncio tomou conta da sala. Um longo e terrível minuto de silêncio. Fui obrigada a quebrar o silêncio, e isso era horrível – pelo menos naquele momento.

– E minha volta para o meu mundo dependia dela? – fiquei com medo da resposta.

– Sim! – Alexis começava a se recuperar – Sem o mago que fez a magia, não podemos desfazer.

– Mas vocês não tem algum feitiço que possa me mandar de volta? – perguntei perdendo as esperanças.

– Temos e podem ser executado por magos do nível 5. Se esse fosse o caso...

– Como assim “se esse fosse o caso”? existe algo que impeça que esse feitiço seja executado? – interrompi Alexis, que não gostou muito.

– Se esse fosse o caso... – Ele recomeçou – Poderíamos pedir para o rei de Neide, que tem experiência em transportar pessoas, seu nível é 5. Poderíamos também pedir para os reis de Leander, os dois tem nível 7, mas eles seriam difíceis de convencer.

– Então qual é o real problema? – comecei a me estressar.

– Teríamos que quebrar o feitiço que está em você! – Alexis me fitou serio.

– Como? – não entendi. – Independente de quem tenha feito o feitiço, esse alguém sabia que você não tinha nenhum conhecimento em magia e junto com o feitiço que te trouxe para Ofir, essa pessoa também colocou uma mágica um tanto... Peculiar.

– Como assim? – continuava confusa.

– Essa pessoa lhe deu parte de sua magia. Toda a pessoa contém magia em seu corpo e os que estudam magia fazem o máximo para evoluir, subir de nível. – Alexis começava a enrolar demais para o meu gosto.

– E o que isso tem haver com esse feitiço? – estava ansiosa.

– Essa pessoa sabia muito bem que eu ou alguém da família real te encontraria. Sabia que você não seria condenada a morte e sabia que conseguiria um colar mágico. – ele continuava enrolando – Por isso houve aquela reação com o seu colar. Você já está com boa parte de sua magia evoluída, provavelmente deve estar no nível 3...

– Aha! – ouvi Neandro exclamando – O mesmo nível que você maninho. – Ele sorriu – Acredita que ele demorou 10 anos para chegar ao nível 3, o último nível do básico!

– E você ficou parado no nível 4, sendo que já poderia estar no nível 6! – Alexis não parecia mais tão enojado, mas ainda matinha a expressão seria no rosto.

– Você sabe que não me foi permitido continuar a aprender sobre magia! – Neandro fazendo-me questionar o motivo.

– Tudo bem, vocês discutem isso depois! – interrompi a briga de família – Será que agora alguém pode me responder o que realmente aconteceu comigo.

– O importante é... – Alexis parecia finalmente ir direto ao assunto – A pessoa que te trouxe para Ofir sabia muito bem o que estava fazendo, e com esse segundo feitiço foi quase como se pedisse para alguém lhe ensinar magia.

Alexis olhou para Neandro que olhou para mim e depois novamente para Alexis.

– O que? – Neandro gritou – Você está querendo que eu ensine a Beatriz magia?

– Eu não poderei ficar o tempo todo neste cortiço. – Alexis se levantou – Alguém terá que ensinar magia a ela. É duro dizer isso, mas acredito que ela seja...

– O que? – Neandro interrompeu – Você também ficou desconfiado. – Alexis afirmou – Então ela pode mesmo ser a Mallory?

– Eu posso ser o que? – me assustei.

– Melhor não saber de nada agora. – Alexis caminhou até a porta – Irei conversar com meu pai sobre isso e sobre o Cristal de Dâmaris. Enquanto isso ensine o máximo que puder de magia, volto daqui a uma semana.

– Espere! – o segurei pelo braço. Prefери não olhar para seu rosto – O que é esse “Cristal de Dâmaris”?

Como de costume, ele bufou, fechou os olhos e balançou a cabeça negativamente.

– Explique a ela! – Alexis abriu a porta – Voltarei daqui a uma semana.

Assim que vi Alexis montando em seu cavalo e saindo rumo à estrada que levava a cidade, fechei a porta e fiquei fitando Neandro, esperando que apenas com minhas expressões ela já soubesse o que eu queria. UMA RESPOSTA. Funcionou.

– O cristal? – ele perguntou.

– Sim! – sentei ao lado dele.

– O Cristal de Dâmaris é um dos artefatos mágicos mais antigos de Ofir.

– Artefato mágico? – perguntei a mim mesma, achando a palavra “curiosa”.

– É uma história um pouco longa. Quer mesmo ouvir?

Não disse nada, apenas o fitei com os olhos semicerrados e com expressões que já não necessitavam de maiores explicações.

– Essa história aconteceu na época do 1º rei de Ofir, Basileu. Antes as pessoas de Ofir só acreditavam que existisse Calidora e Menelau de reinos. Acreditavam que o mundo de Ofir começava e acabava ali, até Basileu tomar a decisão de que iria descobrir se

realmente não existia mais nada além daquele oceano. Ele ficou anos e anos tentando construir algo que o transportasse com segurança pelos oceanos. Assim surgiu o 1º barco de Ofir.

– Que incrível! – comecei a me interessar mais pela história.

– Basileu navegou até a ilha de Ofir, que era apenas uma floresta. Ao chegar ele se deparou com uma pequena tribo que vivia pela ilha. Não eram muitos, pouco mais de 50 pessoas. Ele conseguiu se comunicar com os nativos e acabou aprendendo sobre magia.

Neandro parecia estar pedindo para que eu pedisse para parar de falar. Parecia estar cansado de contar aquela história. Mas eu provavelmente estava com um rosto pidão e ele continuou.

– Depois de ganhar a confiança dos nativos, Basileu ganhou a permissão de conhecer Dâmaris, a rainha deles. Foi amor a primeira vista. Basileu ficou tão encantado com Dâmaris, que passou anos e anos na ilha. Ele sempre tentava conquistar Dâmaris, mas não conseguia. Até o dia em que ele sequestrou Dâmaris durante a noite, levando-a até Calidora.

– E o que aconteceu?

– Quando Basileu voltou, encontrou muita coisa diferente. O seu lugar no trono havia sido ocupado por seu 1º ministro e sua mulher estava casada e com filhos. Irritado, Basileu contou varias

mentiras ao povo. Disse que havia encontrado terras novas, mas que estavam invadidas por monstros e que ele havia sido morto e Dâmaris o havia ressuscitado. Basileu obrigou Dâmaris a mostrar seu poder e convenceu o povo a retirar o seu 1º ministro do trono.

– O que mais aconteceu? – a curiosidade era imensa.

– Basileu voltou ao trono e casou-se com Dâmaris. Tiveram dois filhos, Basiliana e Basílio. Após o nascimento dos filhos, Basileu começou a recrutar soldados para invadir a ilha que havia encontrado. Durante os meses que esteve no trono, mandou construir vários navios e barcos e deixou Dâmaris sozinha, tomando conta do reino.

– E ele foi invadir a ilha?

– Sim, é a batizou de Ofir. Houve uma grande matança e a sede de poder tomou conta de Basileu que começou a procurar mais e mais reinos. Assim foram descobertos os reinos de Sotero, Leander, Neide e o Deserto Orestes, que tiveram o mesmo fim da ilha de Ofir. Isso durou anos.

– E ele voltou?

– Um dia ele teria que voltar! Mas ele acreditava que Dâmaris era honesta demais para trair-lo como fizeram a sua antiga esposa e o seu 1º ministro.

– E quando ele voltou viu a mesma cena da outra vez? – presumi erroneamente.

– Não a mesma cena. Ele havia esquecido um detalhe: Dâmaris era uma maga. Ela conseguiu o amor e carinho do povo dando a eles tudo o que queriam, assim como fazia em sua antiga ilha e ensinou magia aos seus filhos. Ela tomou o poder e arquitetou um plano para assassinar Basileu, caso ele voltasse.

– E ela o matou?

– Ela induziu o povo a se voltar contra Basileu, assim que ele voltou. Ela conseguiu convencer o povo a querer a cabeça dele e como todos só obedeciam a ordens de Dâmaris, Basileu foi executado dias depois de seu retorno.

– E o que aconteceu com Dâmaris?

– Ela mandou os filhos para Menelau e Sotero, para que governassem os reinos que herdaram do pai. Mandou para Leander seu primeiro ministro e deixou em Neide e Calidora pessoas que ela acreditava ser boas de coração e que trariam um reinado de paz e prosperidade.

– E o cristal? – lembrei do motivo dessa longa história.

– Ele entra agora. Dâmaris voltou para sua ilha e governou durante anos e anos da melhor forma que pode, mas não poderia dar o melhor de si, seu coração estava amargurado, cheio de arrependimento pela morte de Basileu. Dâmaris não suportou viver daquela forma e se suicidou, transformando-se em seu cristal mágico. Esse cristal foi deixado ao povo de Ofir como

presente. Sempre que precisassem, era só fazer um pedido que o cristal realizaria.

– Então esse cristal pode me ajudar a ir para casa? – perguntei empolgada.

– Sim, esse cristal pode, mas você terá que achar-lo primeiro.

– E onde ele está? – fiquei preocupada.

– Como disse, o cristal realizava qualquer desejo e as pessoas com o tempo se tornaram sujas e ambiciosas. – não estava gostando disso – Para evitar que o pior acontecesse, o cristal foi dividido em 6 partes e espalhados por Ofir, para que ninguém mais o encontrasse.

– Então... – achei que minhas chances estavam perdidas.

– Mas minha família estava há anos e anos estudando e pesquisando sobre onde os cristais poderiam estar e, acredito eu, que Alexis vai aproveitar o seu problema para pedir autorização para começar a procurar pelos cristais.

– E você acredita que ele permitirá? – perguntei.

– Honestamente, acredito que sim! Até por que tem a história da Mallory...

– Lá vem vocês de novo com essa história de Mallory! Afinal, o que é isso? – fiquei nervosa.

– Ainda não é o momento. – ele sabia como decepcionar – Ainda temos que ter certeza!

Nossa conversa foi interrompida bruscamente por um som de porcelana se quebrando. Só então lembramos... LINFA!

CAPÍTULO 7 / O LOBO

 orremos direto para a cozinha. Linfa estava estirada no chão, com uma jarra de porcelana quebrada ao seu lado. Tanto eu quanto Neandro estávamos apavorados.

Neandro a pegou no colo e colocou em sua cama. Ele pediu para que eu trouxesse um copo d'água. Corri imediatamente, tropecei em meus pés com a pressa e peguei o jarro que estava em cima da mesa, quase furei meu pé com os cacos.

Antes de sair da cozinha, tive que voltar novamente, o jarro era de leite. Peguei então o jarro que estava em cima do que parecia ser uma geladeira, mas na verdade era um armário e fui, sem correr para evitar tropeços, de volta ao quarto de Linfa e Neandro.

Quando voltei, Linfa ainda estava desacordada e Neandro dando leves tapinhas em suas bochechas. Neandro pediu para ficar com Linfa que ele chamaria um medico. Não demorou muito, Neandro voltou para casa com o medico. Linfa ainda não havia acordado, mas o medico a examinou mesmo assim.

Ele disse que aparentemente estava tudo bem e que deveria ser apenas uma queda de pressão. Recomendou algumas coisas que não entendi e foi embora. Linfa começou a acordar.

– Oi amor? – Neandro passava as mãos nos olhos dela.

– O que aconteceu? – Linfa abriu os olhos.

– Você desmaiou, mas já está tudo bem! – Neandro respondeu.

Linfa olhou para mim e eu acenei para ela com o sorriso mais positivista que pude. Não queria parecer preocupada, mas era quase impossível não demonstrar.

O resto do dia foi totalmente dedicado a paparicar Linfa. Neandro ficou cuidando dela, enquanto eu fiquei por conta de arrumar a casa. Por motivos óbvios Neandro ficou com a parte da cozinha – lugares com facas e fogo não são muito bem os meus locais favoritos.

A noite chegou e eu estava exausta. Foi um longo trabalho, mas também havia sido um trabalho divertido. Fora que era por uma boa causa.

Fui dormir cedo, não sabia exatamente que horas, mas sabia que era mais cedo do que costumava dormi.

– Beatriz? – Neandro bateu na porta do meu quarto – Já vai dormir?

– Sim, sim! – respondi enquanto arrumava os lençóis – por quê?

– Nada em especial, descanse um pouco. – ele fechou a porta.

Apaguei as velas que estavam acessas no candelabro e fechei os olhos. Não sei exatamente por quanto tempo havia dormido, mas sabia que era muito

pouco tempo. Ainda estava escuro quando uma voz masculina começou a me chamar.

– Beatriz? – era Neandro. – Acorde!

– Que horas são? – perguntei sonolenta.

– São exatamente 05:00 da manhã! – ele respondeu como se já fosse quase meio-dia.

– Me deixe dormir mais um pouco! – ainda estava falando sonolenta.

– Não! – ele puxou meu lençol – Nem mais um segundo!

Ele acendeu as velas e colocou em cima da cômoda uma roupa. Já havia entendido, era para um me vestir.

Era um vestido de tecido leve, mas aparentemente muito resistente. Ele era branco e havia uma gola alta, que tapava todo o pescoço, de cor vermelha. Havia detalhes em amarelo e um corte em “V” na mangas, que batiam até os meus pulsos.

O vestido não era muito grande, pouca coisa abaixo do joelho, mas era bem confortável e havia ficado lindo em mim.

– Neandro, qual razão de ter me acordado tão cedo? – perguntei seguindo para sala, Neandro estava sentado.

– Pronta para começar a aprender magia? – ele segurava um livro na mão. Seu sorriso era inocente e malicioso ao mesmo tempo. Eu provavelmente estava com cara de espanto.

Ele me levou até as montanhas atrás da casa dele. Apesar de escuro, consegui apreciar a paisagem.

– Como ficamos ontem o dia inteiro cuidando da Linfa, temos que adiantar a suas aulas de magia! – ele sorriu e eu ainda estava brava por ter acordado tão cedo. – Eu só não sei exatamente por onde começar, nunca havia ensinado magia a ninguém.

– Comece por onde começou. – sugeri.

Ele me olhou confuso, pensou, balançou a cabeça como quem estivesse pesando os prós e contras da idéia, fez uma careta, riu e depois finalizou com uma expressão que dizia claramente “Se não tem outro jeito...”

– Mulheres costumam ter uma iniciação diferente na magia, mas acho que o que sei vai servir para você! – ele se aproximou de mim. – A magia do guarda roupa você já aprendeu, correto?

– Acho que sim! – respondi sem jeito.

– Esse é uma das lições “avançadas” do básico. – ele começou a me rodear – Mas é uma das primeiras coisas que ambos aprendemos. Mas vamos para algo que é realmente útil.

Ele pegou uns galhos de árvore, algumas folhas secas, amontoou em um pequeno circulo e quando menos esperei... Fogo!

– Fazer fogo é uma das, se não a, primeira das magias que aprendemos. É muito simples, você só precisa de algo para queimar. – ele olhou para mim tão confuso quanto eu provavelmente deveria estar – Acho

que não é a melhor forma de explicar. Eu sabia que não daria certo.

– Eu não sei se seria confiável. – temi pela segurança alheia.

– Como assim? – ele realmente não me conhecia.

– Eu tenho um “pequeno” histórico de... Ahn, bem... Como posso dizer... Catástrofes, ou quase catástrofes, envolvendo fogo.

– Mas se você não souber executar uma magia tão simples como essa, eu realmente não sei o que Alexis quer que eu ensine a você!

– É apenas uma sugestão, eu não confio em mim mesma perto do fogo! – me afastei da pequena fogueira.

Por um momento vi Alexis em Neandro. Ele bufou, balançou negativamente com a cabeça e olhou para o alto. Seriam uns trejeitos de família?

– Vamos tentar de qualquer foram! – ele parecia tentar se tranquilizar. – Existem pessoas que conseguem controlar o fogo com perfeição, fazendo-o ajudar em diversas situações. Em luta dizemos que uma pessoa que saiba controlar com perfeição e uma mão na roda.

– Tudo bem, mas se alguma coisa acontecer...

– Eu sei uma magia ótima para apagar fogo instantaneamente. – ele me interrompeu. Só neste momento notei que ele realmente estava falando serio.

– Então, vamos fazer fogo!

Passamos a manhã toda treinando uma única magia. Não sabia exatamente como canalizar o calor e explodir a chama que existe dentro de mim. Foi um grande custo até eu conseguir – quase na hora do almoço – criar uma pequenina fogueira, que se apagou ao primeiro vento que passou.

Demos uma pausa para almoçarmos. Tecnicamente eu já havia aprendido a magia do fogo, só precisava aperfeiçoar. Neandro também não parecia muito contente em estar sendo o meu professor, mas eu via que ele estava fazendo o melhor que podia.

– Você precisa ter mais confiança em si própria!
– disse Neandro enquanto ajudava a Ninfa e a tirar a mesa. – A sua incredulidade na magia que existe em você só vai te atrapalhar.

– Como eu posso acreditar em magia, se até dias atrás eu tinha plena certeza de que isso não passava de truques baratos feitos por charlatões de praça municipal? – tentava mostra a dura realidade de um ser humano na Terra.

– Mas se você continuar a achar que não pode, você não vai conseguir! – ele fazia parecer tão fácil.

– Eu estou tentando, mas ainda não me acostumei por completo com essa minha nova “realidade temporária”.

– Vamos Neandro. – Linfa acariciou seus cabelos – Tente ir com calma. Ponha-se no lugar dela.

– É, ponha-se no meu lugar! – sorri tentando parecer engraçada.

Ele novamente bufou e olhou para cima. Em seguida olhou para mim e abriu um longo sorriso. Talvez agora as coisas pudessem começar a dar certo.

O resto do dia foi dedicado aos princípios básicos da magia. Além de fazer fogo, aprendi a mover objetos e a controlar-los ao meu favor. Mas sem dúvida a melhor lição do dia foi a de destruir objetos, essa eu não precisava nem de magia para fazer. Já era uma *expert*.

Por incrível que pareça, eu estava começando a aprender mais rápido as magias que Neandro me ensinava. Parecia que elas já estavam na minha mente há décadas, mas eu apenas não me lembrava. Segui o final do dia triunfante.

O segundo dia de aula foi mais intenso. Tive que aprender a controlar o que a natureza me oferecia, para usar-la como arma em uma luta. Confesso que a palavra “luta” fez minhas pernas tremerem e quase desisti, mas no fim foi bem legal aprender a controlar a água, as folhas, a terra, as pedras e até alguns animais – como pássaros e peixes.

O restante da semana foi muito puxado. Eu passava horas e horas aprendendo coisas como: voar, anda em paredes, correr em uma velocidade altíssima –

o que, apesar de ter demorado quase o dia inteiro, foi bem divertido – e criar pequenas bolas de fogo e água.

As partes mais pesadas – e assustadoras – das aulas eram quando ele me ensinava magias para batalha. As magias sempre envolviam fogo e tive que aprender a usar um arco e flecha – a idéia original era uma espada, mas quase rolei morro abaixo quando tentei pegar uma.

– Neandro? – perguntei enquanto mirava em um alvo na árvore – Eu realmente preciso aprender isso? Tipo... Eu não vou precisar lutar certo?

– Talvez você tenha sorte de não precisar usar armas! – ele sorriu – Um bom mago usa apenas magia para se defender.

Já havia feito essa pergunta antes, mas nunca obtive resposta. Ele apenas olhava para mim e tentava me encorajar da melhor maneira possível. Por algum motivo aquele olhar causava reação contrária, eu ficava apenas com mais medo. Acho que ele resolveu responder desta vez, só para dar uma variada.

Atirei a primeira flecha. Errei. Atirei a segunda flecha. Errei. Atirei a terceira flecha. Errei. Atirei a última flecha e... Errei.

Junto com as aulas de magia, aprendi também a ler as escritas estranhas de Ofir. Demorei um pouco para pegar qual letra significava cada símbolo, mas a pronuncia era a mesma, o que tornou as coisas um pouco mais fácies.

No final da semana eu já estava lendo e escrevendo em ofirniano muito bem. Com mais um pouco de treino eu poderia me passar por uma quase ofirniana sem problemas. Eu estava – apesar de um pouco assustada – adorando todas essas novidades.

As ultimas aulas foram as piores. Digamos que os dois últimos dias foram uma revisão de tudo o que havia aprendido. Para minha surpresa, eu havia aprendido muitas coisas. Muitas coisas mesmo. Eu realmente havia aprendido magia e isso me deixava muito feliz.

Neandro contou que a minha facilidade em aprender magia provavelmente era um reflexo do feitiço que estava sobre mim. Provavelmente o nível de magia que me foi “doador” me ajudou a entender mais rápido as magias que me eram ensinadas. Isso era um tanto surreal para mim, as vezes até sem noção.

No final do ultimo dia, minhas aulas foram interrompidas da pior forma que eu poderia querer imaginar.

Linfa estava trazendo um lanche para nós dois, como fez durante toda a semana. Neste dia ela havia demorado um pouco e fomos ver o que havia acontecido. Novamente Linfa estava desmaiada, desta vez na montanha e seu estado não parecia nada bem.

Seu rosto estava pálido demais e seu corpo estava muito quente. Havia pequenas bolinhas rochas

em volta de seus olhos e sua boca estava muito inchada. Ela suava muito e estava demorando demais em acordar. Levamos imediatamente para dentro de casa.

– Eu vou chamar um médico! – Neandro já estava na porta – Fique e vigie!

Fique e vigie? Vigie o que exatamente? Além de nervosa com o estado de Linfa, estava agora ficando com medo também. O que poderia acontecer? Vigiar o que? Não demorou muito para as respostas chegarem.

Estava olhando para porta, quanto vi algo se movendo. Não havia visto o que era, mas tinha certeza que havia visto alguma coisa. E não era nada agradável estar sozinha com uma “coisa” rondando a casa.

Com muito medo, fui até a porta – que estava semi aberta – e olhei pela greta tentando encontrar o que eu havia visto. Nada.

Tomei coragem e continuei procurando, mas continuei sem achar nada. Teria sido uma ilusão da minha cabeça? Provavelmente devido a essa minha semana cheia somado ao estado de saúde de Linfa.

Estava voltando aliviada para casa quando, novamente, vi um vulto passando, desta vez seguindo para montanha. Tentei ignorar, mas acabei indo verificar o que era. Se eu estivesse na Terra não estaria com tanto medo, saberia que era mais provável ser minha imaginação. Mas em Ofir eu já não tinha certeza

de nada, tudo ali poderia acontecer e isso não era nem um pouco reconfortante.

Cheguei perto da montanha e então vi, parado bem na minha frente, um lobo imenso. Realmente imenso. Sem dúvida o maior que já havia visto. Meu corpo estremeceu de cima a baixo.

Era um lobo de pelo menos dois metros e meio de altura – não queria nem saber quanto ele media sob duas patas –, sua cor era meio alaranjada e por alguns instantes pensei que fosse uma raposa, mas como se lesse meus pensamentos, o lobo mudou de cor e ficou um cinza prateado. Em seus olhos estavam dois buracos vazios, apenas com uma mecha de fogo que às vezes saía de dentro dos buracos.

Suas presas eram como espadas de samurai e as suas patas eram quase do meu tamanho. Seu rabo balançava lentamente de um lado para o outro e senti minhas pernas me abandonarem.

Tentei ficar calma, mas não conseguia – era impossível ficar calma. Ele era o ser mais assustador que já havia visto. Era o momento de maior medo que já havia passado e sem dúvida naquele momento pensei ter certeza de que nunca mais voltaria para casa.

Foi quando reparei que já se passara um bom tempo e o lobo não havia sequer se mexido. Só então percebi que ele ainda não havia notado a minha

presença. Ou pelo menos estava muito concentrado com alguma coisa.

Continuei parada, se ele não havia me visto , era melhor fazer o máximo para não chamar a sua atenção.

Ele continuou ali por mais alguns minutos, depois virou o rosto para as montanhas, como se tivesse ouvido algo. Ele pareceu olhar fixamente para o sol, que já estava se pondo.

Tentei sair sem ser percebida, mas ao meu primeiro passo seu rosto virou em minha direção. Ele farejou o ar e pareceu surpreso. Abaixou a cabeça e começou a farejar as coisas, até chegar perto de mim. Pensei que também iria desmaiar quando ele cheirou o meu cabelo.

Para minha sorte, ele novamente olhou para as montanhas. Ele começou a correr entre as árvores – que passavam por dentro dele – e literalmente voou e sumiu no ar.

Permiti-me cair no chão e esperar que tudo acabasse logo. Era impossível viver com tanta adrenalina.

Quando Neandro chegou com o médico pensei em contar sobre o lobo, mas ele estava tão aflito com o estado de saúde de Linfa que preferi deixar para depois.

– Isso é grave? – Neandro estava muito preocupado e ansioso.

– Serei sincero, o estado dela não é nada bom!
– o médico examinava os olhos dela. Ela ainda estava desacordada. – Pelos sintomas...

– O que pode ser? – Neandro esfregava as mãos.

– Acredito que seja envenenamento!

– Envenenamento? – Neandro.

– Envenenamento? – perguntei em seguida.

– Envenenamento! – ele assentiu – E, apesar de conhecer pouco, acredito que seja magia!

– Mas que poderia ter feito isso? – Neandro estava apavorado.

– E tudo o que posso descobrir. – o médico parecia tão preocupado quanto Neandro, mas disfarçava melhor. – Enquanto ela não acordar não poderemos saber exatamente o que aconteceu.

Neandro agradeceu ao médico e o levou até a porta. Suas feições eram extremamente depressivas e nesse momento achei importante contar sobre o lobo.

– Neandro? – chamei.

– Sim? – sua voz estava chorosa.

– Eu... Hoje... Bem... Hoje, pouco depois de você sair, aconteceu uma coisa muito estranha. – ele ouviu, mas não respondeu nada – Eu não sei dizer exatamente, mas acho que vi um lobo rondando a casa.

– Um lobo? – ele estranhou.

– Sim, um lobo! – confirmei. – Mas não era um lobo comum, ele era...

– Neandro? – uma voz rouca e quase sem forças ecoou pela casa. Era Linfa.

Neandro correu para o quarto e eu fui junto com ele. Esqueci-me completamente da história do lobo na esperança de ver Linfa melhor. Mas não foi exatamente isso que encontrei.

O estado de Linfa estava pior do que quando o médico a estava examinando e ela parecia suar ainda mais. Seus olhos estavam com grandes voltas roxas, como se ela não tivesse dormido há meses e sua pele estava ficando alaranjada.

Lembrei imediatamente da hora em que o lobo estava alaranjado, que cheguei a pensar que era uma raposa. Teria aquele monstro feito algo a Linfa?

Tentei terminar de contar sobre o lobo, mas não tive oportunidade e nem forças. Estava tão preocupada com o estado de Linfa que não consegui proferir mais nenhuma palavra, por menor que fosse.

Aquela noite foi difícil. Revezamos eu e Neandro para ficar de olho na porta. Os soldados, que durante o dia ficavam entre as fronteiras da cidade com a casa, ficaram a noite inteira cercando as montanhas e a entrada da casa. Todo cuidado era pouco.

Tive um sonho muito estranho quando terminou o meu turno de vigia. Mas eu esperava sonhar com ele aquela noite. O maldito lobo.

“Ela não ssssobreviverá” uma voz feminina estranha ecoava entre as montanhas.

“Ainda existe a esperança” uma voz masculina também ecoou em minha cabeça.

“Eu não acredito que elesssss chegaram a tempo!” a voz feminina. “Todosssss morreram”

“Para de dizer besteiras” a voz masculina se mantinha seria.

“Não haverá mortes, nem tragédias. A menina chegou, esqueceram?” uma voz masculina calou todos os sons. Era uma voz grossa e poderosa. Uma voz intimidadora e imponente.

“Masssss ela pode não ssssser a menina!” a voz feminina mantinha o pessimismo na conversa.

“Impossível!” a voz imponente soprava um vento forte nas montanhas “A profecia irá se cumprir!”

“Sim, ele deve se cumprir” a voz masculina.

“Masssss e ssssse ela não ssssse cumprir?” a voz feminina já estava me irritando. Notei que a voz feminina parecia com uma voz reptiliana, como se uma cobra estivesse falando – caso isso fosse possível.

“Ela irá se cumprir” outro vento forte soprou neste momento “Eu já vi, ela irá se cumprir. Independente da escolha que a menina tomar, a profecia irá se cumprir!”

“Eu ainda não acredito” a voz feminina. “Masssss, vamosssss dar tempo ao tempo. Talvez eu esssssteja enganada”

“Eu acredito em você!” a voz masculina parecia querer acalmar a voz imponente. Então ele apareceu.

O lobo, com seus dois metros e meio, seus olhos flamejantes e com seus dentes afiados parecia estar olhando diretamente para mim. O vento era muito forte e seus pelos estavam se inclinando para direita, alguns fios se soltando e seguindo juntos com folhas, grama e areia na direção do vento.

O lobo abaixou a cabeça e abriu sua imensa boca. Ele deixou cair um pequeno objeto, parecia uma aranha de metal.

Não era uma aranha muito grande, pouca coisa menor que a palma da minha mão, porém pesada. Sua cor metálica brilhante estava escurecendo e se tornando preta e abrumada.

Acordei com os sacolejos de Neandro. Percebi que estava no quarto dele e de Ninfa e que estava com algo na mão.

– Beatriz? – consegui ouvir melhor a voz dele – Você está bem?

– Eu... Eu... Eu... – estava sem palavras.

– Você estava andando pelo quarto e começou a procurar algo no chão. – Neandro acendeu as velas – Fiquei preocupado.

Olhei para minha mão. Lá estava ela, a aranha. Sua cor voltava a ser de um prateado brilhante e parecia mais ameaçadora nos meus sonhos. Quase mortal.

– Pelo visto você achou o que procurava. –
Neandro me fitava desconfiado.

– O que é isso? – perguntei assustada.

– Isso – ele estava serio – É um recipiente para líquidos. Isso é geralmente usado para guardar um líquido que queira passar despercebido, na maioria das vezes e usado para transportar veneno.

Eu estava extremamente assustada e Neandro me olhava de um jeito ainda mais assustador. Ele parecia estar seriamente desconfiado. Poderia ser impressão minha, mas acho que Neandro não gostou de me ver com aquilo na mão.

CAPÍTULO 8 / A PROFECIA DE MALLORY



nde você conseguiu isso? – Neandro cochichava.

– Eu... Eu... Eu... – não sabia o que dizer.

– Isso é muito grave! – Neandro tomou o objeto da minha mão – Como isso veio parar aqui?

– Eu realmente não sei! – disse assustada.

– Hum... Hum... Hum... Huum... Hum... – Linfa parecia estar resmungando.

– Neandro, eu juro, não sei como... – baixei a voz.

– Vamos para sala. – Neandro me ignorou.

– Neandro... – tentei me explicar novamente.

– Vamos para sala!

Seguimos até a sala e Neandro continuou a me olhar feio. Estava ficando com medo do que Neandro poderia estar pensando de mim, eu não podia ganhar mais um inimigo.

– Por que você estava atrás disso? – ele agora parecia estar brigando.

– Neandro, eu juro que não sei... Você está pensando...

– Por enquanto eu não estou pensando nada. – ele abaixou a voz. – Só me responda o que te perguntei!

– Eu não sei... Fui dormir e então... E então... E então eu tive um sonho... Eu... Tive... Um sonho muito estranho. – começava a me lembrar.

– E o que exatamente aconteceu neste sonho? – ele olhou fixamente para mim.

– Eu... Não me lembro direito. – forcei a mente – Havia... Havia uma voz... Não, havia varias vozes, três vozes. Era uma voz horripilante de cobra e mais duas vozes masculinas, sendo uma das vozes muito assustadora, fazia o vento soprar de forte.

– O que essas vozes diziam? – ele parecia não querer soltar a aranha metálica.

– Eles falavam... Não discutiam, sim, eles discutiam sobre uma profecia.

– Profecia? – ele começava a se interessar – Que tipo de profecia?

– Eu não sei, eles não diziam. – cocei a cabeça tentando lembrar – Eles apenas diziam que ela ia se cumprir. A voz que fazia o vento soprar disse que já havia visto isso. E depois...

– E depois?... – ele agora estava melhor.

– E depois um lobo... Um lobo me entregou isso! – a imagem veio limpa e clara na minha mente – Sim, o lobo que vi hoje, ele me entregou isso no sonho. E então... Eu estava no seu quarto, segurando essa coisa.

Neandro coçou o queixo e fitou o teto. Ele parecia estar pesando tudo o que eu havia lhe dito. Não sei qual foram os pensamentos de Neandro quando me viu pegando o objeto, mas estava torcendo para ele não pensar que eu pudesse ter algo haver com o envenenamento de Linfa. Eu já a adorava, como se fosse uma irmã, nunca faria nada que pudesse prejudicar-la, muito menos algo que pudesse lhe tirar a vida.

– Lobo... Lobo... Entendo. – ele continuava fitando o teto.

– Você sabe de alguma coisa? – perguntei ansiosa.

– Não, nada. Apenas raciocinando. – ele finalmente colocou a aranha metálica em cima da mesa, coisa que parecia querer fazer desde que chegou a sala. – Pelo menos nós já sabemos que a Linfa foi *realmente* envenenada – ele não parecia muito mais reconfortado com a novidade – Vigie isso! – ele apontou com os olhos para aranha – Não acredito que ela possa voltar a andar, mas nunca se sabe.

– Volta a andar? – estava confusa.

– Essas aranhas são traiçoeiras, funcionam apenas se tiverem algum liquido guardado em sua carapaça. Depois que despejam o liquido, elas simplesmente param de funcionar. – ele sorriu – Mas algumas costumam fugir, mesmo sem liquido algum. Não acredito que seja o caso dessa, mas como disse, nunca se sabe.

Ele foi até a cozinha, abriu a porta de um armário alto e pegou um tipo de martelo grande. Que coisa... Já estava vendo o que ele ia fazer.

– BUM!

Em uma única cacetada a aranha explodiu em mil pedacinhos. Se havia alguma chance dela voltar a “viver”, essa chance já havia morrido e estava prestes a ser enterrada.

– Volte a dormir. Tente descansar mais um pouco, eu também farei o mesmo. – Neandro varria os pedaços da aranha – Amanhã Alexis virá cedo. Se bem conheço esse meu irmão, ele provavelmente estará aqui quando o dia amanhecer. Quando ele se infensa com alguma coisa...

Fechei os olhos e pensei comigo mesma: “Realmente, dormir é o melhor que eu posso fazer agora.”

O resto da noite foi tranquila. Não houve sonhos, nem pesadelos, nem vozes e – ainda bem – nenhum sinal de lobos de dois metros.

Acordei bem cedo. Não queria que Alexis me pegasse dormindo, então resolvi madrugar. O dia já estava claro, mas o cheiro fresco da manhã me fez ter certeza de que não era muito tarde, provavelmente umas 07:30.

Fui até a sala e vi – no canto da porta – os restos da aranha ao lado da vassoura. Pensei em jogar

no lixo, mas achei melhor não, ainda não tinha idéia do que poderia acontecer com a aranha, mesmo estando completamente destruída.

Fui até a cozinha e vi Neandro sentado, fazendo algo para beber. Pelos roxos em seu olho, ele provavelmente não havia cumprido com o prometido e havia ficado a noite inteira acordado.

– Já de pé? – ele perguntou junto a bocejos.

– Você não disse que era melhor acordar cedo, por causa do Alexis? – brinquei.

– Sim, sim. – mais bocejos – Alexis, sim.

– Você pelo visto nem dormiu! – peguei uma xícara e coloquei um pouco de leite.

– Não consegui pregar o olho. – ele bocejou mais uma vez, o que me fez bocejar também – Estou pensando... Quem poderia querer envenenar a Linfa?

– Você realmente não faz idéia? – perguntei imaginando a resposta.

– Não. – ele bebeu um gole do que estava em sua xícara. Pelo cheiro, era café

– A Linfa não era adorada pelas pessoas desta cidade, mas a ponto de alguém a querer morta?... Não, isso não é possível!

A conversa foi interrompida por um “Toc, Toc, Toc” na porta. Já até sabia que estava atrás dela: ALEXIS.

– Olá! – ele cumprimentou hispido.

– Olá! – respondi exatamente da mesma forma.
– Onde está Neandro? – ele continuou hípido.
– Na cozinha! – eu continuei da mesma forma.
– Poderia chamar-lo? – ele deu um olhar forçadamente educado.

– Pois não. – referenciei de forma debochada.
Ainda não havia o perdoadado por tudo o que havia feito comigo.

Neandro já estava na sala quando me virei. Ele me olhou repreensivo e fez um gesto com a mão que logo entendi como um “menos Beatriz, menos”.

– O que foi resolvido? – perguntei ansiosa.
– O Cristal de Dâmaris é uma alternativa arriscada, meu pai proibiu qualquer pessoa de ir atrás dele. – Alexis não respondeu para mim.

– E o que ele sugeriu? – Neandro perguntou.
– Ele sugeriu que esperássemos. – Alexis parecia desesperado – Ele disse que encontraria um jeito de levar a Beatriz de volta.

– Beatriz? – perguntei surpresa, mas fui ignorada.

– Parece que não foi desta vez que você conseguiu permissão para encontrar o Cristal de Dâmaris! – Neandro estava claramente gozando da cara do irmão. – E quanto a... Mallory?

– Ainda é cedo, mas ele também acredita que a profecia esteja perto de se cumprir! – Alexis parecia não querer comentar sobre a profecia perto de mim.

– Acho que já está na hora de vocês me contarem sobre essa profecia! – falei alto – Eu tive um sonho com ela!

– Você... Sonhou? – Alexis estava surpreso.

– Sonhei! – disse como se fosse um grito de guerra.

– O que exatamente que você sonhou? – Alexis sentou-se um pouco mais perto de mim.

– Ela sonhou com um lobo! Um lobo bem grande! – Neandro parecia saber exatamente de que lobo estava falando.

Os olhos de Alexis se arregalaram de forma tão surpresa que cheguei a pensar que iriam saltar para fora. Ao que parece, esse lobo era bem conhecido por eles.

– Vocês sabem alguma coisa sobre o lobo? – perguntei ansiosa.

– Não. – eles responderam um pouco estranhos.

– E a profecia? – gritei – Vocês ainda não me contaram sobre a profecia!

– Não sei se posso... – Alexis começou, mas foi interrompido por Neandro.

– Acho que já está na hora de contar-la. – Neandro virou-se para mim.

– Sim, já está na hora de me contarem tudinho sobre essa profecia! – aticei.

– Não sei se seria o melhor momento. – Alexis parecia gostar de me esconder às coisas. – Nem sabemos se ela é realmente ela!

– Como assim? – perguntei quase gritando – Eu sou eu, se isso tem haver comigo, eu tenho o direito de saber!

– Concordo com ela! – Neandro sentou ao meu lado e cruzou os braços – Quem mais poderia ser a Mallory?

Alexis fez a sua famosa sequência de bufar, balançar a cabeça e olhar para o alto. Desta vez ele coçou o olho, esfregou a testa, olhou para o nada e deu três soquinhos leves no queixo.

– Tudo bem. – ele fechou os olhos – Eu irei lhe contar. – ele respirou fundo – Há alguns anos, minha mãe teve um sonho. A principio ela não entendeu direito, mas após alguns estudos ela descobriu que se tratava de uma profecia, que ela batizou de “A Profecia de Mallory”.

– E o que dizia essa bendita profecia? – estava ansiosa.

– A profecia dizia que uma traição ocasionaria uma grande guerra. Ela descrevia que chegava a Ofir uma guerreira de longos cabelos negros e olhos amarronzados. Exatamente como você!

– Mas eu não sou uma guerreira! – gritei. Ele continuou.

– Essa guerreira, junto a 6 outros guerreiros, travaria uma batalha que colocaria um fim em tudo

isso. Essa guerreira então poderia escolher entre continuar em Ofir e ajudar ao mundo a prosperar e continuar em paz, ou...

– Ou?... – perguntei.

– Ou poderá voltar para seu mundo e trazer serias consequências para Ofir.

– Então você está dizer que...

– Se você voltar para seu mundo, poderá por em risco a existência de toda Ofir! – Neandro me interrompeu e me deixou preocupada.

– Então eu não voltarei para casa? – perguntei indignada. – Não, não, não! Eu não quero ficar aqui, eu não posso. Não é justo eu ter que pagar por um mundo que nem é o meu.

– Mas... – Alexis tentou falar. Interrompi

– Eu não pedi para vir, eu não pedi para me escolherem. Eu tenho uma vida na Terra, eu não posso simplesmente abandonar tudo por vocês!

– Beatriz?... – desta vez Neandro foi o interrompido.

– Não, eu não aceito isso! – ameacei chorar.

– As profecias nem sempre acontecem como são mostradas. – Alexis começou a explicar – Nós podemos escolher, tentar fazer diferente. Às vezes é impossível mudar o destino, mas às vezes conseguimos.

– E o que você pretende fazer? – Neandro perguntou desconfiado.

– Eu vou precisar de sua ajuda... – Alexis olhou para Neandro um pouco mais amigável do que de costume.

– O que você vai querer aprontar agora? – Neandro ficou ainda mais desconfiado.

– Eu quero ir atrás do Cristal de Dâmaris! – ele foi bem direto.

Neandro deu um pulo do sofá e arregalou os olhos.

– Mas você acabou de dizer que papai proibiu a busca pelo cristal?

– Eu não vou esperar até eles encontrarem uma solução! – Alexis se levantou – Essa menina me incomoda. – nesta hora me senti estranha – E eu também não irei esperar até o meu pai dar permissão para eu ir atrás do cristal.

– Você não pode desobedecer às ordens do papai! – Neandro se levantou também.

– Aprendi com você, maninho. – Alexis e seu tom debochado.

– O meu caso foi diferente! – Neandro se defendeu.

– Não, não foi! – Alexis rebateu – Eu também tenho motivos justos para ir atrás do cristal.

– E desde quando se tornar “o maior espadachim de Ofir” é um motivo justo? – Neandro provocou.

– Eu não irei por causa disso. – Alexis olhou para mim e voltou a fitar Neandro – Eu irei pedir para encontrar a minha mãe.

– Alexis... – Neandro agora começou a falar em um tom mais consolador, colocando a mão no ombro de Alexis – Aceite, a mamãe não está mais viva.

– Ela está viva! – Alexis gritou – Essa noite... Essa noite eu a vi.

– Você o que? – Neandro deu outro pulo.

– Eu a vi no meu quarto. Era uma mensagem, muito fraca, mas eu pude ter certeza que era minha mãe. – Alexis parecia emocionado – Não pude ver onde ela estava, a mensagem não tinha força o suficiente para isso.

– Mas ela falou alguma coisa? – Neandro perguntou espantado.

– Não. – Alexis ficou intrigado – Ela ficou o tempo inteiro parada, como se estivesse... congelada. Eu não sei dizer, mas ela me enviou essa mensagem para avisar que está viva!

– Então... Ela não foi morta por Bianor. – Neandro continuava surpreso.

– Acredito que ela tenha sido sequestrada. – Alexis andou alguns passos em direção a cozinha.

– Eu ainda não sei se desobedecer às ordens do papai vai ser a melhor saída. – Neandro sentou.

– É a única saída! – Alexis virou-se para Neandro, com os punhos fechados como se quisesse por mais determinação em suas palavras.

– Mas você nem sabe onde encontrar-los! – Neandro tentava tirar a idéia do irmão da cabeça.

– Eu sei! Eu encontrei...

– Desculpe interromper... – entrei no meio da conversa – Esse cristal, se alguém puder ir atrás dele, poderá resolver o nosso problema?

– Seria a primeira quebra na profecia! – Alexis respondeu animado

– Mas Alexis, isso pode não ser muito bom. Você sabe que tentar quebrar profecias pode ser fatal! – Neandro alertou.

– Mas não temos nada a perder. – Alexis olhou para mim – Concordo com ela, não é justo ela ficar aqui. Se Ofir for destruída, pelo menos nós tentamos. Eu não irei deixar de lutar contra Bianor.

– Eu ainda acho muito arriscado. – Neandro agora estava preocupado.

– Você não vai dizer nada ao meu pai? – Alexis fez um olhar pidão.

Neandro fez a famosa sequência de bufar, balançar cabeça, olhar para o céu e fechar os olhos.

– Você precisa de mim para o que? – Neandro havia concordado.

– Obrigado! – Alexis parecia aliviado – Você sabe que teremos que usar navios...

– Não... Não, não, não, não! – Neandro se levantou – Você não está querendo que...

– Por favor, não existe ninguém em toda Ofir que sabe melhor de barcos e navios do que você! – Alexis continuou com seu olhar pidão.

– Alexis, eu não posso... Linfa... Ela foi envenenada! – Neandro se entristeceu.

Fomos até o quarto de Linfa e Neandro. Alexis queria ver-la.

Ela estava deitada, suas roupas – assim como as roupas de cama – estavam ensopadas de suor e ela estava com a pele ainda mais alaranjada do que da última vez que a vi. Seus olhos agora estavam completamente roxos, das sobrancelhas até perto do nariz.

Alexis pareceu estar segurando as emoções. Parecia não querer demonstrar pena, comoção ou solidariedade, mas seus olhos estavam tristes e isso já era o bastante para saber que Alexis havia ficado comovido.

– Entende? – Neandro virou-se para o irmão – Eu não posso deixar-la.

– Mas o que você poderá fazer? – Alexis ficou sério.

– Eu irei encontrar algo. – Neandro parecia não confiar muito nisso.

– E se você não encontrar? – Alexis tentava encorajar o irmão – Venha conosco, você pode pedir para o cristal uma solução para Linfa!

Alexis tentou novamente o olhar pidão. Pareceu não estar funcionando desta vez.

Neandro ficou alguns segundos olhando para Linfa, que se mexia, limitada e vagarosamente, para os lados.

– Então... O que me diz? – Alexis pareceu esperançoso.

Neandro continuou olhando para Linfa, como se estivesse tentando salvar-la apenas com o seu olhar. Ele fechou os olhos e suspirou fundo.

– Eu não posso deixar-la! – Neandro olhou triste para mim e Alexis – Podem ir tranquilos em busca do cristal, eu não irei falar nada para ninguém.

Alexis olhou decepcionado, mas pareceu entender o irmão. Deu dois tapinhas nas costas de Neandro e deu uma rápida olhada em Linfa, que continuava se mexendo.

– Caso mude de idéia... Nós partiremos amanhã, bem cedinho, as 05:30. – Alexis saiu do quarto. – Você já arrumou suas coisas?

Olhei para os lados e gesticulei como se estivesse perguntado “É comigo” e ela pareceu entender.

– Você quer voltar para casa, certo? – ele estendeu as duas mãos.

– Ah, claro! – lembrei – Eu vou voltar para o castelo?

Coei a parte de trás da cabeça e dei um sorriso sem jeito. Alexis olhou para mim, suspirou fundo e fez

a famosa sequência de família, saindo do quarto em seguida.

Definitivamente eu não fazia a menor idéia do que viria acontecer comigo daqui por diante. Mas desta vez isso não pareceu tão ruim.

CAPÍTULO 9 / A ARMADILHA, A DECISÃO DE NEANDRO E A VOLTA DO ESTRANGEIRO

*A*ssim que peguei minhas coisas fui imediatamente para a sala. Alexis e Neandro estavam sentados, completamente calados.

– Nós iremos direto para o castelo? – perguntei.

– Não, vamos passar em alguns lugares antes. – ele respondeu sorrindo.

– Alexis... – Neandro olhou torto para ele – O que você vai aprontar ainda?

–Eu descobri onde está um dos cristais! – ele parecia maravilhado.

– Como? – Neandro ficou curioso.

– Eu pesquisei muito. – ele começou empolgado – Desde antes de Bianor nos trair eu estava pesquisando sobre a possibilidade de um dos pedaços do cristal estar aqui, na capital. Afinal, Dâmaris vivia na ilha de Ofir!

– Faz sentido. – Neandro concordou. – Mas como você descobriu?

– Eu acabei encontrando, dentro de um fundo falso de um livro antigo, bem escondido, alguns papéis chios de anotações. As anotações estavam escritas em Ofir antigos, antes da nova civilização, por isso demorei um pouco mais para traduzir tudo.

– E o que você conseguiu? – agora eu que perguntava.

– Nas anotações estava escrito onde os cristais estavam. – Alexis estava radiante.

– Mas ele dizia a localização exata? – pela cara de Neandro, ele estava achando tudo fácil demais.

– Não! – Alexis respondeu e Neandro fez uma cara de “sabia!” – De exato apenas os nomes dos reinos onde cada cristal está. O resto, as anotações deixam apenas dicas... Pistas de onde os cristais estão escondidos. E a primeira pista é a do cristal de Ofir.

– E o que dizia a primeira pista? – perguntei.

– *Sou parte da história, meu melhor amigo é o tempo. Estou sempre correndo, mas nunca saio do lugar. Minhas portas só se abrirão, para os nobres de coração.*

– O relógio de Ofir! – Neandro pareceu espantado.

– Exato! – Alexis sorriu e começou a explicar a charada – *Sou parte da história*: o relógio foi a 1ª grande construção de Ofir. *Meu melhor amigo é o tempo*: Obvio, ele é um relógio. *Estou sempre correndo, mas nunca saio do lugar*: As horas, ou os ponteiros, eles estão sempre correndo, mas o relógio continua parado no meio da praça. *Minhas portas só se abrirão, para os nobre de coração*: simplesmente a peça chave para descobrir de qual relógio a pista estava se referindo.

– Por quê? – perguntei sem entender.

– O relógio de Ofir foi um dos grandes esconderijos de criaturas errantes durante a

construção da nova civilização. – Neandro começou a explicar – Eles causavam muitos problemas e por isso o relógio foi enfeitado. Apenas quem fosse da família real poderia entrar no relógio.

– E é para lá que estou seguindo agora! – Alexis estava muito feliz.

– O que são essas malas? – perguntei.

– São minhas! – ele sorriu – Mandei comprar algumas roupas de plebeu, como essa que estou usando. Não deixe cair nada, por favor!

Olhei para cara dele e ele ficou me fitando confuso. Sorri e gradualmente o sorriso foi se transformando em uma gargalhada de fazer cair lágrimas.

– Gostei... He, he... Gostei da piada! – bati no peito tentando parar um pouco a crise de risos.

– Piada? – ele olhou confuso – Que piada?

– Espere um minuto – gritei – Você está querendo que eu leve as minhas e as suas malas?

– Quem mais você acha que poderia levar?

– Não, não, não, não! – joguei as minhas malas no chão – Eu não vou levar essas malas!

– Claro que vai! – ele estufou o peito – Acha que eu irei levar essas malas. O príncipe de Ofir, futuro rei, carregando suas próprias malas! Ha, ha... Isso sim que é piada!

– Então vai ficar sem suas roupas de plebeu, eu que não vou carregar isso. – peguei minhas malas de volta e passei por cima das dele.

– Mas é muita insolência! – ele gritou. – Não aprendeu nada mesmo. Também, vivendo com desordeiros...

– Eu simplesmente não sou escrava de ninguém! – respondi – Se quiser, que leve você as suas malas, ou peça para um desses seus paus mandados para levar as malas pra você.

– Mas não ordenei que meus guardas levassem minhas malas, eu atarefei isso a você.

– E você realmente achou que eu levaria suas malas? – sorri debochada – Acho que você não é um estúpido, apenas um inocente. Coitado, acho que realmente estava acreditando que iria levar as malas pra ele.

– Ainda vai pagar por isso plebéia insolente! – ele gritou.

– Sabe que prefiro que me chame de plebéia insolente. Meu nome não é para estar em qualquer boca. – gritei ainda mais alto.

– O que está acontecendo aqui? – Neandro abriu a porta.

– É ela! – Alexis começou a falar feito criança – Ela não quer levar as minhas malas.

Fiz língua para ele e cheguei a pensar em mostrar o dedo do meio, mas achei que poderia ser arriscado. Isso levando em conta que ele entenderia o que aquele gesto significa.

– Alexis – Neandro sorriu – Não precisa passar uma semana na companhia da Beatriz para saber que ela nunca faz o que não quer.

– E é exatamente isso que me preocupa. – ouvi Alexis sussurra.

– Alexis, não fique implicando tanto com ela. A Beatriz é uma garota legal.

– Viu? – provoquei. Neandro me advertiu com os olhos.

– Mas quem vai levar essas malas? – Alexis realmente estava disposto a não levar suas próprias malas.

– Peça para um de seus guardas. – Neandro apontou para os guardas na frente da entrada para cidade.

Se soubesse que iria ter que levar as malas apenas até uma carroça, eu teria dado um tapa em Alexis, e mandado deixar de ser preguiçoso. Não era nem meio metro, consegui carregar as minhas sem cansar.

A carroça era até bonitinha – para uma carroça – e lembrava as carroças de filmes de bang bang, com uma grande lona amarela, parecendo um chapéu gigante. Havia legumes, verduras e frutas em várias caixas guardadas ao fundo da carroça.

– Devemos passar despercebidos. – Alexis respondeu assim que me viu fitando as caixas.

– Viramos feirantes? – perguntei. Alexis assentiu.

Dois guardas subiram na parte da frente da carroça. Eram eles que conduziriam.

– Nós ficaremos junto com a bagagem? – perguntei assustada. Alexis assentiu novamente. – Você vai junto com a bagagem?

– Está surpresa? – ele perguntou.

– Para ser honesta, sim! – respondi subindo na carroça.

– Eu não sou assim tão metido como você pensa. – ele entrou em seguida.

Ele se sentou ao meu lado. Olhei para ele. Estava muito perto de mim. Olhei para o chão e o empurrei, sem dizer nada. Fiz com o dedo uma linha imaginária.

– Você fica aí, eu fico aqui! – disse enquanto pegava uma maçã.

Durante a viagem, fiquei olhando os dois guardas sem armaduras. Eles pareciam tão menos pavorosos e letais sem aquelas armaduras.

De repente, um solavanco. A cena a seguir não seria muito aconselhável para crianças. A carroça jogou Alexis para cima de mim. O momento foi muito rápido, quando olhei novamente estava apavorada.

Alexis com as pernas abertas e o corpo quase completamente apoiado em cima de mim. Eu estava imóvel. Sua respiração, assim como a minha estava

acelerada. Eu não estava entendendo direito o que estava acontecendo, foi quando eu vi.

Ele estava olhando, eu sei que estava. Com o sacolejo da carroça, ele acabou puxando a alça do meu vestido, deixando o meu sutiã a mostra. Mas o pior na foi isso, senti algo... Crescendo.

– TARADO! – gritei, dei um tapa no seu rosto e uma joelhada nas suas “partes sensíveis”.

– Aaaaa! – ele gritou de dor – Você quer me matar?

– Nunca mais faça isso outra vez! – gritei e dei outro tapa, desta vez em suas costas.

– Isso o que sua maluca? – ele continuava gemendo de dor e segurando “aquilo”.

– Não se faça de bobo. – olhei feio para ele – Você sabe muito bem do que estou falando. Pervertido!

– Sua louca, maluca, doida! – aparentemente a dor começava a passar.

– Está tudo bem? – um dos guardas perguntou.

– Esse tarado, tentou me atacar! – fiz-me de vítima.

– Mentira! – ele protestou ainda com as mãos segurando “aquilo” – Ela me atacou sem nenhum motivo, essa garota é completamente louca.

– Não acreditem nele! – aponte para Alexis – Tarado, tarado, tarado!

– Doida, doida, doida! – ele rebateu.

Os guardas se entreolharam e voltaram a conduzir a carroça.

– Nos ignoraram. – disse perplexa.

– Nos ignoraram. – Alexis concordou.

Ficamos em silêncio até o fim da viagem. Tentamos nos afastar o máximo possível e evitar os solavancos da carroça para que cenas como aquela não se repetissem. Seria extremamente constrangedor imaginar Alexis conseguindo retirar mais que a alça do meu vestido. Eu realmente não queria que isso acontecesse.

Chegamos ao relógio. Ele parecia mais alto. Talvez fosse o fato de só ter-lo visto uma vez de perto. Mas algo estava diferente nele, parecia estar emanando um aviso de perigo entre as pedras de tijolos de que era feito.

Alexis se levantou, mas a carroça não era assim tão grande e acabou tendo que ficar com a cabeça inclinada.

Ele fechou os olhos e pareceu se concentrar muito. De repente suas pernas começaram a desaparecer, em seguida sua barriga, depois os braços e por fim a cabeça até ele sumir completamente.

– Eu vou, você fica! – ouvi sua voz.

Senti-o saído da carroça. Algo me disse que era melhor acompanhar-lo. Não sei explicar, mas vezes

começavam a falar para eu o seguir-lo, seria mais seguro duas pessoas no relógio.

Forcei um pouco a mente para lembrar como era o feitiço da invisibilidade. Lembrei.

– Levisivini! – disse a palavra mágica para acionar a magia. Neandro disse que com o tempo eu aprenderia a usar a magia sem precisar dizer as palavras mágicas.

Fui até a parte de trás do relógio. Havia uma porta, uma grande porta. Era branca e tinha a água que havia visto no castelo gravado em cima da porta.

Vi um brilho passando por entre a fechadura e a porta se abrindo em seguida. Era Alexis. Corri, mas a porta fechou.

Sentei no chão e fiquei esperando ficar visível de novo. Mas antes que isso acontecesse à porta se abriu.

Fiquei com um pouco de medo de entrar, mas depois consegui tomar coragem e entrei enquanto a porta ainda estava aberta e o feitiço ainda estava funcionando. Assim que a porta fechou, desfiz o feitiço.

Dentro do relógio a sensação de perigo era ainda maior que do lado de fora. As paredes eram roxas e havia uma grande – muito grande mesmo – escada que deveria levar até o topo do relógio. O cheiro de mofo era muito forte e havia teias de aranha espalhadas, por todo canto. Ainda tinha também o

“tique taque” do relógio, que do lado de dentro era mais alto que do lado de fora – esperava estar bem longe dali quando desse meio-dia.

Subi as escadas e pude ver Alexis um pouco mais a frente. Ele continuava andando, sem olhar para trás – ou para baixo. Pensei em chamar-lo e pedi para que esperasse, mas achei melhor seguir e ver até onde ele iria. Se eu o chamasse agora, ele mandaria eu voltar.

O “tique taque” fica quase ensurdecedor a media que íamos ficando mais perto do motor do relógio. Tentei tapar os ouvidos, mas ainda assim o som era incomodante. Alexis parecia não se importar, mas minha cabeça estava quase explodindo.

Depois de muitos degraus, finalmente chegamos ao topo do relógio. Por incrível que pareça, o som do “tique taque” havia sumido completamente, ao contrario do que pensava. Era o silêncio absoluto.

No topo do relógio havia uma grande sala. Era uma sala vazia, aos fundos os motores e todos os maquinários necessários para fazer o relógio funcionar, mas sem emitirem um som sequer. Podia ver o sol entrar pela vidro do visor e a sombra de um grande XII no chão.

Alexis me viu e começou a falar, mas não ouvi um som sequer sair da sua boca. Ele estranhou, mas continuou falando. Tentei perguntar o que ele estava dizendo, mas minha voz também não saía.

Ficamos assustados. Alexis olhou para mim, fez toda a serie de expressões – bufar, balançar a cabeça, olhar para cima e fechar os olhos – e deu alguns passos para trás, na minha direção, puxando o meu braço. No mesmo estante senti um vento passar na minha frente. *Vuuuummm*. Reparei que havia pisado em algo, tipo um botão. Alexis me jogou no chão e outro *vuuuummm* passou por cima de nós.

Dois ponteiros imensos e bem afiados balançavam de um lado para o outro, se Alexis não tivesse dado alguns passos para trás teria sido atingido. Logo em seguida o chão da sala se abriu, e por uma fração de segundos não caímos não sei quantos metros abaixo, mas dois ponteiros fiados apareceram.

É uma armadilha!, pude ler os lábios de Alexis.

E agora? Perguntei na esperança de que ele lesse meus lábios.

Eu não sei. Consegui novamente ler os lábios dele.

Alexis pareceu pensar. Ele olhava a sala e parecia tentar achar uma solução. De repente ele olhou para mim e bateu a palma da mão na testa, como se a resposta fosse obvia.

Vamos voar? Achei que tivesse entendido errado. Só então lembrei o feitiço do voo. Claro, deveríamos ter lembrado antes. Passávamos perto do buraco, evitando os ponteiro e seguíamos para a outra parte da sala.

Vamos voar? Ele perguntou de novo.

Vamos! Sorri animada.

Estávamos prontos para nos jogarmos buraco abaixo, quando algo me veio à mente. Outra vez a voz que me mandou entrar, disse para não fazer isso.

Tentei fazer um feitiço qualquer, não consegui. Tentei novamente e não consegui. Alexis notou que eu estava tentando fazer um feitiço, e como se estivesse lendo minha mente começou a testar um feitiço qualquer. Também não conseguiu.

A sala é imune a magia! Tive um pouco de dificuldade de decifrar isso.

O que vamos fazer? Perguntei ainda agachada com dois ponteiros querendo cortar algumas cabeças acima de nós.

Ele olhou para cima e quase vi um dos ponteiros pegando em sua orelha. Ele bateu as duas mãos na cabeça, como se estivesse desesperado por uma idéia, quando pareceu finalmente ter vindo.

Ele se rastejou até o lado da sala onde os ponteiros não alcançavam. Era um lugar limitado, mas dava para ficar de pé. Ele fez um gesto pedindo para que não tirasse os olhos dele. Fiquei com medo.

Ele se afastou um pouco e encostou-se à parede. Ficou observando os ponteiros, como se estivesse fazendo algum tipo de marcação.

Um, dois, três, quatro. E, para minha surpresa, ele correu em direção os ponteiros. Fechei os olhos

esperando não ver Alexis sendo mutilado. Não esperava ouvi barulhos, mas uma rajada de sangue eu achava que aconteceria.

Destapei um dos olhos, ele estava bem encima do segundo ponteiro. Os ponteiros eram bem grandes e tinha como ficar de pé neles. Vi Alexis balançando a cabeça. Pelo ritmo, estava contando novamente. No 4 ele pulou para o outro ponteiro e vez a mesma contagem para o ultimo, pulando para o outro lado da sala.

Estava surpresa com a sorte e a habilidade de Alexis – duas coisas que eu não tinha.

Ele olhou no motor e pareceu não encontrar nada. Olhou em vários cantos, até que resolveu usar as alavancas. Havia quatro alavancas, ele mexeu na primeira alavanca. Vi um dos ponteiros do relógio dar a volta. Eram 10:00, mas Alexis fez voltar a ser 06:00. Imagino a confusão que de quem estava olhando para o relógio naquele momento. Ele mexeu novamente e o ponteiro voltou a marcar 10:00.

A segunda alavanca fez os sons voltarem. Tapei meus ouvidos no mesmo instante. Imagine que você está indo tomar banho, crente de que o chuveiro está quente e assim que você abri o chuveiro, um jato de algo muito fria cai sobre seu corpo. O choque é muito maior que isso, pensei que minha cabeça explodiria em mil pedacinhos.

A terceira alavanca fez com que as armadilhas parassem. O chão se fechou novamente e os ponteiros foram parando bem devagar, um por um. Assim que todos pararam completamente, fui em direção a Alexis.

– A última alavanca! – não esperava ficar feliz em ouvir a voz de Alexis outra vez.

Ele puxou a ultima alavanca com gosto e uma parede se abriu, ao lado do motor do relógio.

Um pequeno cofre apareceu e, assim como a parede, a porta do cofre abriu sozinha.

O cristal não era exatamente como imaginava. Era um pedaço de pedra transparente, com formas irregulares e não parecia tão frágil quanto um cristal deveria ser. Por instantes pensei que havíamos sido enganados, mas rapidamente Alexis pegou o cristal e guardou em uma pequena bolsa amarrada ao cinto.

Sáímos do relógio – novamente invisíveis – e voltamos para dentro da carroça.

– Alexis? – chamei-o.

Sim? – ele me olhou eufórico, com um belíssimo sorriso no rosto.

– Você... Er... Você... – não queria admitir – Você foi incrível lá... No relógio... Aquele negócio de pular pelos ponteiros... Aquilo foi legal!

– Obrigado! – ele sorriu.

Um silêncio constrangedor ficou pairando sobre nós, seguido de um solavanco que nos jogou para trás quando a carroça começou a andar.

Não falamos nada durante todo o tempo. Alexis ficou admirando o cristal, como se fosse a maior conquista de sua vida. Ainda não havia percebido, mas uma grande aventura estava começando.

Quando chegamos ao porto da Capital, tive uma agradável surpresa. Neandro estava com um barco enorme, incrivelmente belo, nos esperando enquanto alguns marinheiros colocavam algumas malas e caixas dentro do navio.

– Então, conseguiram pegar o cristal? – Neandro perguntou.

Alexis deu um sorriso triunfal, que por si já respondia a pergunta, mas afirmou com o dedo e depois apontou para a sacola amarrada em sua cintura.

– Então já temos o primeiro pedaço do Cristal de Dâmaris! – Neandro estava feliz.

– E você, o que está fazendo aqui? – perguntei sorrindo.

– Resolvi ir com vocês. – Neandro abriu outro largo sorriso.

– Não acredito! – quase gritei – Sério?

– É claro! – ele deu uma gargalhada.

– O que te fez mudar de idéia? – Alexis perguntou em um tom mais sério.

– Você tinha razão – Neandro também mudou o tom – Não existe nada que eu possa fazer pela Linfa aqui. Acho que o único meio de salvar-la e usando o meu pedido para o cristal. E se foi coisa do Bianor... Eu

irei ajudar vocês a encontrar o esconderijo dele. Não só pela Linfa, mas pela mamãe também!

– Vocês vão atrás do Bianor? – uma voz familiar surgiu detrás de nós.

Olhamos todos ao mesmo tempo. Era o rapaz estranho que havia visto uma semana atrás na feira de Ofir. O que havia me oferecido uma maçã.

– Você está nós seguindo? – Alexis brigou.

– Vocês já se conhecem? – perguntou Neandro.

– Não... Digo.. Sim... Mais ou menos. – Alexis estava confuso.

– Nós o encontramos uma vez, quando estava indo para sua casa. – expliquei – Ele me ofereceu uma maçã, mas nós nem sabemos o seu nome.

– Desculpe! – ele retirou a capa e o lenço do rosto – Meu nome é Nicardo Calimeria de Leander.

– Leandinês... – Neandro pareceu um pouco desconfiado.

– Fale, o que você quer? – Alexis parecia muito nervoso com a presença de Nicardo.

– Eu quero ir com vocês! – Nicardo respondeu serio.

– Mas nem pensar! – Alexis debochou da cara dele – Eu hein... Nem te conheço.

– Por favor, eu também preciso encontrar Bianor! – Nicardo continuava serio e parecia ignorar as patadas de Alexis.

– E por que precisa tanto encontrar com Bianor? – Alexis perguntou desconfiado.

– Eu quero descobrir o seu esconderijo e resgatar minha irmã. – ele respondeu ainda serio – Ela foi sequestrada por Bianor. Ela não era uma garota de muita sorte.

Neste momento senti certa “afinidade” com essa irmã de Nicardo, por que será?

– Vire-se sozinho! – Alexis foi grosso.

– Nossa Alexis, não precisa ser assim! – andei para perto de Nicardo – Vamos deixar-lo ir com a gente, o que custa? Você também não quer encontrar o esconderijo de Bianor, não está certo de que ele também sequestrou a sua mãe? O que custa ajudar-lo?

Alexis olhou para mim e depois para Neandro, que devolveu o olhar. Os dois olharam para Nicardo e depois para mim e a cena seguinte foi a mais cômica de todas. Em exata sincronia, os dois fizeram a série de expressões. Foi uma das cenas mais divertidas do dia.

– Tudo bem. – Neandro assentiu – Pegue as suas coisas que eu coloco no navio.

Nicardo olhou para si próprio de cima a baixo e estendeu as mãos. Ele já estava com tudo o que tinha.

– Já entendi. – Neandro balançou a cabeça e subi no barco.

Logo em seguida Alexis subiu. Nicardo me ajudou a subir e depois subiu, ainda segurando a minha mão. Pude ver que Alexis quase o estrangulou por causa disso.

Neandro deu algumas ordens aos marinheiros e logo zarpamos.

Ver a ilha de Ofir sumindo lentamente fez com que eu tivesse certeza. Estava começando uma grande aventura.

CAPÍTULO 10 / CIÚMES A BORDO

Estar no meio do mar me fazia muito bem, apesar do medo. Não acreditava no ditado machista que dizia que “mulher em navios dá azar”, mas eu não era qualquer mulher – nem era mulher ainda -, eu simplesmente era a garota mais azarada do mundo. Apesar de que minha taxa de má sorte estava baixa desde que havia chegado a Ofir.

Estava no camarote de Neandro, quando Alexis apareceu. Quase tive uma crise de riso quando o vi vestido de marinheiro pirata.

Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo, usava um lenço listrado de preto e branco na cabeça e uma roupa bem folgada. A camisa era roxa de botão com um corte em “V” na gola, uma calça jeans que batia um pouco acima do tornozelo e um chinelo marrom claro de dedo.

– O que é isso? – perguntei segurando o riso – Festa a fantasia?

– Engraçadinha. – ele fez uma careta – Esqueceu que temos que parecer plebeus. No caso, plebeus marinheiros.

– Você leva muito a serio esse negócio de caracterização! – sorri.

– Acho que você é que brinca de mais com coisa seria! – ele estendeu as mãos – Tome, vista isso! – ele me entregou uma sacola branca.

– O que é? – perguntei já imaginando a roupa que estaria ali.

– Sua fantasia. – Alexis respondeu em um tom extremamente debochado e saiu do camarote.

Imitei a sua voz, fechei a porta e olhei o que tínhamos dentro do saco. A roupa não era muito elaborada – imaginei que nenhuma roupa de marinheira pirata fosse –, mas eu até gostei.

Era uma camisa branca com listras roxas, uma saia um pouco curta – deveria bater bem acima do joelho – de cor alaranjada e com uma pequena margarida desenhada no lado direito. Havia também um chinelo de dedo marrom e azul, e um colar com um pingente de caveira.

Pensei se era para substituir o colar de chave pelo de caveira, mas acabei optando por usar os dois. Havia também um anel simples, quase como uma aliança, porém mais grosso e um cinto branco, com a fivela prateada.

Não sei se havia ficado do jeito que esperava, não havia nenhum espelho no camarote, então resolvi sair e ver o que Neandro, Alexis e Nicardo pensariam sobre a minha “fantasia” de marinheira pirata.

A reação foi das mais diversas. Alguns dos marinheiros assobiavam para mim, outros apenas olhavam surpreendidos, mas a maioria ficou apenas olhando a reação de Alexis.

– Neandro! – Alexis gritou – Não tinha outra roupa melhor?

– Mas essa é a roupa clássica! – Neandro respondeu sem entender.

– Pode voltar e usar uma de suas roupas! – Alexis gritou – E escolha uma que... Que tape mais as suas pernas!

– Mas está tão curta assim? – perguntei olhando para a saia. Não estava tão curta, mas também não era a idéia que eu tinha de “saia decente”.

– Deixe-a usar a roupa Alexis, ela está muito bonita! – Nicardo disse enquanto carregava algumas cordas.

– Não! – Alexis gritou – Isso não é uma roupa que a Beatriz usaria. Ela não gosta que esses lobos fiquem olhando tanto para ela.

– Olha aqui, que decide o que eu gosto ou não de usar sou eu! – agora era a minha vez de gritar.

– Calma, calma! – Neandro tentou evitar a inevitável briga.

– Então prefere ficar assim... Nua! – Alexis emburrou.

– Eu não estou nua. – rebati.

– Pois para mim está! – Alexis bateu o pé – Não gosto nada de ver você assim.

– Que é isso Alexis, está com ciúmes? – Neandro debochou da cara de Alexis.

– Ciúme? – Alexis ficou vermelho – Ciúmes desta aí?

– Sim, ciúmes da Beatriz! – Neandro continuou provocando.

– Você está é maluco. Louco. Demente. Desvairado. – Alexis tentou tapar o rosto.

– Pois eu acho que você está com ciúmes sim. – Neandro agora queria ver o circo pegar fogo. Eu fiquei calada, provavelmente estava tão vermelha quanto o Alexis.

– Eu não estou com ciúmes. Quer parar com isso! – Alexis respondeu nervoso.

– Então está bem, você não está! – Neandro disse debochado – Ciumento!

Alexis entrou no camarote e trancou a porta. Não havia gostado nada, nada desta reação de Alexis. Será que ele realmente estava com ciúmes?

Neandro estava na proa do navio, enquanto Nicardo ficava no comando – descobrimos que ele sabia manejar grandes embarcações de última hora.

– Fiquei feliz em saber que veio! – disse a Neandro.

– Eu precisava fazer alguma coisa por ela. – Neandro respondeu serio.

– Mas ela ficou sozinha? – perguntei preocupado.

– Não! – ele me olhou como se eu tivesse o ofendido gravemente – Você se lembra da Clítia?

Clítia era uma jovem moça de longos cabelos ruivos e belos olhos azuis. Ela sempre passava na casa

de Linfa para visitar-la. As duas eram muito amigas. A última vez que havia visto a Clítia, foi dois dias antes de Alexis voltar. Ela havia perdido a casa – na verdade o pai dela havia apostado a casa em um jogo – e ela acabou tendo que ficar em um hotel. Fiquei com tanta pena.

– Eu lembro sim da Clítia! – respondi.

– Eu pedi para que ela ficasse tomando conta da Linfa. – ele sorriu sem graça – Ela rompeu com o pai e eu lhe ofereci a nossa casa para que ela ficasse enquanto não encontrasse outra. Linfa vai estar muito bem vigiada.

Sorri e assenti. Realmente Clítia era muito atenciosa e prestativa, não tenho dúvida de que estaria cuidando muito bem de Linfa.

– Para onde estamos indo agora? – perguntei.

– Rumo aos continentes do sul, mais precisamente estamos indo para Sotero. – Neandro respondeu.

Não fazia a mínima idéia do que era Sotero, mas assim como tudo naquele mundo, eu acabei aprendendo.

Desci para os compartimentos de baixo, onde ficavam os quartos e onde foi guardada a comida e alguns outros mantimentos.

A parte de baixo do navio cheirava a chuva e madeira molhada. Isso me deixou um pouco enjoada no principio, mas logo acabei me acostumando. Não

demorou muito para a noite chegar. O dia havia sido tão cansativo que dormi até o dia seguinte.

– Se continuarmos neste ritmo, chegaremos a Sotero depois de amanhã à noite! – ouvi um dos marinheiros falando.

Devia ser bem cedo quando voltei para o convés do navio. O céu estava claro, mas não muito, como se tivesse acabado de amanhecer. Ouvi algumas pessoas falando termos náuticos do qual não fazia a mínima idéia e segui para o camarote de Neandro.

Bati na porta e quem atendeu foi Alexis. Assim como eu, ele ainda estava vestido com a roupa de marinheiro pirata. Ele esfregou os olhos e bocejou.

– O que quer? – ele perguntou ainda bocejando.

– Quanto tempo nós ficaremos viajando? – perguntei.

– Já está com enjoos? – Alexis perguntou bocejando novamente.

– Não! – respondi – Apenas estou preocupada com as pessoas lá de casa. Já tem mais de uma semana que estou fora de casa, devem estar pensando que morri!

– Eu estaria comemorando se fosse eles! – acho que Alexis não pensou muito quando disse isso.

– Seu grosso! – gritei – Como pode dizer uma coisa dessas? Imbecil!

– Desculpe, mas eu ainda não acordei! – ele bocejou novamente.

Sai do camarote e Alexis fechou a porta novamente. Minha vontade era de mandar-lo para lugares bem específicos, mas preferi manter minha boca fechada. Era melhor não causar confusão.

Vi Nicardo sentado na proa do navio. Estava disposta a me manter longe da poupa e da proa do navio durante toda viagem, era melhor optar por lugares seguros, mas acabei indo encontrar-lo.

– Oi? – sentei-me ao lado dele.

– Oi. – ele respondeu. – Acordou cedo?

– Acho que sim. – sorri.

– Uma moça tão bonita como você, achei que dormisse muito. Sono de beleza. – ele se deitou e ficou olhando para o céu.

– Obrigada! – sorri constrangida – Acho que não sou tão vaidosa.

– Mas deveria ser! – ele estava serio – Ou talvez não. Se você ficasse mais bonita poderia estragar.

– Nicardo? – estava vermelha.

– Vocês dois estão comprometidos? – ele perguntou ainda olhando para o céu.

– Comprometidos? – estranhei – Você está falando... Eu e o Alexis?

– Sim.

– Não! – disse isso um pouco alto demais. Alguns marinheiros olharam para nós e eu abaixei a voz – Nós não temos absolutamente nada. Não somos nem amigos direito.

– Mas você gosta dele, certo? – ele se virou para mim, ainda deitado.

– Sim eu gosto... – só então me toquei – Não, não, não. Eu gosto dele como um possível amigo, não é desta forma que você está pensando.

– Mas ele gosta de você! – ele continuava serio.

– Acho que não. – respondi desconfiada. – Ele me odeia. Ou quase isso.

Ele balançou a cabeça negativamente e virou-se novamente para olhar o céu.

– Ele ainda não sabe, mas está apaixonado por você! – ele parecia certo do que estava falando.

– Como pode ter tanta certeza disso? – perguntei.

– Não precisa observar muito para descobrir. – ele sorriu – Aquele ataque de ciúmes foi uma grande prova de que ele está nutrindo sentimentos por você que talvez nem ele mesmo saiba.

– Eu duvido! – deitei-me ao lado dele. – Alexis não parece ser do tipo que se apaixona.

– Você também não parece, mas está! – tomei um susto.

– Como assim eu estou? – perguntei me levantando.

– Talvez. Não sei. – ele continuou deitado – Espero que não. – ouvi sussurrar.

– O que você disse? – perguntei.

– Nada.

Voltei para o meu quarto e fiquei esperando o dia clarear um pouco mais. A conversa com Nicardo havia mexido um pouco comigo. As coisas que ele havia insinuado eram tão absurdas que me deixaram confusa em relação ao Alexis. Mas era absurdo demais, eu não iria dar ouvidos. Ele nem me conhece direito, nem conhece o Alexis assim tão bem, como ele pode sair afirmando coisas de quem não conhece?

A falta do que fazer às vezes me deixava com sono, então acabava ajudando aos marinheiros a lavar o navio.

Todos os marinheiros, sem exceção, tinham as mesmas características. Todos tinham cabelos avermelhados, alguns em tons mais claros, outros em tons mais escuros, mas sempre vermelhos. Eles tinham orelhas de gato e rabinhos também, além de unhas um pouco grandes demais para um ser humano comum. Lembrei de uma moça que havia visto na primeira vez que fui à cidade, tinha as mesmas características. Ele era uma soteriana. Eram todos soterianos.

– Limpando o convés? – Alexis havia acordado
– Você não acha que está se rebaixando demais?

– O que? – me assustei – Você achando ruim que eu esteja me rebaixando? Eu não sou a “plebéia insolente”?

– Mas está não é a questão. – ele fechou a cara
– Sua... Birra é só comigo não é?

– Birra? – perguntei.

– Sim, para eles você faz tudo. – ele fez bico –
Mas para mim você não faz nada!

– Está com ciúmes? – debochei.

– Eu... Não! – ele gritou – Apenas acho injusto.
Eu que deveria ter a sua atenção. Mas não importa,
você não entenderia.

– Tente. – o desafiei.

– Eu... Eu... Eu... Arg! Garota você me enche a
paciência! – ele bateu o pé de raiva e bufou. Desta vez
apenas bufou.

– Então estamos quites! – me levantei – Você
também me torra a paciência.

– Plebéia insolente! – ele engrossou a voz – Vai,
continue lavando o chão. Desta vez é uma ordem
minha!

– Agora é que eu não lavo mesmo! – gritei. –
Você tem que aprender a ser menos arrogante.

– E você tem que aprender a ser menos
encrenqueira. – ele retrucou.

–Encrenqueira? Eeeeeeeeeuuuuuuuuuuuuuu?

– De quem mais eu poderia estar falando? – ele
me olhou com cara de nojo – Vai lavar o chão serviçal,
vai! – ele fez um sinal de desdém com a mão.

Eu – em um ataque de fúria – me abaixei e
peguei o balde. Seu rosto estava vitorioso, pensando
que eu finalmente havia acatado as ordens dele.
Levantei o balde cheio de água e *Cabum!* *Shuaaaaaa!*
Joguei o balde de água encima da cabeça dele com
gosto.

– Sua insolente! – a voz de Alexis estava abafada por causa do balde na cabeça.

– Agora pense duas vezes antes de me chamar de serviçal. Seu príncipezinho arrogante.

Ouvi Alexis dando um grito de raiva e sai de perto dele. Desta vez até eu mesma estava achando que peguei *um pouquinho* pesado de mais. *Só um pouquinho*.

Mas o castigo venho logo em seguida. Acabei escorregando com os chinelos molhados e fui de cara ao chão. Minha má sorte apareceu para dar um “oi”.

– Beatriz, você está bem? – ouvi a voz de Nicardo. De longe, ouvi um “bem feito”. Era Alexis.

– Eu... Acho... Que... Sim! – respondi um pouco tonta.

– Seu nariz! – Nicardo gritou.

– O quê que tem o meu nariz? – perguntei colocando a mão nele. Um dor imensa surgiu assim que encostei no nariz. Estava sangrando. – Ai! – berrei. – Será que quebrou.

– Deixe-me ver? – antes que eu pudesse responder Nicardo já foi mexendo no meu nariz.

– Aaaaaiiii! – berrei ainda mais alto.

– Acho que não. Apenas bateu com força. – Nicardo respondeu me colocando no colo.

– Opa! – ouvi Alexis gritar – O que você está fazendo com a Beatriz? Deixe que eu a leve.

– Não! – gritei novamente – Você está todo molhado.

– Por culpa de quem? – ele me olhou feio.

– Deixe o Nicardo me levar. Ele já está me segurando no colo. – disse com uma voz chorosa.

– Eu não confio neste Nicardo. Ele pode querer te atacar! – ele tentou correr, mas parou depois que lembrou que estava molhado.

– Você já tentou me atacar uma vez e não conseguiu. Eu sei muito bem me defender. – lembrei do caso da carroça.

– Eu não tentei te atacar. Aquilo foi um acidente! – ele gritou.

– Acidente. Hum... – ouvi alguns marinheiros rindo.

– Calem-se! – Neandro gritou. – Nem Alexis, nem Nicardo. Se o caso é esse, deixe que eu mesmo levo a Beatriz para o quarto dela, por que eu não confio em nenhum dos dois quanto a isso.

Neandro me tomou do colo de Nicardo, que ficou um pouco constrangido. Senti-me a única garota do mundo. Nunca tive ninguém brigando por mim – não que isso tenha sido uma briga de verdade. Confesso que achei bem legal. Teria rido se não estivesse com tanta dor.

Neandro me colocou na rede e depois foi pegar umas pedras de gelo no seu camarote. Ele me entregou, amarrada em um lenço branco e colocou, cuidadosamente, encima do meu nariz.

– Queria ter algo melhor, mas não esperava por isso. – Neandro sorria – Mas acho que esse gelo vai

servir. Qualquer coisa grite, já sabemos que você é boa nisso!

Algumas horas depois recebi a visita de Nicardo. Ele parecia ter feito o máximo possível para não ser visto, por que está atento a todas as direções quando chegou ao meu quarto.

– Você está melhor? – ele perguntou.

– Sim, eu estou. – respondi sorrindo.

– Fiquei um pouco preocupado. Não gosto de ver pessoas se machucando.

– Deixa de ser bobo, não foi nada! – fitei o teto e bufei – Tudo bem, foi alguma coisa, mas nada de grave.

– Que bom! – ele sorriu – Você é corajosa. Não é qualquer um que joga um balde d’água na cabeça de um príncipe.

– Você sabe que ele é príncipe? – me espantei.

– Sim, eu já sabia. – ele ficou serio.

– Mas como? Achei que príncipes ficassem presos em seus castelos, seguros de qualquer perigo e longe do conhecimento geral.

– Mas eles ficam! – Nicardo sorriu – Eles só são apresentados ao povo após completarem a maior idade.

– Então como você sabia?...

– Eu vou lhe contar uma coisa, mas deve prometer não contar a ninguém! – ele voltava a vigiar a porta.

– Sim, prometo! – respondi.

– Pode parecer estranho, mas eu consigo ver certos... Segredos das pessoas.

– Como? – estava com medo.

– Certos sentimentos, certos status, alguns segredos. Eu sempre vejo tudo isso quando chego perto de uma pessoa. Não faço por mal, é involuntário, eu simplesmente chego perto de alguém e essas coisas aparecem. Por isso disse com tanta certeza de que o Alexis está apaixonado por você.

– Serio? – perguntei confusa.

– Mas nem sempre é algo certo. Às vezes eu me confundo com o que vejo e acabo fazendo uma má interpretação, como foi o seu caso.

– Você viu o que eu estava sentindo? – senti como se ele tivesse me visto nua.

– Você é uma pessoa com muitas dúvidas sobre o amor. – ele me fitou, como se estivesse tentando ver os meus sentimentos de novo. Olhei feio para ele – Você parece ter medo de se apaixonar. Mas é o que você mais quer nesta vida.

– Você está me assustando! – disse segurando um travesseiro – Por favor, nunca mais fale sobre o que você vê em mim. Guarde as coisas que você enxerga para você mesmo, combinado?

– Combinado! – ele sorriu e apertou minha mão.

Apesar de a pele aparentar ser barrenta e um pouco suja, Nicardo tinha a pele mais macia que já havia visto. Era como um veludo, bem suave.

Neste momento recebi outra visita. Alexis. Como sempre, não perdeu a oportunidade de fazer seu showzinho de príncipe mimado.

– Que safadeza é essa aqui? – ele gritou. – Eu disse para você não chegar perto da Beatriz, quanto mais encostar essa sua mão suja nela!

– Alexis! – gritei – Não seja grosso, ele está apenas me dando um apoio.

– Ele estava tentando te atacar! – Alexis sentou entre nós dois – Aposto como ele iria tentar lhe dar um beijo assim que você soltasse a mão dele.

– Desculpa Nicardo! – estava constrangida com o show de Alexis.

– Não, tudo bem. – ele sorriu – Eu não ligo. Já esqueceu da nossa conversa?

– Que... Que conversa? – Alexis se apavorou – O que vocês andaram conversando?

– Nada que seja do seu interesse! – respondi tentando afastar os dois de perto de mim.

– Eu exijo que falem! – ele gritou, devia estar aprendendo isso comigo.

– Quanto mais você exigir, menos eu vou ter vontade de falar. – sorri.

– Tudo bem, eu paro de exigir. – Alexis respirou fundo.

– Mesmo assim eu não vou lhe contar. – vi o resto de Alexis pegar fogo – Nicardo me pediu segredo.

Alexis fuzilou Nicardo com os olhos. Nicardo pareceu ignorar. Achei tanta graça de Nicardo ignorando Alexis e Alexis retalhando Nicardo com os olhos que acabei sendo obrigada a rir da situação.

– O que você está rindo? – Alexis perguntou nervoso.

– Vocês dois são uma comédia! – gargalhei.

Os dois saíram do quarto. Nicardo rindo junto comigo e Alexis furioso sem entender muita coisa. Eu continuei no quarto por alguns minutos e depois voltei para o convés e fiquei observando o mar.

O resto do dia foi tranquilo. Nada de brigas, nada de quedas, nenhuma cena de ciúmes, foi apenas o silêncio e a calmaria da imensidão azul.

CAPÍTULO 11 / A FLORESTA DE DOIS GUMES

No final do terceiro dia eu e Alexis já estávamos enjoados de só ver azul para tudo que é lado que olhássemos. A imensidão azul já não era mais tão bela quanto da primeira vez que vi. Ficamos quase seis dias viajando, chegamos à noite em Sotero. Quando chegamos, quase beijei o chão – obviamente não fiz isso, mas agradei por estar em terra firme e seca.

O porto de Sotero não era muito diferente do porto da Capital. Havia muitos barcos e muitas pessoas – mas ainda não vencia o número de pessoas que usavam o porto de Ofir. Neandro parecia conhecer praticamente todo mundo com quem esbarrava. E parecia ser muito querido também, o que deixou Alexis um pouco enciumado.

Neandro nos levou direto para um hotel. Hotel 7 Vidas, era o que dizia na placa – gostava de por em pratica o que havia aprendido de escritas ofirnianas. Não era um hotel muito luxuoso. Na verdade não tinha luxo nenhum. Nunca imaginaria dois príncipes hospedados em um hotel como este, mas ele não era também o fim do mundo, tinha um pequeno charme.

– Três quartos, por favor! – Neandro pediu ao recepcionista.

– Três quartos? – Alexis se espantou – Você vai deixar a Beatriz dormir junto com esse maníaco?

– Não. Ele mesmo vai pagar um quarto separado para ele. Foi o que combinamos. – Neandro respondeu sorridente.

– Então você vai dormir com a Beatriz? – Alexis pareceu mais aliviado.

– Também não? Ela vai dormir sozinha. – Neandro continuava sorridente.

– Espere um pouco! – Alexis começou a raciocinar – Se Nicardo vai ter um quarto só para ele e Beatriz também, isso quer dizer que...

– Você irá dormir no mesmo quarto que eu! – Neandro pegou as chaves. Ouvi o recepcionista dizer 222, 225 e 226.

Eu havia ficado com o quarto 222, mas preferi trocar com Neandro pelo quarto 225. Havia lido um livro a algum tempo onde um crime horrível acontecia em um quarto de número 222. *O Mistério do Cinco Estrelas*.

Apesar de não ser intencional, fiquei a dois quartos de distancia de Alexis. Eu havia ganhado mais um bom motivo para trocar de quarto. Mas acabei ficando ao lado do quarto de Nicardo – não que isso fosse um problema, mas sabia que Alexis iria achar ruim.

O quarto era pequeno, mas confortável. Assim como na casa de Neandro, a cama fazia lembrar um tronco, porém, mais estilizada do que a da casa de Neandro. O colchão era super confortável – apesar de

que, depois de passar 6 dias dormindo na rede, qualquer coisa um pouco mais fofa seria confortável. Havia um pequeno guarda roupas, do lado esquerdo da porta, onde *não* guardei minhas roupas. Só passaríamos uma noite naquele hotel, no dia seguinte sairíamos em busca do segundo pedaço do cristal e correríamos diretamente para a estação de trem, onde partiríamos para a terra de Nicardo, Leander.

Havia também um pequeno banheiro no quarto, onde aproveitei para tomar um banho bem demorado. Havia passado quase uma semana sem tomar um banho decente, precisava daquilo mais que urgentemente.

Assim como no castelo, o banheiro do hotel tinha uma bela banheira. Havia alguns sais de banho e um sabonete fechado em uma caixa. Havia toalhas limpas – obviamente – e um roupão branco com o emblema do hotel; um “7” dentro de um tipo de brasão, todo em vermelho e amarelo.

Fiquei durante um longo tempo relaxando na banheira, após tomar um banho de verdade.

Não sei em que momento e também não sei como não ouvi, mas quando sai da banheira tive uma surpresa nada agradável.

– Maníaco pervertido! – gritei quando o vi na porta do banheiro.

– A culpa foi sua que deixou a porta aberta! – ele se defendeu tapando os olhos.

Peguei imediatamente a toalha e me enrolei. Agora já não faltava mais nada, Alexis já havia visto tudo o que tinha que ver, já deveria estar muito mais que satisfeito.

– Seu cachorro tarado! – o levei até a porta a tapas – Nunca mais entre no meu quarto desta forma, seu pervertido!

– Você deixou a porta aberta! – ele repetia o argumento.

– E por que não bateu na porta? – continuei dando tapas em Alexis.

– Você não estava ouvindo! – ele tentava fazer-se de inocente.

– E você tinha que ir xeretar a porta do banheiro? – ainda estava dando tapas em Alexis. Suas costas deveriam estar tão vermelhas quanto o seu rosto.

– A culpa foi sua de ter deixado a porta do banheiro aberta! – novamente fazendo-se de vítima.

– Eu estou sozinha neste quarto! – parei de bater em Alexis – Não esperava que ninguém aparecesse. Pelo menos não sem bater na porta.

– Eu já disse que bati! – ele gritou.

– O que está acontecendo aqui? – Nicardo apareceu. Seu rosto estava ainda mais vermelho do que o natural. – Mas o que é isso?

– Nicardo, não é o que está pensando! – Alexis se defendeu.

– Ele sabe que não é! – lembrei de que ele podia ver o que as pessoas sentiam, pensavam e escondiam dentro de si próprias. – Tire esse tarado daqui! Melhor, o que você veio fazer aqui afinal?

– Eu... Eu... Eu vim ver se você estava dormindo. – ele respondeu constrangido.

– E por que raio de motivo você queria saber se eu já estava dormindo ou não. – perguntei irritada enquanto segurava a toalha para que não caísse.

Alexis deu um grito baixo de raiva e fez a sua famosa serie de expressões, depois saiu furioso do quarto.

– Ele está realmente apaixonado por você! – Nicardo sussurrou – Veio aqui apenas para ficar olhando você enquanto dormia.

– Você... – comecei a sussurrar também – Você viu isso? – ele assentiu.

– Isso é péssimo! – ele disse isso para ele mesmo, quase sem emitir nenhum som.

– Acho que agora ele não vai mais aparecer. – sorri sem jeito – Agora, se me der licença... – fitei a toalha e Nicardo entendeu na mesma hora e saiu da porta do quarto.

O restante da noite foi bem tranquila. Depois do que houve ninguém ousou voltar ao meu quarto – e confesso que era melhor assim. Dormi feito uma pedra, quase não vi quando o sol nasceu.

– Beatriz? – ouvi a voz de Neandro atrás da porta – Você já acordou?

Levantei a cabeça do travesseiro e – ainda com os olhos fechados – levantei. Acabei levando um tombo. Tropecei na coberta e acabei caindo de costas no chão – um momento de sorte, afinal, meu nariz ficou quase três dias doendo, outra dessas e ele não iria aguentar.

– Beatriz você está bem, está acordada? – Neandro tentou abrir a porta, mas estava fechada.

– Eu estou! – me levantei – Agora eu estou acordada.

– Mas você está bem? – ele perguntou preocupado.

– Acho que estou. – fui até a porta.

Abri a porta ainda um pouco tonta – tanto de sono, quanto da pancada que levei. Minha visão ainda estava embaçada, mas pude ver que Neandro já estava com as malas ao lado dele, junto com Nicardo e as suas malas e Alexis, com as suas malas também.

– As minhas malas eu nem desfiz! – imaginei que eles também não – Deixe-me trocar de roupa. – disse com a voz meio grogue e fechei a porta.

Depois de recomposta e devidamente acordada, nós seguimos para uma carruagem. Não era uma carruagem do tipo que a Cinderela usaria, era mais simples e pequena – desde que não virasse uma abobora, para mim estava perfeito.

Descobri que era um taxi. A última coisa que imaginei ver em no mundo de Ofir, com essa acabei aprendendo a esperar qualquer coisa daquele mundo.

– Qual é a próxima pista? – Neandro perguntou a Alexis.

– Espere um momento! – Alexis tirou as anotações da bolsa que estava amarada em sua cintura. – *Sou verde e marrom, e tenho duas faces. Decifre o verdadeiro caminho ou destrua as minhas faces.* – Alexis levantou a sobrancelha.

– Qual é, não entendi. Charadinha mais chinfrim! – disse esperando que alguém desvendasse o mistério.

– Mas o que seria? – Neandro raciocinava – “Tenho duas faces”? E o que ele quis dizer com “decifre o verdadeiro caminho”?

– Talvez seja um labirinto. – Nicardo tentou desvendar o mistério.

– Acho que não. Nunca soube de labirintos em Sotero. – Neandro excluiu a sugestão.

– Desculpe interromper – o “motorista” virou-se levemente para nós – Mas acredito que estejam falando da floresta de dois gumes.

– Floresta de que? – Alexis pareceu nunca ter ouvido falar da floresta. Não posso lhe culpar, eu também não.

– Floresta de dois gumes! – ele explicou – Ela é uma floresta encantada e muito traiçoeira. Dizem

existem duas florestas diferentes e quanto mais você adentra na floresta, mas os caminhos são mudados.

– Então a cada vez que damos um passo, o caminho de uma floresta muda para o caminho da outra floresta? – Neandro perguntou.

– Exatamente! – ele respondeu receoso

– Mas não tem um jeito de encontrar o caminho? – Alexis perguntou também receoso.

– Existem dois jeitos. – ele começou – O primeiro é decorar o caminho de cada floresta, mas não sei dizer exatamente como isso ajudaria.

– E o outro? – perguntei.

– Bem... – ele engoliu a seco – O outro modo é enfrentando as faces da floresta.

– E o que são essas faces afinal? – Neandro perguntou um pouco nervoso.

– São os seres que controlam as florestas. – ele gaguejou – Esses seres estão aprisionados em duas grandes rochas, cada um em uma floresta, apenas a face deles pode ser vista. Caso você encontrei as duas faces e as destrua, você terá o caminho de volta.

– E onde ficam essas rochas? – perguntei inocentemente.

– Como se alguém soubesse. – ele respondeu um pouco debochado. – A questão é, mesmo que encontre não saíram vivos de lá. Os dois são seres poderosos e destruiriam todos vocês antes que tentasse pensar em destruir uma das faces.

– O senhor pode nos levar até a floresta? –
Neandro finalmente havia decidido o destino.

– Vocês realmente querem fazer isso? – ele se assustou.

– Nós precisamos! – o encorajei.

Ele olhou meio torto para nós e pude ouvir-lo falar “adolescentes suicidas!”. Ignorei este comentário. Já estava assustada demais com tudo o que havia ouvido, não precisava constatar que era uma ação suicida.

A cidade de Sotero era parecida com a cidade da capital. Havia varias casas brancas de telhado vermelho e ruas com pedras azuladas e foscas. Só a movimentação que era menor, na cidade de Ofir algumas vezes quase não dava para andar sem esbarrar em alguém – isso aconteceu muito comigo quando estava morando na casa de Neandro.

Pegamos um caminho estreito e paramos em uma estrada de terra. Havia muitas e muitas e muitas pessoas, todas com espadas, arcos, pistolas e tudo o que mais pudesse ser chamado de arma. Eles estavam em fila indiana e pareciam estar muito ansiosos.

– Eu só venho até aqui! – o taxista alertou. – Entrem na fila e esperem a vez de vocês.

– O que? – Alexis se irritou – Esperar na fila? Você está querendo dizer que...

– Muitos tentam destruir as duas faces. – o taxista interrompeu – Eles chegam aqui aos montes,

todos os dias, e esperam pela sua vez. Veja. – ele apontou para o começo da fila, uns dois metros a nossa frente.

Havia um homem, assim como quase todos em Sotero, com orelhas, rabo e unhas de gato, no que parecia ser à entrada da floresta. Era alto e tinham uma aparência de arrogante, fedido e nem um pouco amigável. Ele tinha uma corcunda imensa e não parecia nada feliz.

– Transformaram isso em uma atração local. – ele parecia extremamente indignado – Oferecem 5 mil chrímatos para quem conseguir destruir as duas faces ou voltar vivo da floresta. Acho que não preciso dizer que ninguém voltou até hoje.

– Mas isso não deveria ser proibido? – perguntei.

– Muitas pessoas chegam de outros lugares de Ofir especialmente para entrar nesta floresta. A economia de Sotero só fez crescer desde que começaram com isso. Eles só oferecem essa quantia de chrímatos por que sabem que ninguém volta vivo da Floresta de dois gumes.

Vi Nicardo engolindo a seco e apertando levemente a garganta. Quase fiz o mesmo só de imaginar que estávamos caminhando para a morte.

– Tem certeza de que querem ir até a floresta?
– o taxista tentava nos convencer

– Sim! – Alexis respondeu seguro.

– Trouse vocês até aqui por que senti que o motivo de vocês é mais forte que uma quantia de dinheiro qualquer, caso contrario não teria trago nenhum de vocês. – o taxista se preparava para partir – Vocês podem desistir a qualquer momento.

– Obrigado! – disse Neandro pagando o taxista.

– Espero que voltem vivos! – o taxista sorriu, mas logo fechou a cara – Pena não acreditar nisto.

Esperamos quase 4 horas na fila. Teríamos esperado mais se não fosse pelos desistentes – quem eram muitos. Minhas pernas pareciam ter sido arrancadas de mim, pois não conseguia sentir-las. Alexis ficava sentando, mas parecia não gostar de ter que fazer isso. Senti um pouco de pena dele. Parecia tão cansado e desanimado que resolvi sentar ao seu lado.

Quando chegou a nossa vez, pude reparar melhor no homem corcunda. Ele tinha um olho de vidro horrível, uma corte na orelha esquerda ao lado de um brinco de ouro. Seus dentes não eram muito bonitos. Não eram nada bonitos. Ele tinham alguns dentes podres e outros amarelados e quebrados, além de uma falha enorme no meio dos dois dentes da frente.

– Vocês terão 15 minutos para irem e tentarem achar as duas faces. – o hálito dele fedia a metal enferrujado – Caso vocês voltem em 15 minutos ganharam 5 mil chrímatos. Se voltarem em menos de 15 minutos ganharam um acréscimo de 500 chrímatos,

mas se voltarem depois de 15 minutos vocês não ganham nada! – ele franziu a testa – Vocês estão em grupo certo?

– Sim, somos quatro! – Neandro respondeu demonstrando muita segurança.

– Certo, se algum de vocês voltarem sozinho, o premio vai inteiro para essa pessoa. Se o grupo ou mais de uma pessoa do grupo voltar *juntas*, o premio será dividido da forma que acharem melhor. – ele mostrou seus dentes podres em um sorriso malicioso – Claro, se algum de vocês voltar vivo!

Entramos na floresta. Não sei dizer se eu estava sentindo medo de morrer ou medo da floresta. Provavelmente estava com medo dos dois.

As árvores eram acinzentadas, assim como as folhas – secas, mas não caíam. Havia uma névoa grossa passando por entre as arvores. O chão era úmido. Era de cor amarronzada e fazia lembrar mais um pântano do que uma floresta.

– Por enquanto, nada de assombroso. – Alexis jogou uma piadinha no momento errado.

Fomos seguindo e tentando achar o caminho, até que uma coisa aconteceu. De repente a terra começou a tremer. Pude ver pequenos pedaços da floresta se movimentando a nossa volta. Eles faziam uma volta inteira em alguma coisa, só ainda não tinha visto o que. Me fez lembrar o sistema solar, alguma coisa estava no centro e senti que era isso que devíamos buscar.

– Os pedaços das duas florestas estão se misturando. – disse – Eles estão rodando em volta de algo, tenho certeza disso.

– O que você está dizendo? – Alexis gritou desesperado enquanto via o nosso pedaço de floresta se mexendo.

– Eu sinto, precisamos ir para o centro da floresta. O que controla isso aqui está se escondendo no centro. – gritei também. O barulho da terra se movendo e encaixando em outras partes era muito alto.

– Como você sabe disto? – Alexis continuou gritando, desta vez para ser ouvido.

A terra parou. Notei que haviam pessoas em outros cantos da floresta, tão confusos quanto nós. Ficamos parados.

– Algo está queimando dentro de mim, como se tivesse me avisando que o lugar certo para seguirmos é o centro. – continuei explicando.

– E desde quando você sente isso? – Alexis debochou de mim.

– Alexis, parte da magia da mamãe está nela. – Neandro lembrou o fato – Não esqueça que a mamãe sentia as coisas.

A terra se moveu de novo. O que reparei depois me assustava muito. Varias pessoas simplesmente desapareciam, evaporavam cada vez que tentavam atravessar enquanto a terra se movimentava. Ficamos

paralisados, a névoa estava desintegrando todos que tentassem passar “antes do tempo”.

– Por favor, tomem... Muito... Cuidado! – Neandro alertou extremamente assustado com a cena – Vamos tentar ser rápidos, seguir antes da terra se mover. Mas não agora. Vamos esperar mais um pouco.

– Por quê? – Alexis perguntou irritado.

– Precisamos marcar o tempo! – Nicardo respondeu já entendendo a intenção de Neandro – Reparei que os caminhos são mudados a cada 2 minutos.

– Mas é melhor esperarmos mais um pouco! – disse com medo de acabar evaporando como alguns.

Esperamos os caminhos serem mudados duas vezes. Eram realmente 2 minutos. Achamos melhor caminhar e esperar, caminhar e esperar, mas parecíamos não estar saindo do lugar.

A cada vez que a terra mexia, meu coração parecia sair pela boca. Sempre me via evaporando e sumindo para sempre. Neandro e Nicardo pareciam estar marcando o caminho. Eles sempre olhavam bem antes de escolher o caminho que iríamos seguir.

– Você reparou? – Nicardo perguntou diretamente para Neandro. Senti excluída – As árvores e a terra são diferentes em alguns caminhos!

– A terra do caminho anterior era amarronzada e úmida, já esta parece um pouco mais firme e mais esverdeada. – Neandro acompanhou o raciocínio – As árvores parecem estar mais vivas neste pedaço.

Olhei em volta e quase não notei nenhuma diferença. Abaixei-me e fui analisar melhor o chão. Realmente a terra era menos úmida e mais esverdeada, mas quase não dava para notar. Eles deviam ter uma visão muito apurada.

– Você já sabe como podemos encontrar algum caminho? – Neandro perguntou.

– Se tentarmos andar apenas por uma floresta, pode ser que... – Nicardo foi interrompido.

– Sim, pode ser que nos leve para o centro! – Neandro completou.

– Veja, ali! – Nicardo apontou para o caminho da esquerda, pulamos para ele no mesmo instante.

– Vamos tentar procurar outro caminho desta floresta. – Neandro começou a olhar os pedaços de terra se movendo – Ali, à direita!

Seguimos esse ritmo durante um bom tempo. Parecíamos estar finalmente andando para algum lugar – antes a impressão que tínhamos era de estar sempre voltando ao mesmo ponto –, a idéia de Nicardo havia realmente dado certo.

De repente lembrei-me da pista que nos levou até a Floresta de Dois Gumes. Estranhei uma pequena coisa: “Sou verde e marrom”. Aquela floresta poderia ser tudo, menos verde e marrom. Será que havíamos seguido a pista errada.

Momentaneamente senti ódio do taxista, mas acabei entendendo. Ele não teve culpa, ele nunca entrou na floresta. De longe não dá para reparar nestes

detalhes, qualquer um lembraria-se de uma floresta quando ouvisse “Sou verde e marrom”.

Concordo com você, também estou achando isso muito estranho! A voz de Nicardo invadiu a minha cabeça. Estranhei. *Desculpe, isso é algo que faço às vezes.* Tentei me comunicar com ele por pensamento.

Você acha que seguimos uma pista falsa?

Não. Acho que estamos no caminho certo.

Mas...

Pulei para o outro pedaço de terra a esquerda, como Neandro havia mandado. Não consegui me comunicar com Nicardo e ele também não havia tentado mais nada. Pensei em comentar em voz alta, mas Nicardo havia “dito” com tanta certeza de que estávamos no caminho certo que mudei de idéia.

– Estamos realmente avançando! – Alexis disse animado.

– Não era assim tão difícil como eu imaginava.

– Nicardo contou enquanto observava o próximo ponto

– Direita!

Demoramos um pouco até vermos que havia anoitecido. Sem dúvida não ganharíamos os chrímatos que foram prometidos para quem voltasse em 15 ou menos de 15 minutos, mas claro, não estávamos dando a mínima para isso.

O que aconteceu depois me fez descobrir algo que eu não imaginava que pudesse acontecer de novo. Não imaginei que Alexis já significasse tanto assim para mim.

Estávamos seguindo e já sentíamos o caminho diminuir, quando Alexis viu alguma coisa.

– Olhei ali! – ele apontou para frente – Acho que é o centro!

Estávamos bem perto. Faltava muito pouco para chegarmos ao centro da floresta. Isso me deixou muito feliz.

O centro na verdade era um grande salão redondo, já em ruínas. As paredes marrons escuras estavam cobertas de musgo bem verde. “Sou verde e marrom”, foi a primeira coisa que passou em minha mente.

Acabei me empolgando e esquecendo de pular para o próximo caminho. Fiquei deslumbrada com o salão que deixei de ouvir Neandro.

Rapidamente Alexis me empurrou para o próximo caminho. Quando acordei do meu “transe” tive a pior visão que poderia imaginar.

Na tentativa de voltar para o nosso pedaço de terra rapidamente, Alexis foi pego e evaporou, se juntando a nevoa grossa do pântano.

– Não! – gritei, mas era tarde demais. Alexis tinham sido levado.

Só então percebi o que Nicardo já havia visto antes. Eu estava apaixonada por Alexis. Eu estava realmente apaixonada por ele. Achei que nunca mais sentiria algo assim, mas acabou acontecendo, e eu descobri quando já era tarde demais.

CAPÍTULO 12 / A LUTA COM AS DUAS FACES

 Eu sabia que estava apaixonada por Alexis por que dor igual a que eu estava sentindo eu só havia sentido uma vez, mas não foi tão doído como agora. Estava sentindo que havia perdido a minha única esperança de algum dia ser feliz novamente e quando caiu minha ficha, senti completamente culpada por ter matado o Alexis.

O nosso pedaço de terra andou novamente e nos levou de volta para dois caminhos atrás do que já havíamos passado.

– Calma Beatriz! – Nicardo colocava a mão em meu ombro.

Neandro estava tão chocado quanto eu. Também parecia não saber o que dizer e tinha medo dele estar me culpando, mesmo eu também sentindo culpada. O silêncio tomou conta de nosso pedaço de terra, até que Nicardo resolveu por um fim nisto.

– Vamos seguir em frente! – ele disse – Ainda não está tudo perdido!

– Como não? – berrei aos prantos – Alexis se foi por minha culpa, como ainda não está tudo perdido?

– Agora, mais do que antes, nós temos que terminar essa missão! – Nicardo tentou nos animar – Pelo Alexis.

Neandro estufou o peito, levantou os ombros e balançou a cabeça. Ele tentou forçar um sorriso e estendeu a mão para mim.

– Isso mesmo! – ele quase ordenou – Vamos terminar pelo Alexis.

Voltamos a seguir os caminhos e tentamos ficar mais atentos desta vez. Eu ainda estava pensando em Alexis, estava pensando muito. Estava pensando no que Nicardo me disse e pensando que neste exato momento ele deveria estar sentido toda a dor e a culpa que eu estava sentido.

Chegamos novamente ao grande salão redondo com menos animação do que da primeira vez.

O salão era bem grande e cheirava a terra molhada. Parte do teto havia desabado e haviam paredes com alguns buracos. Um pequeno fio de água passava no chão por entres as pedras e destroços do teto que caiu e algumas trepadeiras pareciam querer grudar na gente. No chão havia algumas ervas daninhas e uma borboleta passou por mim neste momento, provavelmente perdida.

Tropecei algumas vezes nas pedras e escorreguei algumas vezes no musgo, mas não cheguei a cair em nenhuma delas – Nicardo estava sempre ao meu lado.

Passamos por algumas salas, cheias de baús repletos de pedras preciosas e vários outros tipos de tesouros. Provavelmente aquele corcunda de olho de vidro e bafo de metal não sabia deste pequeno detalhe.

Chegamos finalmente ao que deveria ser a sala principal. Nicardo chegou um pouco depois. Ele havia se perdido de nós.

Era uma sala bem grande, com duas grandes estatuas, uma virada contra a outra. Eram duas mulheres, com vendas nos olhos e a língua para fora. Achei uma obra bizarra, mas não estava no momento de questionar a criatividade do autor daquelas estatuas.

Atrás das estatuas tivemos duas grandes surpresas. A primeira era o cristal que estava em um tipo de redoma de vidro, em um pedestal. A segunda era o que estava atrás do pedestal, uma névoa negra prendendo varias pessoas, entre elas Alexis.

– Alexis! – gritei.

– Então é isso que acontece com quem é pego pela névoa! – Neandro estava assustado e admirado – Eles viram prisioneiros.

– Esta floresta os sustenta, e em troca eles sustentam a floresta! – Nicardo falou de um modo estranho, sem expressão, como se estivesse hipnotizado.

– Como? – Neandro perguntou.

Nicardo balançou a cabeça e pareceu extremamente decepcionado.

– Aconteceu de novo! – Nicardo sussurrou.

– O que? – Neandro parecia muito confuso.

Nicardo explicou para Neandro sobre o dom que ele tem e disse que sentiu as pessoas aprisionadas falarem com ele.

– A floresta se sustenta da força vital dos seres de Ofir. – Nicardo começou a explicar o que as pessoas

havam lhe dito por telepatia – Mas ela precisa de que estejam vivos para isso, então ela os alimenta.

– Só então notei que algo verde nojento caia do teto onde eles estavam aprisionados. Neste momento muitos começaram a abrir a boca desesperadamente. Só então entendi, ela estava os alimentando.

Quando Alexis me viu ele começou a bater na névoa, como se pudesse quebrar-la, mas não conseguiu. Corri para tentar ajudar-lo, mas acabei sendo impedida.

No momento em que tentei passar por entre as estatuas, um tremor balançou a sala. Afastei-me um pouco e tive uma visão não muito alegre.

Vi Nicardo tirando sua faca do cinto e dizendo uma palavras estranhas que pareceram fazer a faca virar uma espada imensa. Neandro preparou dois grandes raios, um em cada mão e ficou observando.

As duas estatuas começaram a se mexer, uma colidiu com a outra e as duas se destruíram.

– Nossa, era só isso? – Neandro parecia decepcionado – Que patético!

Neste momento os pedaços das estatuas começaram a flutuar e a se juntar. Poucos segundos, estava na nossa frente uma estatua enorme, com duas cabeças e quatro braços.

– Não falo mais nada! – ouvi Neandro cochichando enquanto refazia os raios. Ele juntou os dois e fez uma grande espada brilhante. Me fez lembrar o sabre de luz de *Star Wars*.

A estatua deu um berro que fez com que partes do teto comessem a cair. Pelos buracos que havia na sala, uma espada e um escudo passaram e foram direto para as mãos da estatua.

A estatua começou a caminhar em nossa direção. Meu primeiro instinto foi correr, mas algo queimou em minha cabeça dizendo que eu era capaz de ajudar, que não era para fugir.

– Salobi Ed Ogofe! – as palavras saltaram da minha boca.

Senti uma rápida dor nas mãos, como se estivessem sendo queimadas, mas logo passou e comecei a sentir uma força em meus braços. Notei que eu tinha duas bolas de fogo nas mãos. E de alguma forma, eu sabia exatamente o que iria fazer e não estava gostando nada, nada disso.

A estatua deu outro grito e atacou. A espada passou na direção de Neandro, que pulou por cima e veio até a minha direção. Eu me abaixei e continuei abaixada, a espada estava voltando.

Novamente Neandro pulou, mas desta vez ficou flutuando no ar e atacou, atingindo a estatua com sua espada-raio. A espada fez um *tiling*, mas não quebrou. A testa de uma das estatuas se desfez.

Nicardo também correu para cima da estatua e a escalou até os braços, que lhe pegaram e levaram até o seu rosto. Nicardo atingiu a outra estatua no nariz, que também se desfez.

Neandro continuou na cabeça da estatua, destruindo sua orelha, mas ela pareceu nem ligar. Pegou Neandro pela gola da camisa e o jogou em direção a parede. Neandro bateu de costas, mas continuou flutuando e voltou a atacar a estatua dando-lhe um golpe no queixo.

Nicardo havia conseguido se soltar da estatua dando-lhe um golpe no dedo, e fincou a espada no abdome da estatua, ficando pendurado. Ele ajeitou o pé em algumas falhas da estatua, retirou a espada e continuou escalando.

Reparei que eles estavam tentando chegar às cabeças. Provavelmente eram essas as faces que dizia a pista.

Neandro subiu um pouco mais e deu uma espadada no meio da cabeça esquerda da estatua e conseguiu desfazer uma das cabeças por inteiro. Ele pulou para a cabeça que Nicardo estava tentando atacar e acabou fazendo o mesmo. Eu ainda estava com as bolas de fogo nas mãos.

A estatua caiu e se desfez toda. Nicardo e Neandro comemoraram, mas por pouco tempo. A maldita se refez novamente, bem atrás deles e desta vez parecia bem maior. Elas haviam juntado as cabeças, formando agora uma única cabeça, mas continuaram com os quatro braços.

Neandro fez a serie de expressões e voltou a atacar a estatua. Nicardo fez o mesmo. Os dois agora

estavam tentando atingir vários pontos da estatua, que ia se desfazendo e se recompondo.

Neandro e Nicardo tentaram arranjar um lugar seguro para ter tempo de pensar, mas a estatua começou a golpear-los com o escudo jogando os dois para o alto.

A estatua não havia me notado e algo me dizia que aquela estatua não era o nossa real inimigo. O que precisávamos destruir estava do lado de fora.

Sai pelo buraco na parede. O centro da floresta era o único lugar que não estava se mexendo. De onde estava pude ver vários pedaços de terra se mexendo em volta do centro, exatamente como no sistema solar.

Voei e tentei ver as coisas de cima. O que vi me deixou muito surpresa.

No teto havia exatamente duas faces feitas de pedra, uma de cada lado. Os olhos estavam fechados e as feições eram serias, mas havia uma luz amarela girando em um círculo no meio da testa de cada face.

Pousei no teto e fui analisar a luz. Ela era bem menor vista de cima. Provavelmente deveria ter quase um metro de altura e era bem larga. Passei por dentro do círculo, só por curiosidade. Não deveria ter feito isso.

No exato momento em que passei pelo círculo, os olhos de uma das faces se abriu. Eram olhos vermelhos acinzentados e pareciam estar cheios de fúria. A face deu um grito ensurdecedor e fez com que a outra face abrisse seus olhos e também soltasse

outro grito ensurdecedor. Quando menos esperei, raios vermelho-cinza saíram dos olhos das faces e vieram em minha direção.

Esquivei dos raios. As faces se enfureceram e deram outro grito, lançando mais raios. As bolas de fogo ainda estavam em minhas mãos. Fiz a primeira coisa que me passou na cabeça: atirei em direção as faces.

Uma bola de fogo atingiu o círculo da face à esquerda e a outra bola de fogo atingiu a boca da face à direita, que estava prestes a soltar mais um grito ensurdecedor. Elas lançaram mais raios e eu preparava mais bolas de fogo. Ficamos assim por um tempo.

Notei que a face da esquerda havia enfraquecido e atacava menos que a face da direita. Algo me veio à mente e mirei no círculo da face à esquerda. Ela soltou mais um grito ensurdecedor e notei que o círculo havia diminuído um pouco.

A face da direita atacou sem dó, já a da esquerda começava a ficar mais lerda e a errar na pontaria. Então era isso, o ponto fraco das faces era o círculo em suas testas.

Depois que fiz essa descoberta tentei atingir o círculo das duas sempre. Algumas vezes eu errava, outra acertava em cheio. Ambas começaram a enfraquecer e os círculos em suas testas iam ficando cada vez menor.

Continuei atirando bolas de fogo e acabei fazendo mais alguns buracos no teto e elas

continuaram lançado raios, porém com mais lentidão. Por um descuido meu um dois raios me atingiu no ombro esquerdo. Senti uma queimação enorme e notei que o corte brilhava enquanto o sangue escorria pelo ombro.

Não me dei por vencida e continuei atacando, desta vez com mais raiva. Estava torcendo para que isso fosse o certo. Com a minha experiência em fazer o certo, não me surpreenderia nada se tudo isso fosse apenas uma armadilha ou simplesmente algo inútil.

Comecei a prestar mais atenção aos raios e tentei fixar meus olhares nos círculos das faces. Atirei na face da esquerda, onde o círculo estava bem menor e finalmente houve um *boom*! A face havia sido destruída e em seu lugar um grande buraco no teto. Agora precisava me concentrar na face da direita.

Ela soltou mais um berro e atacou descontroladamente com seus raios. Mais um acabou atingindo a minha perna direita. Novamente o raio passou de raspão e não fez mais do que um pequeno corte.

Continuei atirando bolas de fogo, mas elas agora estavam mais fracas. Eu também quase não conseguia me manter flutuando e estava ficando muito cansada. Provavelmente eu estava esgotando as minhas energias mágicas, isso não era nada bom.

Resolvi tentar me esconder para recuperar energia. E foi assim que tive uma grande idéia. Enquanto a face dava uma pequena pausa para

descansar – era coisa rápida, questão de 30 segundos – entrei em seu círculo e fiquei parada, esperando ela voltar.

Assim que notou onde eu estava à face deu mais outro grito, que pareceu bem mais alto agora e preparou a mira. Era exatamente o que eu estava esperando que ela fizesse.

Ela mirou dentro do próprio círculo, deixando os olhos vesgos. Assim que vi que a face iria soltar os raios, sai de dentro do círculo e esperei pelo resultado.

A face berrou como nunca havia berrando antes. Provavelmente notou que havia caído em uma armadilha, mas já era tarde demais para voltar atrás, o raio havia sido lançado. Junto com o *boom* da segunda face, pude ouvir – pela última vez – o grito ensurdecedor.

Todos os pedaços de terra pararam no mesmo instante. As duas florestas se dividiram, indo uma para o lado esquerdo e outra para o direito. A magia havia acabado e a névoa havia sumido. Alexis deveria estar liberto neste exato momento. Minha felicidade foi indescritível.

Notei que o teto havia pegado fogo com a explosão e que ele estava se espalhando muito depressa. Aquilo tudo iria ser consumido pelas chamas.

Voltei para a sala principal pelo mesmo buraco que sai. Vi a estatua – que estava ainda maior que da última vez que havia visto – cair em vários pedaços e

virar pó. Um tremor começou a fazer com que o salão desmoronasse.

– Beatriz, onde você estava? – Nicardo gritou assim que me viu.

– Essa estatua era só uma armadilha! – gritei. Os tremores não paravam. – As duas faces estavam no teto.

– E você as destruiu? – Neandro perguntou confuso.

– Sim! – respondi já esperando que eles não acreditassem.

Neandro e Nicardo se entreolharam e depois Nicardo assentiu. Provavelmente ele havia sentido que tudo o que havia dito era verdade.

– O cristal! – gritei quando vi algumas rochas caindo entre o pedestal.

Neandro correu para pegar-lo. A sala começou a pegar fogo.

– Vamos sair daqui o mais rápido possível! – Nicardo também estava gritando. O tremor ficava mais forte.

– Alexis? – gritei – Onde está Alexis?

Olhei para onde ele estava aprisionado e pude ver-lo como se estivesse acabado de acordar, totalmente confuso. Ele nos viu e correu em nossa direção. Estava imensamente feliz em ver-lo correndo novamente.

– O que aconteceu? – Alexis perguntou.

– Você não se lembra? – perguntei.

– E eu deveria me lembrar de alguma coisa plebéia insolente?

– Eu também estou feliz em te ver! – pela primeira vez eu não havia me importado em ouvir-lo me chamar de “plebéia insolente”.

Ele balançou a cabeça negativamente e continuou nos fitando com um olhar confuso. Depois reparou no salão desabando e começou a nos empurrar para fora, tentando evitar o fogo. Corremos por entre a floresta, agora era mais fácil de chegar a algum lugar.

Não demorou muito para que o fogo chegasse até a floresta. Acabamos apressando o passo. Neste momento notei que o dia havia amanhecido e já fazia um bom tempo.

A floresta era muito grande e acabamos demorando um pouco para chegar até o final.

Quando conseguimos sair, o corcunda de olho de vidro quase teve um infarto do coração. Não apenas nós, mas todos os que haviam entrado na floresta estava voltando. Ele parecia estar vendo o fim de seu emprego e – provavelmente – grandes problemas com a família real, que estava controlando tudo.

– Eu voltei em menos de 15 minutos! – ouvi um rapaz gritar – Eu quero os meus chrímatos!

Do lado de fora a floresta parecia normal. Como se ainda fosse a mesma floresta de antes. Não havia sinal de fumaça e muito menos fogo. Era como se nada tivesse realmente acontecido.

Neandro olhou para o cristal, como se quisesse conferir se ele realmente havia conseguido pegar-lo e depois guardou de volta em seu bolso.

Por ironia do destino, pegamos o mesmo taxi de quando chegamos a floresta. O senhor olhou perplexo para nós. Esfregou os olhos duas vezes e deu um tapinha no rosto.

– Mas... Mas... São vocês mesmo?

Eu, Neandro e Nicardo rimos da cara do senhor. Alexis pareceu constrangido e decepcionado – provavelmente só se lembrava de ter saído do taxi –, mas riu também.

– Vocês desistiram de entrar na floresta? – ele perguntou.

– Não, nós destruímos as duas faces! – respondi.

– Na verdade ela destruiu! – Nicardo apontou para mim.

– O que? – Alexis gritou. – Essa ai destruiu as duas faces? – ele gargalhou e depois ficou serio – Alguém pode me contar o que foi que aconteceu?

– 3ª Estação ferroviária de Sotero, por favor! – Neandro dava o nosso próximo destino.

Contamos a ele toda a história, desde quando entramos na floresta, o momento em que ele foi levado pela névoa, a história das estatuas e das pessoas comendo a gosma verde e, por fim, eu fiquei falando sobre como acabei com as duas faces da floresta.

Alexis parece não acreditar muito e o senhor do taxi muito menos, mas não estávamos ligando para isso. O importante era que estávamos com o cristal e estávamos a salvo. Alexis estava a salvo.

Um impulso me fez chegar mais perto de Alexis. Ele saltou para o lado e me olhou feio. Não estava ligando mais para isso, estava tão feliz de estar ao lado dele outra vez que não queria que nada estragasse isso.

Chegamos a estação de trem. Neandro comprou passagem para Leander de última hora, o trem já estava quase partindo. Tivemos que correr para não perder o trem.

Neste momento lembrei-me dos cortes e eles começaram a doer. Nicardo viu e me ajudou a andar mais rápido. Neandro depois voltou e me pegou no colo e correu, o trem já estava prestes a dar a partida.

– Espere um momento, nós também vamos neste trem! – Neandro gritou.

Só então me veio uma vaga lembrança: O QUE ACONTECEU COM AS NOSSAS MALAS?

CAPÍTULO 13 / A VIAGEM DE TREM QUASE PERFEITA

Chegamos ao trem – sem as nossas malas – e embarcamos. Havíamos deixado as nossas malas com o corcunda de olho de vidro e acabamos esquecendo-as na fuga. Agora estávamos apenas com as roupas do corpo e alguns chrímatos de Neandro e Alexis.

– Não acharam estranho pessoas viajando sem bagagem? – perguntei.

– Não! – Neandro respondeu calmo – Já estão acostumados com nômades e aventureiros, que sempre acabam perdendo as malas.

– Tipo... Nós? – brinquei.

– Sim. Podemos dizer que sim. – Neandro respondeu. – Só lamento estar com tão pouco dinheiro.

– Mas quem disse que temos muito pouco? – Nicardo perguntou

Olhamos para ele intrigado. Ele desamarrou uma pequena sacola do cinto e depois tirou algumas coisas do bolso. Eram pedras preciosas. Rubis, safiras e diamantes.

– Mas... – Neandro estava paralisado – Onde você... Não me diga que... Nicardo!

– O que? – ele guardou as pedras – Ninguém vai saber. Provavelmente depois que essas pedras foram guardadas no salão, ninguém mais soube de sua existência, caso contrario mais gente teria se aventurado a entrar na floresta antes mesmo dos reis

de Sotero começarem a oferecer chrímatos para quem voltasse vivo.

– Mas ainda assim é um roubo! – Neandro repreendeu.

– Que ninguém dará falta! – ele se defendeu.

– Neandro... Ele tem razão. – Alexis, para minha surpresa, ficou do lado de Nicardo – O que tem ali é o bastante para recuperar tudo o que perdemos e ainda ficarmos com uma grande parte do que sobraria. Acho que devemos esquecer certos princípios agora. Além do mais, aquele tesouro na tinha dono.

Apesar de ter achado os argumentos de Alexis e Nicardo um pouco vagos demais, Neandro acabou aceitando ficar com as pedras preciosas. Confesso que fiquei feliz por termos ficado com as pedras, acho que qualquer um no meu lugar ficaria.

Agora que estávamos relativamente ricos, todos ficaram um pouco mais tranquilos e o resto da viagem foi mais calma. Mas não por muito tempo.

– Eu vou almoçar! – Alexis se levantou. – Parece que não como faz várias décadas.

– Eu vou também! – poderia fazer minhas as palavras dele.

– Podem ir, eu irei depois. O vagão restaurante deve estar cheio, prefiro comer com mais calma. – Neandro parecia estar mais cansado do que faminto. Deitou na poltrona do trem e dormiu tão rapidamente quanto uma criança.

– Não estou com fome. – Nicardo respondeu, também deitado.

Fomos eu e Alexis para o vagão restaurante. Não sei dizer o que serviram, mas estava delicioso. Parecia com frango assado, fora que a minha fome era tão grande que quase não pude sentir o gosto das coisas.

Senti-me um pouco constrangida. O salão restaurante havia varias pessoas muito bem vestidas e de aparência elegante. Até mesmo os soterianos com suas orelhas e rabinhos de gato pareciam mais bem vestidos do que eu e Alexis, isso me deixou um pouco sem graça.

– Tem certeza que eles não estão achando estranho? – perguntei olhando para as fitas amarradas no meu ombro e na minha perna.

– Estranho o que? – Alexis rebateu e depois deu outra garfada na comida.

– Nós dois! – cochichei – Digo... Somos os únicos que estamos com roupas sujas e rasgadas.

– Para uma plebéia, você até que se importa demais com aparências. – ele colocou a comida na boca.

– Não é isso. Quer dizer... Sim, é isso, mas não é bem isso. – Não sabia como explicar que não ligava para aparências, mas estava com vergonha de como estava vestida naquele momento.

– Silêncio! – ele colocou o dedo em minha boca
– Você já está começando a me dar dor de cabeça. Pare

de ser tão confusa. Tente expressar melhor o que quer dizer ou vou começar a te ignorar.

– Achei que você já fazia isso. – sorri maliciosamente.

– Engraçadinha! – ele fez uma careta. – Eu cansei um pouco.

– Cansou de que? – fiquei curiosa.

– Cansei de ser chato com você! – ele olhou em outra direção.

– Você não era chato. – sorri – Você era insuportável!

– Mas ainda não acredito que você destruiu as duas faces! – ele fez outra careta.

– É uma pena. – cheguei um pouco mais perto dele – Você querendo ou não foi o que aconteceu.

– Conversa! – ele disse com desdém.

– Conversa? – alterei um pouco o tom de minha voz, depois baixei novamente – Você está com inveja por que fui eu quem destruiu as faces e não você.

– Eu teria destruído se não fosse tentar te salvar! Já pensou se eu tivesse morrido? – ele tocou em um ponto delicado.

– Tudo bem, vamos mudar de assunto? – pedi um pouco nervosa.

– Você quase me extinguiu da face de Ofir. – ele insistiu.

– Quer parar, por favor? – estava ficando nervosa. – Você não sabe o desespero que eu senti quando achei que tinha te perdido.

– Me perdido? – ele ficou vermelho – O que quer dizer com isso?

– Esquece! – acabei falando demais – Só não fale mais sobre isso, combinado?

Ele levantou uma das sobrancelhas, fez uma careta e depois assentiu fazendo um biquinho um pouco troto para esquerda que acabei achando a coisa mais fofa do mundo.

– Não sabia que você havia ficado tão mal. – ele agora sorriu sem jeito. Um rápido silêncio tomou conta de nossa mesa e só ouvimos os cochichos das mesas ao lado.

Fiquei olhando para Alexis. Desde que eu descobri estar apaixonada por ele os pequenos detalhes pareciam mais óbvios, como um pequenino corte perto do polegar esquerdo, ou as unhas dele que estavam sempre ruídas. Os olhos pareciam mais expressivos e ele parecia ainda mais bonito agora. Se cabelo estava preso, apenas com uma pequena mecha que havia caído. Ele me olhou um pouco desconfiado.

– O que foi?

– Nada. – respondi.

– Você estava olhando de um jeito. – ele ficou vermelho.

– Estava apenas decorando os seus detalhes. – disse calma. – Você é tão bonito.

– Eu hein... Que conversinha mais estranha é essa Beatriz? – ele afastou a cadeira da minha.

– Não é conversa estranha. – sorri – Estou apenas lhe fiz um elogio.

– Elogio? – ele me fitou de lado – Sei... Desde quando você me faz elogios?

– Desde agora! Finalmente eu estou enxergando em você o que eu não via antes.

– E o que você não via antes? – ele perguntou afastando um pouco mais, disfarçadamente, a cadeira dele da minha.

– Que você é bonito. Você é simpático. Você não é um príncipezinho metido que pensei. – cheguei mais perto dele.

– Beatriz, você está me assustando. – ele tentou afastar a cadeira dele, mas segurei-o.

Ele ficou paralisado. Eu não estava me reconhecendo, mas desde que quase o perdi, nasceu em mim uma necessidade louca de estar perto dele. Tentei puxar-lo para perto de mim, mas minha má sorte resolveu fazer uma visita de última hora.

Puxei, junto com Alexis, a toalha que estava na mesa, com todas as louças e talheres. Tudo ao chão, quebrado em vários pedacinhos. Fiquei vermelha na mesma hora, Alexis também, mas acredito que o vermelho dele queria dizer outra coisa: FÚRIA.

Voltamos para a nossa cabine. Nicardo e Neandro ainda estavam dormindo, um do lado do

outro. Achei cômico e quis acordar, mas preferi deixá-los dormindo.

De repente uma sensação estranha queimou meu peito e depois minha cabeça. Era quase a mesma sensação que tive quando senti que o cristal da floresta estava no centro, porém, agora era mais forte e dolorido.

– Alexis! – eu gritei enquanto caía no chão.

– O que foi? – ele me segurou desesperado.

– Eu não sei. Eu estou sentindo algo muito estranho. – coloquei a mão no peito – Uma dor muito forte. Parece estar me avisando que algo vai acontecer.

– Não fale uma coisa dessas! – ele continuava desesperado – Se você realmente “herdou” o sexto sentido da mamãe nós estamos perdidos!

– O que está acontecendo? – Neandro acordou. Nicardo acordou em seguida.

– A Beatriz está pressentindo algo de ruim. – Alexis ainda estava me segurando.

– Mas que droga! - Neandro pulou da poltrona.

– Será necessário avisar ao resto das pessoas?

De repente, uma imagem veio a minha cabeça.

– FOGO! – alguém gritou.

– Acho que já irão avisar as pessoas! – Alexis tentou não parecer debochado.

– Vamos sair deste trem o mais rápido possível.

– Nicardo abriu a porta.

O corredor estava uma loucura. Varias pessoas correndo desesperadas, com malas na mão. Seguimos em direção a um dos homens que trabalhava no trem.

– Em que direção o fogo está vindo? – Neandro perguntou.

– Naquela! – ele apontou para a direita.

– Obrigado!

Neandro correu para o lado direito do corredor. Seguimos pela mesma direção. Ouvi o homem dizer que essa era *a direção errada*, mas Neandro parecia ignorar a sugestão.

– O que exatamente vamos fazer? – perguntei.

– Tentar deter o fogo!

– Você está louco? – me assustei.

– Nós podemos fazer alguma coisa! – Neandro continuou correndo.

Antes de chegarmos a qualquer lugar, encontramos o causador de toda aquela confusão. Naquele momento eu estava realmente assustada.

Era um ser enorme. Sua boca e olhos havia uma escuridão mórbida, mas o restante de seu corpo brilhava em chamas alaranjadas. Ele parecia estar apenas nos esperando.

– Mallory! – o ser de fogo gritou. – Quero Mallory!

– Mallory? – estranhei – Espere, Mallory sou eu!

Alexis puxou uma espada de dentro das próprias mãos. A principio me assustei, mas logo

lembrei que deveria ser magia. Nicardo puxou a sua espada e Neandro novamente o sua espada-raio, mas que desta vez parecia mais com uma pedra de gelo.

Beatriz, precisamos de você! Era a voz de Nicardo *Neandro está me mostrando que você precisa atacar primeiro, com bolas de água ou gelo, para poder apagar as chamas.*

Meu corpo estremeceu. Eu sabia que qualquer um deles – com exceção de Nicardo – poderia fazer essa magia, mas nenhum deles tinham parte da áurea mágica da maior maga deste mundo. E era isso que me deixava nervosa. Eles já esperavam muito de mim, mesmo eu não tendo feito muito por eles.

O monstro de fogo atacou jogando uma rajada de fogo na direção de Neandro. Ele virou-se para o lado, imprensando Alexis e Nicardo na parede. O corredor era muito pequeno para uma luta e o monstro de fogo sabia disso e estava usando esse fato ao seu favor.

Beatriz, rápido! Nicardo olhava para mim.

Outra rajada de fogo, desta vez em minha direção. Não sei como, mas antes de chegar a mim uma rajada de água saltou da minha mão e duas bolas de água ficaram paradas em cada uma delas.

O monstro de fogo se surpreendeu e atirou outra rajada de fogo, que rebati novamente com duas rajadas de água. Uma apagou a rajada de fogo que ele havia atirado e a outro acertou no seu ombro, que se apagou.

Sem chamuscas o ombro dele era preto, como carvão. Ele olhou para o ombro e pareceu indignado. Depois soltou uma gargalhada que ecoou dentro dele mesmo, como se o monstro fosse oco por dentro, e fez o ombro voltar a queimar em chamuscas.

– Nicardo, corra e mande parar o trem. – Neandro fitava o monstro – Faça o possível para que todas as pessoas saiam do trem e fiquem bem longe daqui.

Nicardo assentiu e correu para avisar as pessoas. O monstro de fogo tentou impedir, mas não fez muito esforço. Estava claro que o alvo dele não era Nicardo, mas a Mallory. Ou seja, EU.

O monstro soltou mais duas rajadas de fogo em minha direção. Desviei me aproximando dele. Juntei minhas duas mãos e fiz uma bola d'água ainda maior do que a que estava fazendo. Não sei como descobri que poderia fazer isso, apenas sabia que podia.

Joguei a grande bola de água no monstro que lhe acertou a cabeça. Seu rosto não tinha forma de nada. Continuei atirando bolas de água pelo corpo dele. Rapidamente ele conseguia botar fogo novamente em certas partes do corpo, mas já não estava mais conseguindo manter o corpo inteiro em chamuscas.

Continuei atirando bolas de água e ele havia se concentrado em manter-se queimando e parou de jogar rajadas de fogo. Neandro e Alexis ajudava cortando partes das bolas com as espadas e

multiplicando-as. Não sei como faziam isso, mas estava funcionando, não demorou muito o monstro estava completamente apagado.

Assim que reparou que não conseguia mais repor o fogo que era apagado, o monstro soltou um grito de ódio que, assim como a gargalhada, ecoou dentro dele de forma monstruosa.

– Beatriz, vá e veja se todas as pessoas já saíram do trem! – Neandro vigiava o monstro. – Não podemos destruir-lo se ainda houver pessoas aqui. Monstros de fogo costumam explodir depois que morrem.

– Certo! – respondi.

Fui voando – literalmente – atrás de pessoas. Tentava olhar em todos os lugares. Passei por todos os quartos e tentei fazer tudo o mais rápido que me foi possível. Estava tudo vazio. Comecei a procurar por outros vagões, mas todos estavam vazios – o que era um ótimo sinal.

Cheguei ao ultimo vagão e encontrei todos ainda saindo do trem. Nicardo estava ajudando a tirar as pessoas do vagão.

– Nicardo! – gritei – Temos que agir rápido, Neandro vai explodir o trem a qualquer momento!

Assim que disse isso a gritaria foi geral. Logo me arrependi. As pessoas pareciam ainda mais agitadas e loucas para saírem o mais rápido possível dali. Começaram a quebrar tudo e a pular pelas janelas, mas

por fim acabou ajudando, logo não tinha mais ninguém no trem.

– Eu vou tentar levar-los para longe do trem, você vá avisar ao Neandro que ele já pode explodir tudo! – Nicardo saiu do trem.

Voltei novamente o mais rápido que me foi possível. Antes de chegar ao ponto onde havia deixado os três, encontrei Alexis e Neandro lutando com o monstro – sem armas.

Alexis estava socando o monstro, enquanto Neandro tentava impedir-lo de continuar andando dando chutes em suas pernas.

– Neandro! – gritei – Já estão todos fora do trem!

Assim que disse isso, Neandro puxou novamente sua espada – que agora era feita de gelo – e partiu em direção ao monstro. O monstro defendeu o primeiro ataque, destruindo a espada de Neandro, que se refez.

Alexis tentou chamar atenção do Monstro golpeando-o na cabeça, mas o monstro continuava atendo a espada de Neandro, que tentou golpear-lo outra vez, sem sucesso.

O monstro socou uma das paredes e puxou uma das poltronas. Ele golpeou Alexis com a poltrona e depois tentou usar-la como escudo contra os ataques de Neandro.

Alexis agora também havia começado a atacar com sua espada. Ele parecia outra pessoa lutando. Era

muito serio e tinha feições de determinação. Era diferente do Alexis que conhecia. Resolvi fazer algo e chamei a atenção do monstro.

– Ei, coisa feia! – gritei. – Olha aqui o esquentadinho!

– Falar comigo? – o monstro tinha uma voz muito rouca.

– Com você mesmo o demente! – continuei provocando.

– Demente? – o monstro soltou a poltrona – O que ser demente?

– Ah, você é tão demente que nem sabe o significado da palavra demente. Burrão.

Neandro percebeu o que eu estava planejando e não perdeu tempo. Sem demora refez a espada dele e aproveitou enquanto o monstro prestava atenção em mim.

– Beatriz, você vai fazer um buraco na parede?
– Neandro disse com uma voz estranha. – Acho que o monstro não é capaz de fazer um buraco nesta parede aqui! – Neandro apontou para a parede que tinha uma janela. A vista do lado de fora era linda, um belo campo verde. Logo entendi qual era a intenção.

– Eu poder sim! – o monstro se movimentou até perto da parede e deu um soco abrindo um enorme buraco, grande o suficiente para sairmos os três.

– Quando eu disser já! – Neandro gritou. – Já!

Neandro sentou a espada no peito dele. Pulamos todos para fora e *BOOM!* O trem foi

explodindo de vagão em vagão e depois todo o fogo sumiu, do nada.

– Monstros de fogo quando são destruídos explodem, mas o fogo que sai desta explosão é proibido de se espalhar. É uma prevenção mágica para que coisas piores não aconteçam. – Neandro respondeu minha pergunta.

– Mas temos agora um problema! – Alexis fitou Neandro preocupado – Esse monstro estava procurando a Mallory, ou seja, a Beatriz. Monstros de fogo não saem em missões por conta própria.

– Você está querendo dizer que...

– Bianor já deve ter descoberto sobre Beatriz! – Alexis completou o pensamento de Neandro.

– Teremos que ficar sempre atentos. – Neandro pareceu estar decepcionado.

Nicardo vinha de longe. Parecia um tanto satisfeito. Provavelmente havia conseguido levar todos para um lugar seguro. Assim que chegou perto de nós seu rosto mudou e ficou preocupado. Acho que não precisou nem ser dito, ele já deve ter visto o que havíamos descoberto.

– Mas nós ainda temos os pedidos para o cristal! – Neandro tentou nos tranquilizar.

– Mas será que o poder do cristal é tão forte a ponto de deter Bianor? – Alexis não parecia muito animado.

Seguimos a pé até Leander. Não havia muito que andar, estávamos a menos de 1 quilometro de Leander e já estava chegando a noite.

Depois de toda aquelas aventuras, eu estava mais do que exausta. Estava completamente esgotada. Não podia ver a hora de cair em uma cama e dormir até o dia seguinte.

CAPÍTULO 14 / A PRAÇA, O ALBERGUE E O COMETA

Chegamos a Leander no final da tarde, deveria ser no mínimo umas 16:40, mas o sol ainda estava forte, apesar do dia não estar mais tão claro.

A cidade de Leander era bem diferente das cidades da Capital e de Sotero. Havia um clima diferente, algo quente e sedutor. A cidade parecia emanar um híbrido de mistério e sensualidade, com seu clima quente e sua aparência latina.

As casas da cidade eram todas feitas de tijolos de barro, os telhados eram feitos de um tipo estranho de palha, que parecia bem resistente. Algumas paredes haviam desenhos cheios de formas e cores, me fez lembrar desenhos celtas.

A entrada da cidade tinha um grande chão de madeira, que cobria pouco mais que depois dos portões. O resto do chão da cidade, diferente das outras cidades de Ofir em que estive, não era feito de pedras azuis e sim de grandes pedras cinza.

As pessoas se vestiam feito cigano, com roupas largas e cheias de cores. As mulheres vestiam blusas com grandes decotes e calças largas, que às vezes poderiam ser confundidas com grandes saias. Os homens se vestiam com roupas largas. Blusas sem manga e com um corte que deixava as costelas a mostra e calças que batiam no joelho e chinelos de dedo.

Algumas mulheres apareciam carregando jarros d'água na cabeça, enquanto homens carregavam caixas e pedaços de madeira. As crianças brincavam com peões e um tipo de roda que eles empurravam com uma vara. Não havia muitas pessoas de fora, a maioria era leandinês, notava-se pelas peles avermelhadas e a aparência bruta dos homens. As mulheres eram mais delicadas e a pele era levemente mais clara e se pareciam mais com seres humanos, se não fosse por pequenas rachaduras que tinham no braço, típicas de uma pedra.

– Já está anoitecendo, temos que agiliza as obras da praça! – ouvi um homem que passava por nós junto com outro homem, ambos levavam toras imensas de madeira nas mãos como se fossem pequenos galhos.

– Desculpe... – Nicardo parou um dos homens – A praça está em reformas? Ela já não havia ganhado uma não tem nem dez meses.

– Sim, ela havia sido reformada – um dos homens respondeu – Mas um sujeitinho apareceu aqui e destruiu toda a nossa praça.

– Sujeito? – Nicardo estranhou.

– Sim, há duas semanas! – o outro homem continuou – Você não estava por aqui?

– Não... Eu estava na Capital! – Nicardo parecia decepcionado com a notícia. – Mas vocês não sabem quem era... O nome desse sujeito?

– Você se lembra Sólon? – eles se entreolharam.

– Acho que era Dianoite –Sólon coçou a cabeça.

– Que Dianoite nada! - o outro contestou – Era Biancor... Não, não... Bianor! Isso mesmo, ele se anunciava como Bianor!

– Bianor... – Neandro sussurrou. – Mas o que ele estava fazendo aqui?

– Ele dizia querer a nossa ajuda para destruir a Capital. – os homens começaram a explicar – Ele chegou a ter uma reunião com o Rei Eliano e a Rainha Helene, mas eles se recusaram a ajudar.

– Foi então que ele destruiu a praça, de vingança! – Sólon completou.

Fomos até a praça. As únicas estruturas que continuavam de pé eram duas estatuas marrons que pareciam dois ursos, um postes com jarros em cima com bandeirinhas rodeado toda a praça – me fez lembrar festas juninas – e no centro um grande objeto em forma de círculo, com vários traços coloridos.

– Mas o que fizeram... – achei que Nicardo iria chorar.

– O pior é que faltam apenas 10 dias para a Festa do Sol. – Sólon juntou as duas mãos como se fizesse uma prece – Não sei se terminaremos a praça a tempo.

– Nossa! – Nicardo deu um pulo – Realmente... Eu quase havia me esquecido!

– O que é a Festa do Sol? – perguntei imaginado que fosse um evento muito importante para Leander. E era.

– A Festa do Sol é o dia mais importante para qualquer leandinês. – Nicardo começou a explicar – Foi há mil anos, antes de Basílio tomar posse do reino de Leander após a morte do pai. O reino de Leander passava por dias de muita chuva. Foram 10 longos anos de chuva e nada de sol. Foram anos de tristeza. Varias plantações estavam arruinadas, comércios destruídos, leandinêses ficaram desabrigados e muitos acabavam morrendo quando não achavam um lugar para se abrigar da chuva.

– Minha nossa! – estava realmente muito surpresa – 10 anos de chuva! Não parava nunca?

– Nunca. – ele baixou a cabeça – Mas então, certo dia, a chuva parou e o sol finalmente apareceu. Os leandinêses ficaram tão felizes, que criaram o dia do sol para comemorar o dia em que o sol finalmente apareceu.

– Desde então, somos o único reino do continente sul a ter o clima quente do continente norte. Por isso todo final de verão, fazemos a Festa do Sol, comemorando mais um ano em que o sol apareceu em Leander – Sólon terminou de explicar. – Nosso povo vem fazendo essa comemoração há anos, já é uma tradição de Leander.

– Não ter a Festa do Sol no fim de verão e quase como não ter a festa de ano novo no fim do ano.
– Nicardo deu alguns passos a frente.

Ficamos alguns minutos calados, olhando uns para os outros. Os dois homens então se lembraram do que estavam fazendo e se despediram, levando as grandes toras de madeira para um grupo de carpinteiro que ajeitavam uma barraca.

– Acho melhor irmos andando! – Nicardo quebrou o silêncio – Vamos, eu conheço um ótimo albergue por aqui. São de uns conhecidos meus que me devem uns favores.

Alexis fez uma cara tão estranha quando ouvi a palavra “albergue”, que nem sei se conseguiria descrever direito. Era um híbrido de terror com nojo, ou pavor com indignação ou surpresa com descrença ou ainda tudo isso junto e um pouco mais.

O albergue era uma longa – e bota longa nisso – casa marrom de telhado de madeira. A princípio parecia um grande tronco de uma árvore gigante caído no chão, depois e que você vai notando as formas.

Ele tinha uma porta enorme e varias janelas. Pelas janelas já víamos que tinha dois andares. Não era bem a imagem que eu tinha de um albergue, mas apesar de todo o exagero do tamanho, tudo parecia bem simples.

Dentro era absolutamente tudo feito de madeira e pedras. Os balcões, as mesas, as cadeiras ou sofás, até as maçanetas eram de madeira ou pedra –

esperava que pelo menos os travesseiros fossem feitos de algo fofo e macio.

– Nicardo! – uma voz estridente veio da escada, à esquerda.

Era uma senhora gorda, com um lenço roxo amarrado na cabeça, um avental amarelo na cintura e um pano de parto nas mãos. Seu rosto era cheio de rugas e havia uma pequena pinta do lado direito da boca. Usava um batom vermelho extremamente chamativo e seu pescoço deveria ter no mínimo 5 colares, seus braços estavam repletos de pulseiras e apenas a orelha mantinha um único acessório: um par de longos brincos de argolas.

– Elma. – Nicardo pareceu não muito feliz em ver a tal de “Elma”.

– O que está fazendo aqui? – ela sorriu – Não me diga que veio atrás da Layla?

– Não – Nicardo parecia sem jeito e quase sem paciência – Eu não vim atrás da sua filha. A senhora não desiste?

– Eu só irei sossegar quando ver a minha Layla casada com você Nicardo! – a Elma deu um largo sorriso e pude reparar que seus dentes de trás eram todos de ouro.

– Estou precisando de um lugar para ficar essa noite. – Nicardo parecia estar querendo cortar de vez qualquer tipo de conversa – Eu e os meus amigos aqui. Se puder ser em quartos separados ficaríamos muito felizes!

Ela nos olhou de cima a baixo e fez cara de desdém quando me viu. Talvez ela não gostasse da idéia de outra garota ou lado do seu futuro “genro”. Sorri pára parecer simpática, mas acho que ela entendeu errado e virou a cara para mim.

– E... Sim... Acho que posso ter alguma coisa para vocês. – ela disse sem entusiasmo.

– Levinda! – Elma gritou.

– Me chamou senhora? – Levinda atendeu com uma reverencia e um largo sorriso. – Leve esses moços para os quartos 1405, 1406, 1407 e essa mocinha... Deixe-a no 1408.

– Assim faltara apenas 8 quartos para lotarmos o albergue e fechar a meta do mês! – Levinda respondeu sorridente.

– Não sua burra! – Elma gritou – Eles estão aqui como convidados. Não são clientes.

– Desculpe senhora. Eu só achei...

– Pois achou errado! – Elma só faltou cuspir na cara da pobre moça. – Agora suba rápido com as... Sem bagagem?

– Isso é uma longa história! – todos nós rimos, mas Elma e Levinda pareceram não entender.

– Que seja – Elma fez um gesto de desdém com a mão – Leve-os até os quartos.

– Sim senhora! – Levinda fez outra reverencia – Por favor, por aqui.

Senti-me muito mal por aquela garota. Teria ela feito alguma coisa para essa Elma? Será que ela realmente merecia esse tipo de tratamento?

Cheguei à conclusão de que a Elma é que era uma nojenta. Isso era visível no seu tom de voz, no seu olhar, até mesmo no jeito como enxugou as mãos com o pano de prato.

– Ela sempre foi assim? – perguntei enquanto subíamos as escadas.

– Desculpe? – Levinda pareceu realmente não entender.

– Essa Elma – expliquei – Ela sempre foi assim tão... Nojenta?

Levinda me olhou com uma cara assustada. Olhou para os lados e o dedo indicador na frente da boca, mas não fez o *shiiii* esperado. Ela respirou fundo e pegou, disfarçadamente, um caderno e uma caneta que estavam no bolso do seu vestido.

– Não fale assim da grande Elma! – Levinda começou a escrever no papel. Fazia o máximo para não emitir barulhos – A senhora Elma é uma excelente pessoa sabia?

Ela me entregou um bloquinho e novamente colocou o dedo indicador na frente da boca, sem emitir barulhos.

Muito cuidado com o que falam!

Essas paredes têm ouvidos (de verdade).

Tudo o que disserem passam pelos ouvidos das paredes e vai direto para os ouvidos de Elma.

Por favor, tomem muito cuidado!

A mensagem estava escrita em ofirniano, mas eu já estava ficando fera em ler escritas de Ofir e não tive muita dificuldade de entender a mensagem. Passei o bloco para Alexis que quase deu um berro, mas se segurou e depois devolvi o bloco para Levinda.

– Os quartos são esses! – ela guardava com muito cuidado o bloco e a caneta no bolso. – Tenham uma boa noite! – ele entregou as chaves dos quartos.

Vamos tentar não falar sobre o nosso real motivo de estarmos aqui. Nicardo estava passando uma mensagem por telepatia. *Não vamos falar absolutamente nada sobre os cristais ou sobre a Mallory, combinado?* Todos nós assentimos e cada um entrou em seu quarto.

Definitivamente aquilo não era o que eu esperava de um albergue. O quarto era um 5 estrelas. Era tão incrível quanto o quarto em que estive no castelo da Capital. Havia uma imensa cama com um colchão tão macio que poderia dizer que era feito de um pedaço de nuvem. Havia um guarda roupa enorme e um espelho tão grande quanto o guarda roupa. Havia um banheiro e uma banheira, estava um verdadeiro quarto dos sonhos.

– Posso entrar? – ouvi a voz de Nicardo.

– Sim! – não queria sair de cima da cama.

– As coisas mudaram muito desde a última vez em que estive por aqui. – Nicardo reparava no quarto – Parece que a senhora Elma está tendo muita sorte nos negócios!

– Quando você disse albergue, juro que esperava uma pequena casa e que iríamos dormir em beliches, todos no mesmo quarto! – sorri.

– Pelo jeito isso aqui não é mais o velho albergue que conheci. – Nicardo abriu uma longa cortina que revelou uma porta para uma varanda – A senhora Elma finalmente realizou o sonho dela e abriu um hotel.

Fomos até a varanda e sentamos nas cadeiras que estavam ali. Eram três, uma ficou de fora. Novamente eu estava vendo as três lindas luas de Ofir. Nunca imaginei um dia ter aquele tipo de visão e se teria uma coisa que eu nunca me esqueceria dessa experiência, com certeza seria essas luas.

– O que você fez? – perguntei.

– Como?

– Você disse que eles lhe deviam uns favores – fitei uma das luas – O que você fez?

– Será que poderíamos deixar esse assunto para depois? – ele ficou triste.

– Por quê? – estava curiosa.

– Não tenho boas recordações dessa época. – ele baixou a cabeça e ficou olhando o chão.

– Hã... Ah, sim... Tudo bem... Arg... – não sabia o que dizer.

– Beatriz? – era a voz de Alexis.

– Pode entrar! – respondi sem sair da varanda.

– Eu estava pensando que... O que ele está fazendo no seu quarto? – Alexis se assustou.

– Acredito que o mesmo que você veio fazer! – sorri.

– E o que exatamente eu vim fazer aqui? – ele estava vermelho.

– Oras, eu que vou saber. Eu apenas espero que seja o mesmo que Nicardo! – brinquei.

– E o que o Nicardo está fazendo aqui? – Alexis deixou a voz um pouco rouca e falou entre os dentes. Estava se segurando.

– Ele veio conversar comigo! – sorri novamente – Não foi isso que você veio fazer aqui?

– Foi! – ele ficou ainda mais vermelho – Mas esperava que você estivesse sozinha!

– E você tinha algum segredo para me dizer? – comecei a implicar.

– Não! – ele falou um pouco alto.

– Então pode dizer! – apontei para a cadeira – A menos que você tivesse segundas intenções embutidas nessa sua “conversa”. Por acaso você iria tentar me atacar?

– Pare com isso! – Alexis estava realmente vermelho. – Eu só não esperava que *e/le* estivesse aqui!

– Alexis... Achei que já tivesse superado esse ciúme bobo! – levantei-me e fui para perto dele.

– Não é ciúmes! – ele gritou.

– Ahã...Sei. – dei dois tapinhas nas costas dele.

– Eu... Sua... Arg, eu desisto! – Ele estava quase saído do quarto quando o parei.

– Espere! – fiquei seria – Desculpe, eu só estava brincando. Sente-se aqui.

Ele se acalmou e sentou. Novamente ele ficou entre eu e Nicardo. Ele poderia até dizer que não era ciúmes, mas qualquer um sabia exatamente o que era. E eu estava muito feliz por isso – mas não demonstrava. Comecei a acreditar que Nicardo tinha razão, Alexis estava apaixonado por mim, só não sabia.

– O que você queria conversar comigo? – perguntei.

– Nada de importante – ele se ajeitou na cadeira – Eu apenas queria conversar. O que *vocês* estavam conversando?

– Até agora nada! – rimos – Estávamos apenas jogando conversa fora, falando da noite e do albergue/hotel.

– Juro que pensei que encontraria uma pequena casa e que iríamos dormir em beliches, todos no mesmo quarto! – ele entrou na conversa. Eu e Nicardo rimos.

– Como eu estava dizendo... Elma está com muita sorte. – Nicardo sorriu – Gostaria de saber o que ela fez para conseguir tudo isso.

– Acho que deve ter trabalhado duro! – puxei um pouco o saco da bruxa. Já que ela estava ouvindo.

– Talvez... – Nicardo olhou desconfiado.

Ficamos conversando o resto da noite sobre as coisas mais inúteis que pudemos lembrar. Conversamos sobre o albergue/hotel, comparando com o hotel que ficamos em Sotero, conversamos sobre Neandro estar dormindo que nem uma pedra no quarto dele, conversamos sobre como estava caro as coisas na Capital... Até sobre qual das três luas era mais bonita nós conversamos. Foi uma noite agradável. Pude sentir um pouco mais próxima de Alexis e ele parecia um pouco mais próximo de mim. Isso era muito bom.

Quando fui dormir tive um sonho muito estranho. Um sonho muito estranho e muito apavorante.

Eu estava no meio de um deserto. Para onde eu olhasse só encontrava montanhas e areia. Olhei para o chão, poucos metros de grama estavam ao meu redor, o resto era um chão seco, árido.

Olhei para frente e vi um homem alto. Não consegui ver seu rosto, mas podia sentir algo de muito sombrio nele. Houve uma luta, mas ela correu rápido demais, como se estivessem acelerando o meu sonho e seguindo direto para o final. O aterrorizante final. Um enorme cometa, em chamas alaranjadas, caía sobre o deserto e dissipava fogo por todo o lado.

Acordei aterrorizada, suando e provavelmente branca de pavor. Não conseguia entender exatamente

o que havia sido aquele sonho e esperava não ter-lo novamente. Foi um verdadeiro pesadelo, daqueles que te deixam com medo da própria sombra. Mas o pior foi a sensação que ficou depois que acordei, era como se aquilo não fosse apenas um sonho, mas realidade – ou uma possível realidade. Tentei dormi, mas não consegui, o sonho não me saía da cabeça.

Essa é uma decisão sua! Uma voz tão forte quanto a de um trovão ecoou em meu quarto. Eu já a ouvira antes. Em outro sonho.

– Quem está falando? – perguntei. Notei que não estava no quarto do albergue/hotel, mas no quarto onde dormia na casa de Neandro e Linfa.

Você será a única responsável pelo destino de Ofir. A voz me amedrontava. *Você já tomou a decisão, você irá destruir toda Ofir.*

– Por favor, quem está falando? – fiquei apavorada.

Não se apavore! Seu destino ainda pode ser mudado. Mesmo tentando ser tranquilizadora, a voz ainda era apavorante. *Tudo dependerá das decisões que irá tomar!*

– Será que eu posso saber quem está falando? – levantei da cama.

Não esqueça, ainda pode salvar Ofir. Se quiser. A voz foi desaparecendo.

De repente, como da outra vez, o lobo apareceu para mim. O imenso lobo que havia visto na

casa de Linfa e que apareceu em meu sonho na mesma noite. O apavorante lobo com chamas nos olhos.

Acordei assustada, mas desta vez eu parecia estar ainda mais apavorada. Abri os olhos e me deparei com um teto cinza e paredes de tijolo roxo. Eu estava em um tipo de sala especial, varias pessoas estavam a minha volta. Pessoas vestidas com longas capas pretas. Não via seus rostos, apenas um buraco negros e grandes orbitais verdes com uma bola branca girando para vários lados.

Levantei-me e vi que havia um espelho. Olhei minha imagem refletida e dei um grito surdo. A imagem que via refletida no espelho era do meu corpo, mas não era a minha imagem que estava lá.

A imagem que via refletida era de uma mulher com longos cabelos loiros, um longo vestido rosa claro, com detalhes em branco. Ela usava o colar de chave que eu havia ganho do Rei Céleo e parecia desesperada.

– Salve-me, salve-me! – apenas o reflexo que dizia. – Eu estou morrendo, se não chegarem logo, pode ser tarde demais!

– Quem é você? – perguntei – É Mallory?

– Não! – ela respondeu – Você é a Mallory!

– Então quem é você? – perguntei novamente.

– Onde você está?

– Eu... – ela olhou assustada para o lado. Um barulho de porta bateu saiu do espelho – Não posso mais falar!

Acordei novamente. Estava muito, mas muito assustada. Fiquei um pouco receosa de me aliviar por ter acordado e me deparar com outro sonho. Já havia sonhado que havia acordado de um sonho outras vezes, mas nenhum desses sonhos foi como os sonhos que tive hoje. Eu estava com muito medo, queria a todo custo esquecer tudo o que havia visto aquela noite, mas tem coisas que nós não podemos esquecer. E eu sentia que aquilo era muito mais que um sonho, era uma premonição, um aviso e que eu realmente tinha o destino de Ofir em minhas mãos. Isso era muito ruim.

CAPÍTULO 15 / O VULCÃO DE LEANDER

*N*ão conseguia entender o que meu sonho queria me dizer – não exatamente – mas sabia que ele queria me mostrar alguma coisa.

Tudo o que sonhei naquela noite me intrigava: o homem alto, o cometa, a voz e o lobo, as pessoas de capas pretas, a mulher no espelho... Tudo era um mistério e nada parecia fazer um sentido lógico, era como peças de quebra cabeças, apenas juntando os pedaços para descobrir a imagem que ele esconde.

Assim que todos levantaram, Nicardo nós acompanhou até um grande salão restaurante, onde tomamos nosso café da manhã. Neandro parecia um pouco distante e quase não comeu. Olhe para Nicardo e ele disse por telepatia:

Não fique me pedindo isso! Ele olhou feio. Não posso ficar entregando os sentimentos das pessoas assim!

Por favor?! Mande o meu pensamento. Estava curiosa.

Apenas desta vez! Ele me fitou com um pouco de raiva. *Mas só porque sei que ele não ligaria. Ele está preocupado com Linfa! Ele quer saber se ela está bem, se está sendo bem cuidada e se ele conseguirá encontrar os cristais a tempo de salvar-la.*

Neste momento olhei para ele e me preocupei também. Linfa era uma pessoa adorável, já tinha como

minha amiga íntima e seria uma grande tristeza se algo acontecesse a ela.

– Que caras tristes são essas? – Alexis, que não havia parado de comer um minuto, deve ter reparado que estavam todos meio “murchos”.

– Como? – Neandro acordou. – Não nada.

– É nada. – respondi também, mas acredito que não convencemos.

– Mas vocês parecem muito pensativos. – Alexis insistiu.

– Pensativo? – Nicardo deu de ombros.

– Bem, Neandro eu tenho certeza que está! – Alexis falou de boca cheia. Uma atitude que nunca esperaria de um príncipe. – Eu te conheço faz 16 anos, não tente me enganar!

– Tudo bem, admito! – Neandro abriu um pequeno sorriso – Eu estava pensando em algo.

– E posso saber no que? – Alexis que bancava o curioso.

– Na Linfa! – Neandro respondeu emocionado – Ela sempre me dizia que queria conhecer a “Festa do Sol” de que tanto já haviam contado.

Só então lembrei que Linfa era descendente de leandinêses. Ela uma vez havia me contado que o avô dela era de Leander e que vivia contando histórias sobre a sua terra natal.

Linfa não parecia com os Leandinêses. Talvez o fato de ser uma descendente mulher ajudasse a “esconder” as características de uma leandinês –

lembrando que as mulheres são mais delicadas em relação aos homens e tem menos marcas e rachaduras que fazem lembrar uma pedra.

– Calma Neandro! – Nicardo tentou consolar – Vai ficar tudo bem. Você vai ver, logo vai estar com Linfa de novo!

– Eu espero que sim – Neandro suspirou – Espero que sim!

– E quando nós vamos sair? – entendi na mesma hora o que Alexis quis dizer. Ele estava ansioso para ir atrás do cristal.

– Eu acho melhor esperarmos o sol baixar um pouco. – Nicardo olhou para uma grande porta de vidro onde era possível ver o sol forte. – O dia em Leander começa muito quente. Vocês não estão acostumados e melhor esperar esfriar um pouco.

– Ah... – Alexis pareceu entender.

Olhei para fora e realmente parecia estar bem quente. A temperatura no albergue estava estável, mas do lado de fora parecia bem mais ameaçador.

– Eu vou subir um pouco. – Neandro saiu da mesa e foi para o seu quarto.

– Eu vou ficar um pouco lá fora. Estava sentindo falta das manhãs quentes de Leander. – Nicardo quem se retirava agora. Ficamos só eu e Alexis.

– Então... – tentei começar alguma coisa.

– E então! – ele sorriu parecendo não estar prestando atenção e depois ficou confuso – Hã... O quê? Estava falando alguma coisa?

Dei um tapa em minha própria testa e provavelmente fiquei vermelha com a estupidez. De repente eu não sabia o que falar com Alexis. Era como se... Sei lá... Eu simplesmente estava satisfeita em ficar olhando para ele – isso era um pouco estranho para mim.

– Você tem estado tão... Esquisita. – ele ainda estava comendo. Os favores de Nicardo deviam ser muitos e de muita importância, tudo estava sendo de graça.

– Eu? – botei a mão no peito – Esquisita? Nada!

– Está sim! – ele sorriu – Fica me olhando de uma forma estranha.

– Estranha não! – dei um tapa em sua mão – Diferente talvez, mas não estranha!

– Tudo bem, diferente. – ele sorriu.

– Posso te confessar uma coisa? – perguntei olhando diretamente para ele. Era hora de falar.

– Pode. – ele me olhou desconfiado.

– Eu acho que estou me apaixonando por você! – desabafei.

No mesmo instante ele levou um baita susto e cuspiu todo o suco que estava bebendo na minha cara.

– Tudo bem... Isso não foi legal! – disse enxugando os olhos – Acho que não era bem esse o tipo de tratamento que esperava, mas... Tudo bem.

– Beatriz... Nossa! Desculpe-me? – Alexis pegou um guardanapo e correu para me ajudar a enxugar o rosto.

– Tudo bem. – peguei o guardanapo da mão dele

– Desculpe, mas é que... Você me pegou de surpresa! – Alexis pegou outro guardanapo. Ele realmente queria me ajudar a me enxugar.

– Acho que eu que me precipitei um pouco. – levantei constrangida – Ou melhor... Sonhei um pouco alto de mais. Talvez o que o Nicardo tenha... – engoli as palavras.

– O que o Nicardo falou? – Alexis ficou nervoso.

– Ah... Nada!... Esquece! – sai de perto dele.

– Espere... Beatriz... Espere um minuto! – ele correu atrás de mim.

– Não! – gritei. Muitas pessoas centraram suas atenções em nós dois – Me deixe um pouco sozinha!

Subi para o meu quarto e fiquei um bom tempo por lá. Estava me sentindo extremamente envergonhada por ter me aberto com Alexis e estava com raiva de mim mesma por estar assim. Eu havia prometido a para mim que nunca mais choraria por garoto nenhum. Foi a primeira vez que quebrei uma promessa.

Depois que o dia “esfriou” – mas ainda estava bem quente –, tratamos de sair imediatamente do albergue e ficar o mais longe possível – não queríamos *mesmo* que aquela bruxa da Elma soubesse da busca do cristal.

Alexis e eu evitamos falar sobre a nossa conversa. Na verdade eu evitei. Evitei até mesmo de

falar com ele sobre qualquer outra coisa, não sabia se conseguiria falar com ele tão cedo.

– Então? – Neandro perguntou – Qual o nosso próximo destino?

– Vamos ver. – Alexis retirou as anotações – *Sou extremamente alto, tome cuidado. Não chegue muito perto, posso te queimar. Não me deixe nervoso ou devoro tudo.*

– Alto e quente? – Nicardo se assustou.

– Você sabe do que a pista está falando? – Alexis perguntou.

– O vulcão! – Nicardo apontou para o longe. Vimos uma imensa montanha bege – O Vulcão de Leander!

– Que legal; mais fogo! – bufei lembrando do monstro de fogo no trem.

O caminho para o vulcão não foi nada fácil. Passamos por uma “calorosa” floresta vermelha e amarela. A floresta era tão quente que parecia sufocar a cada tentativa de respiração. Era uma floresta muito estranha.

As árvores eram amarelas e as folhas vermelhas – algumas, cor vinho. As folhas eram secas, mas não pareciam querer cair tão cedo. Havia pedras de todos os tamanhos com cores amarronzadas em vários tons. O chão era marrom extremamente escuro, quase preto e era duro e muito quente – mesmo com um sapato era possível sentir a temperatura do chão. Uma névoa preta girava em torno da montanha. Era

uma névoa grossa, espessa e parecia ficar maior a cada rotação, mas voltava a diminuir.

– Quando subirmos a montanha, tentem focar a sua visão em mim. – disse Nicardo. – Não prestem atenção em *absolutamente* nada além de mim!

Pensei em perguntar o motivo, mas estava tão sufocada com o calor da montanha que não consegui sequer abrir a boca. Percebi que os outros estavam compartilhando da mesma dificuldade respiratória que eu.

Resolvi fazer o que ele mandou e foquei em Nicardo. Começamos a subi a montanha. Tentei não tirar os olhos de Nicardo, mas estava difícil. Olhei para Alexis e Neandro e percebi que eles também estavam tendo dificuldade em focar suas atenções em Nicardo. Olhei novamente para frente, mas não consegui encontrar Nicardo.

A princípio fiquei assustada, mas depois uma sensação leve me invadiu e me fez ficar com sono.

– Alexis?... – disse bocejando – Você está sentindo o que eu estou sentindo?

– Sentindo? – ele falou com uma voz grogue. – O que eu estou sentindo?

– Vocês! – Neandro também pareceu afetado – Nós devíamos parar e dormir.

No começo não percebi, mas o cenário começou a mudar para um fundo de colorido psicodélico e parecia estar flutuando. Caiu na

gargalhada e me joguei no chão. Neandro e Alexis fizeram o mesmo.

– Acho que deveria tentar levantar? – disse entre gargalhadas.

– Levantar para que? – Alexis também estava rindo.

– Acho que para andar. Eu sei andar? – Neandro parecia um bêbado.

– Ei! – Alexis olhou para alguma coisa – Que tal se... Segui... Se segui... Ai, não consigo completar a frase. Aquilo parece tão bonito!

Olhei para o que Alexis estava apontando. Era uma flor enorme. Deveria ter pelo menos 4 metros de altura e era de uma cor estranha, parecia dourado, marrom, vermelho e cinza ao mesmo tempo. Era como se a cada segundo a cor mudasse e depois voltava gradualmente para a cor inicial.

– Realmente, parece lindo! – Neandro se levantou, mas caiu novamente.

– Deixa... Deixa que... Arg... Eu vou! – Alexis parecia estar tendo problemas para falar – Deixa que eu vou!

Alexis se levantou, rodopiou em volta de si próprio e despencou no chão. Estávamos todos parecendo um bando de bêbados em uma praça desfrutando os últimos minutos de bebedeira antes de voltar a ficar sóbrio.

– Eu vou! – disse já em pé – Pode deixar que eu vou até lá por vocês!

Segui em direção a flor e uma sensação estranha tomou meu corpo. Algo parecia estar me avisando para parar, mas a tentação de chegar perto da flor era muito grande. Notei que Alexis e Neandro também estavam se levantando e seguindo para a flor.

– Ei, podem parar! – gritei – A flor é minha!

– Não, a flor é minha! – Alexis também gritou – Eu vi primeiro!

Quando fomos olhar para Neandro, ele já estava a nossa frente, quase chegando a flor. Novamente algo queimou em mim, como se quisesse avisar que existe alguma coisa de muito errado nisto tudo.

– Pode parar Neandro! – gritei novamente – A flor é minha!

– Eu já estou a um passo de pegar a flor! – Neandro ainda estava com a voz grogue.

– Porcaria! – ouvi a voz de Nicardo – Eu disse para vocês não prestarem atenção em nada além de mim!

– Cale-se! – Alexis gritou. Estávamos todos gritando.

Nicardo pegou algo do chão. Era areia e tacou nós olhos de cada um de nós.

– Ai! – gritei e balancei a cabeça – Mas o que...

– O que eu estava...

– Fazendo?... – Neandro finalizou a minha frase e a de Alexis.

– Não tirem os olhos de mim! – Nicardo pegou-me pelo braço e pegou Alexis, Neandro veio atrás – Veja para onde estavam indo!

Olhamos para baixo, onde deveria estar à belíssima flor e vimos uma imensa coisa vermelha com grandes dentes, feito tubarão.

– O que é isso?! – me assustei.

– E a devoradora! – Nicardo nos soltou – Se não focarem seus pensamentos em um único objetivo, que no caso é chegar ao topo do vulcão, ela confunde os seus pensamentos e cria essa armadilha para devorar os desavisados.

– Que horror! – tapei a boca com a mão.

– Agora vamos! – Nicardo voltou a subir o vulcão – E não pensem em mais nada além de chegar ao topo!

Fiz o meu máximo e foquei todos os meus pensamentos em chegar ao topo da montanha. Deveria haver uma placa no começo do vulcão avisando:

CUIDADO!

PLANTA COMEDORA DE GENTE.

PENSE APENAS NO SEU OBJETIVO OU SERÁ

DEVORADO.

AGRADECIDO

A DIREÇÃO

Chegamos ao topo quase enfartando. O calor era cruel, ficando cada vez mais forte a cada vez que nos aproximávamos do topo. Achei que não iria

consegui quando finalmente vi algo em cima de um tipo de pedestal de pedra. Era o cristal.

– Era só isso? – Neandro perguntou. – Que patético!

– Neandro... – o fitei – A última vez que você fez essa pergunta uma estátua de duas cabeças começou a nos atacar.

– Mas um raio não cai duas vezes no mesmo lugar! – Neandro sorriu.

– Não?! – Nicardo apontou para algo que estava escondido, se disfarçando de rocha.

Era um grande monstro de pedra. Ele se levantou e, assim que nós viu soltou uma bafurada de fogo para o alto.

– Que ótimo. – Alexis tirava sua espada – Outro monstro de fogo!

Nicardo fez novamente sua espada de gelo e eu conclui que devia usar as bolas de água. Alexis e Nicardo atacaram primeiro, a intenção era distraí-lo. Neandro mandou que jogasse bolas de água para evitar que ele jogasse chamas pela boca enquanto eles tentavam descobrir o ponto fraco do monstro.

– Será que teremos que enfrentar monstros para conseguir os cristais? – perguntei indignada.

– Acho que sim! – Neandro respondeu enquanto tentava atacar o monstro.

O monstro não era muito grande, mas parecia muito forte. Ele era redondo e andava sob quatro patas. Sua cabeça era em formato de losango e a única

coisa que não era feita de pedra eram dentro de sua boca e os seus olhos.

– Neandro! – uma idéia me veio à mente –
Tente atacar a boca ou os olhos!

Neandro pulou e o atacou na boca. O monstro rugiu e tentou jogar uma baforada de fogo, mas o impediu. Ele pareceu entender a nossa intenção e ficou o resto da luta de boca fechada, atacando apenas com as patas.

Alexis, Neandro e Nicardo tentavam alcançar os olhos, mas ele sempre conseguia impedir que isso acontecesse. Nicardo e Alexis tentavam distrair o monstro atacando-o nas pernas e na barriga, mas não pareceu surtir muito efeito.

Tentei fazer-lo abrir a boca jogando rajadas de água e fogo e experimentei usar algumas pedras para atacar-lo. Diferente dos outros monstros, esse pareceu entender o nosso plano e ignorava todas as nossas tentativas de fazer-lo abrir a boca e essa atitude só provava o que já sabia.

Voei e cheguei perto do monstro. Comecei a tacar bolas de fogo em sua cabeça, mas ele ignorou. Continuei tacando bolas de fogo e de água, mas ele estava restivo e continuou atacando os garotos. Tentei fazer algo diferente. Um surto de “sabedoria” me veio à mente e de repente eu sabia que poderia juntar o fogo e a água para criar uma bola de elementos cujo dano seria maior. Ter parte de uma das grandes magas ajuda muito nestas horas. Consegui fazer a grande bola

de elementos e atirei no monstro. Finalmente consegui chamar sua atenção.

– Neandro – gritei – Ataque os olhos!

Neandro aproveitou que o monstro estava prestando atenção em mim e subiu até os olhos. O monstro percebeu o que Neandro queria fazer e começou a se sacudir, tentando derrubar-lo. Neandro manteve-se firme e cravou sua espada de gelo no olho esquerdo do monstro. O monstro não teve outra saída a não ser dar um berro de dor, abrindo completamente a boca.

– Neandro?! – Nicardo gritou subindo para perto da boca do monstro – Eu sei o que fazer!

– O que? – Neandro parecia ter ficado um pouco surdo com o grito do monstro.

– Eu sei o que fazer! – Nicardo gritou mais alto. O monstro se sacudia e atirava baforadas de fogo para todos os lados.

Nicardo conseguiu chegar até os olhos do monstro, onde Neandro estava. Neandro estava flutuando, evitando que o monstro lhe acertasse, já Nicardo estava tendo dificuldades de se segurar com o monstro sacolejando para todos os lados.

– Sua espada poderia transformar pedra em gelo?

– Sim! – Neandro disse – Mas apenas eu posso fazer isso!

– Então venha comigo! – Nicardo puxou Neandro. – Beatriz – ele gritou – Não deixe o monstro

jogar baforada de fogo. Se ele tentar, impeça imediatamente!

– Entendi! – respondi temendo o que eles pudesse fazer.

– Alexis, pegue o cristal e siga em frente! – Nicardo gritou para Alexis.

– Mas eu vou fazer isso porque preciso do cristal, não porque está mandando! – Alexis tinha que fazer uma das dele.

– Que seja! – ouvi Nicardo resmungar – Só pegue o cristal!

– Mas o que pretende fazer? – Neandro perguntou.

– Você vai entrar dentro do monstro! – Nicardo colocava as mãos nos ombros de Neandro.

– O que? – Neandro gritou.

– Você precisa acertar o coração dele e transformar em gelo! – Nicardo explicava.

– Está louco? – Neandro gritou.

– Mas você precisa sair antes do corpo congelar por inteiro, caso contrario ficará preso dentro do corpo do monstro. – Nicardo parecia ignorar. – Está pronto?

– Não! – Neandro estava assustado.

– Ótimo! – Nicardo continuava assustado – Vou acertar-lo no outro olho e você entra pela boca!

– Mas...

Antes de Neandro terminar de dizer qualquer coisa, Nicardo correu – com um pouco de dificuldade –

e acertou o outro olho do monstro. Novamente um berro de dor ecoou por todo o vulcão.

– Agora Neandro vai! – Nicardo quase empurrou Neandro para dentro do monstro.

Imediatamente Nicardo tentou atrair o monstro para a boca do vulcão. Era uma imensa cratera, borbulhando larva, bem no meio de toda a confusão.

As intenções de Nicardo não haviam sido claras, mas esperava que funcionasse. Não gostaria nem de imaginar caso Neandro não conseguisse acertar o coração do monstro ou ficasse preso lá dentro.

Alexis aproveitou e pegou o cristal, mas não seguiu em frente. Ele parecia preocupado com o irmão e também não sairia dali sem ver-lo de novo.

De repente o monstro para e fecha a boca, caindo no chão e fazendo um tremendo barulho. Fiquei desesperada, Neandro não havia saído.

– Neandro! – gritei.

– Droga, droga, droga! – Alexis guardou o cristal e correu para perto do monstro. Fiz o mesmo.

Ao poucos o monstro foi virando uma grande pedra de gelo. Eu e Alexis tentamos abrir a boca do monstro para libertar Neandro, mas não conseguimos. Nicardo estava perplexo. Provavelmente acreditou que Neandro sairia a tempo. Foi quando a boca do monstro começou a ficar quente.

– Saíam todos de perto! – Nicardo gritou.

Na mesma hora uma explosão de pedra de gelo tomou conta do vulcão. A boca do monstro estava completamente destruída e Neandro estava de volta, ofegante e coberto por um tipo de gosma transparente e pequenos pedaços de carne vermelha que ainda pulsavam.

– Nunca... Mais... Faça... Isso! – Neandro falava com um pouco de dificuldade.

– Neandro! – corri e fui abraçar-lo. Parei no meio do caminho – Eca!

– E... Eu sei – Neandro parecia furioso – Eu estou fedendo pra caramba!

Seguimos de volta para o albergue. Achei engraçado, mas o tempo não estava mais tão sufocante e cansativo. Provavelmente porque já estava começando a entardecer.

– Credo! – Dona Elma assim que viu Neandro – Foi engolido por um bicho?

– Quase. – Neandro subiu irritado – Preciso urgentemente de um banho!

– Mas que arrogante! – Dona Elma bufou.

– Olha quem fala. – sussurrei.

– O que disse menina? – ela me fuzilou com os olhos.

– Nada! – sorri desanimada – Só estava pensando alto. Nicardo, eu vou para o meu quarto!

– Tudo bem. – ele sorriu.

– Eu vou com você! – Alexis quase tropeçou. Minha má sorte estava sendo transferida para Alexis?

– Espero não ter tanto trabalho assim com os outros cristais! – Alexis deixou escapar. – Opa! – ouvi sussurrar.

Dona Elma olhou para nós dois com uma cara feia e depois falou alguma coisa com Nicardo. Ele pareceu confuso, mas provavelmente estava inventando alguma para os “cristais”. Algo me dizia que isso seria péssimo para todos nós e que muita confusão seria gerada por conta dessa “escapulida” de Alexis. Isso não era *nada* bom.

CAPÍTULO 16 / A MISTÉRIOS FUGITIVA E A CAVERNA DAS ÁGUAS

Assim que saímos do albergue, pedi para que o que Alexis deixou escapar sobre os cristais não pudesse nos prejudicar. Mas algo me dizia que não era seguro confiar naquela aspirante à bruxa da Elma.

Pegamos um navio – outra vez – e seguimos para Neide. Neandro disse que a distancia de Leander para Neide era bem menor em consideração a distancia de Ofir para Sotero e iríamos chegar a Neide em 1 dia e meio.

Nicardo conseguiu trocar uma parte das jóias por chrímatos, a moeda oficial de toda Ofir. Não sei como ele conseguiu trocar tanto dinheiro sem que desconfiassem, mas para evitar confusão compramos passagens de 3ª classe. A noite chegou repentinamente.

– Neide é um reino “tropical” igual à Leander?
– perguntei a Neandro.

– Muito pelo contrario! – ele se espantou, como se minha pergunta fosse extremamente absurda. E realmente era – Neide é o reino das águas, onde o frio é predominante. O inverno de lá é rigoroso, mas atrai muitos turistas, pois é o único lugar onde neva.

– E nós ficaremos em Neide vestidos assim? – perguntei assustada.

– Obviamente não! – ele sorriu – Nossa primeira parada será em uma loja de roupas.

– Oba! – comemorei, mas... *BOOM*, acabei tropeçando e caindo de cabeça no chão.

– Você está bem? – Neandro estava preocupado.

– Sim! – passei a mão na cabeça – Acho que sim.

De todas as noites que passem no mundo de Ofir, sem dúvidas essa foi a pior. O colchão era horrível, os travesseiros eram horríveis, até os lençóis eram horríveis. Mas o que poderíamos esperar de um quarto de 3ª classe? E para piorar, estava toda doida da queda que havia levado horas mais cedo. Acordei no dia seguinte acabada.

Quando chegamos a Neide tive uma agradável surpresa. A cidade era simplesmente linda!

As ruas eram feitas de uma pedra transparente e abaixo de nós, a água. Podíamos até ver peixes nadando. As casas eram todas feitas de pedras azuladas que pareciam reforçar ainda mais o clima frio. Havia várias árvores de tronco azul e folhas brancas e uma diversidade incrível de flores. As casas tinham canteiros de rosas brancas e o simples fato de olhar para um dos neidianos já trazia uma paz imensa, de tão amistoso que eram apenas com olhares.

As pessoas vestiam modelos belíssimos, verdadeiros trajes de frio o que fez eu me lembrar que ainda estava com a mesma roupa velha de sei lá quanto tempo – por isso estava tremendo até os queixos.

– Vamos! – Neandro apontou para um homem com uma bonita carroça. Era um taxista.

– Imagino que desejam ir para a Loja Juvenca?!
– o taxista perguntou sorridente.

– Não! – Neandro devolveu o sorriso – Iremos para a Náíade, por favor!

– Tens certeza? – o taxista perguntou assustado.

– Absoluta!

Seguimos para a tal loja Náíade e eu ficava cada vez mais encantada com o reino de Neide. Especialmente pelas pessoas que estavam ali, elas eram tão simpáticas e agradáveis de se olhar. A maioria tinha uma coloração meio branca e azulada, pode ser estranho a primeira vista, mas o sorriso deles é tão encantador que logo isso vira um pequeno detalhe. Os cabelos – em sua maior parte azuis escuro ou marinho – eram extremamente lisos e seus olhos eram azuis cinzentos e todos puxados, feito olhos de asiáticos, parecendo guardar todo o oceano em duas pequenas esferas. Seus rostos eram afilados e bonitos e em seus pescoços, quase disfarçadamente, havia guelras semelhantes as de um tubarão, o que me fez pensar que eles deveriam se dar muito bem debaixo d'água.

Paramos em frente a uma bela loja com um design elegante demais para ser uma loja popular. A pequena grande loja fazia lembrar um castelo, em miniatura. Por dentro também era extremamente elegante e muito luxuoso.

– Príncipe Neandro! – um dos funcionários veio nos atender – Quanto tempo não nos visita?

– Realmente Turin, faz um bom tempo que não passo por aqui. – Neandro parecia bem a vontade.

– Mas o que aconteceu com o senhor? – ele parecia espantado com a nossa aparência. Não podia culpar-lo.

– Digamos que estamos nos metendo em encrencas demais! – ele sorriu – Ah, claro, conheces meu irmão, Alexis?

– Então esse é o famoso Alexis? – ele parecia encantado – Imaginei que fosse mais novo. Já completastes a maior idade príncipe Alexis?

– Quanta insolência fazer esse tipo de pergunta a mim! – Alexis estava voltando a ser o que era antes.

– Ele recebeu a permissão de viajar comigo! – Neandro pareceu querer desfazer a arrogância de Alexis. – Esses são meus amigos, Nicardo e Beatriz!

– Será uma grandíssima honra atender aos amigos do príncipe Neandro e ao seu irmão mais novo. – Turin fez uma reverencia e nos levou ate uma sala com bancos.

– O que desejais príncipe Neandro? – Turin fez gestos estranhos para duas moças – Por acaso é alguma festa ou apenas compras para uso pessoal?

– A situação é essa meu caro Turin – Neandro colocou a xícara na bandeja que havia sido posta encima de uma mesa – Nós, por razões de distração, acabamos perdendo todas as nossas malas em uma

viagem de Sotero até Leander e agora estamos precisando refazer nosso guarda roupa.

– Sim, compreendo. – Turin fez uma referencia.

Não demorou muito e Turin voltou com varias araras de roupas repletas dos mais lindos modelos que já havia visto. A maioria eram de roupas de inverno, mas havia algumas roupas para o verão e todas eram lindas. Saímos da loja renovados.

Assim que saímos da loja, um susto. Alguém, correndo feito louco vestindo um sobretudo azul com um capuz, tropeçou em mim. Era uma gratota. E estava completamente apavorada.

A garota era uma neidiana. Tinha longos cabelos azul marinho levemente encaracolados – diferente da maioria – que estavam presos em uma presilha de golfinho. Seus olhos puxados tinham um azul cinzento tão belo que não parecia de verdade, como se realmente tivesse um pedaço do oceano preso em seus olhos. Sua pele branca estava um pouco avermelhada e suas guelras demonstravam que ela estava bem ofegante.

– Por favor me ajudem! – ela pediu. – Tem três... Três bandidos... Tem três bandidos correndo atrás de mim.

– Rápido, por aqui! – Neandro pegou a menina e colocou dentro do taxi que havíamos chamado. – Nos leve para o Hotel Halias! Rápido!

O taxista “acelerou”. A garota estava extremamente assustada e não parava de olhar para

trás. Quando ela notou que estava sem a capuz se assustou e colocou de volta na cabeça. A garota começou a respirar profundamente e pareceu começar a se acalmar.

– Eles te fizeram alguma coisa? – Nicardo perguntou.

– Não... Eles não me fizeram nada! – ela ainda estava um pouco ofegante.

– Te levaram alguma coisa? – perguntei.

– Não, não... Eu... Eu... Eu consegui ser rápida! – ela respondeu pondo a mão no peito.

– Está tudo bem então? – Nicardo perguntou.

– Sim... Agora está! – ela realmente parecia estar melhor. – Muito obrigada, não sei nem como agradecer.

– Dizer o seu nome é um bom começo! – Alexis riu.

– Hã? Meu nome? – ela pareceu se assustar – Bem... Ahn... Meu nome é... Selena! Isso, meu nome é Selena!

– Tudo bem, Selena, estava indo para algum lugar em especial? – Neandro perguntou.

– Estava!... Digo... Não... Quer dizer... Estava, sim eu estava! – começava a desconfiar dessa Selena.

– E para onde estava indo? – Neandro perguntou – Podemos te levar!

– Ficariam chateados se eu dissesse que não posso contar a vocês? – ela fez uma careta e sorriu. Ela tinha um belíssimo sorriso.

– Sim! – Alexis respondeu birrento – Você tem o dever de di...

– Desculpe o meu irmão! – Neandro estava tapando a boca de Alexis – Ele é um pouco falador e as vezes até um tanto... Arrogante.

– Entendo! – ela sorriu.

– Olhando o seu rosto... Você me faz lembrar alguém. – Neandro fitava o rosto de Selena – Talvez se seus cabelos... Não, não, não! Impossível!

– Creio que seja mesmo, seu rosto não me é nenhum pouco familiar. – Selena sorriu.

Nicardo olhou para Neandro e os dois pareciam estar conversando com olhares. Nicardo assentiu alguma coisa e Neandro deu de ombros.

– Alexis, poderia nos dizer a próxima pista? – Neandro tirou a mão da boca de Alexis.

Alexis bufou, limpou a boca e depois tirou, com um pouco de raiva, as anotações do bolso e estendeu no colo.

– *Coberto de água eu vivo, coberto de água morrerei. Meu mundo é escondido e apenas para quem é digno eu mostrarei.* – Alexis franziu a testa.

– Mas que coisa confusa! – disse eu – Quem escreve essas coisas mesmo?

– Espere! – Selena deixou o capuz cair – *Coberto de água eu vivo, coberto de água morrerei?*

– Você sabe onde é? – Alexis perguntou.

– Senhor, sabe onde fica o Vale Dilza? – Selena perguntou para o motorista.

– Sim senhorita! – ele respondeu.

– Então nos leve para lá! – Selena parecia já saber. – Ele está falando da Caverna das Águas!

– Caverna das Águas? – perguntei para mim mesma.

– É um lugar sagrado para os neidianos. – ela contou – Fica ao noroeste de Neide. Existe uma velha canção neidiana que fala sobre esse lugar e um dos fragmentos desta canção é justamente esse “*Coberto de água eu vivo, coberto de água morrerei*”. – ela cantarolou.

– Mas lugares sagrados não são de conhecimento apenas das famílias reais? – Neandro estava intrigado.

– Sim. – ela parecia sem jeito – Mas... Eu sou uma garota sortuda, já entrei e sai do castelo varias vezes sem ser pega e pude ouvir histórias e canções como essa.

– Por acaso você é uma assaltante? – Alexis perguntou assustado

– Não! – ela gritou – Apenas... Tenho uma amiga que mora lá.

– Muito estranho. – ouvi Nicardo sussurra.

Explicamos toda a nossa história para Selena. Alexis não havia gostado muito da idéia, mas Nicardo garantiu que ela era confiável, e como ele consegue enxergar as verdadeiras intenções das pessoas, não tínhamos motivos para desconfiar.

Chegamos até uma região arenosa. Chegava a parecer uma parte perdida de Leander de tão seca. Cheguei a duvida que estávamos no lugar certo. Tudo o que tinha naquele vale eram varias crateras, uma montanha e uma imensa pedra na montanha, como se quisesse tapar algo – como uma entrada para uma caverna.

– É aqui? – perguntei.

– É aqui! – ela respondeu chegando perto da pedra.

– Ótimo! – Alexis se irritou – Como vamos retirar essa pedra da entrada? – sua voz ecoou de tão alto que ele gritou.

– Com licença? – Selenia se aproximou um pouco mais da pedra

Ela fechou os olhos e começou a falar em um idioma que eu nunca havia ouvido. Parecia uma mistura de mandarim com fala alienígena. Tentei decifrar o que ela estava fazendo, mas não demorou muito para descobri.

A pedra moveu-se sozinha do lugar, abrindo a passagem para a entrada da caverna. Ainda não conseguia entender por que chamavam de “Caverna das Águas”, mas achei que isso não tinha importância.

– Vai-me dizer que aprendeu isso nas suas “visitas” ao castelo? – Alexis perguntou.

– Sim. – Selenia não parecia muito confiante na resposta.

Entramos na caverna e a rocha voltou para o lugar. A escuridão tomou conta de toda a caverna, não estava conseguindo enxergar absolutamente nada.

– Alexis você está aí? – perguntei.

– Claro que estou! – ele respondeu.

– Espere. Você está na minha frente? – perguntei – Então quem está atrás de mim?

– Sou eu, Nicardo! – ele respondeu.

– Ei, o que você está fazendo atrás da Beatriz?

– Alexis começava os seu ataques de ciúmes – Pode sair daí agora!

– Ei quem pisou no meu pé? – ouvi a voz de Neandro.

– Ai, desculpe, fui eu! – Era a voz de Selena.

– Será que não tem nada para fazer a luz? – era a voz de Alexis

– Quiiiiiiribiii xiu uwan!!! – uma voz desconhecida.

– Aaahhh! – eu e provavelmente todos os outros, exceto Selena.

As luzes voltaram e um ser de pelo menos 1 metro e meio estava a nossa frente. Era um ser de orelhas grandes e arredondadas, pareciam orelhas de elefante. A pele era branca e rosada e tinha um tipo de nadadeira junto aos braços. Seus olhos eram grandes, feito os de peixe, mas seus lábios eram como de humanos. Ele vestia apenas um cinto, algo que parecia uma pequena saia e um bracelete dourado.

– Quan fa zua uxooooo – Selena começou a conversar com o ser.

– Guan din fa guan din! – o ser respondeu. Acho.

– Oh, quan fuuuuu din guan din. Awai din – Selena parecia estar progredindo.

– Xiu fa! – o ser ficou nervoso – Quan din tuna fa jiu tiuoooo!

– Tribiiiii cuan qua. – Selena ficou seria e depois os dois riram.

– O que está acontecendo? – olhei para Nicardo na esperança de ele entender o que se passava.

– Eu não faço a mínima idéia! – ele respondeu – A única coisa que sei é que eles já se conhecem há tempos.

– Bariba quiiiiiii! – Selena bateu palmas e depois ficou seria – Zirun fa Bi ri bop a bi ri qua guan baa ziri. – ela olhou para nós, o ser fez o mesmo. – Zuiki driiibiiii bruuu zuuuan zig din.

– Kua, kua, kua, kua, kua! – o ser pareceu gargalhar, mas quando viu que Selena ainda estava seria, parou – Quika bi ri bop a bi ri? Suki wiiii ba su dripiiii zhuah!

– Zukiii jun han fa xiu guan bi ri bop a bi ri daki suuuu zig driiiii quiiir. – gostaria de uma tecla SAP neste momento. – puapua quede a bi ri bop a bi ri uwan havandiiiiii cuan o masyer.

– A cuan o masyer! – estava perdida nesta conversa.

– Cuan! – o ser entrou.

– Por um acaso isso que acabou de acontecer foi uma... Conversa? – perguntei.

– Ah sim, foi! – Selenia sorriu.

– E o que o... A... O que aquilo disse? – perguntei.

– “Aquilo” se chama Quantos, ele é um Aqua. – Selenia respondeu.

– Um Aqua? – perguntei.

– São os seres sagrados de Neide. – ela sorriu – São um dos únicos que não foram extintos. Eles originaram o povo de Neide. São uma raça avançadíssima, assim como todos os Enides.

– O que são Enides? – me senti extremamente burra neste momento.

– Enides são os seres que habitavam o reino de Ofir e os continentes do sul antes de Basílio chegar. – Alexis respondeu. – Com exceção de Calidora e Menelau, todos os continentes tem uma raça de Enides, mas a maioria está extinta.

– E os poucos que vivem, estão escondidos! – Nicardo completou.

– Muito me admira os Aquas terem conseguido sobreviver tantos anos! – disse Neandro.

– Mas o preço e viver escondido. – Selenia parecia triste. – Eles disseram que eu preciso conversar

com o rei para conseguir o cristal, mas eu tenho que ir sozinha.

– Por quê? – Alexis perguntou.

– Por que... Porque eu sou a única neidiana. – Selenia pareceu ofendida.

Neandro desconfiou, mas – acredito que assim como eu – ele achou que era uma razão plausível, visto que se tratava de um povo que vive ameaçado de extinção. Era mais que compreensível que eles só confiassem em neidianos.

Selenia foi acompanhada por um dos Aquas até um grande corredor onde uma grande porta se abriu. O que se revelou depois da porta foi surpreendente.

Era um enorme rio e uma enorme cachoeira. Havia várias rochas e pequenas montanhas e uma ponte feita de madeira que levava até outra grande porta. Vários Aquas brincavam na água e outros pulavam do alto da cachoeira. Era uma das visões mais lindas e relaxantes que já havia presenciado. A água era tão limpa que parecia de mentira e tocavam uma música deliciosamente contagiante.

A música era lenta e agitada ao mesmo tempo, tinham tambores, harpa e um tipo de instrumento que fazia sons cristalinos. A música era tão relaxante quanto o ambiente, estava tudo em extrema perfeição.

– Vocês fiquem aqui, eu volto logo! – Selenia foi levada até a outra porta.

– Eu irei dar uma olhada por aí. – Nicardo saiu para explorar o lugar.

– Eu te acompanho. – Neandro também saiu.
Isso era muito estranho.

Ficamos eu e Alexis “sozinhos” no meio de vários Aquas. Por alguns minutos tudo o que se pode ouvir eram “zuiiii quiii” ou “fa quibriiii” ou qualquer coisa do tipo.

– Alexis? – disse subindo em uma rocha de uns quase dois metros.

– Sim? – ele respondeu serio.

– Eu fiquei muito desesperada quando achei que você tinha morrido.

– Eu? Morrido? – ele estranhou.

– Na floresta de dois gumes! – lembrei-o.

– Ah, sim! – ele ficou vermelho – Sabe que ainda não me lembro direito do que aconteceu.

– Se... E se... E se por acaso eu morresse? – fui logo ao assunto.

– O que você está dizendo menina? – ele se assustou.

– Se eu morresse...

– Você não vai morrer! – ele pareceu zangando.

– Mas se eu morresse... Você iria se desesperar ou ficar triste?

– Olha aqui, você não vai...

Antes que ele pudesse completar a frase, escorreguei da rocha e cai em direção ao rio. Ouvi vários Aquas gritando “Quan, quan!” e depois *tibum*, cai dentro do rio. Não sei dizer se eu realmente

escorreguei ou se me joguei, mas o que eu realmente queria saber eu acabei descobrindo com isso.

Alexis se jogou no rio e me pegou no colo. Lembro-me de estar um pouco assustada e ele desesperado demais, então aconteceu. Foi tão de surpresa que nem pude acreditar que realmente estava acontecendo. No meio daquela água fria, um beijo ardente aqueceu meu corpo e me trouxe de volta a superfície revigorada. Ouvi uns “*Quiiiiis, quiiiiis*” vindo dos Aquas, mas tudo o que eu conseguia pensar era em Alexis e em seus lábios na minha boca.

Não sei se ficamos muito tempo nos beijando, mas sabia que havia sido tempo o suficiente para mexer com todo o meu corpo. Meu coração estava acelerado, minha respiração também estava mais rápida e meu corpo estava ficando em chamas. Quando o beijo terminou e senti o hálito fresco de Alexis no meu nariz, já estávamos de volta à superfície e nadando para fora d’água.

– Eu sabia! – eu disse – Você gosta de mim!

Alexis me olhou com cara feia. Acho que havia falado um pouco mais do que eu deveria. Isso não foi nada bom.

– Então você fez tudo isso de propósito? – Alexis ficou zangado e me soltou.

– Não! – fui atrás de Alexis – Espera! Você entendeu tudo errado!

– Não, eu entendi perfeitamente! – ele tentava dar passos dentro d’água.

– Não foi isso! – me desesperei – Espere. Alexis.
Vamos conversar, espere!

– Mas o que aconteceu? – Neandro perguntou quando viu nós dois voltando completamente molhados.

– Nada! – Alexis respondeu furioso.

– Ahã, sei... – Neandro desconfiou.

Neste mesmo momento outra pessoa apareceu furiosa. Era Selenia que saía da sala do rei. Pelo seu rosto as coisas pareciam ter sido péssimas na sala do rei.

– Vocês não vão... O que aconteceu com os dois? – Selenia se assustou.

– Kiribi a quiiiiis, kiribi a quiiiiis! – alguns Aquas começaram a falar. Selenia ficou vermelha.

– Acho que caíram na água! – Nicardo segurou uma gargalhada.

– Não importa! – Selenia voltou a ficar com raiva – Infelizmente o cristal não está mais aqui.

– O que? – todos falamos juntos.

– Como assim? – Alexis, que já estava nervoso, ficou ainda mais nervoso.

– O cristal já foi levado por outra pessoa! – ela respondeu.

– E quem seria? – perguntei

– Berilo, o rei de Neide!

CAPÍTULO 17 / A INÚTIL INVÃSO AO CASTELO
DE NEIDE



spere – Neandro parecia não ter entendido – Como assim?

– Ele veio, pediu o cristal e eles deram. Simples assim! – Selenia estava muito nervosa.

– Mas... Mas... – Neandro estava inconformado.

– O que vamos fazer agora? – perguntei.

– Vocês precisam muito deste cristal, certo? – Selenia parecia ter bolado um plano.

– Sem ele não conseguiremos chamar Dâmaris para fazer o pedido. – Nicardo explicava.

– Então só existe um jeito! – ela parecia não gostar muito deste jeito.

– Qual? – todos nós perguntamos ansiosos.

– Invadir o castelo!

– O que? – Neandro deu um pulo. – Mas... Não, de jeito nenhum!

– Neandro... – ela tentou argumentar.

– Eu conheço a família real de Neide desde antes de atingir a maior idade, não tenho necessidade de sair invadindo castelos. – Neandro caminhava até a saída.

– Mas Neandro... – ela tentou novamente.

– Nem adianta, eu não vou fazer isso! – ele balançava excessivamente a cabeça – Eu irei até o castelo e pedirei o cristal. Vou explicar a nossa situação

e dizer o quanto precisamos deste cristal, ele irão entender.

– Neandro, ele não vão! – Selena entrou na frente dele.

– Como pode ter tanta certeza? – Alexis perguntou irritado. Acho que ele também não gostou da idéia de invasão.

– O Rei Berilo e a Rainha Alécia estão muito mudados. – ela parecia decepcionada. – E mesmo que consiga falar com eles, não irá conseguir o cristal. Ele não irão te entregar.

– Eu não concordo com isso. – Neandro mantinha-se firme – Eu não gosto nem um pouco desta idéia.

– Mas é a única forma! – Selena tentava convencer de qualquer forma Neandro.

– Não! – ele a parou – Eu ainda acho que do meu jeito é melhor.

– Do seu jeito será um atraso! – ela alterou o tom de voz.

– Do meu jeito será o certo! – ele ainda não estava convencido.

– Mas existem pessoas que não merecem que joguem limpo com elas. – Selena ficou seria.

– Por que essa implicância com a família real? – Neandro se irritou – O que te faz ter tanta raiva assim deles?

– Não é raiva... E desgosto! – ela ficou triste – Se você... Esquece! Quer saber, faça como quiser! Se

lhe é conveniente perder tempo e se arriscar falando com meus pais que vá!

– Seus pais? – Neandro se assustou.

A principio Selena pareceu não perceber o que havia dito, depois se assustou também e logo em seguida começou a nos fitar como se não tivesse entendendo o motivo de estarem todos surpresos com o que ela disse.

– Todos em Neide chamam os reis de pais. – ela não parecia gostar deste costume.

– Nunca ouvi falar sobre isso. – Neandro parecia desconfiado.

– Pergunte a qualquer um habitante de Neide.

– E se resolvêssemos invadir o castelo? – Neandro resolveu pensar na possibilidade – Como faríamos? Quem garantiria que o cristal está lá? O que faríamos se fôssemos pegos?

– Isso você deixa comigo! – ela deu um sorriso torto – Eu não já disse que já fiz isso varias vezes?

– Talvez ela possa estar certa. – Nicardo partiu em defesa de Selena.

Neandro olhou para Nicardo desconfiado e ele pareceu pedir para dar uma chance a Selena. Já estava me habituando a essas conversas “cerebrais” de Nicardo e Neandro.

– Tudo bem, vamos fazer do seu jeito! – Neandro cedeu – Mas ainda continuo não gostando nem um pouco desta idéia.

Sáímos da caverna. O taxista ainda estava lá, como Neandro havia pedido. Ele parecia extremamente entediado e no momento em que saímos, ele estava sentado em uma rocha pequena, chutando pedrinhas para longe.

– Você tem certeza de que sabe o que está fazendo? – Neandro perguntou para Selenia.

– Confie em mim! – ela sorriu.

Seguimos para o castelo. Ainda não estava acreditando que estávamos prestes a invadir um castelo. Não estava sentindo que poderíamos ser pegos, mas eu tinha certo receio quanto a isso.

Selenia nós passou uma quase aula de como invadir o castelo. Explicou cada local onde passaríamos, cada risco que correríamos, quando deveríamos ficar atentos e quando poderíamos relaxar. A cada palavra que ela terminava de dizer, um arrepio na espinha aparecia.

– Entenderam tudo? – Selenia perguntou quando terminou de explicar.

– Acredito que sim. – sorri constrangida.

– Entendemos! – Alexis ainda estava com raiva de mim.

Chegamos ao portão do castelo. Havia dois guardas atentos, vigiando cada passo. Como Selenia havia explicado, passamos por trás, pelo lado esquerdo. Os portões se abriram e o resto do grupo seguiu com o plano. Por algum motivo eu não consegui sair de frente do portão, estava paralisada.

De repente alguém, montado a cavalo, sai do castelo e segue em minha direção. Queria sair da frente dele, mas não conseguia. Quando viu que não sairia da frente, ele parou o cavalo, que relinchou, e ficou um curto período de tempo me fitando.

O homem vestia um manto negro, mas por baixo podia ver que vestia uma armadura. Sua pele era avermelhada, como a de Nicardo, mas ele não parecia um leandinês. Tinha um longo nariz e seus cabelos eram cor de vinho. Seus olhos eram verdes escuros e transmitiam uma áurea podre, maligna e aterrorizante.

O homem prosseguiu e eu continuei paralisada. Quando voltei em mim, estava sendo puxada por Selenia que havia aproveitado que os guardas haviam fechado o portão e entrado para o castelo. Apenas um guarda ficou do lado de fora, mas ele não me viu sendo levada.

Demos a volta no castelo até chegar a uma grande árvore de tronco azul marinho. A árvore era na verdade uma porta para uma passagem secreta. Selenia abriu a passagem e entramos rapidamente.

Dentro da árvore havia um túnel pequeno. Seguimos por ele e saímos dentro do jardim do castelo. Ali só havia três guardas, bem longe e passamos entre os arbustos. Meu corpo congelou quando um dos guardas começou a se aproximar de nós depois de eu ter esbarrado em uma pedra. Se ele desse mas cinco passos teria nós visto, mas o seu colega o chamou e pudemos continuar.

Dos arbustos passamos para dentro de uma pequena torre. Dentro da torre havia apenas armamentos de guerra. Selenia parou na frente de uma parede, nos chamou e empurrou a parede que revelou outra passagem secreta.

Andamos em um corredor mais longo e Selenia prestava atenção em cada parede, que estavam numeradas. Na parede 112 ela empurrou e saímos em um quarto extremamente luxuoso. Foi o quarto mais belo que eu já havia visto em Ofir. Havia uma cama que caberia cinco de mim, com lençóis e cortinado, vários enfeites de seres marinhos espalhados pelas cômodas e escrivatinhas e desenhados na parede. Havia um guarda roupa incrivelmente grande e um tapete azul claro no chão. Havia outras coisas que eu não sabia dizer o que era, mas sabia que eram lindas.

Saímos do quarto e passamos por um pequeno corredor que nos levou até um jardim interno. Entramos no jardim e fomos recebidos por um agradabilíssimo anfitrião. Era um Samoieda de verdade. Eu sempre o via em guias de raças de cães, mas nunca havia visto um na minha frente.

– Essa é a Ladia! – Selenia sorriu acariciando a Ladia – Essa é a amiga que eu tenho aqui.

– Você invade castelos por causa de... Cachorros? – Alexis parecia muito surpreso.

– Ei! – ela fitou Alexis – Ladia não é uma cachorra qualquer, ela é minha melhor amiga!

– Fora que ela é muito fofa! – tinha que defender a Selena – Olha essa pelagem, tão branquinha. Acho que eu também invadiria castelos se fosse sempre recebido por essas coisinhas mais lindas.

– Pode passar a mão! – Selena levava Ladia para mais perto de mim.

– Que linda! – disse enquanto ela lambia minha mão.

– Selena, não acha melhor seguirmos a diante?
– Neandro perguntou.

– Sim, sim. – ela já estava se despedindo de Ladia. – Vamos.

Do jardim, pegamos outro corredor. Diferente dos demais, esse era extremamente longo e vazio. Havia alguns – muitos – quadros e Selena contava cada um com muita atenção. Ela parou no quadro de número 14 e novamente passamos por outra passagem secreta.

– Mas nós estamos indo para algum lugar? – Alexis perguntou irritado.

– Shiii! – Selena colocou o dedo indicador na frente da boca e começou a sussurra – Quer que sejamos pegos? Precisamos despistar qualquer guarda que possa está passando. Confie em mim, eu sei muito bem o que estou fazendo!

Prosseguimos e saímos em outro corredor. Desta vez, ao invés de quadros havia varias portas. Passamos um pouco mais tranquilamente, até que ouvimos um barulho.

– Acha que ele pode querer aparecer por aqui?
– uma voz apareceu no corredor.

– Espero que não! – outra voz e duas sombras apareceram no corredor.

– E agora? – sussurrei.

– Ei! – um dos guardas parou – Ouviu isso?

– O que? – o outro pareceu não ter prestado atenção.

– Uma voz. Acho que ouvi uma voz.

Enquanto eles discutiam se havia ou não uma voz no corredor, Selena nos puxou para dentro de um quarto em uma ação de emergência. Não estava muito a fim de ser pega e possivelmente presa, por isso entrei sem perguntar.

– Vamos tentar manter silêncio! – Selena falava tão baixo que quase não ouvi.

– Pode ser muito perigoso ser preso por invasão em Neide. – ela parou – Se não me engano, pode dar até morte.

– E só agora que você diz isso? – Alexis sussurrou

– Achei que já soubesse. – disse – Você não vivia dizendo que queria a minha cabeça?

– Eu não falava serio. – ele foi hípido comigo.

– E só agora que você diz isso? – tentei quebrar o gelo entre nós.

Continuamos no quarto até a voz dos guardas sumirem completamente.

– Selena? – Neandro quebrou o silêncio – Invadimos o castelo para pegar o cristal, mas você faz idéia de onde ele possa estar?

– E claro! – Selena sorriu. – E é mais fácil do que se espera.

– Sei... – Alexis bufou. Estava sentindo saudades de quando ele bufava e fazia a serie de expressões.

Selena se aproximou de um tipo de tapete que estava pendurado na parede. Na verdade o tapete escondia mais uma passagem secreta.

– É a última que iremos passar! – Selena entrava na passagem.

A passagem era subterrânea, descemos uma longa escada de pedra rumo à escuridão que desapareceu com minha magia favorita: a do fogo.

Chegamos até uma sala branca, com uma porta fechada. A sala estava vazia e o branco estava me cegando. Selena chegou até a porta e a abriu com extrema facilidade. A porta era bem grande.

– Vamos, é aqui! – Selena disse.

A sala estava repleta de tesouros de tudo quanto é espécie. Havia pedras preciosas, esculturas, quadros e tudo o que parecia ter grande valor. Fiquei muito intrigada com a facilidade com que entramos nessa sala. Uma sala de tesouros deveria ser mais bem vigiada, mesmo o acesso a ela sendo através de passagens secretas.

– Tudo bem... Nós vamos roubar o cristal? – Neandro realmente não estava gostando da idéia.

– Se você enxerga desta forma... – Selenia foi caminhando suavemente. Fizemos o mesmo.

– Geralmente eles guardam esse tipo de coisa aqui! – ela apontou para um grande cofre.

Alexis olhou para Neandro e Nicardo. Os dois olharam para mim e todos ficamos intrigados com como aquele cofre poderia ser aberto.

– Legal, é agora o que vamos fazer? – Alexis perguntou.

Um barulho de porta de metal se abrindo e batendo em cristais de vidro nos fez voltar à atenção para Selenia.

– Prontinho, cofre aberto! – ela batia as palmas das mãos como se estivesse tirando poeira.

– Mas... Co-co-co-cómo... Por q.... Tem certeza que você não é uma assaltante profissional? – Alexis estava perplexo, assim como todos nós.

– Tenho. – ela respondeu seria e começou a procurar pelo cristal.

Ela mexeu em gavetas, abriu caixas, vasculhou em papéis, tentou ver se havia algum tipo de compartimento secreto no cofre – o que não me espantaria nada se tivesse – e não conseguiu achar nada que fosse do nosso interesse. No cofre havia apenas jóias que pareciam raríssimas e caríssimas, vários documentos, uns desenhos e mais nada.

– Que raiva! – ela gritou – Não está aqui.

– Acho que já conseguimos perceber. – Alexis disse debochado e levou uma cotovelada do irmão.

– Acho melhor voltarmos e fazermos do meu jeito agora. – Neandro disse serio – Provavelmente o cristal ainda está com eles.

– Mas nós iremos precisar voltar tudo? – perguntei.

– Sim, caso não queira entregar a nossa invasão! – Neandro respondeu.

– Desculpe te corrigir, mas não precisaremos voltar todas aquelas passagens. – Selenia deu alguns passos e abriu uma passagem.

– Esse castelo tem quantas passagens secretas? – Alexis perguntou. Selenia sorriu sem jeito.

– Essa é uma passagem mais rápida e sai direto no jardim, perto da árvore onde nós entramos. – Selenia fez um gesto para que prosseguíssemos.

– E por que não usou essa passagem antes? – Alexis ficou nervoso.

– Porque ambas as portas só abrem por dentro. – ela também se zangou.

O corredor não era muito largo, mas era grande o suficiente para passarmos um por um com tranquilidade, o problema mesmo era a altura. O corredor era muito baixo e só poderíamos andar engatinhado.

– Os garotos primeiro! – eu disse.

– Ei, por quê? – Alexis se alterou – Por acaso você manda em alguma coisa?

- Humpf! – bufei – Eu não vou entrar engatinhando dentro deste buraco com três homens olhando para minha bunda!

Neandro, Nicardo e Alexis ficaram vermelhos e Selena deu uma risadinha baixa.

– Concordo com a Beatriz, melhor irem primeiro! – Selena sorriu.

– E como vamos saber onde abrir a passagem?
– Alexis perguntou.

– Iii é mesmo! – Selena deu um sorriso sem graça e coçou a cabeça – Acho que vou ter que ir na frente. Vou me sacrificar por você Beatriz! Mas vocês, se eu sentir algum olhar suspeito...

Selena entrou primeiro, depois foi Neandro, Nicardo, Alexis e por fim eu entrei. Não sei se me sentiria mais confortável com a bunda da Selena na minha frente, mas confesso que foi meio estranho engatinhar com a bunda do Alexis na minha cara.

Demoramos um pouco para chegar à saída, mas como a própria Selena havia dito, foi bem mais rápido do que seria se voltássemos pelo mesmo caminho que entramos.

Não foi nenhum pouco agradável quando Selena encontrou a porta. Ela parou do nada e fez Neandro parar do nada, que fez Nicardo parar do nada, que fez Alexis parar do nada e que me fez bater de cara na bunda de Alexis – uma situação da qual apaguei da minha memória naquele exato momento.

Selena conferiu se não tinha ninguém por perto através de um tipo de olho mágico e depois abriu a porta. Finalmente estávamos de volta ao lado de fora do castelo.

– Então agora é só voltar para dentro do castelo da maneira correta! – disse tirando a poeira da minha roupa.

– Acho que sim. – Selena não parecia animada.

– Neandro, você já sabe o que vai falar? – perguntei.

– A verdade! – ele também tirava poeira da roupa – Eu confio nos reis de Neide.

– Se eu fosse você não confiava muito. – ouvi Selena resmungar.

– Ainda não entendo sua... Decepção. – Neandro tentava manter-se educado.

– Vamos combinar uma coisa? – Selena estendeu a mão para Neandro – Você para de ficar elogiando a família real de Neide e eu paro de te importunar com minhas... Decepções?!

– Tudo bem. – eles apertaram as mãos. – Acho melhor saímos e pegarmos aquela estrada ali. Fica longe do portão do castelo, assim ninguém nos vê. Entrar agora poderia ser arriscado.

– Mais uma coisa! – Selena interrompeu – Eu não irei entrar.

– Tudo bem, faça como quiser! – Neandro estava mais calmo.

Passamos pela estrada e demos um tempo até voltarmos pela estrada principal. Selena ficou escondida atrás de uma árvore e disse que iria ficar esperando ali.

Quando chegamos ao castelo, os guardas me fitaram desconfiados. A princípio não me toquei, mas depois lembrei que havia ficado parada feito uma estatua na frente do portão poucas horas antes.

– Um momento! – um dos guardas nos parou – Quem são vocês e o que querem?

– Eu sou Neandro Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir e esse é meu irmão, Alexis Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir, príncipe e futuro herdeiro do trono da Capital e esse são nossos acompanhantes. Gostaríamos de marcar uma assembléia com vossa majestade. Precisamos disso com certa urgência!

CAPÍTULO 18 / A INÚTIL ASSEMBLÉIA COM O REI DE NEIDE



guarda ficou surpreso ao ver um grupo de adolescentes – com exceção do Neandro – querendo fazer uma assembléia com o rei. Ele pareceu bem intrigado com a veracidade da história e Nicardo confirmou isso em pensamento. Neandro retirou de dentro de sua camisa um brasão, com a marca da família real da Capital. Eu já havia visto aquele brasão com Neandro outras vezes, mas nunca tinha dado importância.

– Por favor, queiram entrar! – o guarda parecia constrangido.

– Sigam, que outros guardas te levaram até o Jônio e ele os anunciará ao rei. – outro guarda constrangido.

Passamos por uma longa e larga escadaria. Dois guardas estavam na porta e a abriram para nós. Em seguida uma camareira pediu para que aguardássemos um pouco.

– Neandro! – um ser bizarro vestindo um terno vinho e com um bigode fino e longo e de cabelos presos pareceu assustado com a visita de Neandro – A que devo a... Honra?

– Gostaria de falar com o Rei Berilo, caso de extrema urgência. – Neandro respondeu.

– Poderia adiantar-me o assunto? – ele parecia estar querendo ganhar tempo.

– Não. Assunto particular! – Neandro respondeu firme.

– Como desejar. – o ser ficou sem jeito.

O ser nos fitou – eu e Nicardo – com certa frieza e entrou dentro da sala de onde havia saído. Esperamos alguns minutos.

– O Rei Berilo é muito amigo da minha família – Neandro começou a explicar – Tenho certeza que ele irá compreender.

– E se ele não compreender? – Nicardo parecia saber de alguma coisa.

– Mas ele vai compreender! – Neandro insistiu.

– Mas ele pode não compreender. É uma possibilidade! – eu preferia não acreditar que essa possibilidade existisse.

– Fiquem tranquilos. Ele vai entender! – Neandro sorriu.

– Espero que sim! – finalizei.

Esperamos ainda alguns minutos e o silêncio acabou dominando toda a sala. Fiquei observando a sala. Ela tinha parede grandes e brancas, com fios azul escuro e azul claro rodeando toda ela. Uma pequena mesa estava no canto esquerdo da parede e havia um vaso com um tipo de flor bem diferente. As pétalas das flores eram de um azulado transparente e pareciam feitas de vidro. Tive vontade de ir lá e conferi, mas

acabou não sendo preciso, havia uma do meu lado. Era uma pétala de verdade.

Havia um grande escudo com um desenho de um golfinho e atrás dele duas espadas cruzadas e um tridente, estava pendurado na parede. Outro detalhe interessante era que – assim como nas estradas – o chão desta sala era feito de pedra transparente.

Fiquei fitando o chão e observando alguns peixes passarem por debaixo de meus pés. Era uma sensação estranha, mas agradável. Foi então que aconteceu.

Eu não estava mais naquela sala. Era um local escuro, não enxergava absolutamente nada. Tentei me mover, mas estava presa a alguma coisa. Uma luz se acendeu, formando um círculo sobre uma pessoa. Ela estava de costas para mim e não pude ver o rosto. Ela se levanta e outra luz ilumina uma segunda pessoa. Era o homem que eu havia visto saindo do castelo horas mais cedo. A pessoa que estava na minha frente retira algo de uma caixa. Era o cristal.

Desesperei-me e tentei de todas as formas me soltar, mas estava presa. Era uma força invisível, como se estivesse presa a correntes inexistentes. A pessoa a minha frente entrega o cristal ao homem, o que me deixou ainda mais preocupada.

– Caso descubra algo sobre os outros, me avise imediatamente. – o homem que havia visto mais cedo falava – E nem pense em me trair! Você sabe o que

poderá acontecer a Thalassa caso pense em fazer qualquer coisa contra mim.

O homem sai da sala e a outra pessoa que estava a minha frente sentou-se novamente e começou a chorar. Era um choro de homem, podia ouvir seus lamentos, mesmo ele não estando emitindo nenhum som. Mas eles não se manifestavam em forma de palavras, eram sentimentos: Medo, raiva, remorso, vergonha, medo, desonra, tristeza, medo, medo e medo.

Comecei a sentir os motivos do medo. Era medo de perder a dignidade. Medo de perder o respeito daqueles que o cerca. Medo de decepcionar aqueles que admiram e principalmente, medo de perder o que mais amava.

Uma voz apareceu em minha cabeça. Eu já conhecia essa voz de outro sonho. Era a voz da mulher presa no espelho.

Mallory, a profecia está se cumprindo. Escolheste o caminho da destruição, mas sei que não é a sua intenção destruir o mundo de Ofir. Tens um coração bom, mas não podes lutar contra o destino. Ofir conhecerá a destruição através de suas mãos, Mallory. Vou liberar uma coisa para você. Agora acorde.

Acordei de repente, muito assustada. Eu estava novamente na “sala de espera” e parecia que nada de anormal havia acontecido durante a minha “ausência”.

Nicardo olhou para mim e ficou extremamente intrigado.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Acho... Acho que... Sim, sim. Eu estou bem! – menti, mas ele provavelmente já sabia disto.

O ruim de ter um amigo que pode ler a sua mente e o seu coração é isto: ele sempre sabe quando está mentindo. Esperei por uma “mensagem telepática” de Nicardo, mas isso não aconteceu.

Ele estava olhando para mim extremamente intrigado. Ele não se conformava com algo, mas não conseguia imaginar o que. Resolvi perguntar:

– Nicardo, *you* está bem?

– Por que a pergunta? – ele deve ter desconfiado.

– Você parece tão... Perturbado com alguma coisa. – aproxime-me um pouco mais dele. – O que foi?

– Pelo jeito você não se deu conta?! – ele abriu um pequenino sorriso.

– Não dei conta do que? – perguntei assustada.

– Você aprendeu!

– Aprendi o que? – estava assustadíssima.

– Você aprendeu a se bloquear. – ele respondeu em um híbrido de felicidade e decepção.

– A me bloquear do que? – perguntei. Só então percebi que estávamos sussurrando.

– Das minhas “invasões” a sua mente.

– Eu? – não acreditava. – Mas como?

– Essas coisas são aprendidas com anos de pratica. Geralmente quem consegue isso são pessoas em um alto grau de magia. – ele explicou. – Talvez o fato de ter parte da magia da Rainha de Ofir em você possa ter liberado essa capacidade de bloquear a sua mente.

– Mas...

– O Rei Berilo disse que irá receber-los agora. – o ser esquisito saiu da sala.

Entramos na sala e, por rápido momento, senti que já havia estado ali antes. Acho que foi um déjà vù, mas algo de muito terrível me passou pela cabeça: seria essa a sala de minha visão?

– Neandro Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir – acho que nunca irei decorar esse nome inteiro. – A que devo tão ilustre visita?

– Rei Berilo, precisamos de sua ajuda! – Neandro começou.

– Se eu puder fazer alguma coisa... – o rei parecia um pouco nervoso.

– Acredito que possa fazer. – Neandro sorriu.

– Então diga logo que já estou curioso! – definitivamente o rei estava nervoso com alguma coisa.

– Creio que não conheça essa mocinha. – Neandro me induziu a me aproximar. – O nome dela é Beatriz...

– Misse – interrompi. – Beatriz Misse.

– Olá Beatriz Misse. – o rei tentava disfarçar o nervosismo de todas as formas.

– Essa mocinha não é da Capital e nem de nenhum outro reino de Ofir. – Neandro se aproximou um pouco mais do rei – Ela veio de outra dimensão. Sei que pode parecer estranho, mas é a verdade.

– Interessante. – o rei coçou o queixo – Mas em que essa garota entra?

– Ele precisa muito voltar para casa! – Neandro segura no meu ombro.

– E você quer que eu faça um feitiço de teletransporte? – o rei achou graça – Eu não tenho um nível tão avançado de magia para fazer teletransportes.

– Mas não queremos que faça nenhum tipo de magia. – Neandro ficou serio.

– Então o que queres de mim? – o rei ficou confuso.

– Gostaríamos de te pedir a parte do Cristal de Dâmaris que estava escondido em Neide. – Neandro sorriu para parecer mais simpático – Estamos querendo juntar todos os cristais e pedi para Dâmaris levar Beatriz de volta. Já temos três dos seis cristais.

– Vocês... Vocês conseguiram três cristais? – o rei se assustou. – Isso é bom, mas infelizmente não posso ajudar-los.

– Como? – Neandro ficou surpreso.

– Não sei de onde vocês tiraram a idéia de que eu poderia estar com um dos cristais. – ele sorriu constrangido.

– Mas os Aquas...

– Vocês entraram na Caverna das Águas? – o rei Berilo se assustou.

– Entramos e eles disseram que...

– Não importa o que eles disseram! – o rei Berilo interrompeu Neandro novamente – Eu não acredito que tenham entrado na Caverna das Águas. Estão mentindo!

– O que? – Neandro se assustou.

– São todos um bando de mentirosos! – o rei se enfureceu.

– Espere... – Neandro tentou explicar.

– Eu não acredito em uma palavra do que vocês estão dizendo! – o rei se levantou – Vocês estão mentindo! Mentirosos, mentirosos!

– Calma, Rei Berilo...

– Aposto como essa Beatriz Misse deve ser uma de suas plebéias com quem você adora se relacionar! – agora ele partiu para ofensiva.

– Olha aqui o seu rei! – gritei – Se não quer acreditar na gente, não acredite, mas sabemos que está com o cristal.

– Insolente! – já havia ouvido isso antes – Como ousa falar assim comigo?

– Beatriz, se acalme! – Nicardo alertava.

– Mas ele... Então é isso! – lembrei-me.

– Isso o que? – ele perguntou.

– O cristal já está nas mãos de outra pessoa! – disse para mim mesma.

– Cale-se! – o rei ficou ainda mais nervoso – Eu já disse que não sei onde está o cristal.

– Claro, agora já deve estar bem longe! – continuei falando para mim mesma.

– Beatriz... – Nicardo continuava me alertando.

De repente o rei andou até a porta e BOOM, abriu as duas com um único empurrão fazendo-as bater nas paredes.

– Todos para fora! – o rei gritou.

– Majestade, algo de errado? – quatro guardas entravam na sala.

– Não, nada! – o rei tentava se acalmar – Apenas leve esses garotos para bem longe daqui. Acompanhe-os até o portão e avise para nunca mais deixar-los entrar aqui outra vez. Mesmo sendo membro da família real da Capital, eu não aceitarei esse tipo de desrespeito.

– Eu não... – Neandro formulou uma frase.

– Chega! – o rei gritou. – Leve-nos!

Fomos “acompanhados” até o portão do castelo. Sentia uma sensação de humilhação e fracasso no ar. Pareciam emanar de todos os que estavam presentes. Era como se agora eu pudesse sentir o que eles estavam sentindo.

– O que mais nos falta acontecer? – Neandro resmungou. – Perdemos o cristal, passamos a maior humilhação que alguém poderia passar e ainda estamos proibidos de chegar perto do castelo.

– Sinto-me um bandido! – Alexis completou.

– E agora? – perguntei – O que faremos?

– Precisamos de um plano rápido. – Nicardo se aproximou. – Não podemos ficar sem esse cristal!

Começamos a andar em direção a árvore que Selena havia dito que iria ficar esperando.

– O que nós precisamos agora é de... Aaaah! – levei um susto e cai de bunda no chão.

– Desculpe, eu não queria assustar. – Selena sorria sem graça depois de ter despencado da árvore bem na minha frente.

– Ai, ai! – levantava-me devagar – Você, poxa, poderia ter sido mais sutil na sua “entrada”.

– Desculpe. – ela realmente estava sem jeito.

– Tudo bem. – tentei sorrir.

– Então?... Conseguiram o cristal? – Selena perguntou um tanto debochada.

– Conseguimos foi ser banidos do castelo, isso sim! – Alexis respondeu furioso.

– Eu avisei que isso não iria dar em nada! – Selena se vangloriou – A família real de Neide não presta!

– Acho que agora eu começo a entender o seu... Desapontamento. – Neandro pareceu não gostar do jeito como Selena se vangloriou.

– Vamos deixar isso de lado! – Selena tentou concertar.

– Como deixar de lado? – Alexis gritou – Precisamos do cristal!

– Mas não tem como fazer o pedido apenas com o que temos? – perguntei ingênua.

– Se tivesse já teríamos feito! – Alexis gritou comigo.

– Calma Alexis...

– Neandro, não me peça para ter calma! – Alexis continuava gritando.

– Nossa, mas não precisa ficar tão nervoso. – disse.

– Isso tudo é culpa sua! – ele começou a gritar – Se você não tivesse aparecido...

– E você acha que eu pedi para aparecer? – comecei a gritar – Você pensa que está sendo fácil? Sinceramente, eu não sei... Melhor, eu sei por que você está assim.

– Cala a sua boca! – Alexis berrou.

– Alexis pare! – Nicardo entrou na briga – Não seja tão duro com a Beatriz. Ela não tem culpa do que está acontecendo.

– Você também, cale a boca! – Alexis empurrou Nicardo – Tudo o que eu mais quero agora é devolver essa ai para o lugar de onde ela veio. Nada mais me interessa.

Selena parecia muito assustada com a nossa repentina briga. Neandro parecia assustado com as proporções que essa briga havia tomado. Nicardo parecia estar odiando Alexis por te gritado comigo e Alexis parecia estar odiando Nicardo por ter me defendido. Eu?... Eu estava chorando por dentro.

– Acabou o show de vocês? – Neandro estava serio. – Será que agora podemos agir civilizadamente?

Entreolhamos-nos e pude sentir Alexis fuzilar a todos nós. Eu estava um pouco envergonhada com toda aquela situação, principalmente por Selenia ter presenciado tudo. O que ela estaria pensando de nós agora? Provavelmente que éramos um bando de loucos.

– Desculpe por te fazer presenciar isso Selenia.

– Nicardo colocava a mão no ombro dela.

– Não... – Selenia estava um pouco pasma – Tudo bem...

– Não, me desculpe! – era a minha vez.

– Tudo bem! – ela sorriu.

– Acho melhor começarmos a procurar pelo quinto cristal. – Nicardo sugeriu – Se realmente tem outra pessoa atrás destes cristais, não podemos perder tempo.

– Mas o que vamos fazer com esse quarto cristal? – Neandro perguntou. – Por enquanto acho melhor não fazer nada, até porque, agora não há nada para ser feito.

– Você tem razão! – Neandro assentiu – Talvez o melhor seja procurar pelo próximo cristal e tentar descobrir onde foi parar esse quando tivermos mais pistas.

– E se não acharmos “mais pistas”? – Alexis estava pessimista.

– Nós iremos achar! – respondi. – Certo?

– Certo! – Neandro deu um sorriso sem graça.

– Então?... – Selenia começou de mansinho –
Será que... Bem, eu não tenho para onde ir no momento... Será que eu poderia acompanhar vocês?

– Tem certeza que quer vir com a gente? –
perguntei.

– Vocês são legais! – ela sorriu – Acho que
quero sim!

– Ô... Emburradinho?... Para onde vamos
agora?

Alexis quase cuspiu fogo em Neandro e retirou
violentamente as anotações do bolso.

– Menelau! – ele bufou decepcionado – Que
ótimo, adoro aquele lugar.

CAPÍTULO 19 / DÚVIDAS, MAL ENTENDIDOS E UM BÊBADO MENELE

A noite havia sido a mais terrível que já passamos. Acabamos perdendo tanto tempo em busca do cristal de Neide que nem tivemos tempo de arrumar um lugar para dormir. E as noites em Neide não eram nada piedosas, pelo contrario, eram frias – literalmente.

– E-e-e-e ago-go-go-ra? O-o-o-nde va-va-mos fica-ca-car? – perguntei tremendo até os queixos.

– N-n-n-não se-se-sei. – Neandro não era nada reconfortante.

– E-e-eu esto-to-tou morrendo de fri-fri-fri-frio.
– Alexis passava as mãos nos ombros.

– A-a-acho que to-to-todos nó-nó-nós! – Nicardo finalizava.

A única que estava bem com a temperatura baixa era a Selenia, por motivos mais que óbvios. Ela parecia não gostar nada, nada de nós ver passando tanto frio enquanto ela não sentia nada.

– Claro! – Selenia gritou – Como não pensei nisto antes?

– Ni-ni-ni-nisto o que-que-que? – Alexis perguntou ainda passando as mãos nos ombros.

– Acho que sei de um lugar para ficarmos! – Selenia socou sua mão esquerda.

– O-o-onde? – perguntei.

– Venham comigo!

A seguimos até um grande palácio abandonado. Andamos um bom pedaço até chegar lá e por isso não questionamos quando vimos o local.

– Esse é o primeiro palácio real de Neide. – ela sorriu. – Ele foi abandonado após o grande golpe que os antepassados da atual família real deu na antiga família real de Neide. Foi após esse golpe e os Aquas começaram a se esconder para sobreviver.

– Ma-ma-mas n-n-não há ri-ri-riscos de no-no-nos me-me-metermos em encre-cre-crencas? – perguntei ainda tremendo.

– Não! – ela sorriu – Ninguém pensaria que alguém se esconderia aqui!

– P-p-p-por q-q-q-quê? – assustei-me.

– Oras, vai me dizer que nunca ouviram falar do fantasma do Rei Pelágio? – ela perguntou como se a resposta fosse óbvia.

– B-b-bem, e-e-eu n-n-não! – respondi.

– Vamos entrar! – ela sorriu.

Rodeamos um imenso muro até chagar ao portão. Não foi muito difícil de entrar, o portão estava com algumas de suas barras tortas ou quebradas. O castelo não estava em ruínas, estava apenas velho. Sua cor estava desbotada, havia janelas quebradas e parte da pintura havia descascando, fora isso, o castelo estava em perfeito estado.

Quando fechamos a porta o frio diminuiu quase que imediatamente. Ainda entrava ventos frios pelas

janelas quebradas, mas a temperatura dentro do castelo era muito melhor do que do lado de fora.

Dentro do castelo ainda era mais bem conservado do que o lado de fora. Estava quase novo, como se alguém viesse de tempos em tempos para limpar aquilo tudo. O salão central estava vazio e um pouco empoeirado, mas nada que pudesse incomodar.

A primeira coisa que vi foi uma longa escadaria, com seu tapete vermelho desbotado. Havia uma grande porta a esquerda e outra grande porta a direita, assim como na parte de cima do castelo. No meio, ao fim da escadaria, havia outra grande porta.

– Venham! – Selenia sorriu – Eu conheço muito bem esse castelo!

– Quantos castelos você conhece? – Neandro perguntou.

– Apenas dois. – ela sorriu – E que sempre que não tenho para onde ir, eu venho para cá. Mas fazia tempo que eu não passava aqui.

Subimos as escadas e entramos na porta da direita. Havia um grande corredor e varias portas. Algumas estavam abertas, mas não olhei o que tinha dentro.

– Mas... Tem certeza que não é perigoso? – perguntei apreensiva.

– Perigo do que? – Selenia achou graça.

– Do fantasma. – disse baixinho.

Ela olhou para mim e segurou o riso, mas acabou não aguentando e caiu na gargalhada que

ecoou pelos corredores de forma extremamente tenebrosa e fantasmagórica.

– Você acredita em fantasmas? – ela tentava conter os risos.

– Eu não acreditava, mas desde que vim parar em Ofir eu já não sei mais de nada. – respondi constrangida.

– Não se preocupe, não existe fantasma algum. – ela agora dava um sorriso reconfortante – Venho aqui desde meus 7 anos de idade e posso garantir que isso é invenção do povo.

Paramos entre algumas portas, quase no final do corredor. As portas dali em diante não estavam abertas.

– Daqui em diante podem escolher qualquer um dos quartos, estão todos com colchões inteiros e estão bem limpos. – Selenia fazia gestos parecidos com de aeromoças – Deve ter lençóis limpos guardados nas gavetas de alguns quartos, eu mesma trouxe, mas qual são os quartos... Bem, isso eu já não me lembro, mas qualquer coisa é só procurar nos outros quartos que vocês acham. Eu ficarei no último quarto à esquerda, têm algumas coisas minhas lá, então... Qualquer coisa é só chamar.

Ela entrou no último quarto da esquerda e eu comecei a procurar um quarto que pudesse me agradar. Entrei no quinto quarto dos 10 quartos que havia em cada lado do corredor. Realmente o quarto estava bem limpo e o colchão estava inteiro, diferentes

de alguns que consegui reparar no caminho. Havia uma penteadeira com um espelho levemente rachado, e com o vidro um pouco embaçado e descascado, com pequenas manchinhas pretas.

No quarto havia um banheiro que – obviamente – estava inutilizável, mas parecia ser muito bonito quando era novo. Não havia cortinas, por isso podia ver a paisagem da cidade pela janela fechada. O vidro da janela também estava um pouco embaçado, mas pude ver varias luzes se apagando e as três belas luas. O céu em Neide era mais estrelado do que nos outros reinos que estive e aquilo me deu uma sensação de paz e tranquilidade que eu não sentia faz tempo.

Resolvi explorar um pouco o castelo. Desci para o andar de baixo do castelo e segui para a porta da esquerda. Parecia ser a cozinha. Estava imunda, mas ainda tinha um charme, como se nunca tivesse perdido a elegância que um dia já teve. Andei até outra porta, no final da cozinha, passando para um grande e largo corredor. Havia três grandes portas, uma era onde eles provavelmente guardavam as louças, talheres e coisas de cozinha e a outra era a dispensa – ou parecia ser. A porta do meio era muito fria e logo presumi que deveria ser algo como uma geladeira. Provavelmente uma sala encantada, pois ainda estava muito fria.

Voltei e segui pela porta da direita e havia uma grande sala, com uma grande porta que dava para um tipo de varanda dos fundos. Era um jardim belíssimo, mesmo estando congelado. Havia varias árvores, sem

folhas, e vários canteiros que deveriam ser repletos de flores. Havia também um pequeno chafariz, com um cavalo marinho esculpido e havia pedras azuis fazendo um caminho circular por todo o jardim. Por um instante senti como se o jardim estivesse vivo e gritando para que eu o salvasse, foi quando aconteceu.

Não sei explicar exatamente como, mas de repente uma energia estranha passava sobre minhas mãos e eu sabia como ajudar aquele jardim. Uma paz imensa entrou pelo meu nariz e invadiu meus pulmões e eu estava caminhando pelo jardim, fazendo com que tudo renascesse outra vez.

A água que congelava as árvores derretia e entrava dentro do chafariz, enquanto as folhas brotavam secas do chão e voltavam para os galhos das árvores novas e fortes. As flores apareciam como pequenos brotos, e em um piscar de olhos elas já eram grandes e belíssimas flores. O jardim começava a ganhar cor e vida e um cheiro diferente, de praia, invadiu o local e quando voltei a mim, o jardim estava de volta, como se nunca tivesse morrido.

– Fez um belo trabalho. – era a voz de Nicardo.

– Que susto! – me virei.

– A cada dia que passa o seu nível de magia aumenta. – ele se aproximou – Isso é muito bom. Quem sabe você não avance tanto ou até mais que a rainha da Capital e não aprenda a se transportar para seu mundo, apesar de que eu sentiria muito a sua falta.

– Pare de dizer besteiras! – sorri – Você também deve estar louco para me ver fora de sua vida.

– Você nunca esteve tão enganada sobre mim desde que nos conhecemos. – ele sorriu e se sentou em um banco que estava escondido atrás de galhos secos – A última coisa que quero é te tirar da minha vida, mas isso não é uma decisão minha.

– Você está falando serio? – tentei dar uma descontraindo na conversa.

– Nunca estive falando tão serio. – ele bateu a palma da mão no banco pedindo para eu sentar.

– Para falar a verdade, eu também detesto a idéia de deixar vocês. – sentei-me ao lado dele. – Eu não sei dizer o que é pior, ficar aqui neste mundo tão estranho ou voltar pra casa e perder vocês para sempre.

– Você está confusa? – ele perguntou.

– Você que deveria me responder essa pergunta – sorri – Não é você quem pode ver os sentimentos das pessoas?

– Mas agora eu não consigo mais ler os seus sentimentos. – ele fitou os pés – E nem sei se gostaria de saber o que você realmente está sentido. Seria doloroso demais saber sobre o... Deixa pra lá.

– Fale, agora estou curiosa. – segurei em sua mão.

– Está ouvindo isso? – ele se levantou.

– Eu não estou ouvindo nada!

– Venha! – ele seguiu até a porta. Fui atrás dele.

Quando chegamos à escada, comecei a ouvir um piano tocando uma melodia triste e dramática, mas ao mesmo tempo romântica e arrebatadora. Era uma melodia belíssima, da qual eu nunca havia ouvido igual. Estava vindo da sala central, que fica no meio, ao fim da escada. Abrimos a porta devagar, mas o piano parou. Era Selena.

– Desculpe se os acordei. – ela sorriu constrangida.

– Não estávamos dormindo. – entramos na sala.

A sala era um imenso e vazio salão, com enormes janelas e cortinas velhas. Provavelmente era onde o rei e a rainha ficavam. Não havia absolutamente nada no salão, apenas o piano e um banco.

– O que estava tocando? – perguntei.

– O Oceano – ela se virou para nós – É uma composição minha, estava muito ruim?

– Não! – me espantei com a pergunta – Muitíssimo pelo contrario, era linda!

– Serio mesmo? – ela parecia não acreditar.

– Serio! – respondi.

– Era realmente uma bela canção. – Nicardo também concordava – Toque-a outra vez?

– Se vocês gostaram... Vamos lá.

– Você me concede a honra? – Nicardo estendia a mão.

– Está me convidando para dançar? – perguntei.

– É o que parece? – ele sorriu – Sim, estou te convidando para dançar.

– Mas eu não sou boa em dança. – tentei escapar.

– Tudo bem, eu também não sou. – ele sorriu.

– Já que insiste tanto... – me rendi.

As mãos dele era de uma delicadeza extremamente controversa a sua aparência. Ele tinha uma leveza, um carinho, um cheiro que o fazia parecer tão... Humano. Dançamos entre o reflexo da lua nas janelas e a cada nota eu me arrepiava até a alma, enquanto minha respiração ficava frágil e quase parava. Eu já não sabia mais o que estava sentindo. E não queria imaginar que pudesse estar sentindo o que achava que estava sentindo. Mas uma coisa era inegável: aquela dança mexeu muito comigo.

– Você dança muito bem. Mentiroso! – disse abraçada aos seus ombros.

– Era a única forma de fazer você dançar comigo. – ele sussurrou em meu ouvido.

– Mas você também mentiu.

– Eu? – fiquei surpresa.

– Você também dança muito bem! – ele me abraçou um pouco mais forte.

Não sabia o que dizer. Estava realmente me saindo muito bem. A canção devia estar tocando profundamente em minha alma, por que além de me

fazer dançar bem, eu estava chorando. Aquele momento estava sendo mágico. Se eu o estivesse vivendo com o Alexis...

– Por favor. – Nicardo sussurrou novamente em meu ouvido – Vamos deixar-lo em paz.

A principio não percebi, mas depois notei que ele estava falando sobre o Alexis. Ele estava com ciúmes?

– Para quem passou anos sem se apaixonar, eu estou indo muito bem. – disse a mim mesmo.

– O que foi que disse? – Nicardo perguntou com um singelo sorriso no rosto.

– Nada! – encostei a cabeça em seu ombro – Estava apenas pensando alto.

Assim que amanheceu, corri para o jardim para poder conferir se o que havia acontecido ontem era realmente verdade. O jardim não estava mais lá, estava exatamente como havia encontrado antes de fazer – ou sonhar – aquela... Magia?

– Parece que ainda não se fortaleceu o suficiente. – Nicardo apareceu na porta. Tive um pequeno momento de *dejá vu* quando o vi.

– Então não foi um sonho? – perguntei.

– Não! – ele se aproximou – Claro que não!

– Então realmente aconteceu? – fiquei apavorada – Aquilo... Ontem à noite... A dança... Tudo realmente aconteceu?

– Eu estava lá e para mim foi bem real! – ele sorriu.

– Eu não devia ter feito aquilo ontem! – corri para fora do jardim.

– Espere! – ele segurou meu braço – Por que acha que não deveríamos ter dançando?

– Por que foi errado! – disse fazendo-o soltar meu braço.

– Foi errado por quê? – ele veio atrás de mim.

– Eu não devia... Eu... Eu...

– E por causa do Alexis? – ele ficou serio. – Você não tem compromisso nenhum com o Alexis!

– Mas eu gosto dele! – respirei fundo – Eu o amo, e não me senti bem ontem.

– Não se senti bem por que ficou balançada. – ele apelou – Eu senti que você ficou confusa e se ficou confusa e porque não tem certeza do que realmente quer.

– Não coloque palavras na minha boca e nem sentimentos em meu coração. – parei – Você não pode saber o que eu estou sentindo.

– E aí que você se engana! – ele passou a minha frente – Eu sei exatamente o que você está sentindo e estou lutando por uma chance!

– Que chance? – perguntei.

– Uma chance de mostrar para você que posso ser bem melhor que o Alexis. – ele quase gritou.

– Está acontecendo alguma coisa? – Neandro apareceu.

– Vocês sabiam que tem um piano na... O que está acontecendo aqui? – Alexis apareceu para piorar a situação.

– Não está acontecendo nada! – respondi e sai da sala.

– Nada que possa ser da sua conta! – Nicardo provocou e seguiu atrás de mim.

– Espere um pouco! – Alexis gritou e veio correndo atrás de nós dois – Como assim “nada da sua conta”?

– Estou sentindo o cheiro de confusão? – ouvi Neandro rindo de longe.

Fomos o porto de Neide. Neandro realmente conhecia todas as pessoas de todos os portos de navios de Ofir e não demorou muito para conseguir alugar um navio para seguirmos para Menelau.

Esse havia sido o maior navio que viajamos desde que iniciamos essa aventura, e sem dúvida foi o maior navio que já viajei na vida. Ao que parece, estávamos dando a volta ao mundo de Ofir. Fiquei em um lado isolado, perto da proa, onde quase ninguém estava passando. Queria pensar sobre tudo o que estava acontecendo comigo.

– Posso sentar ao seu lado? – era a voz de Alexis. A penúltima pessoa que queria ver no momento.

– Senta. – disse sem muita animação.

– Beatriz... Eu queria dizer que, aquele beijo, bem...

– Alexis – interrompi – Eu realmente queria falar sobre isso!

– E que eu...

– Mas não agora! – o interrompi novamente.

– Tudo bem, eu entendo. – ele baixou a cabeça.

– Olha, se quiser apagar aquilo e fingir que nunca aconteceu...

– Não! – agora ele quem me interrompia – Não era isso que eu ia dizer!

– Não? – fiquei confusa.

– Eu queria...

– Beatriz? – era a voz de Nicardo, a última pessoa que queria ver no momento. – Estou... Atrapalhando?

– Na verdade você es...

– Pode sentar! – interrompi Alexis mais uma vez.

– Eu estava querendo conversar com você sobre a Selena. – Nicardo se sentou.

– Sobre a Selena? – perguntei – O que você quer conversar sobre ela?

– Nós estávamos conversando primeiro! – Alexis se irritou.

– Então termine de falar com ela! – Nicardo se levantou.

– Com você olhando? – Alexis disse entre os dentes.

– Desculpe, não sabia que era assunto íntimo. – Nicardo já ia se afastando quando Alexis o fez parar.

– Vai, vai! – Alexis começou a gritar – Fale logo o que você tem para dizer!

– Calma Alexis! – tentei pará-lo.

– Calma nada! – ele começou a gritar mais alto
– Se você prefere ficar com ele do que comigo, faça bom proveito.

– O que você está dizendo? – perguntei realmente confusa.

– Para com isso Beatriz! – ele se aproximou de mim – Eu sei que você está gostando do Nicardo.

– Alexis...

– Por isso não faça o erro de ficar insistindo em evitar isso. – ele começou a se afastar.

– Mas eu te amo! – gritei – Alexis, eu te amo!

Por um instante ele parou e não pude ler as suas feições. Parecia um misto de felicidade ao extremo e de medo infinito. Parecia que tudo o que ele mais queria ouvir de mim acabara de ser dito, mas por algum motivo ele não ficou completamente feliz. Depois suas feições se tornaram bem claras: Ódio absoluto.

– Não me escolha Beatriz! – ele ficou serio – Eu nunca serei seu. Eu não posso...

– Não pode?...

– Esquece! – ele jogou as mãos para o alto – Eu nunca poderia ser seu, por que... Por que... Por que eu não te amo!

Algo me soou extremamente falso e mentiroso nesta última afirmação de Alexis, mas não entendo por que acabei acreditando nela. Realmente não sei.

Alexis saiu de perto de nós e eu acabei saindo de lá também e fui para outro canto qualquer do navio. Algo realmente estava mudado entre nós. E isso não era nada bom.

– Beatriz, você está bem? – Neandro havia me achado.

– Está tudo bem. – disse enxugando os olhos.

– Você está chorando? – ele perguntou.

– Não – respondi tentando parecer bem – Não é nada.

– “Não é nada, não é nada” – ele remendou uma voz qualquer – Essa frase está sendo repetida demais neste navio.

– Como assim? – perguntei.

– Nicardo, Alexis e Selenia deram a mesma resposta para mim.

– A Selenia? – sussurrei para mim mesma – Ela não estava no meio da confusão?!

– Confusão? – Neandro ouviu.

– Não, nada. – sorri – Estava só pensando alto.

– Tem alguma coisa de muito estranho acontecendo neste navio! – Neandro bufou.

– Talvez... – sussurrei novamente.

Fiquei andando pelo convés durante um tempo. Alexis estava sentado perto da popa do navio e

assim que me viu virou o rosto. Ignorei a grosseria e continuei caminhando.

Desci para os quartos, sem absolutamente nada o que fazer e fiquei perambulando por eles. Estava muito confusa e não conseguia pensar, até que ouvi algo vindo de um dos quartos.

– Você precisa contar! – era a voz de Nicardo.

– Não! – outra voz respondeu. Era Selenia – Pelo menos não agora.

– Mas isso é muito grave, você precisa contar! – Nicardo insistia.

– Eu sei que não é certo esconder isso deles, mas acho melhor continuar mantendo isso em segredo.

– Selenia continuava insistindo em não contar seja lá o que for.

– Tudo bem, não digo nada, desde que você prometa que irá contar a verdade! – Nicardo parecia ter se levantado.

– Obrigada! – Selenia agradeceu e eu corri de volta para o convés.

Fiquei tentando de todas as formas não pensar no que ouvi e evitei Nicardo o resto da viagem até quando pude. Não foi muito difícil, aquele navio era realmente muito grande.

Ficamos dois dias e meio viajando de barco. Já estava me acostumando com a maresia e quase não enjoava mais. Fiquei impressionada em como consegui esquecer quase que completamente sobre o que havia

escutado e Nicardo pareceu nem desconfiar de que eu sabia de tudo e ao mesmo tempo de nada.

A primeira coisa que notei quando cheguei em Menelau foi a grande quantidade de criaturas errantes. Havia varias espécies, tanto aquáticas quanto terrenas. Não havia encontrado muitas criaturas errantes fora da Capital, por isso estranhei no principio.

– Olá! – um lobo que andava de duas patas nos cumprimentou.

– Ola! – respondi sem jeito.

Havia mais seres errantes do que menelêses ali no porto. Era algo realmente impressionante. Eram poucos estrangeiros e quase nenhum menelês, isso me deixou realmente assustada.

– Por que há tantos seres errantes aqui? – fui obrigada a perguntar.

– Menelau é um reino muito hospitaleiro e sem preconceitos. – Neandro respondeu – Os seres errantes se sentem mais livres aqui do que em qualquer outro lugar de Ofir. Se você não cometer nenhum crime por aqui, será eternamente bem vinda a Menelau.

Realmente, um lugar assim deveria atrair as atenções de criaturas como os seres errantes. Imagino o tamanho do preconceito que as pessoas devem ter com eles. Infelizmente eu também não seria muito amável como uma criatura destas, mas estava começando a me acostumar com as bizarrices de Ofir. Continuamos andando sem muitas surpresas, até sairmos do porto de Menelau.

Minha má sorte havia deixado os tombos e arranhões para se tornar brigas e mal entendidos, mas de vez em outra ela sempre volta as suas raízes.

Saído do porto, tropecei em algo e quase cai de cara no chão. Nicardo me segurou e evitou a tragédia. Olhei para ver em que tinha tropeçado e me deparei com uma perna – melhor dizendo, duas pernas.

Era um jovem rapaz de longuíssimos cabelos ruivos – batia em sua cintura – uma fita lilás amarrada em sua cabeça, uma jaqueta sem manga roxa e uma calça preta. Ele não usava camisa por debaixo da jaqueta, por isso deu para reparar que o jovem rapaz era bem provido de dotes físicos – sua barriga era a mais bem definida que já havia visto.

Seu rosto gritava a frase “Olá, eu sou um vagabundo”. Ele estava dormindo na calçada, visivelmente bêbado e com um cigarro na boca. Seu rosto estava um pouco sujo, assim como sua roupa, mas ele deveria ser muito bonito quando se arrumava.

– Esse deve ter tido uma noite e tanto! – Alexis caçooou do rapaz. Seguimos em frente.

Estávamos quase nos afastando do rapaz quando o vimos se levantar e vir cambaleando em nossa direção. Tentamos fingir que não o vimos, mas ele começou a gritar.

– Vocês! – sua voz ainda estava afetada da bebida – Estou ordenado...

– Acho que é seu parente Alexis! – Nicardo provocou.

– Me levem até Bi.. – ele arrotou – Me levem até Bianor!

– Ele falou Bianor? – Neandro perguntou.

– Eu... Eu tenho que – ele soluçou e arrotou novamente – Eu tenho que matar... Tenho que matar Bianor! – e o rapaz caiu no chão novamente.

CAPÍTULO 20 / UM NOVO ALIADO, UM HOTEL
CONSTRANGEDOR E UM BEIJO INESPEADO



evamos o rapaz até a praça e o colocamos sentado encima de um banco. Precisávamos saber o que exatamente o que aquele rapaz queria com Bianor e – principalmente – se ele sabia algo sobre como encontrar-lo.

– Ei, acorde! – eu disse dando uns tapas de leve em seu rosto. – Será que ele está morto?

– Acho que não. – Neandro levantou uma sobrancelha – Ainda está respirando.

– Licençinha, por favor?! – Selenia pedia para que nos afastássemos com as mãos.

– O que você vai fazer? – perguntei.

Ela ergueu as mãos e girou cada uma em sentidos diferentes. Aos poucos ela foi aumentando a velocidade e por fim afastou as mãos e um pequeno cilindro de água apareceu em suas mãos e ela atirou no rosto do rapaz.

– O que? Como? O que aconteceu? – o rapaz acordou assustado.

– Selenia? – olhei desconfiada.

– O que foi? – ela olhou inocentemente – Ele precisava acordar. Eu aprendi uns truques com o tempo.

O rapaz abriu os olhos – verdíssimos – e fitou cada um de nós como se estivesse imaginado que havia

morrido e ido para o céu ou para o inferno – não sabia o que ele estava pensando sobre nós.

– Quem são vocês? – ele perguntou.

– Nós somos da paz, não se preocupe. – Neandro respondeu. – Mas isso não responde a minha pergunta. Quem são vocês? Identifiquem-se!

– Você é bem mandão. – sorri.

– Acho que é realmente seu parente Alexis. – não sei o que se passava na cabeça de Nicardo, mas Alexis parecia estar pronto para esganar-lo a qualquer momento.

– Desculpe-nos – Neandro sorriu – Sou Neandro Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir e esse é meu irmão, Alexis Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir, príncipe e futuro herdeiro do trono da Capital e esse são nossos acompanhantes, Beatriz Misse, Nicardo...

– Nicardo Calimeria de Leander – o sobrenome de Nicardo era bem mais fácil.

– E eu sou... Selenia... Eanes de Neide. – Selenia respondeu um pouco apavorada.

– Eanes? – Neandro perguntou desconfiado. – Esse não é um dos sobrenomes da família real?

– E que eu já trabalhei no castelo, que coisa chata! – Selenia ficou nervosa.

– E você? – Neandro perguntou.

– Eu sou Tales. E isso é tudo o que precisam saber. – ele respondeu. – Por que me ajudaram?

– Bem, Tales, você estava falando algo sobre Bianor...

– Vocês sabem dele? Sabem onde posso encontrar-lo? – Tales se levantou desesperado.

– Esperávamos que você soubesse de algo. – Neandro parecia decepcionado. – Mas nós também estamos atrás de Bianor.

– Ele também fez algo de ruim para vocês? – Tales perguntou voltando a se sentar.

– De certa forma ele está fazendo algo de ruim para todos que vivem em Ofir. – Neandro respondeu.

– Mas meu caso com ele é extremamente pessoal. – Tales ficou sério – Eu preciso ver-lo morto!

Senti que Neandro queria perguntar o motivo, mas recuou. Talvez não fosse o caso de saber o que realmente Bianor havia feito para aquele rapaz – pelo menos não agora.

– Se ao menos eu tivesse os cristais... – Tales deixou escapar.

– Você... – Neandro hesitou e fitou Nicardo, que fez um sinal positivo – Você está atrás dos cristais de Dâmaris?

– Não vão me dizer que vocês... Por acaso vocês tem alguma pista sobre onde os cristais podem estar? – Tales se animou.

– Não só temos pistas, como já temos três dos seis cristais. – Neandro falava baixo.

– Não acredito! – Tales se animou ainda mais – Sério?

– Sim, é serio! – Neandro respondeu.

– Neandro, por que você está contando tudo isso para ele? – Alexis perguntou irritado.

– Eu sinto que posso confiar nele – Neandro olhou para Tales – Posso confiar em você certo?

– S-s-sim! – ele se levantou – Podem confiar, se vocês estão contra Bianor, então estão do mesmo lado que eu.

– Muito bem. – Alexis bateu palmas – Acreditar na palavra de um completo desconhecido.

– Sinto-me seguro quanto a minha decisão. – Neandro detonou Alexis com um olhar.

– Espero que esteja fazendo o certo. – Alexis bufou.

– Você tem para onde ir? – Neandro perguntou.

– Não exatamente. – ele mexeu os longos cabelos.

– Gostaria de nos acompanhar? – Neandro perguntou.

– Está realmente falando serio? – Tales parecia desconfiado.

– Estou falando serio. – Neandro respondeu.

– Mas que maravilha, eu aceito com certeza! – Tales quase pulou para cima de nós.

– Mas será que você sabe um bom lugar para passarmos a noite? – perguntei.

– Sei sim!

Assim como no porto, a cidade de Menelau era bem parecida com a cidade da Capital. As ruas com suas pedras azuis, as pessoas de um lado para o outro, as casas todas brancas de telhados vermelhos e com pelo menos dois andares. Por um breve momento quase achei que estava na Capital, se não fosse pelo excesso de seres errantes talvez eu chegasse a acreditar que estava na Cidade de Ofir.

Tales nos levou até uma casa razoavelmente grande, feita de madeira marrom bem escura e um telhado amarelo claro, quase bege. Aparentemente não parecia ter muito luxo e depois que entrei descobri que não havia luxo nenhum.

– Mas o que é isso? – perguntei assustada para Tales.

– Desculpe, acredito que as senhoritas não estão acostumadas a esse tipo de ambiente, mas é o único lugar onde vão conseguir ficar até o final deste mês. – ele sorriu – Os hotéis estão todos lotados, muitos viajantes chegaram a Menelau depois da primeira batalha e muitos não têm previsão de volta.

– E teremos que ficar aqui? – eu realmente estava assustada.

– Receio que sim. – Tales parecia decepcionado.

– Era só o que me faltava. – Selenia parecia tão assustada e indignada quanto eu. – Eu nunca imaginei que um dia entraria em um lugar desses.

– Posso te confessar uma coisa? – disse olhando ao redor – Este lugar está começado a me dar náuseas.

– A mim também Beatriz! – Selenia tentava não ficar olhando – A mim também.

– Você realmente tem certeza que não tem outro lugar? – perguntei novamente.

– Eu devia imaginar que isso não daria certo – Tales se entristeceu – Mas não. Não há outro lugar.

Estávamos em nada mais, nada menos do que um cabaré. Estávamos em um salão com varias cadeiras e vários rapazes que dividiam as atenções entre as estripes cantoras e as garçonetes seminuas – e pelo jeito que alguns deles olhavam para mim e para a Selenia, deviam estar pensando que fazíamos parte da lista de funcionários.

O palco estava com cinco dançarinas ainda vestidas e duas – no centro – apenas com peças intimas. A música era algo bem gangster, com um toque sensual que – se não fosse pelo ambiente – poderia ser agradável de ouvir.

Eu e Selenia não sabíamos onde colocar a cara quando as dançarinas começaram a tirar a roupa de verde. Isso só não foi mais constrangedor do que o Neandro e Alexis me vendo nua e de quando algo em Alexis “cresceu” depois de um solavanco que me jogou para cima dele.

– Ei, Tales, não está muito cedo para as garotas começarem com esses shows? – perguntei.

– Bem... Aqui qualquer hora e hora. – ele ficou vermelho – Mas, ainda bem, qualquer lugar não é lugar.

– Como assim? – perguntei, mas não precisei de resposta.

Assim que olhei para o lado vi alguns rapazes colocando algumas notas de chrímatos nas peças intimas de algumas garçonetes e essas os levando para dentro de uma porta cujo que se esconde atrás, eu prefiro nem imaginar.

– Eu vou tentar agilizar as coisas – Tales viu minha cara de constrangimento – Vou procurar o Giles, aquele bastardo cervo da campina.

– Ele é um cervo? – fiquei com medo.

– Não, e apenas um apelido. – ele sorriu.

– Será que posso esperar lá fora, acho que a coisa está começando a esquentar por aqui. – perguntei.

– Eu te acompanho! – Selena se levantou no mesmo instante.

– Ótimo, vou tentar chamar o... Alexis? – me assustei – O que você está fazendo?

– Assistindo ao show. – ele respondeu serio.

– Que show criatura? – fiquei nervosa. – Essas p... Essas estripes de baixo nível?

– Baixo nível? – ele sorriu maliciosamente – Pois para mim elas são de altíssimo nível. Principalmente aquele ali. – prefiro me manter calada

quanto à descrição da cena que presenciei neste momento.

– Eu... – acabei não aguentando e dei um tapa na cara de Alexis.

– Você está maluca? – ele falou alto.

– Eu te odeio! – fiquei nervosa.

– Achei que me amasse. – ele abusou.

– Rrrrr! – sai bufando.

– Espere, eu faço companhia a vocês duas! – Nicardo não estava prestando atenção no “show”.

– Você viu? – estava quase chorando.

– Calma, calma! – Nicardo me abraçou.

– Ele foi um cretino. – reclamei.

– Talvez... Olha, eu não queria mesmo te contar isso – Nicardo segurava meu rosto – Mas ele está decepcionado com você.

– Comigo? – enxugava as lágrimas – O que eu fiz?

– Você não percebeu que ele está com ciúmes de você comigo? – ele sorriu constrangido.

– Ciúmes? – estranhei – Ele disse que me odeia.

– Mas ele te ama! – ele ficou triste – E pelo jeito você está sendo o primeiro grande amor da vida dele.

– Por que é tão difícil de acreditar? – queria chorar outra vez.

– Medo, insegurança – ele suspirou – Vocês dois estão vivendo o primeiro grande amor, isso é muito normal.

– Como você... Ah, esquece. – sorri – Às vezes penso que você é um simples humano.

Eu não sabia exatamente o que pensar e nem como agir. Eu estava apaixonada por Alexis, isso eu já sabia. Fiquei um pouco balançada por Nicardo na noite em que passamos em Neide, mas acho que isso é normal. Agora, Alexis apaixonado por mim? Por mais que eu tentasse, algo dentro de mim parecia dizer que era mentira e para não seguirem frente caso eu não quisesse sofrer outra vez.

Tales saiu sorridente de dentro daquele “inferninho”. Tinha até esquecido que ele havia prometido dar um jeito na nossa situação. Pelo seu rosto, a conversa com o “cervo” foi bem positiva.

– Consegui! – ele dava pulos – Garotos e garotas – Tales fazia voz de locutor de rádio – vocês irão dormir hoje nos melhores quartos deste belíssimo hotel cinco estrelas inteiramente de graça. Vocês ainda terão direito a quartos com suíte, janta, café da manhã e, se precisar, vocês terão direito a um belíssimo almoço. E tudo isso sem precisar passar pela repartição das dançarinas!

Tales estava com um longo sorriso, mas acabou desfazendo e se mostrando preocupado quando viu que meu rosto não estava muito contente.

– O que foi? – ele perguntou – Não gostou da notícia?

– Não, não é isso! – tentei desfazer a cara de choro – São coisas minhas, mas vai passar.

– Tem certeza? – ele perguntou.

– Sim! – respondi e depois olhei para Nicardo – Nicardo?

– Diga.

– Você disse que Alexis tinha ciúmes de mim com você. – o fitei – Isso tem algum fundamento da sua parte?

Nicardo olhou seriamente para mim. Depois levantou a sobrancelha.

– Não! – Ele respondeu – Não tem fundamento algum.

Tales nos levou até um pequeno corredor – do lado de fora da casa mesmo, entre um grande muro e a casa em si. Passamos por algumas janelas fechadas e, finalmente, chegamos até outro grande muro. Tales empurrou um tipo de portão de madeira e nos deparamos com uma verdadeira mansão escondida atrás dele.

A mansão eram completamente banhada em vários tons de cinza e – principalmente – branco. Era muito semelhante à Casa Branca dos Estados Unidos, o que me fez pensar que esse velho “cervo” deveria ser um cafetão muito famoso.

– Então são esses? – um homem gordo e baixinho falava. Neandro estava ao seu lado.

– Sim, são esses. – Neandro respondeu.

– Se vocês são amigos do Tales, então são meus amigos! – o homem gordo falou.

– Vocês já se conhecem? – perguntei assustada.

– Não. – Neandro respondeu – Nos conhecemos agora.

– Neandro, vem aqui um minutinho? – disse. – Esta fazendo amizade com um cafetão?

– Beatriz, nos precisamos de todos os contatos possíveis. – ele ficou serio – Você está vendo o que um bom contato pode fazer, nunca sabemos o dia de amanhã.

Lembrando de nossa viagem até agora, realmente, Neandro conhecia sempre alguém. Seja nos portos ou em lojas de roupas, sempre havia alguém que acabava nos ajudando.

A mansão era a coisa mais lida que já havia visto. Logo na entrada nos deparamos com um belíssimo tapete de cor lilás bem claro, próximo a uma lareira central que ficava exatamente no meio de duas longas escadas. Começava a entender o motivo de Tales ter dito que ficaríamos em um cinco estrelas.

Havia duas portas não muito longe da lareira e dois longo corredores pouco antes das escadas, que iam fazendo um tipo de círculo.

Subimos as escadas e entramos na porta central, ao lado de outros dois grandes corredores circulares. Dentro desta sala, havia outra escada, desta vez bem menor, que levava para um corredor de portas.

– Podem escolher os seus quartos. – o homem gordo abria algumas portas – Todos tem suítes e roupas limpas. E não se preocupem, nenhum cliente ou funcionário meu entra nesta casa.

Eu já estava entrando em um dos quartos e o homem baixinho e gordo já havia descido alguns degraus da escada quando ele voltou.

– Acabei me esquecendo. – ele fez uma singela reverência – Eu sou Giles Else de Calidora, qualquer coisa podem me chamar. Tenho estalado em todos os quartos comunicadores mágicos, um presentinho de uma cliente famosa. Está em cima do criado mudo.

O quarto que eu escolhi era tão belíssimo quanto toda a mansão. A cama era de casal e estava forrada com uma cocha bege de veludo. Havia dois banquinhos – ou algo que se parecia com dois banquinho – no pé da cama, também forrados com tecidos beges, mas com detalhes vermelhos.

Havia três janelas, todas com cortinas vermelhas com detalhes dourados. Havia um quadro pendurado ao lado de uma das janelas, mas ao invés de uma pintura comum com tintas e telas, era um bordado de um vaso de flores, extremamente detalhado e que deve ter custado uma fortuna.

Havia uma pequena mesa, com duas cadeiras e havia vários tapetes pelo quarto, dois deles, pequenos, em cada lado da cama, um o centro três ao lado das janelas.

A noite chegou bem rápido. Não tive tempo de conhecer nem a metade da mansão. Enquanto Neandro se preocupava com o próximo cristal – sendo contra a gente descansar um pouco –, eu estava pensando no que o Nicardo tinha me dito.

Como se eu estivesse o chamando por pensamento, Nicardo acabou entrando no meu quarto. Diferente das outras vezes, ele não bateu, o que me deixou um pouco chateada.

– Eu menti! – foi a primeira coisa que ele disse.

– Mentiu sobre o que? – perguntei.

– Sobre os ciúmes de Alexis não ter fundamento. – ele não parecia bem – Os ciúmes de Alexis... Ele tem todas as razões do mundo para sentir ciúmes.

– Espere – tentei fazer-lo sentar – O que você está falando?

– Que eu menti, o Alexis tem razão em ter ciúmes de mim.

– Então os ciúmes dele... Achei que ele tinha percebido. – deixei escapar.

– Percebido o que? – ele perguntou – Que você ficou balançada por mim?

– Sim. – não tinha como esconder as coisas dele – Mas eu amo o Alexis...

– E eu te amo! – ele segurou em meus ombros – Eu estou apaixonado por você desde o dia em que te ofereci aquela maçã, na Capital.

– Mas... – tentei argumentar alguma coisa.

– Desde aquele dia eu venho te seguindo, mas de longe. – ele começou a confessar – Minha entrada para essa aventura não foi apenas por causa da minha irmã. Claro, ainda quero muito encontrar o esconderijo de Bianor, encontrar minha irmã ainda é meu maior objetivo, mas eu precisava estar ao seu lado.

– Nica...

– Me deixa terminar. – ele colocou o dedo indicador na minha boca – Eu sei que você está apaixonada por Alexis e que talvez eu não tenha nenhuma chance com você, mas eu precisava falar, precisava desabafar isso com você, mesmo sabendo que minhas chances são mínimas. Eu só espero que eu não acabei estragando tudo com isso, mas eu precisava fazer!

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa, os lábios de Nicardo já estavam grudados nos meus.

Diferente do beijo de Alexis, o beijo de Nicardo tinha um desejo desumano. Nunca alguém havia me beijado com tanta vontade. A impressão que tinha era de que se ele não me beijasse, provavelmente morreria. Era um beijo explosivo, que começava amargo e parecia cheira a terra, mas depois ficou doce e perfumado, quase irresistível. Tive que afastar-lo de mim ou algo de grave iria acontecer ali.

– Desculpe, eu não... Alexis? – Nicardo se assustou.

Não havia reparado que a porta estava aberta. Alexis havia visto o beijo. E a cena que vi cortou meu coração: Alexis estava chorando.

Alexis correu e fechou a porta. Levante-me e tentei ir atrás dele, para me explicar, mas Nicardo me segurou e me fez sentar novamente.

– Deixe-o ir. – ele segurava pelo meu braço – Ele não vai ouvir nada que você disser agora.

– Me solta! – gritei.

– Apenas se me prometer...

– Cala a boca! – eu estava chorando – Vá embora, saia do meu quarto!

– Beatriz?...

– Saia! – berrei.

Nicardo se levantou e saiu do meu quarto. Fechei a porta com chave e me joguei na cama. Um dos motivos para eu não querer mais me apaixonar era esse: é impossível não se machucar quando se ama demais alguém. E quando esse alguém que você tanto ama se machuca por sua causa, a dor chega a ser insuportável.

Nesta noite eu acabei ficando acordada. Não consegui dormir. Pensei varias vezes em ir ao quarto de Alexis, mas o medo do que poderia ouvir dele foi maior. Esperava que ele estivesse dormindo e descansando, mas – desta vez – eu não conseguia acreditar que ele não estivesse sofrendo como eu.

Eu havia me tornado um monstro.

CAPÍTULO 21 / OS SERES DA FLORESTA,
LEMBBRANÇAS DE NICARDO E O RETORNO DO LOBO

Não era de se espantar que no dia seguinte eu estivesse um caco – tanto emocional, quanto físico – depois de uma noite como aquela. Tentei não pensar muito no que havia acontecido, mas era impossível. Queria fazer as pazes com Alexis, mas ainda temia o que ele poderia dizer para mim.

Sai do quarto e fui para o imenso quintal que havia nos fundos da mansão. Na verdade aquilo não era um quintal, muito menos o que eu entendo de fundo de casas, aquilo era quase um pequeno parque aquático.

Da porta você já via duas grandes piscinas, todas forradas com madeira, o que acabou me lembrando um ofurô. O piso azul trilhava um caminho da porta até o final do “quintal”, onde ficava um tipo de chuveiro. Havia também – em uma das piscinas – uma parede que descia água, como se fosse uma cachoeira artificial.

A tentativa de dar um mergulho foi grande, mas depois do que aconteceu na noite anterior, minha depressão acabou falando mais alto – fora que eu já havia tomado um longo banho.

Nunca comentei, mas que sempre levava as nossas malas eram o Neandro e o Nicardo. Eu já tentei

fazer-os me deixar carregar pelo menos a minha mala, mas eles sempre insistiam.

No fatídico dia em que invadimos o castelo, nossas malas ficaram escondidas dentro da entrada da passagem secreta, escondida na árvore solitária, quase aos fundos do castelo.

Desde a vez em que perdemos as nossas malas em Sotero, nunca mais nos desgradamos das nossas novas malas. Perder-las novamente seria um ato de burrice – apesar de acreditar que se fosse eu quem estivesse carregando, esse ao poderia se repetir.

– Ei? – era a voz de Selena. – O que você está fazendo sentada neste banco, tão triste?

– Não é nada. – menti – Apenas indisposição.

– Tem certeza? – ela perguntou.

– Por que todo mundo sempre acha que estou mentindo? – fui grossa.

– Talvez por que você está mentindo! – era a voz de Nicardo.

– Vê se me erra! – sai do quintal/parque aquático.

Eu começava a me sentir mal todas as vezes que Nicardo aparecia perto de mim. Eu estava perdendo Alexis e boa parte da culpa disso estar acontecendo é dele. Talvez uma boa parte da culpa possa ser minha, mas ele também teve uma parcela de culpa de tudo o que estava acontecendo.

Alexis e eu nos cruzamos nas escadas. Como imaginei, ele me ignorou. Estava ainda muito magoado comigo, sem dúvida.

Tentei ir atrás dele novamente, mas ele parecia correr de mim. Agora já não sabia se era eu quem estava com medo do que o Alexis poderia dizer a mim, ou se era ele quem estava com medo do que *eu* poderia dizer a ele.

Neandro desceu e logo estranhou o clima entre eu, Alexis e Nicardo. Acredito que qualquer pessoa que tenha passado alguns dias conosco estranharia.

– Então Alexis – Neandro olhou meio desconfiado para nós – Qual a próxima pista?

– Mas já? – Alexis perguntou.

– Vocês quiseram descansar, agora é hora de agir. – ele sorriu.

– Tudo bem – Alexis não parecia nada feliz – *“Sempre sou visitado por milhares todos os dias. Eles deixam suas preces na esperança de serem atendidos. Tenho santo no nome, mas de santo não tenho nada, sou apenas pedra e barro e na verdade não valho nada”*.

– Essas pistas estão ficando cada vez mais estranhas! – Neandro franziu a testa.

– Então camada, para onde vamos agora? – Tales descia as escadas.

– Talvez ele possa saber. – Nicardo olhou para Tales.

– Possa saber do que? – Tales olhou desconfiado.

– Sabe onde pode ser esse lugar? – Alexis mostrou a pista.

– Hum... Talvez eu saiba, mas uma coisa me intriga. – ele botava o dedo na frase – Esse início “Sempre sou visitado por milhares todos os dias”, isso não bate com o local onde o resto da pista aparenta mandar.

– Por quê? – perguntei.

– Por que o local não recebe visitas há anos! – ele mexeu nos longos cabelos.

– Mas essas pistas foram escritas faz muito tempo. – Alexis explicou.

– Então as coisas começam a fazer sentido. – Tales sorriu. – Eles estão falando do Santuário de Lissandra.

– Templo de Lissandra? – Alexis se questionou – Nunca ouvi falar.

– E nem poderia, o templo foi completamente esquecido há mais de 90 anos. – ele sorriu – Breve esse templo fará seu centenário de esquecimento. O templo foi apagado dos registros históricos e das memórias de todos os cidadãos de Menelau.

– Mas por quê? – perguntei.

– Depois que o quarto rei de Menelau tomou o poder, foi decretado que o santuário fosse destruído, por acreditar que ele escondia um demônio em seu subsolo.

– Pelo visto teremos mais lutas vindo por aí! – brinquei. Fui infeliz.

– E você sabe onde fica esse santuário? – Neandro perguntou.

– Olha, sabe que não! – ele deu um sorriso tímido – Acho que acabei sendo inútil.

– Outro cristal perdido! – Alexis quase amassou as anotações – Assim não iremos conseguir nunca fazer os pedidos a Dâmaris.

– O que vamos fazer agora? – perguntei.

– Lembrando melhor... – ales coçou a cabeça.

– O que? – perguntamos esperançosos.

– Não, não. Impossível! – ele parecia falar para si próprio. – Se bem que...

– O que? – nos animamos de novo.

– Pensando bem, pode ser que...

– Será que dá para você pensar calado? – Alexis gritou.

– Ih maluco, está gritando por quê? – Tales jogou o cabelo para trás.

– Você está nos atrapalhando com seus pensamentos altos. – Alexis continuou com um tom de voz alto.

– Eu só estava lembrando que eu sei sim onde pode estar esse santuário. – Tales sorriu.

– E por que não disse logo? – Alexis gritou novamente.

– Ele é sempre assim.. Estressadinho? – Tales perguntou.

– Não, não – Neandro respondeu – Hoje até que ele está de bom humor.

– Cala essa boca Neandro. – Alexis ainda gritava.

– Nossa, realmente não quero estar perto dele quando estiver de mal humor. – Tales fazia uma cara de medo.

– Se realmente não quiser me ver furioso diga logo onde este santo santuário fica? – Alexis estava se controlando.

– A localização exata eu não sei. – Tales fez uma careta como se estivesse esperando um mega soco de Alexis.

– Se você não sabia, por que disse que sabia? – Alexis voltou a gritar. Por um instante achei que ele daria um mega soco.

– Mas eu sei onde o santuário fica. – Tales se afastava de Alexis.

– Vamos parar com a brincadeira – Alexis ficou sério – Afinal, você sabe ou não sabe onde fica esse santuário.

– Eu sei. Só não sei como chegar até ele. – Tales fez uma careta constrangida.

– Explique-se. – Alexis respirava fundo.

– O santuário, de acordo com as histórias que ouvi, fica na Grande Bosque ao noroeste de Menelau.

– E?... – Alexis queria mais.

– E... – Tales fez suspense – É tudo o que sei.

– Eu posso matar ele? – Alexis fazia uma voz de choro.

– Parem! – Neandro acalmou Alexis – Pelo menos temos uma direção, agora é só procurar.

– Mas tem um problema... – Tales fechava os olhos e apertava os lábios.

– O que foi desta vez? – Alexis estava mais nervoso que o normal.

– O bosque é enorme e eu nem sei como é esse santuário. – Tales tentava ficar longe de Alexis – Já ouvi casos de pessoas que não conseguiram sair de lá e viraram seres do bosque.

– Seres... Do bosque? – engoli a seco. – O que seria seres do bosque.

– Criaturas com os pés gordos e esverdeados. – Tales começou a explicar – Eles tem o corpo coberto por folhas e seus rostos são iguais aos de todos os outros, diferenciando apenas pelos olhos, cada um de uma cor, e pelos cabelos, sempre com cortes e cores diferentes.

– Que horror! – disse.

– Mas eles não são más pessoas, são apenas vítimas. – Tales parecia ter um pouco de pena.

– Mas ainda parece ser algo horrível! – disse.

– Neste bosque você pelo menos sabe chegar? – Alexis perguntava debochado.

– Claro! – Tales pareceu não gostar do deboche.

Tivemos que comprar três cavalos. Na verdade a intenção era alugar, mas quando dissemos que iríamos para o Grande Bosque o dono não quis fazer negócio de jeito nenhum.

Eu fui no mesmo cavalo que Selena. Na verdade era uma égua. Coincidência ou não, as únicas meninas do grupo estavam na única égua do grupo. Batizei-a de Epona, como em um jogo de RPG que joguei uma vez. Alias, essa minha aventura daria um bom jogo de RPG.

Seguimos o cavalo de Tales e Nicardo. Por algumas vezes achamos que estávamos andando em círculos, mas logo percebíamos que estávamos prosseguindo, o que me fez pensar que, se o caminho para chegar ao bosque já é tão confuso, o bosque então... Preferia nem imaginar.

Quando finalmente chegamos ao bosque, já estava com o traseiro dolorido de tanto andar montada na égua Epona – que não me cobrem direitos autorais, mas sempre quis ter uma égua chamada Epona, igual no jogo.

O bosque era muito parecido com uma floresta, à única diferença é que as árvores não formam uma cobertura continua.

Havia um tipo de entrada no inicio do bosque. Era uma madeira pendurada por dois troncos, fazia lembrar uma porta para a escadaria que se “escondia” atrás dela.

– Acho melhor deixarmos os cavalos aqui! –
Tales disse descendo do cavalo.

– Mas não é perigoso? – perguntei lembrando
todas as minhas experiências em Ofir.

– Não. – Tales respondeu serio. – Não há
motivos para temer. Esse bosque é encantado.

– Ah, claro... – lembrei que isso já era clichê de
Ofir.

– Nada pode atingir o que estiver fora do
bosque. – Tales continuou explicando – Vê isso?

Tales se aproximou da entrada e bateu em uma
parte que aparentemente não continha nada, apenas
árvores. *Toc, Toc, Toc.*

– Viram? – Tales sorriu e voltou para perto dos
cavalos – É uma barreira invisível.

– Mas e a entrada? – perguntei. – Eles não
podem passar pela entrada? – não sabia dizer
exatamente o que seria “eles”, mas sabia que “eles”
existiam e que “eles” poderiam ser muito perigosos.

– Impossível! – ele falou alto – A entrada é
enfeitada também. Nada que vive nesta floresta pode
sair.

– Mas nós podemos entrar e sair? – Alexis
perguntou desconfiado.

– Obviamente. – Tales revirou os olhos. – Ele é
sempre desconfiado deste jeito?

– Às vezes. – Neandro respondeu. – O
importante é que, se passarmos mais de dois dias neste

lugar, como posso dizer?... Somos transformados em seres do bosque.

– Aqueles bichos do pé gordo que você comentou mais cedo? – perguntei assustada.

– Exatamente! – Tales respondeu.

– Mas esse bosque é realmente enorme! – quase gritei – Será impossível achar o santuário neste mar verde.

– Se é para destruir o Bianor, eu corro o risco! – Tales passou pela entrada.

– Eu não tenho nada a perder... – Selenia também passou.

– Agora meu único objetivo é achar minha mãe.

– Alexis passou. Senti uma alfinetada dele para mim.

– E eu não só quero destruir Bianor, como quero também achar minha irmã. – foi a vez de Neandro.

– Preciso correr o risco, por Linfa. – Neandro passou pela entrada.

– Eu não irei ficar aqui sozinha... – me aproximei da entrada – E agora, mais do que nunca, quero voltar para casa.

Neste momento todos olharam para mim e Alexis. Todo mundo sentiu que estava rolando um clima de hostilidade entre mim e o Alexis, e que algo muito grave estava acontecendo.

Um pensamento irônico me passou neste momento. A última vez que havia entrado em um lugar com tanto verde foi justamente no dia em que eu

descobri que estava apaixonada por Alexis. Agora, vejam só, estamos de volta ao redor das árvores e se odiando ainda mais do que naquela época.

O bosque não era tão apavorante quanto o Tales me fez pensar. Era um bosque comum, nada de ameaçador. Na verdade, o bosque era lindo, apesar do excesso de verde – até os troncos estavam cobertos de verde, cheios de musgos –, o bosque parecia transmitir vida em abundância.

A escada também estava coberta por musgos e tive que fazer o meu melhor para não cair rolando escada a baixo. Apesar de a minha má sorte ter se transferido para o repartimento emocional, destruindo os meus sonhos de qualquer coisa mais amistosa com Alexis, preferia não me arriscar.

Andamos e andamos e andamos um pouco mais. Não conseguia enxergar o que havia por cima de nós, por isso não fazia a menor idéia de que horas eram, mas parecia estar começando a escurecer.

– Acho que está anoitecendo. – Neandro havia tirado as mesmas conclusões que eu.

– Isso significa que temos pouco mais que 24 horas para achar esse santuário, pegar o cristal e sair daqui. – Tales me tranquilizou de uma forma que ele nem pode imaginar.

Agora era oficial, a noite havia chegado. O bosque ficou escuro não conseguimos enxergar nada. Fiz uma pequena bola de fogo para clarear o local, mas acabou não sendo preciso, varias bolas de luz – tipo

lanternas japonesas – eram acesas em todas as árvores.

– Eles estão chegando! – Tales falou baixo.

– Eles quem? – me encolhi.

– Os seres do bosque. – Tales cochichou.

– Ah... Que horror! – gritei.

– Shhh! – Tales colocou o dedo na frente da boca. – Pode atrair a atenção deles.

– Mas você não disse que eles são inofensivos?
– também cochichei.

– Sim, eles são! – ele continuou sussurrando –
Mas não os queira como companhia.

– Alguém? – uma voz de criança irritante ecoou
pelo bosque. – Ouvi alguém?

– Acho que eles nos encontraram. – Tales ainda
sussurrava.

– Alguém? – outra voz – Alguém?

– Alguém, alguém, alguém, alguém... – varias
vozes começaram a repetir a mesma palavra. – Alguém,
alguém, alguém, alguém...

– Mas o que é isso? – perguntei assustada.

De repente, *CABUM!* Algo caiu na nossa frente.
Era um ser baixinho, de pés redondos e gordinhos,
vestindo uma roupa de folhas de vários tipos e de pele
esverdeada. O cabelo era dourado e o corte fazia
lembrar uma coroa.

– Alguém é você? – a criatura perguntou.

– Como? – não entendi.

– Por favor, não agressividade. Gosto ruim, todos nós. – o ser falava um pouco assustado – Não bom de comer.

– O que ele está falando? – Alexis franziu a testa.

– Desculpe, mas não pretendemos comer vocês! – Selenia se agachou.

– Não? – o ser parecia surpreso – Truque!

– Truque, truque, truque, truque... – as vozes agora mudaram o disco.

– Não! – Selenia tentou desfazer o mal entendido – Não é um truque, estamos aqui por outros motivos.

– E que motivos ser estes? – a criatura se aproximava de Selenia.

– Estamos querendo achar o santuário. – Selenia estava intermediando a nosso favor.

– O santuário? – o ser deu pulos para trás.

– Dragão, dragão, dragão, dragão... – as vozes já estavam me irritando.

– Por que querer ir ao santuário? – a criatura perguntou.

– Precisamos do cristal que está guardado lá. – Selenia estava tentando parecer o mais pacifista possível.

– A pedra sem cor? – o ser perguntou.

– Essa mesma! – Selenia respondeu.

– Mas... Pedra ser o que acorda dragão de sono. – o ser estava assustado.

– Mas nós podemos matar... – Alexis se intrometer.

– Inhá, matar não! – o ser gritou.

– Matar não, matar não, matar não, matar não... – as vozes em coro.

– Não, acalmem-se! – Selenia balançou a mão pedindo para que se aquietassem – Ele não vai matar vocês!

– Então o que? – o ser perguntou.

– Ele vai matar o dragão. – Selenia respondeu.

– Oooohhhh! – a criatura e as vozes disseram em coro.

Depois disso, varias outras criaturas despencaram das árvores e não demorou muito para estarmos cercados por vários seres de pés descalços, gordos e redondos.

Realmente, eram todos iguais, exceto pelos cabelos. Havia cabelo azul, vermelho, verde, cinza, preto, amarelo, laranja, branco e os cortes também eram dos mais variados sendo alguns totalmente picotados e outros mais arrumados, alguns com forma de coisas e outros sem formas definidas.

– Que isso? – gritei.

– Calma. – Selenia falou baixo.

– Poder mesmo matar dragão? – o ser com penteado de coroa perguntou.

– Sim, já matamos muitas coisas. – Alexis assustou os seres, que deram um pulo para trás.

– Acho que eles não vão com a sua cara Alexis.
– Tales brincou.

– Poder nós levar ao santuário, se prometer matar dragão. – o ser se aproximou – Dragão quer sempre comer nós e nós não poder sair durante dia.

– Por quê? – Selenia perguntou.

– Dragão vigiar demais o santuário a noite, não sair de forma nenhuma. – ele respondeu. – Quando ser dia, dragão andar por bosque e nós ter que ficar nas árvores, escondidos.

– Então? – Alexis olhou para todos – Estamos esperando o que para matar esse dragão?

– Espere! – Neandro cortou a alegria de Alexis – O santuário é muito longe daqui?

– Não ser longe – a criatura respondeu – bem perto, 100 zaés.

– 100 za o que? – perguntei.

– Zaés! – Tales começou a explicar – E como os seres do bosque medem a distância.

– Isso equivale a quantos metros, quilômetros ou sei lá o que? – perguntei.

– Não sei! – Tales coçou a cabeça – Nunca fui bom em matemática.

– Ser 30 minutos daqui. – a criatura respondeu – Só lembrar isso da época em que ser igual vocês.

– Acho melhor esperarmos um pouco. – Neandro falou. – Melhor ir ao santuário sem o dragão e pegar-lo de surpresa.

– Não sei se é um plano muito inteligente. –
Alexis levantou uma das sobrancelhas e franziu a testa.

– Eu topo, estou precisando descansar. –
Nicardo gostou da idéia.

– Mas é se não sairmos a tempo? – perguntei.

– Irmãos seremos nós! – o ser falou.

– Irmãos, irmãos, irmãos...

Apesar de eu e Alexis termos sido contra, os demais concordaram em esperar amanhecer. O seres da floresta deixariam lanternas acesas durante o dia para sinalizar o caminho para o santuário e nós iríamos entrar, pegar o cristal e sair.

Os seres transformaram troncos em colchonetes e folhas em lençóis. Eu, como uma maga meio iniciante, meio experiente, não pude deixar de me impressionar com isso. Sem notar, acabei tomando gosto pela magia e queria aprender cada vez mais.

– Você está bem? – era Nicardo.

– Desculpe, mas não estou falando com você. –
não estava assim com tanta raiva de Nicardo.

– Vim em paz! – ele levantou as mãos como se estivesse se rendendo – Só queria dizer que eu sinto muito por ontem, mas não pude evitar.

– Humpf! – virei o rosto para ele.

Estávamos em uma parte não muito isolada, por isso, tivemos alguns olhares extras em cima de nossa conversa.

– Eu posso saber o que se passa no coração dos outros, mas isso não faz de mim uma pessoa sem sentimento. – ele sentou-se ao meu lado – Quando vi você, naquela noite na praça, eu senti... Era como se eu tivesse nascido para te proteger.

– Por favor... – me afastei.

– Até antes de Alexis ser levado pela névoa, lá na Floresta de Dois Gumes, eu ainda estava disposto a lutar com todas as armas para conseguir fazer você se apaixonar por mim. – Nicardo se aproximou um pouco mais – Depois daquele dia, quando vi o tamanho do seu sofrimento pensando que o Alexis tinha morrido, decidi que se ele se saísse bem dessa eu iria deixar o caminho livre para vocês dois.

– Mas você não deixou! – disse zangada.

– Eu não consegui. – ele se aproximou um pouco mais – Não era justo comigo. Eu havia decidido desistir de você por que não queria te ver sofrer, mas quando notei que você estava balançada por mim, que eu poderia ter a chance de te fazer feliz...

– Você resolveu voltar a lutar. – completei suas palavras.

– Sim. – ele abaixou a cabeça – Você e minha irmã são as coisas mais importantes para mim neste momento.

– Você não tem família? – comecei a me comover – Digo, pais?

– Não. – ele ficou triste – Meu pai morreu pouco depois de minha mãe ficar grávida da minha irmã e minha mãe morreu faz 1 ano, envenenada.

– Mas por quê? – perguntei.

– Ela foi uma das primeiras a descobrir os planos de Bianor. – ele engoliu a seco – Digamos que ela estava no lugar errado e na hora errada.

– Mas ela foi flagrada na hora?

– Não. – sua voz estava melancólica – Minha mãe tinha um senso de justiça muito grande e ameaçou contar ao rei de Ofir sobre os planos dele e ele a matou. – ele fechou os olhos – Pouco antes de morrer ela pediu para cuidar da minha irmã e me contou sobre os planos de Bianor. Quando ele descobriu que minha mãe havia morrido, ele veio nos visitar.

Neste instante algo estranho aconteceu. Não estava mais no bosque, estava em Leander, em frente a uma daquelas casinhas de tijolos beges. Estava invisível para as demais pessoas, pois passam por dentro de mim como se não existisse, transformando parte do meu corpo em poeira que depois voltava a se reintegrar ao meu corpo.

Um homem entrava, o segui. Dentro da casa havia uma bela jovem, lavando louça com sua roupa de cigana e seu lenço lilás amarrado nos longos cabelos negros. Seus olhos eram extremamente belos e sedutores que poderiam devorar um coração de

qualquer homem, mesmo ela sendo apenas uma adolescente.

– Desculpe-me entrar assim. – o homem baixava a cabeça – Soube que houve um falecimento de uma velha conhecida da família real da Capital.

– Amiga? – a garota parecia surpresa.

– Não era nesta casa que morava uma mulher chamada Melinda Calimeria de Leander? – o homem perguntou.

– Nínive, quem está aí? – era a voz de Nicardo. Ele saía de uma porta coberta por vários fios com pedrinhas transparentes. – Você?

– Meus pêsames pela perda. – o homem baixou a cabeça – Imagino a dor...

– Saia daqui! – Nicardo interrompeu. – Por favor.

– Desculpe... – o homem não entendeu.

– Sínico! – Nicardo começava a ficar nervosa – Suma daqui!

– Nicardo, o que é isso? – Nínive perguntou.

– Este cara é o responsável pela morte da mamãe! – Nicardo se aproximou.

– Não. – Nínive deixou um prato cair.

– Ainda não estou entendendo. – o homem parecia confuso.

– Pare com esse teatro, minha mãe me contou tudo sobre você! – Nicardo gritou.

– Não sei do que está falando. – o homem se endireitou.

– Suma da minha casa! – Nicardo puxou uma faca.

– Opa, opa! – o homem deu dois passos para trás – Não precisamos partir para a violência. Você sabe quem levaria a pior se isso acontecesse.

O homem estava vestindo um sobretudo preto e levantou afastando-o do corpo e mostrando dois grandes revólvers que nunca havia visto antes pendurado em cada lado de sua cintura.

– Não tenho medo. – Nicardo continuava com a faca apontado para o homem.

– Ah ha, ha, ha, ha, ha. – foi a gargalhada mais estranha que já havia ouvido. – Gosto da sua coragem, mas eu ainda não sei do que está falando. Vim apenas dizer algumas palavras em nome do rei de Ofir, nada mais.

– Cale-se e vá embora! – Nicardo não havia abaixado a faca.

– Essa mocinha é extremamente bela. – o homem se aproximava de Nínive – Sem dúvida daria uma bela princesa. E quando crescesse um pouco mais, seria a mais bela rainha que um homem poderia querer. Quantos anos você tem?

– 14. – Nínive respondeu. O homem passava a mão sobre seu rosto.

– Tire suas mãos dela! – Nicardo gritou.

– Mais alguns anos... – o homem sussurrou para ele mesmo.

– Saia agora! – Nicardo fez um corte no braço do homem.

O homem se assustou e por alguns segundos ficou sem reação. A ferida aberta parecia pulsar e pingos de sangue sujavam o chão. O homem sorriu, como se agora entendesse o que Nicardo estava falando desde o princípio.

– Gostaria de ser a minha rainha, jovem moça?
– o homem se ajoelhou em frente a Nínive.

– Saia de perto dela! – Nicardo gritou.

– Eu?... – Nínive estava muito assustada.

– Olhe nos meus olhos! – o homem sorria.

– Pare! – Nicardo continuava gritando.

– Eu... – ela parecia hipnotizada – Aceito.

– Não! – Nicardo gritou e cravou a faca nas costas do homem.

O homem se levantou com um pouco de dificuldade e retirou a faca das costas. Mais sangue escorreu pelas costas, descendo pela perna e sujando ainda mais o chão. O homem se aproximou da porta e a abriu.

– Volto para te buscar! – o homem fechou a porta.

– Aaahhh! – gritei e tudo ficou escuro.

“Beatriz” uma voz poderosa ecoava no nada.
“Beatriz, acorde!”

Abri os olhos e vi mais uma vez o lobo enorme que apareceu em outros sonhos, desde que o vi pela primeira vez na casa de Neandro e Linfa.

“Não faça mais isso. Evite.” A voz poderosa era do lobo.

– Não faça mais o que? – perguntei.

“Não invada as lembranças das pessoas!” então havia sido isso. Eu havia entrado nas lembranças de Nicardo. Mas como? *“Controle-se”* o lobo continuou a falar.

– Como eu faço? – perguntei.

“Concentre-se e tudo ficará bem” o lobo começava a sumir, até ficar apenas sua voz *“Você escreveu um novo rumo para sua história. Não se esqueça disto”*

A última coisa que me lembro é de ver Nicardo me segurando no colo e das árvores dos bosques e de varias vozes repetindo *“desmaiada, desmaiada, desmaiada”*.

CAPÍTULO 22 / O CHÁ, O SANTUÁRIO E O DRAGÃO

*A*cordei bem cedo e muito cansada. Eu havia desmaiado e não sabia explicar exatamente o motivo. Melhor, o motivo eu sabia – invadi as lembranças de Nicardo –, só não sabia por que isso havia me feito desmaiar.

O dia começava a clarear. Os seres não haviam dormido – acredito que nem façam isso – e começavam a subir para as árvores. Provavelmente não iria demorar muito para o dragão sair em busca de comida.

Um dragão de guarda que só vigia o local durante a noite é um pouco inútil. Minto. Um dragão de guarda que só vigia o local durante a noite e completamente inútil.

– Já acordada? – era a voz de Nicardo.

– É o que parece? – fui grossa, mas logo corrigi
– Acordei cedo. Acho que perdi o sono, sei lá.

– Ah... – ele suspirou.

– E você, o que faz já acordado? – perguntei.

– Tecnicamente eu não dormi. – Nicardo segurava duas xícaras – Cuidado, está um pouco quente.

– O que é isso? – perguntei cheirando o líquido verde que estava dentro da xícara.

– É um chá feito de energéticos naturais, os seres do bosque que prepararam. – ele sorriu.

– Isso é bom? – perguntei soprando a fumaça.

– Não muito, mas é ótimo para recuperar as energias. – ele tomou um longo gole – Beba, vai te fazer bem!

Dei mais dois sopros no chá e bebi um gole. Era horrível. Parecia uma mistura de hortelã, vinagre, boldo e um toque de limão.

– Isso é horrível! – disse fazendo caretas enquanto engolia o chá – Mas já estou me sentindo um pouco melhor.

– Você perdeu muitas energias invadindo minhas lembranças. – ele fitava o horizonte e bebia outro gole do chá. – Não sabia que você já podia fazer isso.

– He, he... – sorri constrangida – Desculpe, nem eu sabia que podia fazer isso.

– Mas conte-me, você se lembra como conseguiu? – ele perguntou.

– Consegui o que? – não me toquei.

– Como você conseguiu entrar em minhas lembranças? – ele dava o último gole no chá. Minha xícara ainda estava cheia.

– Não sei dizer. – tentei beber um pouco mais do chá. Tive que me segurar para não cuspir – Eu... Cof, cof... Eu não me lembro exatamente. Eu apenas fiquei tentando visualizar a cena e... E então... Eu... Não consigo me lembrar, não sei.

– Agora terá que tomar cuidado. – Nicardo continuava a fitar o horizonte – Se ficar invadindo as

lembranças alheias, assim, cansada e com poucas energias você pode até morrer!

– Ai, que horror! – estava evitando levar a xícara até a boca – Se bem que, comparado ao que já passei aqui em Ofir, não deveria ficar surpresa. Mas e você? Por que não dormiu?

– Eu? – ele olhou para mim – Eu fiquei cuidando de você.

– Como? – quase deixei a xícara cair. Não seria nada ruim.

– Você ficou com febre, estava delirando e gritando por meu nome. – ele respondeu.

– Seu nome? – estranhei. Provavelmente foi reação ao que vi nas lembranças dele.

– Provavelmente o motivo para Alexis não ter nem chegado perto de você. – ele voltou a fitar o horizonte.

– E onde ele está? – perguntei.

– Dormindo igual uma pedra. – ele virou o rosto em direção onde Alexis estava dormindo.

– Ótimo! – bufei – Foi melhor assim.

– Como? – ele perguntou.

– Ah, nada. – bebi acidentalmente mais um pouco de chá. Fiz careta – Você... Cof, cof, cof... Você deve saber.

– Não. – ele respondeu me fitando – Desde que você aprendeu a se bloquear que não consigo mais ver o que você está sentindo. São poucas as vezes que vejo você... “Desbloqueada”.

– Não entendi. – acabei bebendo outro gole de chá sem querer. Começava a me sentir mais forte.

– Não se lembra? – ele jogou um olhar duvidoso para cima de mim – No castelo de Neide, eu disse que... Você não se lembra mesmo?

– Lembro de algo – não estava mentindo – Mas não entendi o que você queria dizer.

– Já está na hora! – era a voz de Neandro. Nem havia visto que ele já estava aco0rdado.

– Vamos, os seres do bosque já começaram a apagar as lanternas. – agora era a voz do Tales – O dragão já deve ter saído.

Alexis também já estava de pé e Selenia vinha em nossa direção. Levantei-me e Nicardo fez o mesmo. Não esperava muitas palavras do Alexis, mas pelo menos um “bom dia” ou um “oi” achei que ele poderia me dar.

Depois que todas as lanternas haviam sido apagadas, as lanternas das árvores que faziam um caminho à esquerda voltaram a se acender. Devido à claridade, as luzes das lanternas ficaram mais fracas e quase não podemos enxergar-las.

O caminho realmente não havia sido muito longo, não demorou muito e avistamos um grande e velho templo.

O templo era uma casa grande, com quatro colunas – duas de cada lado da porta – e com um ar de

mistério. Era feita de tijolos cinza, seu telhado parecia gesso, mas em geral estava tudo muito acabado. Entramos na porta.

Dentro o templo era ainda mais empoeirado e velho do que por fora. Parecia que ninguém entrava lá há pelo menos uns 150 anos, estava com medo de tudo desmoronar nas nossas cabeças.

– E agora? – Tales se perguntava – Se eu fosse um cristal mágico... Onde eu me guardaria?

– Isso aqui é muito grande! – Selena disse – Nunca sairemos daqui antes de 24 horas.

– Não diga uma coisa dessas! – gritei – Por que mesmo que nós não viemos à noite?

– Vai me dizer que não sabem? – Neandro andava pelo salão. – Dragões como esse, que só vigiam durante a noite, tem o hábito de caçar durante o dia para repor a energia que perdeu a noite. Por isso, durante o dia, sua força e inteligência diminuem e podemos destruir-lo com mais facilidade. Problema seria se ele fosse um dragão enfeitiçado, daí só o destruiríamos se achássemos o ponto fraco dele.

– Que horror! – fiquei com medo do dragão.

– Mas como vamos achar o cristal num lugar deste tamanho. – Alexis perguntou.

– Parados é que não é! – Tales falou. – Sugiro que façamos grupos. Eu e a Selena vamos procurar nas salas a esquerda, Neandro e Alexis procurem nas salas a direita e Nicardo e Beatriz procurem na sala principal e nas do meio.

– Ei, por que esse aí tem que ficar com a Beatriz? – Alexis perguntou um pouco zangado.

– Quer trocar? – Tales perguntou.

– Não! – Alexis respondeu e começou a procurar na primeira porta.

– Em 30 minutos tentem estar de volta! – Tales seguiu com Selena para outra porta.

O salão era um imenso círculo cercado por várias portas. Era 12 portas, quatro para cada um dos grupos. Entramos na nossa primeira porta.

A sala era uma biblioteca. Demos uma olhada superficial e depois começamos a revirar as gavetas, armários e livros. Havia um pouco de tudo, mas nada de cristais, eram anotações e mais anotações, tipos diversos de pesos para papel, alguns tinteiros e objetos de escritório. Mas uma coisa me chamou a atenção. Foi um livro de magia.

O livro de capa grossa e roxa, com muitas páginas e um tipo de cadeado. Procurei a chave que, por sorte, estava na gaveta do armário que encontrei o livro.

– Acho que aqui não tem nada! – Nicardo parou de procurar.

– Como? – instintivamente escondi o livro atrás de mim.

– O que foi? – Nicardo perguntou – Achou alguma coisa?

– Não! – gritei – Nada!

– Então por que está nervosa?

– N-n-n-nervosa, q-q-q-quem? Eu? – estava gaguejando.

– Sim, você! – ele chegou mais perto – O que está escondendo aí atrás.

– Nada! – não sabia por que estava mentindo. Por algum motivo desejei que o livro estivesse na Terra.

– Mostre as mãos! – eu estava perdida.

– Tudo bem, eu mostro o que estava escondido. – me rendi.

Com um pouco de relutância eu mostrei as minhas mãos e fechei os olhos. Sabia que era idiotice esconder um livro de magia ao Nicardo, mas por algum motivo eu estava com medo.

Fiquei esperando o que ele iria dizer. Esperei até que ele agisse como o Alexis e caçoasse da minha cara por esconder algo tão besta.

– O que você estava escondendo? – Nicardo perguntou.

Eu abri os olhos bem devagar e fitei as minhas mãos. Estavam vazias. Olhei para o chão e ao meu redor e nenhum sinal do livro. Estava apenas eu com a minha cara de tacho olhando para Nicardo que não entendia nada.

– Eu disse que não estava nervosa e nem escondendo nada! – disfarcei.

– Ótimo! – Nicardo seguiu em direção a porta – Acho que aqui não tem nada.

– Concordo. – disse ainda procurando o livro.

Quando seguimos para a próxima porta, acabei tropeçando – praxe – e Nicardo me segurou. Nesse exato momento Alexis saía da sala dele e me via nos braços de Nicardo. Seus olhares não foram os melhores e eu não gostei disto.

– Acharam alguma coisa? – Neandro saía da sala.

– Nada! – Nicardo respondeu.

– Pelo visto vocês também não tiveram sorte. – disse quando vi as mãos de ambos vazias.

– O jeito é procurar. – Neandro estendia as palmas das mãos. Neste momento Selena e Tales saíam da sala.

– Nada também?- já fui perguntando.

– Vocês também não encontraram? – Selena perguntou.

– Não. – Neandro respondeu.

– Mas vamos com calma. – Tales estava um pouco mais animado – Acho que ninguém esperava encontrar o cristal logo na primeira tentativa!

– Vamos continuar procu... Aaahhh! – tropecei novamente, mas desta vez não deu tempo de ninguém me segurar.

Fui direto ao chão. Senti meus lábios sangrando, havia mordido a língua, mas o estrago mesmo foi na testa. Havia feito um grande corte na testa e sangrava muito – pela quantidade de sangue que vi caindo no chão.

– Mas que droga! – ouvi Tales gritar – Alexis, me dê sua camisa!

– Eu não. – ouvi Alexis, também gritando.

– Para de brincadeira, a coisa é seria! – Tales falava com autoridade, como se fosse um líder nato ou um chefe de tropas do exército – Precisamos mitigar o sangramento.

– Por que não usa a sua? – Alexis era teimoso.

– Tome – era Nicardo – Use a minha!

Tales tirou do bolso um botão de sua camisa e apertou fazendo o botão se transformar em uma pequena faca.

– Mas... Como? – ouvi Neandro falando.

– Foi um presentinho do meu antigo trabalho. – Tales rasgava a camisa de Nicardo e amarrava em minha testa – É encanada. Pode virar a arma que eu quiser.

Tales amarrou outra faixa a minha cabeça e me pegou no colo. Não tinha reparado ainda, mas ele tinha braços fortes. Seus longos cabelos estavam fazendo cócegas em minha barriga e acabei quase caindo de seus braços. Ele me colocou sentada em uma pequena elevação que tinha em um dos cantos da sala.

– Bem, acho que agora precisamos reorganizar o grupo... – Tales começou a falar.

Estava de olhos fechados, mas sentia como se as paredes estivessem caindo. Melhor dizendo, como se o chão estivesse desabando.

– Gente... – tentei falar, mas ninguém ouviu.

–... Então Nicardo fica cuidado da Beatriz e eu e o Neandro seguimos sozinhos... – Tales ainda estava reorganizando o grupo.

– Gente... – tentei novamente.

– Por que você tem que decidir os grupos? – Alexis arrumando encrenca.

– Gente! – gritei.

– O que foi? – todos se viraram para mim.

– Acho que o chão está caindo. – finalmente fui ouvida.

Todos olharam para cima. Eu não consegui, mas pelas expressões de todos, provavelmente eu estava certa, o chão estava realmente caindo.

– É um elevador? – Tales continuava olhando para cima. – Mas como?

Não demorou muito e o chão parou. Estávamos agora em outra sala, completamente escura. O único sinal de luz que tínhamos era o teto, mas ele se fechou bruscamente quando paramos.

– Onde será que estamos? – Selenia parecia com medo.

– Espere um minuto. – eu disse.

Apesar de estar com a cabeça doendo, fiz uma pequena bola de fogo. O lugar não ficou muito iluminado – a bola foi muito pequena – mas já dava para enxergar a cara de todo mundo.

– Beatriz, você não deveria estar fazendo isso!

– Nicardo pareceu não gostar de eu estar fazendo esforço.

– Olhem! – Selenia gritou – Uma tocha!

Selenia pegou a tocha e levou até mim. Coloquei a bola de fogo nela e ela acendeu. Conseguimos enxergar um pouco mais do local e encontramos mais tochas. Selenia seguiu acendendo todas até o local ficar completamente iluminado.

Deparamos-nos com um tipo de caverna. Havia um altar e mais duas tochas em cada lado. Na parede atrás do altar, uma figura de um dragão esculpida. Por um instante pensamos que fosse um dragão real, tamanha a perfeição dos detalhes.

– Vejam! – Alexis se aproximou da parede – No olho do dragão...

Todos nós olhamos e nos enchemos de felicidade. Era o cristal, pregado no olho do dragão. Alexis puxou e guardou junto com os outros.

– Agora vamos sair logo deste lugar e ir embora deste bosque! – Alexis pulava. Parecia estar tentando fazer o chão subir novamente.

– Mas temos que matar o dragão! – Tales lembrou.

– Deixe o dragão e esse bando de seres da floresta viver em paz! – Alexis continuava a tentar achar uma forma de fazer o chão subir.

– Mas nós prometemos! – Tales entrou na frente de Alexis – Se não cumprirmos a promessa os seres do bosque podem nos manter presos aqui até nos tornarmos um deles, só de vingança.

– Acho que teremos que matar o dragão de qualquer jeito! – Selenia parecia assustada.

Olhamos para o local onde estava o altar e o desenho do dragão e – para nossa surpresa – o desenho estava saindo da parede e se tornando um dragão de verdade.

O dragão era muito grande, vermelho e havia uma pequena chama de fogo em seu rabo e em seus olhos. Ele abriu a boca e botou fogo em toda a parede, que aos poucos foi se abaixando e se transformando em pequenas tochas de luz.

– É um dragão enfeitado! – Neandro gritou.

Alexis e Nicardo já estavam com espadas preparadas. Neandro também preparou suas duas espadas mágicas e Selenia preparou um tipo de espada feito apenas com água. Ainda me intrigava como ela sabia tantos truques.

– Beatriz, fique em um lugar seguro. – Nicardo gritou.

Sai engatinhado da pequena elevação e – novamente – senti as paredes se mexerem. O teto que estava fechado se abriu tão bruscamente quanto fechou. Estávamos subindo outra vez.

– Então era isso! – Tales gritou – Uma passagem secreta acionada por aquela pequena elevação.

De volta à sala principal, Nicardo me pegou no colo antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa. Ele estava sem camisa e não pude evitar não olhar para

seu corpo tão bem definido. Tirando a aparência meio “empedrada” do Nicardo, ele até que era muito bonito. Talvez até mais bonito que o Alexis.

Nicardo me deixou em frente à porta do santuário. Já imaginava o motivo dele ter me deixado ali. Ele queria facilitar a minha vida na hora da fuga, já prevendo que eu não poderia correr muito. Na verdade, se não fosse à força extra do chá, provavelmente estaria desmaiada neste momento.

– Fique aqui! – Nicardo passava a mão em meu rosto – Se a coisa ficar feia... Fuja!

– Mas e vocês? – perguntei.

– Apenas fuja!

Comecei a reparar na luta. Alexis e Neandro começaram atacando pela cabeça. Nicardo atacava o peito, mas a espada batia no corpo do dragão como se estivesse batendo contra uma rocha. Selena estava apagando os golpes de fogo que o dragão jogava, assim como eu fiz com o monstro de fogo no trem a cominho de Leander.

Tales parecia observar atentamente cada passo que o dragão dava. Ele parecia procurar por algo muito específico. Lembrei então do que Neandro disse sobre dragões enfeitiçados. Tales procurava o ponto fraco do dragão.

– Isso está ficando difícil! – Nicardo se afastava.

– Esse dragão não é atingido por nada. – Neandro gritou também se afastando.

– Parece o monstro que destruímos em Leander! – Alexis também se afastou.

– Eu não vou entrar dentro dele! – Nicardo estava traumatizado.

– Cuidado Nicardo! – gritei.

O dragão havia jogado um imensa bola de fogo na direção de Nicardo. Por um rápido instante achei que estava tudo perdido, mas algo aconteceu.

A sala inteira estava tomada por uma imensa bola d’água e a grande bola de fogo havia sido engolida por ela e desaparecido. Selena estava na frente de Nicardo, com os braços cruzados em “X” e de olhos fechados. O dragão parecia confuso e parecia estar nadando dentro da bola.

Eu havia ficado “de fora”, e reparei que todos estavam começando a ficar sem ar. Imaginei que eles deversem estar dentro de um oceano – aquela bola estava realmente cheia de água – e tentei gritar, mas não me ouviam.

Nicardo começou a balançar Selena desesperado e ela abriu os olhos assustada. Assim que ela abre os olhos, a bola se desfaz e transforma-se em uma grande onda e inundando todo o local, transformando o santuário em um tipo de “copo d’água meio cheio” – ou meio vazio para os pessimistas.

– Beatriz! – Nicardo e Alexis gritam quando me vêem boiando na água.

Eu tentava nadar para perto deles, mas o grande oceano que aquilo havia virado estava agitado demais e sempre me levava para longe deles. Nicardo mergulhou e chegou até mim, segurando firme em minha mão.

– Não vou desgrudar de você! – ele me abraçou.

– Os cristais! – Neandro gritou quando viu os cristais sendo levados pela correnteza.

– O dragão! – gritei.

O dragão estava com as chamas dos olhos apagadas e parecia estar confuso e fraco. Só então me veio à cabeça a resposta para destruir o dragão. Havia achado seu ponto fraco.

– O olho! – gritei enquanto era levada pela correnteza para perto do dragão – O olho e o ponto fraco!

Assim que disse isso, Tales transformou o seu botão em um revólver e começou a pular de parede em parede até chegar ao topo onde mergulhou feito uma bala para dentro do oceano. *BANG, BANG CABUM!* Tales havia dado dois tiros no olho do dragão e caiu feito um meteoro dentro do oceano, jogando água para tudo o que e lado.

O dragão cambaleou e caiu, se dissolvendo em pó junto com a água. Estava morto.

– Conseguiu pegar os cristais? – Tales gritou.

– Consegui! – Neandro respondeu – Mas como vamos sair daqui?

– A saída ficou submersa! – Tales gritava – Mas a água parece não estar saindo. E como se houvesse uma barreira tapando a passagem.

– Mas parece estar livre! – Neandro olhava a passagem – Talvez seja mágica? – Só indo até lá para descobrir!

– Eu vou te ajudar. – Nicardo me abraçava – Prenda a respiração!

Mergulhamos e seguimos em direção a saída. Havíamos chegado quase ao teto e por isso foi um longo caminho até a saída. Eu quase não aguentei.

Nadamos e nadamos Ada vez mais fundo e a pressão parecia fazer minha cabeça explodir. O ferimento em minha cabeça ardia devido à água que entrava e meu pulmão parecia estufado e pesando toneladas. Estava quase perdendo os sentidos quando finalmente conseguimos sair.

Caímos no chão e ficamos com o corpo sujo de terra e folhas. A entrada do santuário era como um aquário víamos como se a água estivesse presa dentro de uma caixa de vidro.

– Vocês estão bem? – Neandro perguntou.

– Acho que sim! – Alexis parecia estar tirando água do ouvido.

– Estou! – Tales respondeu.

– Você está bem Beatriz? – Nicardo ainda segurava minha mão.

– Eu estou... Mais ou menos. – respondi.

– Selena? – todos nós olhamos em direção a Selena.

– Eu...

Selena caiu desmaiada. Tales correu e a pegou nos braços.

– Pelo jeito hoje não é o dia de vocês meninas.

– Tales olhava para mim. – Acho que ela só está cansada. Vamos voltar e pedir para os seres do bosque nos deixarem voltar, temos pouco tempo.

Neandro explicou rapidamente tudo o que acontece e o ser com penteado de coroa abriu uma passagem em uma árvore, que saía exatamente na entrada do bosque

– Obrigado! – Neandro agradeceu.

Sáímos e pegamos os cavalos. Desta vez, como nem eu e nem Selena estávamos em condições de conduzir a Epona, quem conduziu para mim foi Nicardo. Selena havia sido colocada no mesmo cavalo que Tales.

Fomos direto para a grande mansão, onde fomos colocadas em uma cama especial. A mansão de Giles era realmente equipada e fomos atendidos por médicos assim que chegamos. Fomos levadas para os nossos quartos onde nos foi prometido atendimento especial.

No dia seguinte eu fui à última a acordar. Estavam todos na sala, conversando. Selena já parecia bem melhor e os demais estavam menos preocupados.

Minha cabeça estava com um esparadrapo no local do corte e enfaixada do modo correto. Entrei na sala.

– E agora? – Neandro perguntou.

– Foi um milagre as anotações estarem intactas! – Alexis olhava as anotações.

– Beatriz! – Nicardo se levantou. – Você já está melhor?

– O que está acontecendo aqui? – perguntei.

– Estávamos traçando um plano para busca do cristal perdido de Neide. – Neandro respondeu – Após pegarmos o cristal de Calidora, nós estávamos pensando em voltar para Neide e procuramos novamente o cristal.

– Então o próximo destino é Calidora? – perguntei.

– Sim!

– Então... O que estamos esperando?

Fomos a cavalo até a fronteira de Menelau com Calidora. Foram quase 2 horas de viagem. Epona e os demais cavalos já estavam cansados quando ultrapassamos os limites de Menelau e paramos para dar água aos cavalos e a nós próprios.

– Vamos dar um tempinho aqui e depois vamos voltar a seguir para a cidade. – Neandro amarrava os cavalos em frente a uma loja.

– O que desejam? – um senhor bigodudo perguntou.

– Uma bebida gelada. – Tales respondeu.

– Água! – Neandro parou Tales – Não queremos nada com álcool.

– Entendo. – o senhor anotou o pedido.

O senhor entrou no balcão e separou seis copos e encheu todos os seis de água, depois pegou os copos e colocou na bandeja. Tudo isso seria muito natural se não fosse o fato do senhor na tirar os olhos da gente.

– A água. – ele colocava os copos na mesa. – Mais alguma coisa?

– Não, obrigado! – Neandro respondeu.

Enquanto bebíamos a água, o senhor ficou do balcão fitando o tempo inteiro a todos nós. Fiquei um pouco assustada, mas tentei ignorar.

– Vamos saindo? – Nicardo se levantou.

– Vamos! – Neandro se levantou e seguiu até o balcão. – Quanto ficou?

– Desta vez é por conta da casa. – o senhor levantou uma das sobrancelhas e vi outra pessoa descendo de uma escada e outra saindo de outra mesa.

– Vamos embora? – perguntei desconfiada.

– Acho que não! – um dos homens parou em frente à porta.

– Como assim? – Tales perguntou.

– Estão todos presos!

CAPÍTULO 23 / PRESOS E FUGITIVOS



Estamos o que? – Tales gritou.

– Estão todos presos por crime de sequestro! – um dos homens disse.

– Que sequestro? – Tales ria – Isso é pegadinha?

– Algemem todos! – o homem que estava na frente da porta ordenou.

– Esperem, eles... – Selenia tentou falar.

– Desculpe-me princesa... – um dos homens pegava a Selenia no colo.

– Princesa? – eu, Alexis, Neandro e Tales dissemos juntos.

– Soltem-me imediatamente! – Selenia gritou. – Desculpem-me, mas eu menti para vocês.

– Quem você é? – Alexis perguntou.

– Eu sou Thalassa Rhodes Eanes Celandine de Neide, princesa e única herdeira do reino de Neide.

– Você está de brincadeira? – Tales ria um pouco debochado.

– Sinto dizer que não. – Nicardo respondia.

– Você já sabia disto? – Alexis perguntou. Nicardo fechou os olhos e assentiu. – Cretino, não contou nada por quê?

– Eu pedi! – Selenia, ou melhor, Thalassa impediu que Nicardo e Alexis comesçassem uma briga – Eu não queria que vocês me entregassem a minha família.

– Você está fugida? – perguntei.

– Sim. – ela baixou a cabeça – Não dava para ficar naquele castelo.

– Mas você poderia ter contado. – disse.

– Viu? – Tales fitou um dos homens – Nós não sabíamos de nada, ela fugiu por livre e espontânea vontade.

– Mas as ordens são de que levemos a princesa e os sequestradores. – o homem que estava na frente d porta se aproximou – Desculpe, mas teremos que levar-los.

– Que injustiça! – Tales gritou – Sele... Princesa faça alguma coisa!

– Eu... Eu... Eu ordeno que os soltem agora! – Thalassa deu uma de Alexis.

– Desculpe-nos princesa, mas seguimos ordens superiores!

Os homens nos pegaram pelas costas e nos algemaram. Pegaram Selena – que agora era Thalassa – e a colocaram em uma carruagem. Nós fomos jogados em uma carroça, que estava do lado da grande carruagem.

– Não se preocupem – Thalassa gritou de dentro da carruagem – eu irei dar um jeito em tudo!

A carruagem seguiu primeiro e nós partimos em seguida. Apesar de acreditar na promessa de Selena que não é mais Selena, eu estava preocupada com o que poderia nos acontecer.

Na carroça, desejei que alguém pudesse nos ajudar e queria que Epona e os outros cavalos pudessem nos seguir. Mas eles estavam presos e talvez nunca mais fosse ver-los. Justo agora que estava começando a aprender a montar em cavalos.

– O que nos faremos agora? – Alexis perguntou.

– O jeito é esperar Sele... A Princesa Thalassa fazer alguma coisa para nos ajudar. – Neandro olhava as algemas.

– Quem diria? – Tales achava graça – E como o ditado diz: “Um dia da caça e outro do caçador”.

– O que você está falando? – Alexis perguntou.

– Nada. – Tales deu um sorriso torto.

– Que humilhação! – Alexis tentava tirar as algemas – Eu, o príncipe de Ofir, preso?!

– Deixe de bobeira! – Neandro gritou.

– Bobeira? – Alexis se irritou – Você diz isso por que não é mais um príncipe!

– Como assim? – Tales estranhou.

– Ele foi deserdado! – Alexis debochou – Escolheu o amor a família.

– Você faria o mesmo! – Neandro fez careta.

– Eu nunca desapontaria o meu pai! – Alexis ficou serio – Eu nunca deixaria coisas como essas atrapalhar o meu dever como herdeiro do trono.

– Queria ver se ele quisesse que você se casasse com alguém que não ama. – Neandro deu um chute no pé de Alexis.

– Neandro, me conte essa história melhor! –
cheguei um pouco mais perto – Qual é exatamente a
história de você e a Linfa?

– Você realmente quer ouvir? – ele perguntou.

– Quero! – respondi fazendo uma careta.

– Foi há 5 anos. Estava tudo pronto para a
minha apresentação ao povo de Ofir. – Neandro
começou a contar e uma sensação de sonolência me
invadiu.

“Não” uma voz ecoou em minha cabeça
“Controle-se. Concentre-se”.

Eu sabia exatamente quem era. Eu estava
começando a invadir as memórias de Neandro e nem
havia percebido. Balancei rapidamente a cabeça e
tentei ficar concentrada nas palavras de Neandro.

–... Eu não queria aquela vida – Neandro
pareceu não reparar que estive fora de mim por alguns
instantes – Eu sempre gostei disto aqui, destas
aventuras, nunca gostei de viver aquela vida cheia de
regras, costumes e compromissos. Mas foi por causa
destas regras e compromissos que eu conheci a Linfa.
Depois que eu completei a maior idade comecei a ser
treinado para substituir o meu pai e comecei a resolver
os problemas de pequenas causas.

– Foi então que ele estragou a vida dele –
Alexis interrompeu.

– Nesta época eu já tinha plena consciência que
aquilo não era para mim, só não tinha encontrado um
motivo forte o suficiente para renunciar aquilo tudo. –

Neandro ignorou completamente o que Alexis disse – Eu havia ficado tão impressionado com a beleza e a simpatia da Linfa que acabei convidando ela para voltar mais vezes ao castelo, mesmo com meu pai desaprovando nossa amizade.

– Coisa que eu nunca faria. – Alexis interrompeu e foi ignorado outra vez.

– Acabei me apaixonando pela Linfa e meu pai acabou notando e proibiu que a Linfa me visitasse. Eu, obviamente, não queria abrir mão dela e acabei fugindo com a Linfa, mas fui encontrado. Meu pai então fez um ultimato, eu deveria escolher entre a Linfa e os direitos como herdeiro do reino. Eu escolhi a Linfa e fui deserdado e rechaçado do castelo por um bom tempo.

– Mas vocês fizeram as pazes? – perguntei.

– Com o tempo acabei me tornando um grande marinheiro e não demorou muito para eu ser escalado para serviços relacionados com a família real. – Neandro achava graça – Mesmo sem “aceito” de volta ao castelo, minha herança e todos os meus direitos como herdeiro do trono foram passados para Alexis.

– Mas, acredite, eu preferia ser o segundo principal herdeiro a ter um irmão rechaçado da família.

– Alexis fitava o chão – Não existe decepção maior.

– Exagerado! – Neandro sorriu.

Neandro parecia não ligar muito para as consequências de suas escolhas. Alexis parecia sentir muito mais remorso e arrependimento do que o

próprio irmão e parecia ter medo de falar sobre o amor. Mas qual o motivo do medo?

Chegamos ao castelo de Calidora. Poderíamos chamar-lo de “O Grande Castelo Vermelho”, já que o vermelho era a cor predominante ali, mas eles preferiam chamar de “O Castelo de Rubi”.

Era a segunda vez que entrava em um castelo como prisioneira. E o pior é que em ambas às vezes, eu era inocente. Desta vez eu contava com a ajuda de Thalassa – ainda não havia acostumado a chamá-la assim – e acredito que todos ali estavam esperando o mesmo.

Fomos postos em uma cela no subsolo do castelo. Era exatamente como eu imaginava que fosse: velho, sujo e úmido. As paredes eram todas de um bege meio esverdeado e as barras de ferro – que antes pareciam amarelas – estavam enferrujadas. O piso não se sabia a cor, a sujeira de terra não deixava. O cheiro de esgoto era quase insuportável e as possíveis companhias também não melhoravam o local.

Por sorte, fomos todos postos em uma cela vazia e não precisamos “confraternizar” com os demais presos. Nossas armas e pertences foram levados para uma cabine de vidro e ficamos apenas com as roupas do corpo. Mais uma vez nossas malas ficaram perdidas, Juno com os cavalos e nossa única esperança era a Selena / Thalassa aparecer o mais rápido possível.

– Nunca imaginei que um dia estaria em um esgoto como esse. – Alexis sussurrava.

– Eu já estive dentro do estomago de um monstro. Isso aqui não é nada! – Neandro se lembrava deste fatídico episódio.

– Mas você não é o futuro herdeiro do trono da cidade de Ofir. – Alexis continuava sussurrando.

– Vocês não vão brigar agora? – tentei acalmar os dois.

– Não diga uma palavra! – Alexis gritou – Se estamos aqui é por sua culpa.

– Seu grosso, só estava tentando ajudar. – disse chateada – Não sei como eu pude pensar em me apaixonar por você um dia. Eu deveria estar muito louca. Deve ser esse mundo maluco que está me deixando assim.

– Então por que veio? – Alexis voltou a gritar.

– Queridinho, eu vim parar aqui contra a minha vontade. – alterei meu tom de voz.

– Mas de qualquer forma a culpa é sua. – Alexis tentou baixar o tom – Você quis ir contra a profecia.

– Não, não, não! – agora eu quem gritava – *Você* que quis ir atrás dos cristais.

Um silêncio tomou conta do local. Era estranho estar naquele lugar e acho que isso acabou mexendo com os nervos de todos nós. Tentei respirar fundo e me acalmar.

O silêncio continuou por alguns minutos. Estava chegando a ser constrangedor ver todos aqueles presos cochichando sobre a gente, mas não queríamos arrumar confusão. Pelo menos eu não queria.

Nicardo de repente fez uma expressão de quem havia tido uma grande idéia e fitou Alexis. Eles dois se entreolharam e Alexis fez uma cara estranha e depois olhou para Neandro e Tales, que assentiram alguma coisa – só não sabia o que.

– Vocês dois... – Nicardo tentou falar.

– Cale a sua boca seu ladrão traidor! – Alexis gritou. – Você não devia ter vindo junto conosco.

– Não comece a ser injusto! – Nicardo entrou na briga.

– Não venha me falar de justiça, seu animal! – Alexis socou o rosto de Nicardo.

O barulho do primeiro soco fez os outros presos delirarem. Nicardo balançou a cabeça e retribuiu o soco com um golpe na barriga. Alexis fez uma cara não muito bonita.

– Entendi! – Neandro estalou os dedos. – Ei, pare de bater no meu irmão. – Neandro pegou Nicardo pelas costas.

– Oba, briga! – Tales se levantou e entrou na briga.

Alexis devolveu o soco na barriga. Tales começou ajudar Nicardo. Eu estava assustada. Tales deu um chute em Neandro que caiu no chão. Alexis partiu para cima dele, mas foi parado por Nicardo.

Neandro se levantou e atacou Tales, que desviou e o derrubou com uma rasteira.

– Gente, não precisa acabar assim! – tentei acalmar a situação.

– Não Beatriz, tem que acabar assim! – Alexis gritou.

– Ei, ei, ei! – um dos guardas veio em direção a nossa cela – Que baderna é essa?

– Cala a sua boca! – Alexis gritou.

– Falou comigo? – o guarda perguntou.

– Não, com a minha avó! – Alexis debochou da cara do guarda.

– Quero ver repetir isso! – o guarda se irritou.

– C-A-L-A A S-U-A B-O-C-A! – Alexis provocou – Entendeu ou quer que eu desenhe?

– Você está muito abusado. – o guarda gritou.

– Então quero ver você aqui – Alexis provocava – tenta nos separar. Quero ver se você é homem o bastante para isso.

– Só está piorando ainda mais a sua situação. – o guarda parecia não querer entrar na briga.

– Está com medo? – desta vez Nicardo que provocou.

– Moleques! – o guarda pegou a chave.

Assim que o guarda abriu a cela, Alexis e Nicardo deram um chute no rosto de guarda – um de cada lado. Só então percebi que tudo não passava de um plano. Os outros dois guardas que estavam de vigia

começaram a atacar. Um partiu para cima de Neandro e o outro para cima de Tales.

Aproveitei que os guardas estavam distraídos e peguei o meu colar de rubi de volta. Agora eu podia fazer alguma coisa. Peguei as espadas de Nicardo e Alexis e joguei para os dois. Os guardas pegaram as espadas deles. Neandro ficou sem sua espada por que não consegui achar o seu colar e nem o seu anel, mas ele estava se dando bem apenas com os punhos.

Fiz duas bolas de água e joguei nos guardas, para poder distraí-los e Alexis e Nicardo entenderam na hora qual era a minha intenção e deram dois chutes nos guardas, fazendo-os baterem as cabeças.

Colocamos os dois guardas dentro da cela, junto com o outro. Todos estavam desacordados e os outros presos faziam festa com o show e gritavam para serem soltos. Saímos de lá antes que as coisas piorassem.

Saímos por um tipo de “saída de emergência”, aos fundos e esbarramos com uma pessoa de capuz. Era Selenia / Thalassa.

– Vocês conseguiram fugir? – Thalassa estava feliz.

– Demos o nosso jeito. – Alexis foi um pouco seco.

– Estava indo soltar vocês. – ela mostrava umas chaves – Tome, eles levaram isso para a sala do rei. –

ela devolvia os cristais e as anotações – Quase fui pega, mas consegui recuperar os mais importantes.

– Meu colar e meu anel! – Neandro se animou quando os viu.

– Não levaram o colar da Beatriz por que não acreditavam que pudesse ter valor mágico. – Thalassa explicava.

– Sorte a minha então. – sorri.

– É melhor não perdermos tempo e correr para pegar o próximo cristal e dar um jeito de recuperar o cristal que desapareceu. – Neandro pegou os cristais e as anotações.

– Desculpem-me por não ter contado antes. – ela baixava a cabeça – Mas eu não podia me arriscar a voltar para aquele castelo.

– Mas por que estava fugindo? – perguntei.

– Meus pais... Os tão bondosos e generosos rei e rainha de Neide, na verdade são uma farsa. – ela parecia desapontada – Descobri que ele são cúmplices de Bianor. Eles também estão ajudando no golpe contra o Rei da cidade de Ofir. Eu não podia viver junto com pessoas assim.

– Que história! – Neandro estava impressionado.

– Quando Nicardo descobriu, ele insistiu muito para que eu contasse a vocês. – ela olhava para Alexis – Eu até pensei em contar, mas acabei deixando para depois e depois e acabou acontecendo isso.

– Mas o importante é que você veio nos ajudar, o que prova que você é realmente nossa aliada! – disse tentando animar-la.

– Todos contra Bianor? – Neandro esticou o braço e estendeu a mão.

– Todos! – juntamos as mãos e jogamos para o alto.

– E então, para onde iremos? – perguntei.

– Deixe-me ver. – Neandro pegava as anotações.

– Acho que não será necessário! – Thalassa interrompeu – Eu vi o cristal no templo do castelo.

O templo do castelo era como aqueles templos japoneses, todo feito de madeira, com um tipo de portal entre as árvores.

Havia dois incensos acesos e parecia ter sido aceso poucos minutos antes de chegarmos. Aparentemente não havia ninguém no templo. Assim que chegamos à primeira coisa que vimos foi o cristal.

– Ora, ora, ora! – uma voz grossa nos assustou – Vocês devem ser os encenqueiros que estão empatando a minha vida.

– Não acredito! – Neandro se assustou.

– Pelo visto não estou errado – não sabíamos de onde a voz vinha – Príncipe Alexis, Ex-príncipe Neandro, Tales e a criatura de Leander cujo nome não me recordo.

– Bianor! – Nicardo quase cuspiu quando disse o nome dele. – Apareça covarde!

– Vejamos, é a Princesa Thalassa? – a voz gargalhou – Nem te reconheci. Então essa que restou é a famosa Mallory, a garota da profecia. Que patético. – um homem apareceu na nossa frente.

Era o mesmo homem de aparência sombria que havia visto na entrada do castelo de Neide e a voz era a mesma voz que ouvi na visão que tive no castelo. Então era isso, agora as coisas começavam a se encaixar.

– Você é o Bianor? – gritei.

– Eu acho que já te vi. – ele me fitou – Sim, estou lembrando! Você é a garota que vi em Neide. Se soubesse naquela época que você era a Mallory... Ai, ai... Teria destruído você naquele mesmo instante.

– Maldito... – Nicardo se irritou.

– Calma garoto-pedra... Não se preocupe, sua irmã está sendo muito bem cuidada. – Bianor ria – Tales, jovem ex-chefe de tropas, ainda não desistiu de querer me matar?

– Não zombe de mim seu infeliz! – Tales apertou o botão que se transformou em uma espada.

– Opa, opa – Bianor continuava rindo – Não vamos partir para agressão. Thalassa, quando o seu pai me avisou que os guardas de Calidora havia conseguido recuperar os cristais que vocês roubaram eu havia ficado em uma felicidade plena. Mas quando soube que ele Haia convencido o rei de Calidora a me ar o último cristal que restava, eu quase fiquei sem

palavras. E agora, poder destruir todos vocês, ah... Isso não tem preço!

Bianor fez aparecer um cetro e jogou um raio em Neandro. O raio atingiu o ombro de Neandro e o fez cair. Bianor mexeu o cetro e fez com que os cristais saíssem flutuando para as suas mãos e depois fez o mesmo com o cristal do templo.

– Obrigado por me devolverem isso! – ele sorria e, do céu, aparecia um cavalo alado. – Agora eu vou indo!

– Você não vai para lugar nenhum! – gritei.

Não sei exatamente como fiz isso, mas um furacão de fogo e água caiu sobre Bianor e seu cavalo alado. Ele se assustou, mas antes de ser atingido criou um tipo de barreira, pois o furacão se dissipou assim que bateu nele.

– Esperta! – Bianor sorriu – E bem forte! Talvez eu tenha te subestimado, mas ainda é muito pouco para me derrubar. Treine mais, um dia você consegue.

Bianor atirou um raio contra o céu e abriu um grande buraco. Ele entrou e o buraco se fechou e sumiu completamente. Sentíamos todos fracassados.

– E agora? – Thalassa estava ajoelhada no chão – O que faremos?

– Ele deve ter ido para o ponto onde devemos juntar os cristais. – Neandro falou.

– E onde seria? – perguntei.

– O único lugar de Ofir que ainda não fomos... – Neandro olhava para os outros – O Deserto de Orestes.

– Mas como chegaremos lá? – Nicardo perguntou.

– Vamos nos preocupar em sair daqui primeiro, depois pensamos nestes detalhes! – Tales apontava para guardas que estava chegando ao local.

Nesta hora já deviam ter descoberto que fugimos e já deviam estar vários guardas atrás de todos nós.

Escondemo-nos no templo enquanto o guarda passava por nós. Eram exatamente seis guardas que passavam por ali. Nicardo deu uma idéia que só havia visto em filmes, mas que parecia ser bem divertida.

De mansinho, saímos do templo e atacamos os guardas. Acho que eles não estavam preparados para combater pessoas como nós, por isso não foi muito difícil vencer-los. Pegamos as armaduras dos guardas e vestimos. A minha e a da Thalassa ficaram um pouco grandes, mas não dava para perceber se passássemos rápido entre os outros guardas.

Passamos pelo jardim e tentamos ser o mais natural possível. Se mais guardas se juntasse a briga, talvez fosse mais difícil de derrotar-los e agora não adiantaria forjar outra briga caso fôssemos presos outra vez.

– Vocês encontraram algum deles? – um guarda perguntou a Neandro.

– Hã... Não! – Neandro ficou um pouco nervoso, mas o guarda não reparou.

– Vamos continuar a procurar nesta área? – o guarda estava sugerindo um trabalho em grupo?

– Bem... Hã... Acho que não será necessário. – Neandro parecia muito nervoso. Temia que o guarda reparasse – Nós já... Nós já procuramos por toda essa área, acho que poderá seguir sozinho apenas para confirmar.

– Se prefere assim... – o guarda saiu.

– Vamos tentar evitar-los! – Neandro sussurrou.

Passamos pelo jardim e depois saímos pelo portão principal e tivemos uma agradável surpresa. Epona e os outros cavalos estavam ali, nos esperando – e com as nossas malas de volta.

– Como eles vieram parar aqui? – Alexis perguntou.

– Isso não importa. – Tales tirava a armadura e montava no cavalo – O que importa é que eles estão aqui!

Tiramos as armaduras e seguimos com os cavalos para longe do castelo. Não definimos nenhuma direção, apenas queríamos ficar o mais afastado que nos fosse possível do castelo de Calidora.

– Eu só não entendi uma coisa. – disse – Como os guardas prenderam príncipes da capital de Ofir?

– O que podemos fazer? – Neandro riu – Um deserdado e um príncipe que ninguém conhece o rosto. Acho que não somos exatamente o tipo que se tem respeito.

– Ei, mas eu ainda serei importante! – Alexis gritou.

– Mas Tales? – Thalassa chegou Epona para perto do cavalo dele e de Nicardo – Você já foi chefe de tropas?

– Bem... Isso é uma longa história. – ele suspirou – Eu era chefe das tropas de Menelau. Fiquei vários anos sendo considerado um dos melhores e, modéstia parte, eu realmente fui. Mas então apareceu Bianor. – sua voz mudou – Ele disse que os homens de Menelau era os mais fortes que ele já tinha conhecido e me ofereceu milhões em chrímatos e me prometeu mais poder e prestígio se eu convencesse meus homens a trair Menelau e se juntar a ele no golpe contra o rei da cidade de Ofir.

– E o que você fez? – Thalassa perguntou.

– Eu recusei! – ele ficou triste – Mas acabei tendo que ceder.

– Como assim? – perguntei.

– Nesta época eu estava noivo. – seu olhar se entristeceu – Iria me casar em 2 meses. Estava tudo perfeito, até que Bianor sequestrou a minha noiva e começou a me chantagear. Ele disse... Ele disse... Ele disse que a mataria se não o ajudasse e acabei sendo obrigado a fazer o que ele queria.

– Mas o que aconteceu com a sua noiva? – Thalassa perguntou.

– Depois que cumpri a minha parte no trato, chegou à vez de Bianor cumprir a dele. Mas ele não fez o que havia prometido.

– E o que foi que ele fez? – perguntei.

– Ele abriu um redemoinho no mar e a jogou no fundo do oceano. – ele respirou fundo – Procurei durante meses por ela, mas não adiantava, ela estava morta.

– Não acredito que convivemos com uma pessoa tão monstruosa assim durante tanto tempo. – Neandro parecia horrorizado.

– Desde então jurei a mim mesmo que mataria Bianor, mesmo que isso custasse a minha vida. – Tales fechou os olhos.

– Então não devemos mesmo deixar que essa história acabe assim. – eu estava indignada – Vamos para Orestes e vamos destruir Bianor!

– Mas como chegaremos até lá? – Thalassa perguntou.

– O que é aquilo? – Alexis apontou para um grande campo verde.

– Parece um balão! – Neandro olhava para a direção que Alexis apontou – É um balão!

– Acho que acabei de ter uma idéia! – Tales estava com uma expressão maliciosa no rosto.

Tales correu com o cavalo até onde o balão estava e fomos atrás. Ele retirou algo que estava escondido atrás de seus cabelos.

O balão estava sendo preparado para subir e havia apenas um homem que parecia estar prestes a sair do balão para conferir algo.

– Ei, você! – Tales desceu do cavalo. – Nos de o seu balão!

– O que? – o homem se assustou.

– É um caso de urgência! – Tales se aproximou do homem. Descemos dos cavalos.

– Mas eu não posso... Ei, o que está fazendo? – o homem se assustou quando viu Tales entrando no balão.

– Venham todos! – Tales ordenava.

– O que você está querendo aprontar? – Neandro perguntou.

– Apenas entrem! – ele gritou.

– Espere o que estão fazendo? – o homem estava completamente perdido. Entramos no balão.

– Desculpe por isso senhor! – Tales parecia constrangido.

Tales deu um soco na cara do homem e o jogou para fora do balão. O homem não ficou insciente, mas muito nervoso e começou a gritar nos xingando.

– Desculpe! – Tales fez o balão começar a subir e jogou o saquinho que estava escondido em sua camisa para o homem – Devolveremos seu balão. Cuide dos cavalos para nós!

– Você é louco? – Neandro perguntou.

– Neandro, meu amigo. – Tales continuava fazendo o balão subir – Casos de urgência exigem medidas desesperadas!

– Mas isso é loucura! – Neandro gritou.

– Mas é uma loucura que irá nos levar até Orestes! – Tales se desequilibrou.

– Cuidado! – Alexis gritou.

– O que era aquilo que você jogou para o pobre homem? – Thalassa perguntou.

– Aquilo?... – ele sorriu.

– O saquinho? – Thalassa perguntou de novo – O que tinha ali dentro?

– Bem... Ali tinha algumas pedras preciosas que encontrei durante a minha busca por Bianor. – ele sorriu – Sabia que um dia elas seriam úteis!

– Mas como você conseguiu passar com elas sem que os guardas de Calidora reparassem? – Neandro estava surpreso.

– Com os anos acabei aprendendo a usar o meu cabelo ao meu favor. – ele sorriu.

– Mas mudando de assunto... – olhei para baixo e quase tive uma vertigem – Esse balão não está subindo demais não?

– Tales?... – Neandro olhou torto para ele.

– O que foi? – Tales perguntou.

– Você sabe como manusear um balão? – Neandro perguntou.

– Não, só sei fazer-lo subir. – ele olhou assustado – Ninguém sabe dirigir um balão?

– E agora? – Alexis perguntou e ele mesmo respondeu. – Estamos perdidos!

CAPÍTULO 24 / DE VOLTA PARA CASA

A pesar de não saber dirigir um balão, Tales conseguiu manter-lo no alto e indo em direção ao deserto Orestes. Temia que não chegássemos a tempo e que Bianor já tenha feito o seu pedido.

– Neandro? – perguntei – Como funciona exatamente esse cristal?

– Não há nenhum mistério, basta você juntar os cristais e levar-lo para o ponto indicado – Neandro explicava – e depois esperar que Dâmaris sair do cristal e realize o seu pedido. Cada pessoa presente no local pode fazer um desejo, mas apenas um, e tem que ser dito quantas pessoas farão o pedido.

– Então se um reino inteiro for até Orestes, todos poderão fazer um pedido? – perguntei.

– Na verdade a intenção de Dâmaris com esse cristal era justamente essa – Neandro olhava para baixo – Ela não queria ir e deixar o reino dela desamparado.

– Neandro, olhe! – Nicardo gritou.

– Essa não... – Neandro mudou suas expressões para extremamente desapontado.

– O que foi? – me virei para ver e me assustei – Mas o que é isso?

– São aves de rapina! – Nicardo respondeu.

– E o que elas roubam? – perguntei assustada.

– Neste momento, acho que ela está de olho em todos nós! – Tales respondeu.

Eram duas aves imensas, que parecia um cruzamento de águia com uma arara, mas com patas iguais a de um leão e o tamanho de um elefante. Imaginei como elas conseguiam ficar de pé.

– O que vamos fazer? – perguntei.

– Tales? – Neandro tomou o comando – Você o Nicardo e a Se... Princesa Thalassa ficam no balão e tentem manter as aves afastadas.

– Entendido! – Tales bateu continência.

– Eu irei distrair o monstro e Alexis e Beatriz irão atacar-los, mas não matem! Apenas tentem fazê-las cair ou mudar de direção. – Neandro olhou para nós – Depois eu entro e ajudo os dois, mas por hora é necessário fazer com que o balão prossiga para Orestes e manter essas aves o mais afastado possível do balão.

Era uma missão muito arriscada para todos nós, porém, era mais arriscada para nós três que estaríamos voando. Caso ficássemos exaustos demais, nosso “tanque de magia” ficaria seco e nós cairíamos não sei quantos metros de altura. Precisávamos ser rápidos e tentar usar poucos artifícios mágicos, ainda tínhamos uma batalha muito importante pela frente e precisávamos estar bem dispostos.

Neandro começou chamando a atenção das aves para o lado oposto de onde o balão estava seguindo com sua espada. Ficamos esperando ele dar o sinal para atacarmos. Ele mexeu a espada para um lado e para o outro como se estivesse hipnotizando as aves, até que ele finalmente deu o sinal.

Alexis partiu para cima de uma das aves com sua espada e eu ataquei a outra usando bolas de água. A intenção não era matar-las, mas fazer-las ficarem bem longe do balão. As aves fizeram uns barulhos estranhos com as asas e as patas e pareciam estar ficando pesadas.

– Alexis – gritei – acho que sei o que fazer.

Alexis parou de atacar as aves. Ele estava acertando a espada na pata e no bico da ave, apenas para chamar a atenção. Ele parou e veio em minha direção.

– O que você disse? – mesmo de perto o vento não deixava a voz se propagar direito.

– Eu sei como tirar-las do nosso caminho. – disse enquanto Neandro se aproximava de nós.

– O que a sabidinha quer fazer? – Alexis perguntou debochado.

– Elas não conseguem voar com as penas molhadas. – disse enquanto uma das aves seguia em nossa direção. A outra veio atrás.

– Claro, já entendi! – Neandro socou a palma da mão – Alexis ajude-me a distrair as aves!

– O que? – Alexis gritou.

– Ajude-me a distrair as aves! – Neandro repetiu.

– Que legal! – Alexis fez a serie de expressões que há muito tempo não via.

Alexis e Neandro passavam feito mísseis entre as duas aves, o que pareceu deixar-las bem irritadas.

Elas deixaram de prestar atenção em mim e começaram a tentar bicar Neandro e Alexis.

Aproveitei o momento e comecei a fazer uma imensa bola de água para molhar as duas. Minha intenção era deixar-las pesadas demais para voarem e que fossem obrigadas a planar e fazer uma “aterressagem de emergência”.

As aves começaram a perder velocidade e tiveram dificuldade para continuar voando, mas ainda não haviam caído. Tentei novamente, mas as aves esquivaram. Alexis e Neandro continuaram chamando a atenção das aves, mas elas pareceram entender que o perigo mesmo não estava nos dois, mas em mim.

As aves – com um pouco de dificuldade – voaram em minha direção. Eu estava começando a ficar fraca. Voar e atirar bolas enormes de água exigia muito de mim e estava com medo de não aguentar por muito tempo.

Foi então que me lembrei da época em que treinava magia com Neandro, nas montanhas atrás da casa dele. Eu havia aprendido a controlar pássaros e peixes, talvez eu conseguisse.

Comecei a me concentrar e tentar entrar na mente das duas aves. Era mais difícil controlar duas aves do tamanho de um elefante do que dois pequenos pardais, mas aparentemente estava conseguindo. As aves começaram a se afastar do balão, como eu estava querendo que fizesse. Após se afastarem, comecei a

fazer com que elas pousassem, mas não sabia onde já que só havia mar por todo lugar que passássemos.

Comecei a me sentir ainda mais fraca e por alguns instantes quase fiquei desacordada até que as aves desceram em direção ao mar, feito aviões perdendo o controle. *BUUM! BUUM!* As duas caíram na água. Assim que vi a cena, desabei e senti meu corpo caindo em direção a água.

– Opa! – era Alexis – Que garota pesada. – foi à última coisa que ouvi.

“Não tenha medo!” uma voz feminina, doce e aconchegante entrava em meus ouvidos.

Abri os olhos. Estava em um lugar completamente branco. Não havia absolutamente nada, apenas um grande e vazio branco. Levantei-me e tentei andar, mas ainda estava fraca. Tentei encostarme em alguma parede, mas o local parecia não ter paredes. Parecia também não ter chão, pois a sensação que tinha era de que estava flutuando.

“Venha ate mim!” a voz parecia vir de todos os lados. “Não tenha medo!”

– Onde você está? – gritei. – Eu quero te ver!

“Você foi audaciosa em fugir do seu destino e não se transformar em Mallory, como dizia a profecia. Parabéns” a voz agora parecia mis próxima.

De repente uma porta se abriu. O barulho da porta era extremamente alto, mas – por incrível que pareça – era um som tranquilizador. Uma mulher com

cabelos loiros e um longo vestido rosa entrava pela porta aberta. A visão de outras cores no meio de uma imensidão branca quase me deixou cega, tão forte havia ficado as cores dos cabelos loiros e do vestido rosa da mulher.

– Você é real? – perguntei.

– Está me vendo, não está? – ela sorriu – Acho que ainda sou real!

– Espere – eu disse – eu conheço você! Bem, se não me engano... Eu já te vi em...

– Um sonho? – ela sorriu novamente.

– Sim, eu te vi em um sonho! – lembrei. – Você... Você era a imagem refletida no espelho!

– Sim, era eu. – ela se aproximava de mim.

– Mas só um momento! – me assustei com a lembrança – Você estava pedindo socorro em meu sonho!

– Acreditei que conseguiriam me encontrar a tempo, mas todos esses imprevistos...

– Espere! – gritei – Está me dizendo que você... Morreu?

– Ainda não, mas receio que isso aconteça muito em breve. – seu olhar ficou triste.

– Como assim? – estava assustada.

– Minhas forças estão acabando. – ela apertava os punhos – Estou perdendo minhas energias e não sei se durarei por muito mais tempo. Trazer-la aqui e lhe passar parte de minha sabedoria exigiu demais de mim.

– ela sorriu timidamente – Essa conversa que estamos tendo agora está tomando minhas últimas energias.

– Então pare! – me desesperarei – Salve-se!

– Não posso – ela ficou aflita – Preciso lhe dizer algumas coisas antes...

– Você pode me dizer quando nós a acharmos, não morra por minha causa. – segurei em suas mãos. Elas pareciam estar virando fumaça.

– Mas será tarde demais! – Ela fitou o chão. – Acredito que já saiba quem sou?

Só então tinha notado que estava me desesperando por alguém que eu nem sequer sabia quem era. Eu sentia um afeto tão grande por essa pessoa que acabei sentindo que a conhecia desde sempre, como se ela fosse um pedaço de mim.

– Desculpe... – não quis chutar.

– Eu sou Alina Clístenes Melequiades Arrife Briseu do Corpeu de Ofir – eu havia decorado tudinho, do Alina ao sei-lá-o-que de Ofir. – Eu sou a rainha de Ofir, mãe de Alexis e Neandro.

– Eu... Mas... Eu... – não sabia o que falar.

– Não diga nada! – ela colocou o dedo na frente da boca – Precisamos ser rápidas, não posso perder muito tempo. Você precisa voltar para casa!

– O que? – perguntei, mas ela ignorou.

– Se você ficar e lutar contra Bianor, você morrerá. – ela segurava minhas mãos – Você irá querer lutar e ajudar aos seus amigos, mas se fizer isto estará se suicidando.

– Mas...

– Eles irão ficar bem! – ela sorriu – Trouse você aqui para que se juntasse as tropas de Ofir e, com o treino que receberia, liderasse o contra-ataque a Bianor. Você se sairia bem, salvaria Ofir, mas você escolheu não cumprir com seu destino.

– Espere, mas eu não... – tentei me defender, mas fui impedida.

– Você escolheu não cumprir seu destino e agora Ofir cairá em desgraça e terá um ano de trevas. – me senti com toda a culpa do mundo – Se você morrer, não poderá voltar e cumprir o seu destino. Ofir ainda tem uma segunda chance, mas você precisa estar viva para que isso aconteça.

– Entendo... – suspirei.

– Por isso quero que prometa uma coisa. – ela apertou minhas mãos.

– O que? – perguntei.

– Volte para casa, descanse e depois, quando for à hora, volte e lute contra Bianor como deveria ter sido. Promete que não irá lutar?

– Prometo! – sorri.

– Agora eu preciso ir. – ela soltou minhas mãos – Breve eu partirei deste mundo, mas ao menos saberei que você estará de volta.

– E como vou saber quando voltar ou como voltar? – perguntei enquanto a imagem dela sumia.

“A caixa” a voz dela voltou a aparecer de todos os lugares “Ela te trará de volta. Saberá quando for a hora”.

Acordei um pouco tonta. Não estava exatamente sonolenta, mas era algo bem parecido. Meus olhos estavam pesados e demorei um pouco para conseguir abrir-los. A luz parecia mais forte e irritava meus olhos, mas aos poucos comecei a reconhecer o local onde estava. Era o balão.

– Ela está acordando. – era a voz de Nicardo.

– Essa trapalhona! – a voz de Alexis – Quase estragou tudo!

– O que está... – comecei a falar, mas fui interrompida.

– Chegamos! – era a voz de Tales.

– E você sabe descer o balão? – era a voz de Thalassa.

Abri de vez os olhos e comecei a tentar me levantar. Pude ver todos perfeitamente e a luz já não me atrapalhava mais.

– Calma! – Neandro me segurou – Tente não fazer muito esforço!

– Você fez de propósito. – a voz de Alexis parecia nervosa. Ele estava atrás de mim – Você gastou todas as suas energias com aquelas aves idiotas só para fugir da luta contra Bianor.

– Alexis! – Nicardo estava com uma voz mais severa – Se aquelas aves não tivessem sido impedidas

elas poderiam ter furado o balão e, só para não terem feito algo inútil, iriam nos devorar.

– Humpf! – Alexis bufou – Poderíamos ter feito de outra forma.

– Talvez – Neandro colocou a mão no ombro do irmão –, mas se Beatriz não tivesse feito o que fez, poderíamos ter ganhado o destino que Nicardo descreveu sim!

– Você está melhor? – Thalassa segurava minha mão.

– Acho que sim. – respondi colocando a mão na cabeça.

– Ela não está em condições de lutar. – Nicardo segurava em minha cintura.

– Eu estou falando... – Alexis começou a falar, mas foi interrompido.

– Besteira! – Tales gritou. O balão já estava no chão. – Vamos descer?

Tive a ajuda de Nicardo para sair do balão. Ele me pegou no colo e depois me colocou em suas costas.

Orestes era exatamente como eu imaginava que um deserto seria: Quente e árido. A terra tinha um marrom alaranjado, com alguns rachados no chão. O vento que soprava por lá era abafado e parecia estar prejudicando minha respiração.

– Acredito que Bianor ainda não fez nada. – Neandro respondia os meus medos – Se ele tivesse feito algo já estaríamos sofrendo as consequências.

– Mas agora em que parte de Orestes estaria Bianor? – Alexis se perguntou.

– Talvez ali? – aponte para um grande fecho de luz que saía de não muito distante dali.

Todos correram o mais rápido que puderam. Nicardo ficou alguns passos para trás e desta vez a culpa era minha – ele estava carregando uma sobrecarga, eu. Seguimos a direção do fecho de luz e não demorou muito para encontrarmos com Bianor.

O fecho de luz se estendeu e se transformou em uma grande bola cinza claro, com raios e pequenos fechos de luz em torno dela. O cristal estava se remontando e logo formou a imagem de um cristal como eu imaginava. Ele subiu até o topo da bola e algo começou a aparecer.

Era a imagem de uma moça com os olhos prateados e longos cabelos lilás. Vestia um vestido longo branco e tinha em um de seus ombros um falcão dourado e em uma de suas mãos havia um cetro de prata.

– Dâmaris! – Alexis olhava maravilhado.

– Eu sou Dâmaris, eterna protetora de todos os justos – os olhos dela ganhava uma cor esverdeada – Atenderei a um pedido seu e de quem mais o estiver acompanhado. Quantas pessoas atenderei hoje?

Antes que Bianor respondesse qualquer coisa, Alexis correu em direção a Dâmaris e nós fomos atrás, caso Alexis estivesse prestes a nos arranjar confusão.

– Duas! – Alexis gritou – Duas pessoas querem fazer seus pedidos hoje!

– Alexis? – perguntei. Já conseguia me manter em pé sozinha.

– O mais importante agora é te mandar de volta para casa.

– Achei que havia me livrado de vocês. – Bianor resmungou – Mas não cometerei o erro novamente.

– O primeiro pedido? – Dâmaris perguntava.

– Torne-me o mago mais poderoso deste mundo! – Bianor gritou.

– Seu desejo será realizado. – Dâmaris fechou os olhos e aparentemente nada pareceu acontecer. – Próximo desejo?

– Meu desejo foi atendido? – Bianor se perguntou – Vamos ver?

Então uma lembrança me veio no exato momento em que eu olhei para o chão. Um pouco de grama e o restante terra seca, exatamente como em meu sonho. E seu eu bem me lembrava, agora não teria uma boa cena.

Assim como em meu sonho, Bianor levantou os braços e ordenou para que um cometa caísse em Orestes e transformasse o deserto em um mar de fogo. Não demorou e um cometa caiu entre nós e começou a por fogo no chão, que abriu fechos imensos de fogo entre as fendas na terra.

– Agora lutem! – Bianor fazia um gesto com a mão convidando-nos para lutar.

Alexis embainhou a sua espada e Nicardo fez o mesmo. Neandro trouxe desta vez duas espadas aparentemente normais e assustadoramente letais. Tales fez o seu botão se transformar em uma imensa espada curva, que me fez lembrar espadas de samurai e Thalassa parecia se concentrar, provavelmente preparando uma magia com água.

Eu estava imóvel. Havia prometido não lutar e me sentia horrível por isso. Apesar de já estar de pé, ainda me sentia fraca e começava a pensar que se tentasse lutar realmente iria morrer.

Alexis atacou Bianor, mas a sua espada esquivou o golpe. Bianor estava controlando. Tales, Neandro e Nicardo tentaram fazer o mesmo e novamente Bianor controlou a situação. Thalassa finalmente jogou uma grande onda que só serviu para apagar temporariamente o fogo, que acabou voltando depois.

Alexis voltou e tentou atacar de novo, mas vou suspenso no ar e posto de cabeça para baixo e depois jogando em direção a uma rocha. Neandro e Nicardo tentavam se esconder, provavelmente querendo pensar em algo. Tales tentou atacar Bianor pelas costas, mas foi arrastado por debaixo das pernas de Bianor e jogado para longe.

A essa altura o fogo já estava quase nos alcançando. Eu estava desesperada. Estava vendo meus amigos se machucando e não podia fazer nada.

Thalassa passou para o meu lado e começou a afastar o fogo de perto de mim com golpes de água.

Bianor parecia estar brincando com eles e os fazia girar e se jogarem no chão. Tales pareci querer vomitar, assim como Neandro. Nicardo estava com queimaduras nas costas, ele havia sido jogado ao fogo, mas o pior foi reservado para Alexis.

Bianor colocou Alexis de joelhos e o fez corta as próprias costas. Foi uma cena apavorante e extremamente dolorosa de se assistir.

– Quero ver-lo mutilado! – Bianor sorria diabolicamente. – O que vamos arrancar primeiro? Que tal esse braço.

Bianor fez Alexis estender o braço esquerdo e, bem devagar, o fez começar a corta o braço. Alexis gritava de dor e sentia as lágrimas caírem desesperadamente do meu rosto. Eu não podia ver aquilo sem fazer nada.

– Pare! – gritei desesperada – E a mim que você quer! Eu sou a Mallory! U sou a verdadeira ameaça!

Bianor pareceu deixar Alexis livre, que segurava o braço como se não quisesse deixar-lo cair.

– Você está dizendo que é uma ameaça? – ela gargalhou – Onde?

– Deseja mesmo que eu te mostre? – perguntei.

– Sereia... Divertido! – Bianor fez um trono roxo aparecer e se sentou.

Sabia que poderia morrer, mas não podia deixar que ele torturasse meus amigos. Concentrei-me nas chamas que cresciam cada vez mais e nas ondas que quebravam não muito longe dali. O que estava planejando fazer iria me matar, não tinha dúvida, mas não poderia deixar Bianor vivo. Iríamos morrer os dois.

Uma grande bola de fogo e água se juntou em cima de minha cabeça e no mesmo instante senti meu corpo extremamente fraco outra vez. Estava prestes a lançar a grande bola, quando a voz de Alina apareceu em minha cabeça.

“Não faça isso!” ela ordenava “Pare agora!”

Ouvindo-a falar daquele jeito, realmente Alexis tinha que ser autoritário daquela forma. Fui obrigada a soltar a grande bola de fogo e água que se dissipou por todo o deserto.

– Qual o seu desejo? – Dâmaris ainda esperava.

– Salve... – minha voz estava fraca – Salve Alina e Linfa, não as deixe morrer!

– Seu pedido será atendido! – novamente Dâmaris fechou os olhos. – Parece com sorte, alguém quer que eu a ajude em outra coisa.

Uma esfera preta saiu de dentro das mãos de Dâmaris e mostrou o rosto de minha mãe, aflita, e de Camila.

– O que é isso? – Bianor se assustou.

– Não se preocupe, seu desejo foi atendido. Isto é apenas um presente que me mandaram te entregar, não tenho nada haver com isso. – Dâmaris

sorria e de repente a bola se fechou e o cristal explodiu e voou para varias direções.

– É uma passagem! – Neandro gritou. – É sua passagem de volta para casa Beatriz!

– Venha, eu te ajudo! – Nicardo me pegou no colo e correu até o portal.

– Ninguém sairá vivo daqui, apenas eu! – Bianor gritava e um raio caiu na frente de Nicardo.

Não sei dizer exatamente o que aconteceu, estava exausta. Ouvi barulhos de explosões e gritos. Senti um vento forte batendo em mim e uma sensação estranha, de extremo cansaço.

– Vamos juntos para seu mundo! – ouvi uma voz, mas estava tão fraca que não reconheci de quem era.

Senti uma sucção, algo me puxando violentamente. Senti meu corpo se dissolvendo e de repente um branco em minha mente. Depois não me lembro demais nada.

EPÍLOGO

Minha cabeça doía demais. Meu corpo parecia estar entorpecido e sentia que não me mexia por pelo menos 1 mês e meio. Não estava muito errada.

– Vejam! – uma voz feminina estava emocionada. Parecia a voz da minha mãe – Ela parece estar acordando!

– É mesmo! – era a voz de Camila – Ela está abrindo os olhos.

A primeira coisa que vi quando abri os olhos foram – um pouco embaçado – as imagens de minha mãe e Camila, olhando para mim emocionadas. Eu estava deitada em uma cama que definitivamente não era a minha – era uma cama nada confortável.

– O que aconteceu? – perguntei ainda sem conseguir identificar o local onde estava.

– Você não se lembra? – minha mãe perguntava me dando um abraço.

– Você caiu feio! – Camila sorria.

– Onde é que eu estou? – perguntei.

– Você está em um hospital. – minha mãe respondia. – Você sofreu um acidente.

– Acidente? Ai, minha cabeça está doendo. – reclamei enquanto passava a mão na cabeça.

– Depois daquela queda... Tinha mais é que estar doendo. – Camila estava radiante.

– O que aconteceu comigo? – ainda estava meio grogue.

– Você levou uma queda feia. – Camila explicou
– Estávamos indo para a escola e você tropeçou e machucou os joelhos.

– Eu... Ai minha cabeça... Acho que eu... – estava me lembrando – Eu acho que eu me lembro disso.

– Mas você se lembra do que aconteceu depois? – Camila estava muito feliz.

– O que? – perguntei.

– Não sei como, mas enquanto eu pedia ajuda você caiu e rolou estrada a baixo. – um rápido desespero tomou conta do rosto de Camila – Você se ralou toda e ainda bateu com a cabeça em um poste, saiu sangue e tudo.

– Poste? – estranhei, mas se tratando de mim, isso é realmente a minha cara.

– Você ficou pouco mais de 1 mês em coma depois disso. – ela parecia não gostar de lembrar – Fiquei muito preocupada, de certa forma eu era responsável por você.

– Responsável por mim? Você? – achei graça.

– Pode zoar o quanto quiser, hoje nada tira a minha felicidade! – ela me abraçou.

– Eu vou chamar uma enfermeira! – minha mãe parecia ainda não acreditar.

Assim que minha mãe saiu, Camila abriu um grande sorriso e me abraçou com mais força que o habitual.

– Assim você vai me quebrar toda! – disse sorrindo.

Olhei para o lado e vi uma caixa vermelha em cima de um tipo de criado mudo. Algo dentro de mim me dizia para tomar conta daquela caixa, mas não sabia por que.

– Que caixa é essa? – resolvi perguntar.

– Você não quis soltar-la de jeito nenhum! – ela pegou a caixa. – Por algum motivo ela não abre. – Camila forçou varias vezes, mas a caixa não abria.

– Será que posso?... – estendi a mão.

– Claro! – ela sorriu e me entregou – Acho que agora ela é sua!

Assim que segurei a caixa um aperto enorme surgiu em meu peito. Minha cabeça começou a latejar como se eu tivesse me esquecido de algo extremamente importante. Era uma agonia e uma saudade tão grande que não sei explicar.

– O que foi? – Camila me olhou preocupada – Está sentindo alguma coisa?

– Não é nada! – sorri e tentei parecer bem.

A enfermeira chegou, me examinou e fez uma cara agradável de se olhar. Aparentemente estava tudo bem comigo, mas precisei ficar mais uma semana em observação.

Durante toda a semana meus olhos fitaram aquela caixa vermelha como um intrigante fragmente de um passado que eu sentia não lembrar nunca mais.

Era estranho sentir que algo de muito importante lhe aconteceu e não saber absolutamente nada sobre ele.

Alguns amigos de escola me visitaram durante a semana, acompanhados do meu professor de inglês e minha professora de biologia. Todos brincavam dizendo querer ter a minha sorte e ficar 1 mês e meio sem estudar. Era cômico ouvir-los falando que eu tinha sorte – geralmente eles fugiam de mim por me considerar azarenta demais.

Antes de uma semana eu já estava fora daquele hospital. Havia recebido alta com três dias de observação, mas minha licença medica da escola ainda valia para mais quatro dias, o que para mim já era mais do que minha sorte costumava oferecer.

As minhas “férias” acabaram me custando um pouco caro quando descobri que havia perdido todas as provas do segundo semestre. Teria que refazer-las e ainda teria que me matar para estudar sobre coisas que eu ainda não havia aprendido. Sabia que meu azar não iria me deixar na mão.

Durante os dias em que estive em casa me senti em um livro que havia lido. Sempre que olhava pela janela do meu quarto me deparava com um rapaz me observando da janela. Não conseguia identificar seu rosto, mas não parecia com ninguém que eu conhecesse. Sempre que saía para ver, ele já havia sumido e isso me irritava de uma forma inexplicável.

No último dia das minhas férias particulares, encontrei um estranho livro debaixo do meu colchão.

Era um livro grande, com umas letras estranhas e havia uma fechadura, como um diário. Estava fechado, mas – como a caixa – algo me dizia para deixar-lo muito bem guardado.

Na semana seguinte eu já estava de volta à escola. Pela primeira vez fui tratada com um pouco de respeito – confesso que exagerado – por toda a sala. Assim que entrei, todos da sala me receberam de pé e com aplausos exagerados. Será que eles sentiram tanto a minha falta?

No quadro negro estava escrito a seguinte frase “Beatriz, sua azarada mais sortuda do mundo!”. Contive o riso, mas no fundo havia achado tudo aquilo muito fofo.

– Obrigado a todos vocês! – sorri. – Sei que nem todos me amam tanto assim, mas estou emocionada de ver que, aparentemente, estavam torcendo por minha recuperação.

– Aparentemente não. Estávamos todos *realmente* torcendo por você! – meu professor de inglês me dava um abraço.

– Chegou a tempo de conhecer o aluno novo! – Camila gritou.

– Claro! – o professor de inglês dava um tapa na testa – Como pude me esquecer. Faz uma semana que chegou um novo aluno na escola. Ele já deve estar chegando. Perguntava muito por você, acho que já se conhecem!

– Desculpe a atraso. – uma voz masculina veio da porta. Eu sentia que já a conhecia, mas não sabia de onde.

– Ele chegou! – o professor de inglês o fez entrar.

Passei todas as aulas fitando aquele garoto. Era tão ruim saber que você conhece uma pessoa, mas não se lembrar da onde. Quanto mais eu o observava, mas eu sentia que deveria lembrar-me daquele garoto, ainda mais depois, quando um grande afeto surgiu em meu peito, como se algo além da amizade pudesse ter acontecido entre nós.

Tive uma rápida dúvida se não haveria acontecido comigo o mesmo que aconteceu com uma protagonista de um romance que assisti uma vez. Será que durante meu coma eu sai do meu corpo e encontrei aquele rapaz, que fez de tudo para eu voltar do coma, mas agora que voltei tudo o que vivi com ele havia sido esquecido? Ignorei esta idéia no ato. Era absurda demais.

A aula acabou e ainda não sabia de onde eu conhecia aquele garoto e nem o que poderia ter acontecido com nós dois. Eu já estava ficando de saco cheio de ter a sensação de que parte da minha vida foi apagada de minha memória.

Tive poucas oportunidades de conversar a sós com esse misterioso garoto, por isso assim que o vi

saindo, fiz questão de correr atrás dele e descobrir de onde eu o conheço – isso é, se eu já o conhecia antes.

– Desculpe... – pus a mão em seu ombro.

– Sim? – ele se virou.

– Será que poderíamos conversar?

Fomos para o parque municipal. O parque era um jardim bem grande e havia muitos lugares que ficavam deserto por horas. Ficamos perto de um grande amontoado de árvores, que acabava dando a impressão de que era apenas uma grande árvore. Entramos no meio, escondendo-nos atrás dos troncos e – por algum motivo – isso me fez lembrar algo.

– O que você quer conversar comigo em um lugar tão isolado? – ele disse – Vão pensar que estamos fazendo coisas erradas!

– Tem algo em você que me intriga! – fui direta

– Nós já nos conhecíamos?

– Você não está lembrada? – ele sorriu.

– Porcaria, nós já nos conhecemos! – comecei a andar de um lado para o outro.

– Calma, não fique nervosa! – ele segurava meus ombros.

– Por acaso nós... – estava com vergonha de dizer – Fomos namorados?

– O destino não quis assim. – ele olhou triste para o alto.

– Mas você quis... Namorar comigo, não quis? – perguntei ainda com vergonha.

– E ainda quero muito, se me fosse permitido!
– ele segurou minha mão.

– Vamos com calma. – soltei minha mão. – Eu sinto que eu devo lembrar-me de você e de mais alguém...

– Não! – ele gritou – Lembre-se apenas de mim! Vamos deixar *ele* para trás, pelo menos enquanto eu estiver aqui.

– Então realmente há outra pessoa? – dizia para mim mesma – Mas eu deveria me lembrar. Beatriz, Beatriz... O que você andou aprontando menina?

– Você não precisa lembrar! – ele tornou a segurar minha mão – Podemos começar tudo de novo!

– Tudo... De... Novo?...

– Sim, vamos começar tudo de novo! – ele sorriu – Olá, meu nome é Nicardo e o seu?

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e sempre a Deus. Minha família e aos melhores amigos que alguém pode ter: Pryh, Yasmin e Mika.

Gostaria de agradecer ao carinho de todos os fãs de “Eventyr” – eu sei que vocês estão para morrer de tanta ansiedade para ler “Mese”. Sem vocês, pode acreditar, não teria chegado nem na metade deste projeto, quanto mais planejar uma continuação.

Queria expressar o meu carinho pelo cantora coreano BoA Kwon, que além de ser uma das minhas cantoras pop/dance favoritas, ela também foi a minha inspiração para criar a Selena/Thalassa. Estou aguardado sua estréia nos cinemas de Hollywood no ano que vem – serei o primeiro da fila.

Espero ter conseguido trazer momentos de magia e descontração para quem conseguiu chegar até o final deste livro e que batam ponto em “Mese”, continuação de “Eventyr”.

Não perca a incrível continuação da história de Beatriz Misse

Mese

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO E O AUTOR EM:

WWW.FELIPEREINO.WEEBLY.COM

